

TRIEB

SOCIEDADE BRASILEIRA
DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO
VOLUME 21 / NÚMERO 2 / 2022

O PSICANALISTA





TRIEB

A **TRIEB**, revista semestral da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro – SBPRJ – publica artigos inéditos que se referem ao campo teórico e clínico da psicanálise e suas articulações com outros campos do saber. Os artigos sobre clínica são, necessariamente, acompanhados por uma discussão teórica e/ou crítica. Publica, ainda, conferências, entrevistas, traduções, artigos de valor histórico e resenhas de interesse para o campo da psicanálise.

EDITORAS

Magda Rodrigues Costa

Maria Elisa Alvarenga

Maria Noel Brena Sertã

COLABORADORA

Maria Inês Tornaghi Grabowsky F. Basto

CONSELHO EDITORIAL

Admar Horn

Psicanalista, Membro Efetivo da SBPRJ, Membro Efetivo da Sociedade de Psicanálise de Paris; Membro Titular do Instituto de Psicossomática de Paris- Pierre Marty (IPSO).

Aurea Maria Lowenkron

Psicanalista, Membro Efetivo da SBPRJ; Professora Adjunta do Instituto de Psiquiatria da UFRJ (Saúde Mental da Infância e da Adolescência); Doutora em Ciências da Saúde pela UFRJ.

Ivan Figueira

Doutor em Psiquiatria, IPUB-UFRJ; Professor Adjunto da Faculdade de Medicina da UFRJ.

Jane Russo

Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional, UFRJ; Professora Adjunta do Instituto de Medicina Social, UERJ.

Laura Mello Machado

Mestre em Psicologia Clínica, PUC-RIO; Diretora da InterAge Consultoria em Gerontologia e representante da Associação Internacional de Geriatria e Gerontologia nas Nações Unidas.

Luiz Fernando Guedes Gallego Soares

Psicanalista, Membro Efetivo da SBPRJ; Coordenador da atividade “Psicanálise & Cinema”.

Marcelo Marques

Psicanalista, Association Psychanalytique de France.

Marcia Rozenthal

Doutora em Psiquiatria, Professora da Escola de Medicina e Cirurgia da UNI-Rio e Coordenadora do Centro Multidisciplinar de Pesquisa e Extensão sobre o Envelhecimento - CEMPE.

Miguel Calmon Du Pin e Almeida

Psicanalista, Membro Efetivo da SBPRJ; Editor Regional da Revista Brasileira de Psicanálise.

Rosine Jozef Perelberg

Psicanalista, Training Analyst of the British Psycho-Analytical Society; Doutora em Antropologia Social, London School of Economics, University of London.

Ruth Lerner Froimtchuk

Psicanalista, Membro Efetivo da SBPRJ.

Wania Maria Coelho Ferreira Cidade

Psicanalista, Membro Efetivo da SBPRJ.

Wilson Amendoeira

Psicanalista, Membro Efetivo da SBPRJ.

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Tatiana Podlubny

SECRETÁRIA ADMINISTRATIVA

Celyne Maués

REVISÃO

Andre Luiz A. Vale

TRADUÇÃO

Maria Izabel Varella

Tomás Sertã

E-BOOK

Tiago Rodrigues

EDITORES ANTERIORES:

Fernando José Barbosa Rocha - 1991 a 1993

Miguel Calmon Du Pin e Almeida - 1994 a 2001

Fernando José Barbosa Rocha, Marci Doria Passos e

Viviane Frankenthal - 2002 a 2010

Aloysio Augusto d'Abreu - 2011 a 2012

Sherrine Maria Njaine - 2011

Maria de Fátima Amin - 2012 a 2016

Maria do Carmo Palhares - 2011 a 2018

Munira Aiex Proença - 2016 a 2018 e 2006 a 2017

(consultora editorial)

Bernard Miodownik - 2013 a 2018

Karla Loyo - 2018 a 2021

TRIEB

SOCIEDADE BRASILEIRA
DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO
VOLUME 21 / NÚMERO 2 / 2022

O PSICANALISTA

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO

Rua David Campista, 80 – Humaitá – CEP 22261-010 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tels.: (21) 2537-1333 – (21) 2537-1115

E-mail: sbprj@sbprj.org.br | revistatrieb@sbprj.org.br

Home Page: www.sbprj.org.br

CONSELHO DIRETOR DA SBPRJ - Biênio 2021 - 2022

Presidente: Lúcia Maria de Almeida Palazzo

Vice-presidente: Miguel Ângelo Cabral Sayad

Primeira Secretária: Gisela Gorrese Guimarães

Segunda Secretária: Priscilla Capua Maia

Primeira Tesoureira: Sônia Izecksohn

Segunda Tesoureira Eunice Raposo de Mello

Diretor do Instituto de Formação Psicanalítica:

Ney Couto Marinho

Vice-Diretora do Instituto de Formação Psicanalítica:

Anna-Maria Bittencourt

Secretária do Instituto de Formação Psicanalítica:

Maria Noel Brena Sertã

Diretora do Conselho Científico: Maria Elisa Alvarenga

Secretária do Conselho Científico: Mariana Neustein

Diretor do Conselho Profissional: Claudio Frankenthal

Secretária do Conselho Profissional: Áurea Lowenkron

Diretora do Departamento de Publicação e Divulgação:

Viviane Frankenthal

Secretária do Departamento de Publicação e

Divulgação: Ruth Naidin

Diretor do Departamento de Difusão da Psicanálise:

Carlos Pires Leal

Secretária do Departamento de Difusão da Psicanálise:

Flávia Costa Strauch

Diretora da Clínica Social: Claudia Fonseca Bernardes

Secretária da Clínica Social: Monica Taunay

Diretora do Centro de Estudos Psicanalíticos:

Eloá Bittencourt Nóbrega

Secretária do Centro de Estudos Psicanalíticos:

Maria Teresa Silva Lopes

Diretora do Departamento de Comunidade e Cultura

(DCC): Maria Teresa Naylor Rocha

Secretária do Departamento de Comunidade e Cultura

(DCC): Sonia Verjovsky

T825 **TRIEB** / Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro – SBPRJ

Nova série, v.1, n.1 (2002).

Semestral

Publicada desde 1991 – n.10, 2001.

ISSN 1517 – 185 X

1. Psicanálise – Periódicos. I. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

CDD 616.891705

04-1101

Disponível na Rede Brasileira de Bibliotecas da Área de Psicologia – ReBAP.

Periódico indexado na base Index Psi Periódicos (www.bvs-psi.org.br).

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja ela total ou parcial, constitui violação da Lei nº 5.988.

Sumário

EDITORIAL	9
O psicanalista: um autorretrato difícil de fazer	
ENTREVISTAS	19
Daniel Kupermann	
Elias Mallet da Rocha Barros	
Virginia Ungar	
CORRESPONDÊNCIA	43
Fernanda Marinho e Mariano Horenstein	
ARTIGOS TEMÁTICOS	
Formação psicanalítica com fim e sem fim	63
Transmissão, formação e falta	
Bernard Chervet	
Do velho contemporâneo ao psicanalista que sou hoje	103
Celso Gutfreind	
Ser psicanalista: ofício, vida, mistério	115
Maria do Carmo Palhares	
Acompanhando uma paciente terminal	125
Maria Regina Newlands Trotto	
À procura de Albertine	133
Tiago Mussi	

DEPOIMENTO

- Uma psicanalista pelo mundo **145**
Marion Minerbo

CONFERÊNCIAS

- Os psicanalistas também envelhecem **153**
Maria Cristina Reis Amendoeira

- No início do envelhecimento **165**
Guilherme Júlio Montero

- A mente do analista **171**
Luís Claudio Figueiredo

FORMAÇÃO PSICANALÍTICA

- Iluminismo ou barbárie revisitado **189**
Luiz Paulo Rouanet

- Uma conferência para os alunos recém-admitidos na SBPRJ **199**
Sérgio Eduardo Nick

PSICANÁLISE E CINEMA

- O psicanalista no cinema – algumas resenhas **211**
Luiz Fernando G. Gallego Soares

PSICANÁLISE E LITERATURA

- Resenha: *Um psicanalista no divã* **233**
Ruth Naidin

MEMÓRIA **TRIEB**

Conheça o analista **239**
Fernando José Barbosa Rocha

Instruções aos autores **265**

O psicanalista: um autorretrato difícil de fazer

Talvez este número não devesse ter sido produzido.

Esta afirmativa, uma óbvia provocação, carrega um convite para que o leitor nos acompanhe em uma reflexão. Uma revista científica, como a **TRIEB**, é produzida fundamentalmente com manuscritos submetidos espontaneamente pelos autores.

Neste número, porém, a dinâmica foi diferente. Divulgada a chamada para *O Psicanalista*, a equipe editorial não recebeu nem um trabalho. O prazo foi estendido, o que é comum acontecer e, mais uma vez, não chegou nada, sugerindo que o tema proposto talvez não tivesse despertado suficiente interesse.

Após publicar números que privilegiaram questões da atualidade – *Pandemia, Silêncio, Racismo, Testemunho* –, a proposta da **TRIEB** foi uma reflexão sobre o nosso ofício. A ideia era não apenas pensar a psicanálise, mas refletir sobre *O psicanalista*: o que o inquieta, por onde passa o seu desejo, que dificuldades encontra hoje para o exercício da psicanálise, como envelhece, como cultiva a capacidade de se manter em expansão, como transita entre a fidelidade e a traição aos ensinamentos dos pioneiros etc.

Mesmo sem trabalhos inscritos, tomou-se a decisão de seguir e enfrentar o desafio. Assim, diferentemente do que foi feito em todos os números anteriores, foi empreendido um trabalho ativo de curadoria, convidando-se autores para escrever sobre o tema.

Concluído *O Psicanalista*, e pensando sobre o seu processo de feitura, a questão que se colocou e que permanece sem resposta é: será que nós, os psicanalistas, evitamos o autorretrato?

No campo das artes, o autorretrato é uma forma de expressão presente já na Antiguidade, quiçá antes. Os primeiros autorretratos esculpidos em pedra são datados de 1365 a.C. e foram encontrados no Egito e na Grécia Antiga. Um dos primeiros autorretratos sobreviventes a que temos acesso é o chamado *Homem em um turbante vermelho*, de Jan Van Eyck (Séc. XIV).



Homem em um turbante vermelho – Jan Van Eyck (1433)

Durante a Renascença italiana, pintores evitavam os autorretratos, mas muitos deles inseriram a imagem de si mesmos em suas telas. Um famoso exemplo é Michelangelo, que usou seu próprio rosto em São Bartolomeu, no afresco d'*O juízo final* na Capela Sistina.



O juízo final – Michelangelo (1535-1541) / Detalhe de São Bartolomeu (autorretrato de Michelangelo) em *O juízo final*

Foi no Neoclassicismo (1600 a 1800) que os retratos de todos os tipos – famílias, nobres, amigos e, inclusive, o autorretrato – ganharam impulso. Razões para isso seriam a valorização do homem no sentido individualista, o poder comercial europeu, o patrocínio das artes visuais pela Igreja Católica, o início da pintura de cavalete e o uso generalizado de óleos. Destacou-se Rembrandt, que pintou mais de 40 autorretratos, usados tanto para treinar alunos, quanto para servir de base para personagens em seus trabalhos maiores.



Autorretratos de Rembrandt

Pode-se pensar que a produção de autorretratos tenha sido influenciada pelo refinamento na técnica para fabricação de espelhos que, apesar de existirem há milhares de anos de forma rudimentar, no século XIV ganharam qualidade e, posteriormente, sem o uso de mercúrio na fabricação, se popularizaram.

Antes disso, como se viam os artistas para poderem se retratar? Seria a partir de um outro que lhe servisse de espelho ou através da visão de sua imagem nas águas de um rio qualquer, como Narciso? E o que os levaria a se retratar? Talvez fosse a busca por algo de muito essencial no homem. Observar em si as diversas facetas presentes em tantos modelos, buscar em si mesmos os traços mais individuais e, a partir daí, reconhecer o que de mais universal houver no humano. Algo que nós, analistas, experienciamos na nossa carne.

Retomando a indagação inicial: haverá nos psicanalistas uma dificuldade para o autorretrato?

Talvez o analista se iluda ou resista a algo que ele já sabe: que, ao falar da sua clínica, e até mesmo de seu cabedal teórico, ao relatar seu trabalho com

pacientes, suas reflexões e sentimentos, estará, invariavelmente, relatando suas próprias paixões.

Em sua obra *As meninas*, Diego Velázquez (1656) retrata uma cena tão completa quanto enigmática e deixa sem resposta qualquer indagação que se possa fazer com respeito àquilo que nela representa.



Las meninas – Diego Velázquez (1656)

Na cena retratada, estão seus personagens: a pequena infanta com os cortesãos; as damas de companhia, animais e bufões; o próprio artista, com a sua tela da qual se vê apenas as costas; o espelho, que reflete o casal de monarcas posando como modelos, ou que reflete a tela com os monarcas já retratados. Ao lado do espelho, uma porta e um homem que, curioso ou hesitante, não sabe se entra na sala ou se abre uma porta e se retira.

Também estamos nós, os espectadores, presentes nos olhares de alguns personagens e do artista. Somos observadores e apreciadores da obra e, subitamente, percebemos que também somos vistos, que fazemos parte da cena. Ou, quem sabe, o autor tenha nos transformado em monarcas, como quem coloca em um lugar comum – e de protagonismo – tanto o observador quanto o modelo, sujeito e objeto que se mesclam e alternam.

Sobre essa obra, seus enigmas e as vicissitudes da representação, Foucault (1966/1999)¹ elaborou uma belíssima reflexão, no capítulo intitulado “Las Meninas”, em *As palavras e as coisas*:

Com efeito, ela intenta representar-se a si mesma em todos os seus elementos. Mas aí, por todas as partes um vazio essencial é imperiosamente indicado: o desaparecimento necessário daquilo que a funda — daquele a quem ela se assemelha e daquele a cujos olhos ela não passa de semelhança. Esse sujeito mesmo foi elidido. E livre, enfim, dessa relação que a acorrentava, a representação pode se dar como pura representação. (p. 32)

O desejo das editoras em abordar O psicanalista sob vários vértices encontrou nos autores e nas autoras presentes no número o reconhecimento da importância do tema.

Os entrevistados – Daniel Kupermann, Elias Mallet da Rocha Barros e Virginia Ungar – respondem, dentre outras, perguntas tão simples quanto complexas, tal como “o que faz de um psicanalista um psicanalista?”.

Na seção *Correspondência*, a troca epistolar se dá entre Fernanda Marinho e Mariano Horenstein, que conversam sobre a sobrevivência do ofício do psicanalista, a necessidade paradoxal de reinvenção e inserção no mundo e o respeito à tradição de Freud como crítico da cultura.

Bernard Chervet oferece uma reflexão sobre os caminhos da transmissão e da formação em psicanálise em *Formação psicanalítica com fim e sem fim. Transmissão, formação e falta*.

O artigo-ensaio-crônica de Celso Gutfreind, *Do velho contemporâneo ao psicanalista que eu sou hoje*, é fruto de uma autorreflexão a respeito de sua trajetória, referências e prática clínica. Um autêntico autorretrato, com tintas da contemporaneidade.

1. Foucault, M. (1999). *As palavras e as coisas* (8ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1966).

“Ser, antes de tudo, é a condição fundante para praticar um ofício, realizar a vida, sustentar o mistério” nos diz Maria do Carmo Andrade Palhares em seu trabalho *Ser psicanalista: ofício, vida, mistério*. A autora destaca a perspectiva relacional da psicanálise e o valor da confiança como condições indispensáveis para que a experiência analítica seja vivida com autenticidade permitindo ao paciente ter a experiência íntima de existir.

Maria Regina Newlands Trotto apresenta o caso clínico de uma paciente terminal, mostrando como o atendimento psicológico pôde ajudá-la a lidar com a angústia da morte e, principalmente, a viver.

Embora cativa, Albertine não se deixa nunca aprisionar. Tiago Mussi utiliza a literatura de Proust em *À procura de Albertine*, trabalho em que poeticamente discorre sobre a busca do objeto da escrita por aquele a quem chama de psicanalista-escritor.

Através de um criativo depoimento escrito entre um voo e outro, Marion Minerbo compartilha a sua rica bagagem psicanalítica para além do *setting* e da atuação do psicanalista tradicionalmente concebidos, apresentando outras possibilidades de exercício expressivo, e também necessário, de uma psicanalista viva e consonante ao seu desejo de se manter psicanalista.

Ao iniciar sua conferência *Os psicanalistas também envelhecem*, Maria Cristina Reis Amendoeira pergunta: “Saberá o psicanalista aplicar a capacidade analítica a si mesmo, nesse momento da vida?”. A pergunta nos convoca a acompanhá-la nas reflexões sobre diversos aspectos com os quais o analista precisará lidar no seu envelhecimento.

Guillermo Julio Montero comenta a apresentação de Maria Cristina em *No início do envelhecimento*, trazendo o conceito de “maturescência”, fenômeno psicológico que ocorre em torno do climatério masculino e feminino e que exige trabalho psíquico para que possa se iniciar um “autêntico envelhecimento”.

A conferência *A mente do analista* de Luís Claudio Figueiredo visita alguns de seus trabalhos que já revelavam o seu interesse pelo tema. O autor parte da premissa de que a mente do analista é a condição essencial para que o trabalho psicanalítico se desenvolva, pois tudo o que pensamos sobre o inconsciente depende de uma mente de analista já estar funcionando.

Luiz Fernando Gallego, em *O psicanalista no cinema – algumas resenhas*, nos conduz generosamente por um percurso que nos possibilita conhecer como o psicanalista é retratado ao longo da história da sétima arte.

Em *Psicanálise e literatura* contamos com a resenha do livro *Um psicanalista no divã*, de J.-D. Nasio, elaborada por Ruth Naidin. Em formato de

perguntas e respostas, diferentes temas são abordados, sendo organizados por Ruth em três tópicos: análise, o mal-estar contemporâneo e ideias lacanianas.

Na seção *Formação em Psicanálise*, mais uma vez estão as conferências da Aula Inaugural do Instituto de Formação da SBPRJ, proferidas em agosto de 2022. A palestra de Luiz Paulo Rouanet, *Iluminismo ou barbárie revisitado*, foi inspirada no texto originalmente escrito por seu pai, Sérgio Paulo Rouanet, ex-ministro da Cultura e amigo da psicanálise, homenageado da noite. A conferência de Sergio Nick foi um verdadeiro passeio pela história da psicanálise, partindo da fundação da IPA até os dias de hoje, dos pioneiros aos autores da contemporaneidade, um regalo para os alunos que iniciavam com a aula seu percurso na formação.

Na seção *Memória TRIEB*, foi escolhido para republicação o trabalho de Fernando José Barbosa Rocha – *Conheça o analista*. Fazendo um paralelo entre o *setting* cinematográfico e o *setting* psicanalítico, o autor discute o lugar da psicanálise e do analista num texto de uma espantosa atualidade.

Finalizamos, deixando registrado nosso profundo agradecimento a todos os autores e autoras deste número, que, com tintas e nuances, deram forma e colorido ao número, transformando *O Psicanalista* em um retrato de todos para todos nós.

As editoras

Entrevistas

Entrevistas

Daniel Kupermann¹

Elias Mallet da Rocha Barros²

Virginia Ungar^{3 4}

1. Em *Análise terminável e interminável*, Freud (1937) refere-se ao psicanalista como um “pobre infeliz” face aos inúmeros obstáculos que deve enfrentar na condução de uma análise. O que faz de um psicanalista um psicanalista?

Daniel Kupermann

Decerto não é a infelicidade! Com algum humor, diria que talvez a pobreza. No geral, somos cidadãos de classe média, e sabemos a carga de trabalho e de angústias sobre a classe média em um país em que a educação e a saúde públicas deixam muito a desejar. O curioso é que há analistas que não aceitam esses limites inerentes ao nosso ofício e querem enriquecer. Lembro-me de um texto de Eduardo Mascarenhas (1982) sobre isso. Daí ele virou político, deputado federal.

Essa passagem me recorda a entrevista de Freud a George Viereck. É preciso citar a passagem na íntegra: “Não me faça parecer um pessimista”, diz Freud ao final da entrevista, após apertar a mão de Viereck, “Eu não tenho desprezo

1. Psicanalista, professor livre-docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, pesquisador bolsista do CNPq e presidente do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi. Autor dos livros *Por que Ferenczi?* e *Transferências cruzadas: uma história da psicanálise e suas instituições*, publicados pela editora Zagodoni, e de *Ousar rir: humor, criação e psicanálise* e *Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica*, publicados pela editora Artes & Ecos.

2. Analista Didata, Professor e Supervisor da SBPSP, Distinguished Member da British Psychoanalytical Society and Institute.

3. Membro titular com função didática da APdeBA (Associação Psicanalítica de Buenos Aires). Ex-presidenta da IPA (Associação Psicanalítica Internacional) no período 2017-2021.

4. As respostas de Virginia Ungar estão publicadas em seu idioma original – o espanhol – e traduzidas para o português.

pelo mundo”. E Freud (citado por Viereck & Souza, 2020) continua: “expressar desdém pelo mundo é apenas outra forma de cortejá-lo, de ganhar audiência e aplauso. Não, eu não sou um pessimista, não enquanto tiver meus filhos, minha mulher e minhas flores! Não sou infeliz – ao menos não mais infeliz que os outros”. Vejam: filhos, mulher, flores... singelo, bem pouco ambicioso, e ao mesmo tempo *good enough*, o que o fazia feliz. No ano da entrevista, 1926, Freud tinha 70 anos, e logo assistiria a ascensão de Hitler ao poder. Assim, “enquanto tiver meus filhos, minha mulher e minhas flores”, ele estaria feliz. Profético. Evoco uma bela música dos Titãs: “Enquanto houver sol ...] Ainda há de haver esperança / Em cada um de nós / Algo de uma criança”.

Assim, se o analista estiver muito infeliz, se tiver se tornado um “pobre infeliz”, e sabemos que nosso ofício tem muito de insalubre, Freud (1937/1980b) recomenda nesse mesmo ensaio, *Análise terminável e interminável*, um período de reanálise. Ele chega a ser preciso, indicando uma reanálise de cinco em cinco anos. O que desconstrói o mito de que o analista bem analisado é bem resolvido, tal qual um funcionário público com aposentadoria integral (claro, alguém da fazenda ou do judiciário, não aqueles da área da saúde ou da educação, sempre prejudicados).

Ora, o que torna o ofício psicanalítico tão penoso e insalubre, a ponto de termos que resistir a ele? A sexualidade dos analisandos? Sua agressividade? Suas resistências? Penso que não. Propus em outro lugar que o quarto golpe infligido pela psicanálise no narcisismo da humanidade é o reconhecimento do desamparo, caracterizado, decerto, por uma ética particular (Kupermann, 2017). O que isso quer dizer? Reconhecer o desamparo é reconhecer que vivemos em um mundo no qual nada está garantido; tudo – nossos amores, sonhos, ideais compartilhados, até nosso planeta – pode acabar. A democracia pode acabar, a IPA pode acabar. O Botafogo pode acabar (demorei mais de 50 anos para descobrir isso). Até o Flamengo pode acabar, porque frente ao Real não há VAR.

Desse modo, o que faz de um psicanalista um psicanalista, o que talvez o diferencie de um filósofo existencialista, são ao menos três coisas: a experiência encarnada, adquirida em sua análise pessoal, de que não há certezas na vida (usualmente chamamos isso de desamparo); a constituição de um saber e de uma ética – apoiados nessa experiência – acerca dos modos como nos defendemos e dos modos como lidamos criativamente com esse desamparo; e dispor de um método terapêutico – somos treinados para isso em nosso processo de formação psicanalítica – que tem por objetivo ajudar as pessoas que sofrem por não suportar o desamparo a aceitá-lo, porém, sem perder a ternura (Ferenczi, 1933/1992c).

A parte mais difícil, aquela que nos impõe os maiores obstáculos, está ligada ao acompanhamento do processo de perlaboração (*Durcharbeitung*) de cada analisando. É preciso paciência, respeito ao tempo e ao ritmo dos analisandos. Mas essa é, segundo Freud, também a parte do tratamento que mais produz efeitos.

Mudando de perspectiva, segundo Ferenczi (1933/1992c), na base do que faz de um psicanalista um psicanalista estaria o fato de que o psicanalista foi, de algum modo, uma criança traumatizada, que, por circunstâncias, teve que cuidar dos seus cuidadores, tornando-se o “psiquiatra da família”. Somos nós.

Elias Mallet da Rocha Barros

São tantas as razões que é difícil elencá-las. A primeira delas é confrontar-se com a dificuldade que as pessoas têm de fazer face à sua realidade psíquica inconsciente, a fazer face à verdade psíquica, ou seja, a reencontrar-se consigo mesmas. As pessoas procuram um analista quando estão sofrendo porque suas defesas fracassam ou porque, em outros casos, quando elas funcionam tão eficientemente que os paralisam. Nestas situações, dizem que querem “se tratar”, mas no mais das vezes desejam apenas reequilibrar-se, e é neste momento que tendem a abandonar a análise. O “pobre infeliz” nesta altura já investiu anos no tratamento e anos em sua formação. Ou seja, frequentemente somos punidos por *ajudar* o paciente. Além disso, colocar-se na posição de analista, como diz Green, dói. Somos convidados a compartilhar o sofrimento do paciente e, em seguida, a nos afastarmos do ser humano que somos e intervir como profissionais. Ambos os movimentos são sofridos. Penso que o que faz de um analista tornar-se essencialmente Psicanalista é uma atitude permanentemente investigativa quanto ao sentido e ao significado das narrativas e de outras formas de presença da parte do paciente. Tanto sua Escuta, quanto suas observações feitas ao paciente, são orientadas por esta atitude.

Virginia Ungar

No mencionado artigo, Freud pergunta-se como o analista, “pobre infeliz”, adquire a aptidão ideal para trabalhar em sua profissão, e sua resposta inclui a análise pessoal, a convicção na existência do inconsciente e, também, os processos de transformação no eu, que continuarão ocorrendo espontaneamente.

Ainda que esse texto freudiano nos convide a refletir sobre a noção de fim da análise, que estará sempre ligada à teoria da cura sustentada

por cada analista, podemos ir além e pensar sobre o que significa ser um psicanalista hoje.

Começaria tomando a liberdade de parafrasear a famosa frase de Simone de Beauvoir em *O segundo sexo* (1949/2016): “Não se nasce mulher, torna-se”, para sublinhar que nos tornamos psicanalistas em um longo processo de construção que, de alguma maneira, se estende ao longo de toda a vida profissional, no que chamamos de formação contínua.

Esta não se refere apenas ao estudo dos textos psicanalíticos, mas inclui o intercâmbio com colegas sobre a experiência clínica. Nossa profissão é uma profissão solitária, e o narcisismo nos coloca emboscadas, empurrando-nos para o terreno da nossa própria resistência à análise.

A supervisão e os intercâmbios ajudam-nos a internalizar a atitude analítica, conceito que não é fácil definir. Brevemente, a atitude analítica compreenderia elementos tais como a receptividade, a disposição à observação, a tolerância ao mistério e ao desconhecimento e a inclinação a tentar refletir em vez de atuar.

Donald Meltzer (1968/1996) refere-se à prática da psicanálise como “um ato de virtuosismo, uma combinação de atividade artística e atlética” (p. 158). E acrescenta que, tanto o virtuoso, como o atleta, confiam de forma absoluta no inconsciente, no momento de seu desempenho.

Penso que, somado a tudo isso, um analista hoje deve estar atento à produção de subjetividades do seu tempo e de sua cultura.

Idioma original

1. En Análisis terminable e interminable, Freud (1937) se refiere al psicoanalista como “un pobre diablo”, en relación a los innumerables obstáculos que debe enfrentar en la conducción de un análisis.

¿Qué hace de un psicoanalista un psicoanalista?

En el artículo mencionado, Freud se pregunta por cómo el analista -pobre diablo- adquiere la aptitud ideal para trabajar en su profesión y su respuesta incluye al análisis personal, la convicción en la existencia del inconsciente y también, a los procesos de cambios en el yo que continuarán sucediendo de manera espontánea.

Si bien este texto freudiano nos invita a reflexionar sobre la noción de fin de análisis, la que va a estar siempre ligada a la teoría de la cura que cada analista sostenga, podemos ir más allá para pensar que significa hoy ser un psicoanalista.

Comenzaría tomándome la libertad de parafrasear la famosa frase de Simone de Beauvoir en *El segundo sexo* (1949/2016): “No se nace mujer, se *deviene*” para subrayar que se *deviene* psicoanalista en un largo proceso de construcción que de alguna manera se extiende a lo largo de toda la vida profesional, en lo que llamamos formación continua.

No se refiere sólo al estudio de textos psicoanalíticos, sino que incluye el intercambio con colegas sobre la experiencia clínica. La nuestra es una profesión solitaria, y el narcisismo nos tiende emboscadas que nos empujan al terreno de nuestras propias resistencias al análisis.

La supervisión y los intercambios ayudan a internalizar la actitud analítica, concepto que nó resulta fácil de definir. Brevemente, la actitud analítica comprendería elementos tales como la receptividad, la disposición a la observación, la tolerancia tanto al misterio como al desconocimiento y la inclinación a tratar de reflexionar antes que actuar.

Donald Meltzer (1968/1996), se refiere a la práctica del psicoanálisis como “un acto de virtuosismo, una combinación de actividad artística y atlética” (p. XX). Y agrega que tanto el virtuoso como el atleta confían de forma absoluta en el inconsciente en el momento de la ejecución.

Pienso que sumado a todo esto, un analista de hoy debe estar atento a las condiciones de producción de subjetividades, y en ese sentido a la cultura de cada contexto y su época.

2. Freud definiu como regras fundamentais para a prática psicanalítica a associação livre para o paciente e a correspondente atenção flutuante para o analista. Que transformações o par analítico vem sofrendo desde então?

Daniel Kupermann

Freud propôs uma prática psicoterapêutica baseada menos na eficácia – cujo critério é atingir um objetivo pré-estabelecido – e mais na eficiência – cujo critério é a sensibilidade para reconhecer e aceitar os movimentos que se impõem ao longo de determinado percurso (Jullien, 1998). Desse modo, subverteu o sentido das terapêuticas médicas ocidentais. Ferenczi (1928/1992a) traduz isso dizendo que a análise não transcorre segundo um projeto feito por arquiteto. Assim, a associação livre e a atenção flutuante, seus matizes e sutilezas, são efetivamente as balizas que determinam uma análise, o que acontece, porém, apenas quando há o estabelecimento de um campo transferencial/contratransferencial.

No percurso da história da psicanálise, com a percepção da onipresença dos fenômenos da repetição e da perlaboração a partir de Freud (1914/2017) e de Ferenczi e Rank (1924/2022), o privilégio na clínica foi sendo deslocado dos conteúdos recalçados para a relação estabelecida entre o par analítico. As transformações da prática clínica correspondem ao entendimento das particularidades dessa relação, que variam de acordo com o momento histórico.

No que se refere à relação analítica, sabemos que, em um primeiro momento, a transferência foi *persona non grata* no edifício teórico freudiano. “Falsa ligação”, “sugestão”, “resistência” foram as primeiras qualificações da transferência. Paralelamente, a contratransferência, sobre a qual Freud pouco falou, equivalia aos pontos cegos do analista e deveria ser controlada.

O campo psicanalítico sofreu fortes modificações em relação a esse entendimento, e a contratransferência passou a adentrar as teorias da clínica psicanalítica pela porta da frente, primeiro com Ferenczi (1932/1990); depois, no pós-guerra, com vários autores da escola inglesa, com destaque para Paula Heimann (1950). A virada ferencziana coincide com a criação de um estilo empático que postulava que os afetos do psicanalista eram convocados para o exercício da clínica, especialmente no tratamento dos casos mais graves e dos pacientes clivados. Ferenczi (1928/1992a) formulou uma “elasticidade” da técnica que inspirou gerações de psicanalistas. Balint, Winnicott, Kohut e Ogden, para citar apenas alguns expoentes do que eu nomeei *estilo empático* na clínica psicanalítica, avançaram na redescrição das características da relação do par analítico (Kupermann, 2022).

No meu entendimento, os dois princípios maiores referentes ao manejo da transferência sofreram mudanças significativas ao longo das últimas décadas: o princípio da neutralidade e o princípio da abstinência. Eles deixaram de significar uma postura afetivamente distanciada do analista, que vigorou no período em que psicanalisar era sinônimo de interpretar.

Atualmente, entende-se a neutralidade do psicanalista segundo a ideia de que as escolhas éticas do analisando não devem ser constrangidas por quaisquer direcionamentos morais do psicanalista, sejam as escolhas amorosas, sexuais ou políticas. Pode parecer óbvio, mas basta pensar nos problemas de gênero e nas críticas que as teorias *queer* dirigiram à psicanálise para perceber que o óbvio precisa ser repetidamente reafirmado para se evitar violências cometidas em nome da psicanálise.

Por seu turno, a abstinência é menos referida aos modos de satisfação encontrados pelos analisandos na situação clínica, do que ao fato de que o psi-

canalista deve se abster de extrair satisfações narcísicas nas análises que conduz. E basta pensar em certos cruzamentos operados nas análises dos analistas que acontecem em instituições de formação para perceber a dificuldade em se manter a abstinência analítica (Kupermann, 2020).

O problema da neutralidade, atualmente, toca ainda nas questões do desmentido traumático. Circula há muitos anos a crítica, bastante compreensível, de que a suposta neutralidade do psicanalista terminou por retraumatizar analisandos submetidos a violências e segregações sexistas e racistas, e também a imposições culturais advindas de condutas colonizadoras naturalizadas. Deixar de reconhecer o sofrimento provocado pelo racismo, pelo sexismo ou pelo colonialismo, longe de ser expressão da neutralidade necessária ao ofício psicanalítico, é uma forma de surdez frente a traumas repetidos e bastante factuais que atingem grande parcela da população em sofrimento psíquico.

Vou dar um exemplo não tão distante de nós: se o analista do Amílcar Lobo interpretava seu mal-estar por fazer parte de equipe de tortura durante a ditadura militar brasileira como a expressão de “aspectos sadomasoquistas referentes às suas relações parentais”, isso não tem nada a ver com neutralidade! Trata-se de absoluta conivência com as violências cometidas pelo estado de exceção implantado em nossa sociedade naquele momento, travestida de neutralidade (Kupermann, 2020).

Por fim, não gostaria de deixar de mencionar as transformações exigidas pela presença significativa da clínica *on-line* desde a pandemia da Covid-19, ao menos no Brasil (na Europa ela é mais rara). Questões que sempre atravessaram as discussões sobre o *setting* e sobre a técnica, tais como o silêncio em análise, o uso do divã, as interações sensíveis entre analista e analisando, e mesmo as dificuldades de atenção e concentração do psicanalista, se impuseram a nós, e não creio que tivemos tempo suficiente para amadurecê-las.

Outro fato que está longe de ter sido suficientemente analisado pela comunidade psicanalítica: a maior parte dos analisandos dos grandes centros urbanos não faz análise de alta frequência (três ou quatro vezes por semana). No que isso vem transformando o que se entende por psicanálise e por psicanalisar? São esses, me parecem, alguns dos nossos desafios.

Elias Mallet da Rocha Barros

Em 2019, apresentamos um trabalho na Itália cujo título era *Uma refundação do conceito de contratransferência: a rêverie*. A grande transformação me parece ser a ênfase que damos hoje à noção de intersubjetividade e à

ideia de processos metapsicológicos em lugar de conteúdos metapsicológicos. Estamos mais interessados, ou seja, mais focados *em como as pessoas pensam*, inclusive os analistas, do que *no conteúdo do que pensam*. Com esta afirmação não estou descartando a importância do conteúdo ou da história de vida, mas apenas problematizando estes dois focos. Mencionei duas ideias aparentemente simples, mas que na verdade são de larguíssimas consequências para a Psicanálise. Dada a limitação de espaço, não me estenderei aqui sobre este assunto.

Outro ponto sobre o qual eu e Elizabeth, minha esposa, temos trabalhado, é a questão da *forma* em sua *expressão de imagem*. Em outro trabalho, citamos o neurocientista Damásio, que escreveu:

Nossas percepções e as ideias que elas evocam geram continuamente uma descrição paralela baseada em linguagem construída com imagens. Todas as palavras que usamos em qualquer linguagem – falada, escrita ou percebida pelo tato, como no braille – são feitas mentalmente de imagens. (2018, p. 107)

Nesta passagem, Damásio conclui que imagens são o símbolo universal da mente. Este neurocientista concentra-se na matéria psíquica sem qualificá-la de consciente ou não. Será que um analista não poderia dizer a mesma coisa, só que *reafirmando seu caráter inconsciente*, sujeito a um psicodinamismo próprio? Penso que será muito interessante a exploração da relação da imagem com a linguagem, do ponto de vista inconsciente, mas também consciente.

Por fim, gosto do conceito proposto pelo professor Luís Claudio Figueiredo, de “psicanálises transmatriciais”, ou seja, de conjuntos de ideias que passam diversos autores, articulando seus pensamentos num novo conjunto.

Virginia Ungar

Essa formulação freudiana segue vigente e sempre a pensei como uma aspiração. Não há nada menos livre do que a associação no começo de uma análise, já que o discurso do paciente está sujeito às amarras que sua própria neurose lhe impõe, ainda mais nas situações clínicas que não se encaixam nos quadros neuróticos. Nesses casos, os processos de simbolização são alterados e a escuta de um analista pode chegar a um ponto em que ele empresta sua mente para que possa ocorrer um processo terapêutico. Por outro lado, a expansão da psicanálise, com os desenvolvimentos sobre a contratransferência, possibilitou que o analista esteja disposto a realizar uma espécie de monitoramento de seu estado

mental, permitindo-lhe detectar qualquer interrupção de sua atenção flutuante que o alerte sobre um possível *enactment*.

Ainda que tenha havido mudanças na clínica, na técnica e até na teoria, desde a época em que nasceu a psicanálise, o par associação livre/atenção flutuante segue sendo o núcleo do processo analítico. Transformaram-se as formas de comunicação entre pacientes e analistas, admitem-se contatos pelo celular, *WhatsApp* e outros dispositivos, mas o espaço analítico é um dos poucos, senão o único, que oferece a alguém que nos procura a oportunidade de contar com uma área de intimidade que o/a analista fará tudo o que for possível para sustentar.

A pandemia apresentou-nos o desafio do atendimento *on-line* e nós nos adaptamos, em uma época de isolamento necessário, para trabalhar com os dispositivos que a tecnologia nos oferece. Aprendemos muito. Reverteu-se o espaço de trocas, entramos na casa de nossos pacientes, atendemos em automóveis, estacionamentos, cozinhas, parques e outros lugares.

Compartilhamos as sessões com crianças, animais de estimação e barulhos; nossa capacidade de sustentar a atenção flutuante foi posta à prova. E vimos que, quando temos internalizada a atitude analítica, podemos seguir adiante, pois o enquadre tem como eixo central nossa convicção no método analítico.

Idioma original

2. Freud estableció como reglas fundamentales para la práctica psicoanalítica la asociación libre para el paciente y la correspondiente atención flotante para el analista. ¿Qué transformaciones ha experimentado el par analítico desde entonces?

Esta formulación freudiana sigue vigente y siempre la he pensado como una aspiración. Nada hay menos libre que la asociación al comienzo de un análisis, ya que el discurso del paciente está sujeto a las ataduras que su propia neurosis le impone y mucho más aún en las situaciones clínicas que no se encuadran en los cuadros neuróticos. En estos últimos, los procesos de simbolización están alterados y la escucha de un analista puede llegar a un punto en que “presta” su mente para que pueda tener lugar un proceso terapéutico.

Por otra parte, la expansión que ha tenido el psicoanálisis con los desarrollos sobre la contra-transferencia han permitido que el analista esté dispuesto a realizar una especie de monitoreo de su estado mental que le permite detectar cualquier interrupción de su atención flotante que alerte sobre un posible *enactment*.

Si bien ha habido cambios en la clínica, la técnica y hasta en la teoría desde la época en que nació el psicoanálisis, el par asociación libre - atención flotante sigue siendo el núcleo del proceso analítico. Han cambiado las formas de comunicación entre pacientes y analistas, se admiten los contactos por celular, *WhatsApp* y otros dispositivos, pero el espacio analítico es uno de los pocos, sino el único, que ofrece a alguien que nos consulta la oportunidad de contar con un área de intimidad en que el/la analista va a hacer todo lo posible para sostener.

La pandemia nos ha presentado el desafío de atender online y nos hemos adaptado, en la época de un aislamiento necesario, a trabajar con los dispositivos que la tecnología nos ofrece. Hemos aprendido mucho, se revirtió el espacio de intercambio, entramos en la casa de nuestros pacientes, hemos atendido en automóviles, *parkings*, cocinas, parques y más lugares.

Hemos compartido sesiones con niños, mascotas y ruidos y se ha puesto a prueba nuestra capacidad de sostener la atención flotante. Y hemos visto como cuando tenemos internalizada la actitud analítica podemos seguir adelante, pues el encuadre tiene como eje central nuestra convicción en el método analítico.

3. Frequentemente fala-se sobre a crise da psicanálise e indaga-se sobre o seu futuro. Para a psicanálise de amanhã, como formar psicanalistas?

Daniel Kupermann

Se considerarmos o aumento da demanda de análise nos grandes centros urbanos após a pandemia da Covid-19, pode-se dizer que, nesse aspecto, não há crise da psicanálise. As pessoas procuram a psicanálise para tratar seus sintomas, sofrimento e mal-estar. E a psicanálise é bastante presente nas instituições de cuidado da nossa vida social, como hospitais, escolas e instituições do judiciário. Além disso, é forte nas nossas universidades, em programas de pós-graduação voltados para a pesquisa, e é onipresente na mídia (audiovisual, imprensa e nas redes sociais), o que contribui para manter seu prestígio. Mérito para os psicanalistas brasileiros, que têm produzido e difundido o saber psicanalítico, preservando, na maior parte das vezes, seus princípios éticos inalienáveis. Evidente que isso se deve, a meu ver, menos ao mérito direto das instituições de formação psicanalítica (das mais variadas filiações teórico-clínicas), e mais à transmissão da psicanálise nos cursos de graduação em psicologia. Ao contrário de algumas décadas atrás, o psicanalista brasileiro tem, em sua maioria, uma graduação em psicologia.

Portanto, se há crise da psicanálise, ameaçando seu futuro, ela parece vir de duas frentes distintas. A externa, ou seja, aquela oriunda de tendências da nossa vida cultural, e a interna, aquela referente ao próprio processo de institucionalização da psicanálise.

Na frente externa encontramos a ameaça do discurso neurocientífico (pseudocientífico, devemos sublinhar), que transformou o cérebro em uma entidade coringa, capaz de tudo explicar, promovendo a consequente hipermedicalização do sofrimento psíquico. Roudinesco (2000) discutiu isso em um manifesto escrito há mais de vinte anos. E, na medida em que o sujeito ético (sujeito do desejo) deixa de ser um valor compartilhado entre nossos concidadãos, a psicanálise perde força de atração. Penso que essa dimensão da crise da psicanálise está ligada a uma crise mais ampla, que proporei chamarmos de uma “crise da liberdade”. Quanto menos livres sentimo-nos para criar modos de vida e de sociabilidade satisfatórios – quanto menos luz no fim do túnel, para utilizar uma expressão idiomática –, mais recorremos a explicações químico-fisiológicas para justificar nosso mal-estar e nosso sofrimento. Cito aqui Byung-Chul Han (2017), que descreve bastante bem esses efeitos produzidos pela “sociedade de desempenho”, segundo a nomenclatura da Escola de Frankfurt. O desafio para os psicanalistas é o de constituir uma metodologia de pesquisa e uma linguagem de “divulgação científica” capaz de afetar novamente nossos concidadãos, ressensibilizando os espíritos para as dimensões do desejo e da liberdade que animam nossa subjetividade.

Na frente interna, referida aos modos de institucionalização da psicanálise, penso que as maiores ameaças residem sobre alguns sintomas promovidos pelo próprio processo de formação psicanalítica. Demonstrei isso minuciosamente em *Transferências cruzadas: uma história da psicanálise e suas instituições* (Kupermann, 2020). O encerramento, que ocorre em algumas escolas, em um pensamento único, a transmissão superegoica da psicanálise, responsável pela excessiva obediência dos psicanalistas aos seus mestres e às suas teorias, são alguns dos sintomas notados desde o final da segunda guerra que mereceram a denúncia de autores do porte de Balint e Lacan. A formação psicanalítica tende a produzir obediência, e não inquietação intelectual e investigadora. Mais próximo das igrejas do que da *Weltanschauung* científica, como queria Freud.

Esse problema me levou a propor um quarto pé, complementar ao tripé da formação psicanalítica. Assim, ao lado da análise pessoal, supervisão clínica e estudo dos cânones da psicanálise, a *pesquisa*. Parece-me evidente que, após mais de cem anos de aventura psicanalítica, há hoje um *topos* de produção de

saber e de transmissão da psicanálise que não pode mais ser desconsiderado: a universidade (Kupermann, Brancaleoni, Moreira & Hentz, 2022). Assim, penso que seria preciso promover uma maior interlocução entre as instituições psicanalíticas e a universidade, de maneira a consolidar a pesquisa como parte da formação psicanalítica. Claro que pode haver pesquisa, e há, fora do ambiente universitário, mas nem sempre é preciso reinventar a roda; perde-se tempo e energia desconsiderando as virtudes do que já está construído.

Não gostaria de deixar de mencionar um problema mais recente que enfrentamos, sobretudo desde a pandemia da Covid-19. A enorme proliferação de instituições e, mesmo, de empresas com fins lucrativos que pretendem formar analistas, sem que seus líderes (ou proprietários, no caso das empresas) tenham tido, eles mesmos, uma formação psicanalítica adequada. Recentemente, inclusive, mais precisamente no final de 2021, fomos surpreendidos com a oferta, por uma universidade privada, de um curso de bacharelado em psicanálise, na sua maior parte *on-line*.

Em seu discurso para a criação da Associação Psicanalítica Internacional, no Congresso de Nuremberg, em 1910, Ferenczi (1911/1991) alertava para o risco de que “viéssemos a ficar em moda e crescesse rapidamente o número daqueles que se dizem psicanalistas sem o ser” (p. 151). Como escrevi alhures, o problema não é a psicanálise estar na moda, mas deitar a cabeça no divã de um psicanalista “diplomado”, mas sem formação adequada. Democratizar a formação psicanalítica não pode ser sinônimo de banalizá-la.

Elias Mallet da Rocha Barros

Num primeiro momento, sou tentado a dizer que quem souber dar esta resposta está mal-informado. Este comentário mostra apenas o quão difícil é responder a esta provocação. Numa tentativa expressa de maneira muito genérica, diria que mais e mais o analista tem que ser um homem de seu tempo e de ampla cultura geral. Vou dizer uma coisa que será antipatizada por todos, ainda que possam concordar. A psicanálise se transformou numa profissão liberal inserida no mercado. Disso ela sofre. Seria possível ser diferente sem colorir nossa sugestão de elitismo? Como profissionais liberais, somos convidados a curar como o médico e os pronto-atendimentos fazem. Somos convidados a nos autoenganar, dizendo-nos que sabemos “curar”, mesmo quando negamos adotar o modelo médico. E o que sabemos fazer é “curar” como se cura o queijo ou o vinho, mas mesmo para isto acontecer, precisamos trabalhar sobre a matéria prima com potencial.

Então, como responder à sua pergunta? Em termos muito genéricos, diria que o psicanalista do futuro idealmente deveria ser “formado” de uma maneira a desenvolver e apurar sua sensibilidade, seu gosto artístico, sua sensibilidade para a forma, para o som, para o sublime. Seria esta uma concepção elitista?

Virginia Ungar

Penso que, mais do que crise da psicanálise, podemos pensar em crise dos psicanalistas. Evidentemente, não desconheço a dificuldade em realizar análises em um mundo hiperconectado, com uma enxurrada constante de estímulos, a prevalência de imagens e uma realidade que nos obriga a conviver com incertezas, neste momento da história. A tragédia climática, a pandemia de Covid-19 e, agora, uma guerra que parece ter se tornado crônica acrescentam ainda mais dificuldades.

Ao mesmo tempo, a psicanálise é mais necessária do que nunca. Desenvolvemos um método que provou ser eficaz e esse fato nos permite seguir adiante com nossa prática, mas também seguir adiante por outros territórios que vão além do consultório privado, para trabalhar na comunidade, oferecendo não somente nossa maneira de pensar os problemas, como também a possibilidade de fazer intervenções. Esta foi a base da criação de uma nova estrutura durante a administração latino-americana anterior, com Sergio Nick: IPA na Comunidade.

A respeito da formação, prefiro pensá-la como transmissão da psicanálise – território em que esse termo, e não o termo ensino, é mais do que pertinente, pois nos situa em um campo muito particular em que os critérios habituais da pedagogia não são suficientes para abarcar a experiência.

Donald Meltzer (1971/1997) chegou a dizer que nossa profissão não pode ser ensinada; “pode-se facilitar sua aprendizagem”. Ideia que o leva a propor um sistema de ateliê como um “lugar ao qual pudesse recorrer qualquer pessoa que tivesse alguma coisa para ensinar e qualquer um que desejasse aprender” (p. 273).

A partir do reconhecimento da ampliação dos processos de subjetivação, hoje sabemos que não há uma psicanálise que possa ser pensada fora de seu contexto e das condições em que esses processos ocorrem. Além disso, o diálogo com outras disciplinas se mostrou não apenas necessário, como também muito enriquecedor.

Com base nisso, hoje em dia devemos refletir não apenas sobre qual psicanálise praticamos, mas também qual psicanálise ensinamos. Os fundamentos clínicos, técnicos e teóricos da psicanálise só vão crescer e se expandir se prestarmos atenção e nos envolvermos nos problemas do mundo em que vivemos.

Idioma original

3. A menudo hablamos de la crisis del psicoanálisis y nos interrogamos por su futuro. Para el psicoanálisis del mañana, ¿cómo formar psicoanalistas?

Pienso que más que crisis del psicoanálisis podemos pensar en crisis de los psicoanalistas. Por supuesto que no desconozco la dificultad que implica llevar adelante un análisis en un mundo hiperconectado, con un constante aluvión de estímulos, con prevalencia de la imagen y una realidad que nos obliga a convivir con la incertidumbre en este momento de la historia. La tragedia climática, la pandemia del Covid-19 y ahora una guerra que parece haberse vuelto crónica agregan aún más dificultad.

Al mismo tiempo, el psicoanálisis está más necesitado que nunca. Hemos desarrollado un método que ha sido probado en su eficacia y este hecho nos permite seguir adelante con nuestra práctica, pero además circular por otros territorios que van más allá del consultorio privado para trabajar en la comunidad. Ofreciendo no solamente nuestra manera de pensar los problemas sino también la posibilidad de hacer intervenciones. Esta fue la base de la creación de una nueva estructura durante la anterior administración latinoamericana junto con Sergio Nick: API en la Comunidad.

Con respecto a la formación, prefiero pensarla como transmisión del Psicoanálisis, territorio en el que ese término y no el de enseñanza resulta más que pertinente pues nos ubica en un campo muy particular en el que los criterios habituales de la pedagogía no resultan suficientes para abarcar la experiencia.

Donald Meltzer (1971/1997) llegó a decir que nuestra profesión no se puede enseñar, “se puede facilitar el aprendizaje”, idea que lo lleva a proponer un sistema de atelier como “un lugar al que pudiera recurrir quienquiera que tuviera algo para enseñar y toda persona deseosa de aprender” (p. 273).

Por el giro que se ha dado a partir de tomar en cuenta los procesos de subjetivación, hoy sabemos que no hay un psicoanálisis que pueda ser pensado fuera del contexto y las condiciones en las que éste tiene lugar. Además, el diálogo con otras disciplinas ha mostrado ser, no solamente necesario sino muy enriquecedor.

En base a esto, hoy en día debemos reflexionar no solo sobre que psicoanálisis practicamos sino también que psicoanálisis enseñamos. Los fundamentos clínicos, técnicos y teóricos del psicoanálisis crecerán y se expandirán sólo si prestamos atención y nos involucramos en los problemas del mundo que habitamos.

4. Qual a compreensão da posição do analista na pólis? Quais efeitos e desdobramentos têm a pólis sobre a escuta e a prática clínica?

Daniel Kupermann

Pareceria clivado demais responder a essa pergunta sem fazer referência ao que vivemos muito recentemente no Brasil, ou seja, às últimas eleições presidenciais. Foi a primeira vez que assistimos muitas instituições psicanalíticas – a maioria, eu diria – se posicionarem explicitamente a favor de uma chapa, no caso a chapa Lula/Alckmin, o que indicava a rejeição categórica do candidato da chamada “extrema direita” e de seu vice, ambos oriundos do exército e propagadores de um discurso golpista, francamente ameaçador do Estado democrático de direito. Algumas instituições vinculadas à IPA, incluindo a FEBRAPSI, evitaram apoio explícito à chapa vencedora – soube que havia, em alguns lugares do Brasil, muitos membros dessas instituições que repudiariam esse apoio explícito e, mesmo, que tinham preferência pelo candidato à reeleição –, mas sentiram a necessidade de reafirmar publicamente seu apoio às instituições democráticas e ao Estado de direito. O que indica esse fenômeno inédito?

Longe de se tratar de preferências partidárias, é preciso sublinhar, me parece que houve, nesse momento da nossa jovem história democrática, o consenso de que a psicanálise só pode existir em um contexto sociocultural no qual a liberdade de expressão é, efetivamente, um valor. Não no sentido de se dizer o que vem à cabeça, em nome de uma pseudoautenticidade, sobretudo quando o que vem à cabeça é a humilhação, depreciação e segregação da alteridade. Mas no sentido de reconhecer que a invenção freudiana, baseada em um método que adota uma regra fundamental, a associação livre, só foi possível em um momento da modernidade no qual os cidadãos dos estados europeus reconheceram que a liberdade de expressão – do desejo, da sexualidade, das expressões culturais das minorias subalternizadas – era um valor inalienável. Não por acaso a psicanálise foi obra de um judeu emancipado, que algumas décadas antes não teria nem o direito de estudar em uma universidade austríaca.

A partir do exemplo brasileiro, penso ser possível demonstrar, portanto, que a psicanálise, em sua versão de movimento representado por uma comunidade de profissionais, é apartidária, como demonstrou Freud em *O mal-estar na civilização* (1930[1929]/1980a), mas não apolítica, tampouco neutra. Evidente que a psicanálise, em sua versão de discursividade promotora de um saber sobre o psiquismo humano, é neutra no sentido de poder tomar qualquer manifestação individual ou cultural como objeto de análise, seja a religião, o nazismo, a

monogamia, o desejo de maternidade e, mesmo, a constituição psíquica e psicopatológica de líderes políticos. Isso não implica, como me parece ser a confusão feita por alguns colegas, que os psicanalistas não possam, e não devam, condenar práticas sociopolíticas, como genocídios, repressão cultural e política, violências contra crianças, mulheres, índios, pretos e outras comunidades subalternizadas, destruição do planeta ou ataques frontais às instituições democráticas.

O conceito de desmentido social, oriundo da leitura feita por Ferenczi (1931/1992b; 1933/1992c) da *Verleugnung* constitutiva da traumatogênese, é especialmente fértil para inspirar a reflexão sobre a posição do analista na pólis e sobre a escuta e a prática clínica frente ao sofrimento de sujeitos e populações em condição de vulnerabilidade.

Elias Mallet da Rocha Barros

Outra questão complexa, difícil de ser respondida sem muito espaço para argumentação. Recentemente, Elizabeth Roudinesco publicou o livro *O eu soberano: ensaio sobre as derivas identitárias* (2022). Um bom número de psicanalistas atuais, muitos amigos meus que admiro, desejariam passar um trator sobre suas ideias neste livro sobre a relação da pólis com as questões identitárias. O primeiro comentário que faria seria dizer que um autor deve ser valorizado pelo seu caráter inspiracional, pela sua capacidade de construir, formular, equacionar problemas. Não devemos apenas nos limitar a seguir ou nos contrapor às respostas que ele nos oferece.

Ontem, ouvi de um professor de Harvard o seguinte comentário: “Um bom professor é aquele que, diante de um problema complexo, o torna mais complexo ainda”. As diversas questões identitárias seriam questões de fato psicanalíticas? Antes que me caíam em cima com críticas contundentes, diria que estou plenamente de acordo com a ideia de que a Cultura deve ser posta no divã. A questão é o que deveremos focar quando o fazemos.

Questões identitárias não seriam eminentemente políticas, antropológicas sociológicas, mas sobretudo políticas? Psicologizá-las ou psicanalizá-las não seria subjetivá-las e, assim, esvaziar seu conteúdo objetivo? Não creio que possamos explicar o fascismo psicanaliticamente. Podemos eventualmente tentar entender o que propicia a identificação de uma pessoa com o fascista, com o tirano, com a violência. Neste caso, estaríamos tentando entender identificação com atitudes, emoções e não com ideologias. Num mundo em que a genética sepultou definitivamente a noção de “raça” porquê e como algumas (ou muitas) pessoas recusam a racionalidade e adotam o glamour da ignorância.

É uma inclinação para se identificar com o poderoso sádico para defensivamente apagar um sentimento de humilhação? Por que o *diferente* suscita ódio em alguns?

Sabemos, de fato, selecionar os aspectos dos processos identitários que possam proficuamente ser trabalhados em nosso campo? Há muitas maneiras de conceber uma identidade, desde aquelas muito genéricas (baseada na cor da pele, por exemplo) até outras muito específicas, associadas a processos de aquisição de identidades, a *modos de* e não ao conteúdo em si. Por exemplo, identificar-se com a humilhação fruto da diferença.

Da maneira como o fazemos, será que não estamos dando guarita a uma atitude defensiva? Defensiva no sentido de tornar uma característica externa (cor da pele, identidade sexual, ser careca ou gordo, feio... são infinitas as possibilidades de montar grupos identitários ou coortes, para usar um vocabulário de pesquisa) que é menosprezada, marginalizada do centro da questão, sem darmos prioridade ao fato de que nossa maior tarefa é transformar o mundo e não proteger-se ou defender-se dele.

Para mim, a questão central psicanalítica é de como transformar o mundo e, para tanto e anteriormente, nossa subjetividade. Externamente, como nos preparar emocionalmente para combater a desigualdade brutal, a invisibilidade do miserável, a miséria moral e intelectual, o glamour que a ignorância adquiriu.

Eu me perguntaria, por exemplo, o que um negro militante do Boko Aran (prestem atenção ao nome, um movimento contra a educação) *tem em comum* (que identidade compartilham além da cor da pele?) com um negro brasileiro, tratado até hoje num modelo que herdamos da escravatura, que muitas vezes não tem o que comer ou que, quando educado, não possui um instrumento para se inserir no mercado de trabalho com perspectivas de sucesso? Seria a cor da pele o elemento identitário? Por que os militantes do Boko Aran tornam-se sanguinários, assassinos sádicos de inocentes e crianças, enquanto a maioria dos negros brasileiros se submetem, tornam-se doces, gentis, de forma a despertar afeto, mas não respeito?

Há pouco tempo, li algo escrito por uma psicanalista que admiro por sua formação, pelo que já escreveu e por sua postura ética que, para proteger seu filho negro, ela de fato necessitava se fundir com ele, e que interpretar a fusão, no caso, era uma atitude intrinsecamente racista. Para mim, há um grande equívoco aqui. Fundir-se com alguém é eliminar a identidade deste outro, que deixa de sê-lo. É o contrário da proteção que uma mãe deve oferecer a seu filho.

A fusão seria, a meu ver, uma atitude que guarda certa semelhança com o racismo, que ignora, elimina, assassina a identidade de um diferente, seja pela cor da pele, religião, *status* social etc.

Em suma, neste espaço que me é generosamente oferecido, não posso abusar e finalizo dizendo que a questão da pólis no campo da psicanálise deve ser tratada como uma interrogação, como uma problemática a ser equacionada, antes de tentarmos respondê-la psicanaliticamente.

Virginia Ungar

Entendo que a pergunta parte do conceito de pólis em referência às cidades-estados da Grécia Antiga, o que poderia hoje ser tomado como metáfora de um ordenamento que fixa as condições para a convivência entre os seres humanos.

Historicamente, a pólis grega determinava exclusões contundentes em relação a liberdades e direitos. Os cidadãos – filhos de pais atenienses, homens, adultos, prósperos – tinham a possibilidade de participar de modo direto do desenho das regras da vida comum. Isso fazia da cidadania uma condição que excluía estrangeiros, mulheres, escravos e metecos.

Apesar do caráter excludente da cidadania, esta noção continuou sendo chave na tradição republicana, assentada sobre uma concepção da política como âmbito em que os homens podem e devem buscar conjuntamente o bem-estar.

Como pensar esse conceito no âmbito das sociedades complexas de nosso presente? Como seria possível chegar a acordos consensuais sobre o bem comum? Do intelectual crítico ao analista cidadão, observamos um salto que qualifica a nova posição do analista na pólis. A psicanálise está inserida no mundo e em sua época, em sua aposta no sujeito e no laço social.

O sistema capitalista, com o seu compromisso com a globalização, procurou homogeneizar as cidades e colocou o foco na procura e na obtenção de objetos de consumo. Convida os profissionais de saúde mental a “consertar as falhas” e, de alguma forma, a “fazer calar o sintoma” e a inserir aqueles que não se adaptam à norma educativa.

Os psicanalistas não respondem a essa pressão. A psicanálise implica, além de uma teoria e uma prática, também uma maneira de estar no mundo. Não é apenas uma visão ou uma escuta, mas abarca toda a vida de um analista (e não me refiro a posições ideológicas nem a opiniões); implica uma posição ética e um compromisso inelutáveis.

Idioma original

4. ¿Cuál es la comprensión de la posición del analista en la polis? ¿Qué efectos y despliegues tiene la polis sobre la escucha y la práctica clínicas?

Entiendo que la pregunta comprende el concepto de polis en referencia a las ciudades-estado de la antigua Grecia y que podría hoy ser tomado como metáfora del ordenamiento que fija las condiciones para la convivencia entre los seres humanos.

Históricamente, la polis griega determinaba exclusiones contundentes en relación a libertades y derechos. Los ciudadanos -hijos de padres atenienses, varones, adultos, prósperos- tenían la posibilidad de participar de modo directo del trazado de las reglas de la vida en común. Esto hacía de la ciudadanía una condición que excluía a extranjeros, mujeres, esclavos y metecos.

A pesar del carácter excluyente de la ciudadanía, esta noción continuó siendo clave en la tradición republicana, asentada sobre una concepción de la política como ámbito en el que los hombres pueden y deben buscar conjuntamente su bienestar.

¿Cómo pensar este concepto en el marco de sociedades complejas de nuestro presente? ¿Cómo sería posible lograr acuerdos concertados sobre el bien común?

Del intelectual crítico al analista ciudadano, observamos un salto que califica la nueva posición del analista en la polis. El Psicoanálisis está inserto en el mundo y en su época, en su apuesta al sujeto y al lazo social.

El sistema capitalista con su apuesta a la globalización ha buscado la homogeneización de las ciudades y ha ubicado el eje en buscar y conseguir el objeto de consumo. Convoca a los profesionales de la salud mental a “arreglar lo que falla” y de alguna manera a “callar el síntoma”, a lograr insertar al que no se adapta a la norma educativa.

Los psicoanalistas no respondemos a esa presión. El Psicoanálisis implica además de una teoría y una práctica, una manera de estar en el mundo. No es solo una visión o una escucha, toma toda la vida de un analista y no me refiero a posiciones ideológicas ni a opiniones, implica una ética y una toma de compromiso ineludibles.

Referências

- Beauvoir, S. (2016). *El segundo sexo*. Buenos Aires: Penguin Random House. (Original publicado em 1949.)
- Damasio, A. (2018). *A estranha ordem das coisas. As origens biológicas dos sentimentos e da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1932.)
- Ferenczi, S. (1991). Sobre a história do movimento psicanalítico. In S. Ferenczi, *Psicanálise I*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1911.)
- Ferenczi, S. (1992a). Elasticidade da técnica psicanalítica. In S. Ferenczi, *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1928.)
- Ferenczi, S. (1992b). Análise de crianças com adultos. In S. Ferenczi, *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1931.)
- Ferenczi, S. (1992c). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In S. Ferenczi, *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1933.)
- Ferenczi, S. & Rank, O. (2022) *Metas do desenvolvimento da psicanálise: sobre a interação da teoria e da prática*. São Paulo: Quina. (Original publicado em 1924.)
- Freud, S. (1980a). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Original escrito em 1929 e publicado em 1930.)
- Freud, S. (1980b). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1937.)
- Freud, S. (2017). Lembrar, repetir, perlaborar. In S. Freud, *Fundamentos da clínica psicanalítica* (C. Dornbusch, trad., Obras incompletas de Sigmund Freud, Vol. 6). Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Original publicado em 1914.)
- Han, B.-C. (2017). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Heimann, P. (1950). On countertransference. *International Journal of Psycho-Analysis*, 31: 81-84.
- Jullien, F. (1998). *Tratado da eficácia*. São Paulo: editora 34.
- Kupermann, D. (2017). O quarto golpe e a virtude freudiana. In D. Kupermann (Org.), *Por que Freud hoje?* São Paulo: Zagodoni.
- Kupermann, D. (2020). *Transferências cruzadas: uma história da psicanálise e suas instituições*. São Paulo: Zagodoni.
- Kupermann, D. (2022). *Por que Ferenczi?* (2ª edição). São Paulo: Zagodoni.
- Kupermann, D.; Brancaleoni, A. P.; Moreira, L. E. V. & Hentz, R. (Orgs.). (2022). *Psicanálise: pesquisa e intervenção*. São Paulo: Zagodoni.
- Mascarenhas, E. (1982). Aquele que deixou de ser sem nunca ter sido ou a psicologia de classe média dos psicanalistas. In O. Cerqueira Filho (Org.), *Crise na psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal.

- Meltzer, D. (1996). El proceso psicoanalítico. Buenos Aires: Ediciones Hormé. (Original publicado em 1968.)
- Meltzer, D. (1997). Hacia un sistema de taller. Buenos Aires: Editorial Spatia. (Original publicado em 1971.)
- Roudinesco, E. (2000). *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Roudinesco, E. (2022). *O eu soberano: ensaio sobre as derivas identitárias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Viereck, G. S. & Souza, P. C. (2020). O valor da vida (Uma entrevista rara de Freud). *Ide*, 42(69): 11-15. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v42n69/v42n69a02.pdf>
-

Daniel Kupermann

danielkupermann@gmail.com

Elias Mallet da Rocha Barros

erbarro@terra.com.br

Virginia Ungar

virginiaungar@gmail.com

Tradução: Maria Izabel Varella

Varellabel@gmail.com

Correspondência

Conversa epistolar: caos e vida¹

Fernanda Marinho²

Mariano Horenstein³

Córdoba, 9 de agosto de 2022.

Querida Fernanda,

Me toca -me dicen las editoras de *TRIEB*- comenzar este diálogo epistolar. Suerte del jugador visitante, quizás, a quien se le concede esa ventaja. Pues en torno a un tema tan amplio como el del “psicoanalista”, son muchos los ángulos posibles, y elegir uno para comenzar a conversar quizás sea un privilegio inmerecido.

Así que siéntete en libertad para reenfocar el tema como te parezca, y veremos qué sale de este antiguo género -el epistolar- que tantas maravillas ha producido y que hoy parece relegado en medio del tráfico infernal de imágenes, posteos y mensajes limitados a 140 caracteres, por no hablar de la lluvia de emoticones que reducen la riqueza de nuestras lenguas a mera pictografía.

Basta darle una mirada a la correspondencia de Freud -la liminar con Fliess, pero también la que sostuvo con Einstein o su futura mujer, con Jung, Weiss o el pastor Pfister- para conocer la riqueza potencial de un intercambio que remeda por escrito la libertad de la asociación libre, y a la vez permite la morosidad necesaria para que las ideas decanten. Sin pretender compararnos,

1. A correspondência entre os autores foi realizada nos seus respectivos idiomas. Por essa razão optamos por apresentar primeiro a versão na língua original e a seguir a tradução para o português.

2. Médica, psiquiatra, psicanalista. Membro Efetivo com funções específicas do Instituto de Formação Psicanalítica da Sociedade Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), ex-presidente da SBPRJ, ex-diretora do Instituto de Formação Psicanalítica da SBPRJ, coordenadora do curso sobre a obra de Wilfred R. Bion do Instituto da SBPRJ.

3. Psicanalista, Membro Titular com funções didáticas da Associação Psicoanalítica de Córdoba.

conversemos por escrito acerca de esta figura de la que no hay que perder de vista su novedad: la del psicoanalista.

Digo su novedad porque hasta Freud no existía un personaje así, hoy en día parte del paisaje urbano en las grandes ciudades occidentales. Había, sí, chamanes, hechiceros, hipnotizadores, magnetizadores, terapeutas, curanderos y una serie de personajes que tomaron sobre sí lo que podríamos llamar “cura por la palabra”, pero no psicoanalistas. Ése es un invento moderno, creo, tal como lo es -según pensaba Lacan al menos- el surgimiento de un tipo de lazo social novedoso, el llamado “discurso del psicoanalista”.

Por otra parte, hay poblaciones donde jamás se ha visto un psicoanalista. Pensar en términos geográficos a nuestro oficio -no me gusta decir “profesión”- permite imaginar su difusión hacia regiones donde aún no se ha asentado. Pensarlo en términos históricos nos hace conscientes de que, así como la figura del analista no existió hasta cierto momento, podría también dejar de existir.

Eso quizás le agrega cierta urgencia a nuestra conversación, pues practicamos un oficio frágil, que trabaja sobre una materia frágil -el inconsciente-, y no tiene garantizada su supervivencia. Dependerá, al menos en parte, de cómo actuemos cada uno de nosotros y nuestras instituciones, de cómo reinventemos al psicoanálisis en términos contemporáneos, si merecerá o no ser parte del futuro, si evitaremos convertir al de psicoanalista en uno más en la larga lista de oficios que desaparecieron como el de sastre, relojero, colchonero o deshollinador.

No me imagino que a abogados o médicos o ingenieros se les invite a pensar acerca de su oficio, profesiones que parecieran no requerir explicación. Nuestro trabajo en cambio, precisa ser explicado y fundamentado cada vez (lo cual no es tarea sencilla cuando estamos frente a legos). Al mismo tiempo, se me ocurre, quizás esto no sea una desventaja sino una fortaleza.

No tener garantizada la supervivencia deja un espacio enorme para de-searla, nos impide anquilosarnos, nos devuelve a los psicoanalistas una relación con el riesgo, convierte nuestro trabajo en apuesta. Quizás este intercambio sea una muestra de ello.

Afectuosamente,
Mariano

Tradução

Córdoba, 9 de agosto de 2022.

Querida Fernanda,

Cabe a mim, dizem as editoras da *TRIEB*, iniciar este diálogo epistolar. Sorte do jogador visitante, talvez, a quem se lhe concede esta vantagem. Pois, diante de um tema tão amplo como o do “psicanalista”, são muitos os ângulos possíveis, e escolher um para começar a conversar talvez seja um privilégio não merecido.

Sendo assim, sinta-se à vontade para dar um novo enfoque ao tema, caso lhe pareça necessário, e veremos o que conseguimos com esse antigo gênero – o epistolar – que tantas maravilhas produziu e que parece hoje relegado, abandonado em meio ao tráfego infernal de imagens, postagens e mensagens limitadas a 140 caracteres, para não falar da chuva de emoticons que reduzem a riqueza de nossas línguas a mera pictografia.

Basta dar uma olhada na correspondência de Freud – a liminar com Fliess, mas também a que manteve com Einstein ou sua futura mulher, com Jung, Weiss ou o pastor Pfister – para conhecer a riqueza potencial de um intercâmbio que reproduz, por escrito, a liberdade da associação livre, e, ao mesmo tempo, permite a morosidade necessária para que as ideias decantem. Sem pretendermos nos comparar, conversemos por escrito acerca dessa figura sobre a qual não se pode perder de vista a sua novidade: a figura do psicanalista.

Digo sua novidade porque até Freud não existia um personagem assim, hoje em dia parte da paisagem urbana nas grandes cidades ocidentais. Havia, sim, xamãs, feiticeiros, hipnotizadores, magnetizadores, terapeutas, curandeiros, e uma série de personagens que tomaram para si o que poderíamos chamar de “cura pela palavra”, mas não psicanalistas. Essa é uma invenção moderna, creio, tal como é – segundo pensava ao menos Lacan – o surgimento de um tipo de um novo laço social, o chamado “discurso do psicanalista”.

Por outro lado, há lugares onde jamais se viu um psicanalista. Pensar o nosso ofício – não gosto de dizer “profissão” – em termos geográficos permite imaginar a sua difusão para regiões onde ainda não está assentado. Pensar em termos históricos nos torna conscientes de que, assim como a figura do analista não existiu até certo momento, poderia também deixar de existir.

É possível que isso confira certa urgência à nossa conversa, pois praticamos um ofício frágil, que trabalha sobre uma matéria frágil – o inconsciente – e não tem garantida a sua sobrevivência. Dependerá, ao menos em parte,

da nossa atuação individual e de nossas instituições, de como reinventaremos a psicanálise em termos contemporâneos, se merecerá ou não fazer parte do futuro, se evitaremos transformar o psicanalista em mais um de uma longa lista de ofícios que desapareceram, como o do alfaiate, relojoeiro, colchoeiro ou limpador de chaminés.

Não supponho que advogados ou médicos ou engenheiros sejam convidados a refletir sobre o seu ofício, profissões que pareceriam não requerer explicações. Nosso trabalho, diferentemente, precisa ser explicado e fundamentado a cada vez (o que não é tarefa simples quando estamos diante de leigos). Ao mesmo tempo, ocorre-me que talvez isso não seja uma desvantagem, mas uma força.

Não contar com a sobrevivência garantida abre um espaço enorme para desejá-la, impede a estagnação, oferece a nós, psicanalistas, uma relação com o risco, converte o nosso trabalho em aposta. Este intercâmbio possivelmente é uma amostra disso.

Afetuosamente,
Mariano

Rio de Janeiro, 31 de agosto de 2022.

Querido Mariano,

Fico feliz que lhe tenha sido concedido o privilégio de dar início a essa troca epistolar, só não sei se é uma vantagem, justamente pela amplitude do tema e os infinitos vértices de abordagem, que nos exigem uma escolha, sempre difícil pela liberdade e risco que implica. O que, por sua vez, nos remete à condição de seres sós e dependentes que somos, mas nem sempre queremos ou podemos admitir, buscando todos os meios ao alcance para evadir-nos da realidade. Pois o psicanalista nos lança nessa arena, e em muitas outras, cercando as possíveis saídas, aparentemente em espaço claustrofóbico, mas que, ao contrário, é libertador pelo senso de verdade que evoca. A verdade é o alimento da alma, incognoscível, mas imprescindível! E penso que esse é um dos fatores que exige e nutre a existência do psicanalista.

Passo já à interrogação que você nos faz: conseguiremos evitar que o psicanalista passe a integrar a lista de ofícios que desapareceram? Podemos observar que os ofícios listados são todos passíveis de extinção pelo avanço tecnológico; diríamos o mesmo em relação ao psicanalista? E não só ao psicanalista, mas àqueles que exercem atividades afins e de ancestralidade reconhecida, como os citados por você, xamãs, curandeiros e outros, que partilham conosco elementos fundamentais na “cura pela palavra”: por exemplo, a consideração de um mundo simbólico de representação, apontando para a concepção de um universo manifesto e seu significado latente, e a relação com uma figura constante sugerindo o laço transferencial, ainda que assim não nomeado?

Você evoca a ausência de garantia como algo que propicia o espaço para o desejo e, portanto, algo que nos move em direção ao novo, ao imprevisível, ao inesperado; em direção não só à sobrevida, mas à vida! E esta é um desvio do repouso, do mesmo, da inércia; é movimento, é trabalho, opera mudanças; não somos os mesmos psicanalistas da época de Freud; estamos imersos em uma cultura e não podemos pretender falar de um lugar externo a ela, não somos o ‘olho de Deus’, mas podemos e devemos seguir a tradição de Freud de críticos da cultura. Ouvi de Luiz Áquila, artista plástico, quando conversávamos sobre a ‘crise da Psicanálise’, que, assim como a Arte, a Psicanálise andava na contramão da cultura vigente, pois que esta está voltada para resultados, enquanto a Psicanálise e a Arte são processos, os resultados são subsidiários. Mais uma vez a Psicanálise e a Arte se encontram, pois também a arte nos alimenta com a verdade, toca a fundo a nossa realidade psíquica, nos diria o velho Freud.

Creio que uma grande mudança que observamos no universo psicanalítico, fruto dos tempos atuais, é o retorno à atitude de reconhecimento dos laços sociais que nos constituem, algo a que Freud sempre foi fiel e que, surpreendentemente ou não, perdeu-se nos meandros da dramática história do século XX. Creio que disso poderá depender a nossa sobrevivência, quiçá, a sobrevivência da espécie!

Um afetuoso abraço,
Fernanda

Córdoba, 26 de septiembre de 2022.

Querida Fernanda,

Leo tu carta y me sorprende el tono melancólico que infiltra desde el inicio este intercambio, quizás influido por el contenido -la figura siempre en riesgo del psicoanalista- pero también por el medio en que conversamos, el epistolar. No me preocupa, pues hay toda una tradición que evita pensar la melancolía en términos de psicopatología, imaginándola como una forma de lucidez, de cercanía al carácter efímero de nuestras existencias.

Tú convocas la fraternidad contracorriente entre arte y psicoanálisis, y no puedo estar más de acuerdo en eso. Siempre me ha parecido más fértil pensar al psicoanálisis del lado del arte que desde la ciencia, no siendo sin embargo ni ciencia ni arte, sino un extraño y singular saber de frontera. Pensar nuestro trabajo en términos de artesanía clínica siempre me resulta estimulante.

Tanto al arte como al psicoanálisis se les ha profetizado el fin, y ambos gozan de buena salud aún. Ambos son oficios que suceden al borde de un abismo, siempre frágiles, y al mismo tiempo lúcidos, ambos siempre algo incómodos con esa faceta de práctica liberal, burguesa, que ambos oficios también comparten.

Como dices, el nuestro es un oficio marcado desde su origen freudiano como pensamiento crítico, lo que implica una exigencia ética, y la necesidad de sospechar cuando el psicoanálisis coquetea con el poder. No por nada en esa invención propuesta por Lacan para pensar los lazos sociales, sus cuatro discursos, el Discurso del Analista es el reverso exacto del Discurso del Amo.

Hay ahí un punto candente para pensar, en torno a cuál es el lugar del psicoanalista en sociedades como las nuestras, injustas, enfrentadas, pasionales, divididas, siempre al borde del colapso, del enfrentamiento o la disgregación. Imagino que ambos coincidimos en que la neutralidad analítica ha sido demasiado a menudo pensada como coartada para no involucrarnos en la vida pública, para no emitir opinión, para disimular a veces un conformismo que no está a la altura de lo que nuestro oficio requiere. Cómo intervenir, cuándo y de qué modo hacerlo *en tanto analistas* -más allá de lo que cada uno quiera o pueda hacer en tanto ciudadano- es algo más delicado y difícil de discernir.

Siempre recuerdo algo que decía Roberto Bolaño⁴ En una época -cuenta Bolaño en relación a los escritores, pero creo que se aplica bien a los análisis-

4. Escritor de culto chileno – 1953-2003. Ganador do Prêmio Rómulo Gallegos por seu romance *Os Detetives Selvagens*.

tas- los escritores provenían de cierta aristocracia económica o intelectual, que arriesgaban todo lo que tenían –prestigio, dinero, reconocimiento- para abrazar una disciplina peligrosa. Ésa es la historia de muchos de los iniciadores. Luego, algo se invirtió y la literatura –el psicoanálisis, diríamos nosotros- se convirtió en una práctica que prometía algún lustre o bienestar económico a jóvenes de clase media con aspiraciones de ascenso social. En el medio, algo del espíritu de aventura, de la avidez por el descubrimiento y la disposición a correr riesgos se perdió.

Entonces no estaría mal, para capear el temporal de la crisis y renovar nuestra disciplina diciendo cosas que importen, recostarnos menos en el costado profesional del análisis y recuperar algo de aquel espíritu de los pioneros.

Te mando un fuerte abrazo,
Mariano

Tradução

Córdoba, 26 de setembro de 2022.

Querida Fernanda,

Leio a sua carta e me surpreende o tom melancólico que rega desde o início este intercâmbio, talvez influenciado pelo conteúdo – a figura sempre em risco do psicanalista – mas também pelo meio que utilizamos para conversar, o epistolar. Não me preocupa, pois há toda uma tradição que evita pensar a melancolia em termos de psicopatologia, imaginando-a como uma forma de lucidez, de aproximação ao caráter efêmero de nossas existências.

Você convoca a fraternidade contracorrente entre a arte e a psicanálise, e não poderia estar mais de acordo com isso. Sempre me parece mais fértil pensar a psicanálise do lado da arte que a partir da ciência, não sendo, entretanto, nem ciência nem arte, mas um estranho e singular saber da fronteira. Pensar nosso trabalho em termos do artesanato clínico sempre me parece estimulante.

Tanto a arte como a psicanálise foram profetizadas com um fim, e ambas gozam ainda de boa saúde. Ambas são ofícios que ocorrem à beira de um abismo, sempre frágeis, e, ao mesmo tempo, lúcidas, ambas sempre de alguma forma incômodas com essa faceta de prática liberal, burguesa, que ambos os ofícios também compartilham.

Como você diz, o nosso é um ofício marcado desde a sua origem freudiana como pensamento crítico, o que implica uma exigência ética, e a necessidade de suspeitar quando a psicanálise paquera o poder. Não é à toa que na conceitualização proposta por Lacan para pensar os laços sociais – seus quatro discursos – o Discurso do Analista é o reverso exato do Discurso do Mestre.

Chegamos aqui a um ponto crucial para pensar sobre qual é o lugar do psicanalista em sociedades como as nossas, injustas, desafiadas, passionais, divididas, sempre à beira do colapso, do enfrentamento ou da desagregação. Imagino que ambos concordamos que a neutralidade analítica tem sido com bastante frequência pensada como alibi para não nos comprometermos com a vida pública, para não emitirmos opinião, para dissimular às vezes um conformismo que não está à altura do que o nosso ofício requer. Como intervir, quando e de que modo o fazer como analistas – mais além do que cada um queira ou possa fazer como cidadão – é algo mais delicado e difícil de discernir.

Sempre lembro de algo que dizia Roberto Bolaño. Em uma época, conta Bolaño – referindo-se aos escritores, mas creio que se aplica bem aos analistas

– os escritores vinham de uma certa aristocracia econômica ou intelectual, que arriscavam tudo o que tinham – prestígio, dinheiro, reconhecimento – para abraçar uma disciplina perigosa. Essa é a história de muitos dos pioneiros. Logo, algo se inverteu e a literatura – a psicanálise, diríamos nós – se converteu em uma prática que prometia algum verniz ou bem-estar econômico a jovens da classe média com aspirações de ascensão social. No meio do caminho, algo do espírito de aventura, da avidez pelas descobertas e pela disposição a correr riscos se perdeu.

Então, não seria má ideia, para enfrentar o temporal da crise e renovar a nossa disciplina dizendo coisas que tenham importância, nos acomodarmos menos no lado profissional da psicanálise e recuperarmos algo daquele espírito dos pioneiros.

Te envio um forte abraço,
Mariano

Rio de Janeiro, 21 de novembro de 2022.

Caro Mariano,

Logo ao início de sua resposta à minha carta, aponta um certo grau de melancolia que estaria presente em nossa correspondência, mas não a destituindo de vigor vital, e sim aproximando-a do reconhecimento audaz das impressões transientes que pautam a realidade de nossas vidas.

Creio que, justamente, um outro fator que talvez esteja no âmago desse humor ‘melancólico’, de forma paradoxal, seja aquilo que não passa, insiste em se manter como força inercial, atuante, efetiva, presente, contra toda possibilidade de desenvolvimento, contra o que implique na vivência de mudança catastrófica para o crescimento. Observemos, apesar de todos os esforços civilizatórios empreendidos, os traços de barbárie que se mantêm em nossas organizações sociais; não só na América Latina, mas em todo o mundo – a desigualdade, a fome, a guerra, a indústria de armamentos, a ameaça nuclear!

Você evoca o perigo do psicanalista ser engolido pelo *Establishment*, perdendo assim o aspecto subversivo, revolucionário que define a função psicanalítica e, desde sempre, a psicanálise – a busca do conforto material, na tentativa de substituição ao constante desassossego em que necessariamente somos lançados quando nos equilibramos na brecha, nos aventuramos na falha, na falta, na incompletude, para, por um momento, alcançarmos a sensação de segurança e, logo, nova oscilação, perda, inquietude, desconhecido, novo movimento de integração, criatividade, crescimento, vida! E prazer, prazer pela liberdade de livre trânsito consciente-inconsciente, expansão do universo psíquico, pela emergência do outro que nos inaugura como sujeitos singulares e autônomos e, especialmente, dá lugar a vínculos fraternos e fecundos. Foi-se a melancolia, ainda que aquela ligada à efemeridade de nossas vivências; tem lugar a *Fé*, fé intransitiva, sem objeto – como no romance de nosso grande modernista Mário de Andrade: *Amar, verbo intransitivo*. Sim, porque só tendo como matriz o amor, podemos admitir o crescimento fecundo, criativo, e não a multiplicação quantitativa estéril.

Você interroga sobre a neutralidade do psicanalista, questiona o argumento utilizado para justificar o afastamento dos psicanalistas e das instituições psicanalíticas dos temas sociais e da cultura, tão caros a Freud! Há, creio eu, um profundo mal-entendido a esse respeito, com origem em questões históricas, mas que se perpetuou, a meu ver, por interesses políticos, para atender a determinadas ideologias elitistas dominantes.

A neutralidade proposta por Freud consiste na capacidade de abster-se, na capacidade negativa; segundo Bion, abster-se de memória, desejo, entendimento e sensorio, dando lugar ao 'ato de Fé'; Fé, não em deuses ou demônios, mas na verdade, na realidade última, inapreensível. Por isso mesmo, opõe-se à crença, esta, sim, capaz de ferir a neutralidade analítica.

Nós, analistas, somos seres políticos e, como tal, seres sociais, com formação e prática pautadas pelo humanismo, e, assim, por determinados valores que enraízam a psicanálise: a liberdade, a diversidade, a equidade são alguns deles. Valores estes que implicam em formas justas de organização da sociedade. Acho, portanto, que temos muito a contribuir e a nos enriquecer, se ousamos abrir-nos para reflexões que nos tirem do conforto do familiar, não só do consultório, mas do conhecido, do igual, do estabelecido; que nos lancem ao desconhecido, ao que teima em se manter apartado de nosso psiquismo; se ousamos a curiosidade, e, como você propõe, desprendemo-nos das amarras de um pretense porto seguro para a aventura da psicanálise, a verdadeira psicanálise, voltada para a vida.

Um grande e afetuoso abraço,
Fernanda

Lisboa, 24 de diciembre de 2022.

Querida Fernanda,

Nuestro intercambio se va revelando tan contrario a la instantaneidad que la época parece reclamar... quizás, sin ser conscientes de ello, nos empeñamos en darle a estos correos electrónicos el carácter, el tono moroso de las viejas cartas que iban por vía aérea de un mundo a otro... no puedo pensar en otra razón para la demora que nos lleva responder...

Por esos azares de la vida y el tiempo que llevan nuestros correos en ir y volver, me encuentro en Lisboa ahora, inmerso en la lengua portuguesa, y en la melancolía que traes de nuevo a colación. Escribo en mi notebook y acabo de perder -por un desperfecto del sistema operativo, al parecer- un par de horas de trabajo para un artículo... Me enfurezco un poco, claro, hasta que caigo en la cuenta que solo lo que es capaz de perderse vale la pena. La melancolía, con su afán en aferrar lo perdido sin soltarlo, nos lo recuerda.

Coincido en que, contra toda cursilería, contra toda ceguera imaginaria que siempre se cierne sobre ese término tan meneado -el amor-, contra su ímpetu que es capaz de hacer creer que no hay pérdida alguna al amar, solo el amor salva. Sería impensable un análisis que no sea al mismo tiempo -transferencia mediante- una experiencia amorosa. Y un análisis se revelaría infértil si no tuviera como efecto, como precipitado, una aprehensión amorosa del mundo. Siempre y cuando ese amor, fuerza centrípeta, le haga lugar a esa otra fuerza centrífuga, capaz de desbaratarlo todo, incluso al amor mismo ...me refiero a la del deseo. Pues el amor siempre tiene algo de espejismo y donde creemos dar algo, damos aquello que nos falta; y en quien creemos encontrar lo que nos desvela, al poco andar se revela otra cosa, alguien que huirá de cualquier ideal para aparecer en tanto otro.

Donde el amor amalgama, el deseo apunta al *ágalma*, eso que los griegos adivinaban como objeto misterioso, oculto, que propiciaba los movimientos más insensatos en los amantes. En tanto analistas, somos objetos amados y receptáculos agalmáticos, y lo que nos enlaza con nuestra tarea tiene también algo de amoroso y de deseante (encuentro esa tensión entre amor y deseo más interesante y fértil que la que existe entre Eros y Tánatos, esa antinomia siempre tan cercana a descarrilar hacia la psicología...).

Un psicoanalista precisa abstenerse (en los sentidos que tú recortas muy bien), pero no abstenerse de desear...es más: es alguien habitado por un deseo particular, inoxidable, más importante que cualquier deseo que tenga como

persona, ese deseo que -desde la ausencia misma, recusando cualquier ideal- apunta a la diferencia misma, a hacer de cada quien que se recuesta en su diván alguien único.

...

En medio de mis reflexiones desordenadas, caigo en la cuenta de que hasta el mismo título que aparece en el “asunto” de nuestros correos (“Correspondência **TRIEB**”) engaña ...pues si hay algo claro en nuestra especie es que *no* hay correspondencia alguna, nada encaja del todo... y aun así, ahí vamos.

...

Ahora que voy a apretar la tecla que hará que, como en manos de un viejo cartero, este correo te sea entregado, ya no estoy oyendo portugués en Lisboa. He seguido viajando... un viaje largo y amoroso, el primero de cierto calibre luego del virus que nos hizo imaginar que todo lo que los viajes nos ofrecen podía perderse para siempre. En torno al Mediterráneo, al que rodeo en mi viaje, he caído en cuenta -aún más que antes- que los lugares que importan son los lugares ausentes. Cientos de fieles católicos -faltan horas apenas para la Nochebuena- rinden homenaje a una tumba vacía en Jerusalén, como estaba vacío el Sanctasanctorum del Templo judío, y lo está el Muro a donde los creyentes llegan a lamentarse. Cautiva de esa barbarie a la que aludes, nuestra especie se destroza por lugares, a menudo no por lo que tienen esos lugares sino por la ausencia que los habita.

Entre nosotros, por suerte, esa ausencia se convierte en ingeniería deseante. Un psicoanalista quizás sea una especie de mago -los magos también juegan siempre con la ausencia, con la idea de que las cosas pueden desaparecer- que enseña a hacer un buen uso de la ausencia, que la aprovecha transferencialmente para catapultar a sus analizantes a una vida más amorosa y deseante.

Seguimos... cuando y desde donde se pueda...

Fuerte abrazo y lo mejor para el 2023!

Mariano

Tradução

Lisboa, 24 de dezembro de 2022.

Querida Fernanda,

Nossa troca vai se revelando tão contrária à instantaneidade que a época parece impor... talvez, sem sermos conscientes disso, empenhamo-nos a dar a essa correspondência eletrônica o caráter, o tom moroso das velhas cartas que iam por via aérea de um mundo a outro... não consigo pensar em outra razão para a demora que levamos para responder...

Por esses caprichos da vida e pelo tempo que nossos e-mails levam para ir e voltar, me encontro agora em Lisboa, imerso na língua portuguesa, e na melancolia que de novo você traz à tona. Escrevo em meu notebook e acabo de perder – devido a um defeito do sistema operacional, ao que parece – algumas horas de trabalho para um artigo... enfureço-me um pouco, claro, até que me dou conta de que só vale a pena o que se pode perder. A melancolia, em seu afã de agarrar o perdido sem soltá-lo, não se lembra disso.

Concordo que, contra toda cafonice, contra toda cegueira imaginária que sempre cerca esse termo tão empregado – o amor –, contra todo o seu ímpeto capaz de fazer crer que não há perda alguma ao amar, só o amor salva. Seria impensável a análise que não fosse ao mesmo tempo – por meio da transferência – uma experiência amorosa. E a análise revelar-se-ia infértil se não tivesse como efeito, como um precipitado, uma apreensão amorosa do mundo. Desde que esse amor, força centrípeta, dê lugar a essa outra força centrífuga, capaz de perturbar tudo, inclusive o próprio amor... refiro-me à do desejo. Pois o amor sempre tem algo de miragem e, onde pensamos dar algo, damos aquilo que nos falta; e, em quem acreditamos encontrar o que se nos revela, logo algo mais é revelado, alguém que fugirá de qualquer ideal para, em seguida, aparecer outro.

Onde o amor amalgama, o desejo aponta para o ágalma, isso que os gregos adivinhavam como objeto misterioso, oculto, que propiciava os movimentos mais insensatos nos amantes. Enquanto analistas, somos objetos amados e receptáculo agalmáticos, e o que nos liga à nossa tarefa tem também algo de amoroso e desejanter (considero essa tensão entre amor e desejo mais interessante e fértil do que aquela que existe entre Eros e Tãtatos, essa antinomia sempre tão perto de descarrilhar para a psicologia.

Um psicanalista precisa abster-se (nos sentidos que você precisa muito bem), mas não se abster de desejar... mais ainda: é alguém habitado por um

desejo particular, inoxidável, mais importante do que qualquer desejo que tenha enquanto pessoa, esse desejo que – a partir da ausência mesma, recusando qualquer ideal – aponta para a diferença mesma, que faz de cada um que se recosta em seu divã alguém único.

...

Em meio às minhas reflexões desordenadas, me dou conta de que até mesmo o título que aparece no “Assunto” de nossos e-mails (“Correspondência TRIEB) é enganoso... pois se há algo claro em nossa espécie é que não há correspondência alguma, nada encaixa de todo... e, ainda assim, sim, seguimos.

Agora que vou apertar a tecla que fará com que, como nas mãos de um velho carteiro, este e-mail lhe seja entregue, não estou mais ouvindo português em Lisboa. Segui viagem... uma longa e amorosa viagem, a primeira de certo porte desde o vírus que nos fez imaginar que tudo o que as viagens oferecem poderia ser perdido para sempre. Em torno do Mediterrâneo, que rodeio em minha viagem, me dei conta – ainda mais do que antes – de que os lugares que importam são os lugares ausentes. Centenas de fiéis católicos – faltam poucas horas para a Véspera de Natal – rendem homenagem a uma tumba vazia em Jerusalém, como estava vazio o Sanctum Sanctorum do Templo judeu, e como o está o Muro aonde os fiéis vão para lamentar-se. Cativa dessa barbárie a que você alude, nossa espécie se destrói por lugares, muitas vezes não pelo que esses lugares têm, mas pela ausência que os habita.

Conosco, por sorte, essa ausência se transforma em engenharia desejante. Um psicanalista talvez seja uma espécie de mágico – os mágicos também jogam sempre com a ausência, com a ideia de que as coisas podem desaparecer – que ensina a fazer bom uso da ausência, que a aproveita transferencialmente para catapultar seus analisandos rumo a uma vida mais amorosa e desejante.

Seguimos... quando e onde pudermos...

Forte abraço, e o melhor para 2023!

Mariano

Rio de Janeiro, 9 de janeiro de 2023.

Querido Mariano,

Suas primeiras palavras nos remetem à atemporalidade do inconsciente e à expressão nostálgica de nossos desejos.

Não há dúvida de que a nostalgia facilmente nos captura: até muito recentemente o entorno familiar se surpreendia com as minhas idas ao correio para a compra de selos. Cartas eram a forma que encontrara e mantinha para matar a saudade e trazer ainda junto a mim duas pessoas queridas, que estiveram presentes muito próxima, ativa e intimamente por longo tempo em meu lar. Acho que algo da satisfação sensorial do manuseio do papel, da abertura ou fechamento do envelope, da forma da letra, singular e única, aguçava os sentidos da presença, dando um sabor de genuíno encontro. Para nós, analistas, importam os fenômenos não sensoriais, e por isso precisamos abster-nos da sensorialidade – só assim poderemos ouvir o grito em um sussurro, ou ver a palidez em um rubor. Talvez por isso, nesses tempos de análise virtual, sintamos que carecemos da presença para a nossa prática: talvez a sensorialidade presencial seja uma das condições para a sustentação da não sensorialidade do vértice psicanalítico. Talvez seja abstenção em demasia o que a virtualidade nos impõe, e acabemos por encontrar outras vias de escape que comprometem a função psicanalítica. São ideias que me ocorreram, nesse momento mesmo, em assunto muito novo e ainda desconhecido...

Compreendo a sua fúria momentânea, despertada pela perda, mas que, penso, logo encontra o alvo inimigo nesses instrumentos tecnológicos que não dominamos, que nos soam estranhos, adquirindo qualidades anímicas ameaçadoras e, a um só tempo, familiares. Lembrou-me um conto de Julio Cortázar, que nos põe de pronto, em descrição vívida e contundente, frente a um personagem envolvido em luta desesperada com um suéter que tenta vestir, quando este adquire vida própria, escapando a suas tentativas infrutíferas de domínio. Mas você logo volta à dimensão da perda, resgatando a capacidade criativa, esse movimento contínuo, em espiral, entre caos e integração, que permite o surgimento do novo. E que define a atitude mental do psicanalista em sua função analítica.

Você aponta justamente para a falta como motor das relações humanas, onde se pode contrastar amor e desejo, necessários e complementares.

Ocorrem-me os vínculos definidos por Bion⁵, L, H e K (siglas derivadas de love – amor; hate – ódio; e knowledge – conhecimento), que constituiriam o núcleo da transferência, a função psicanalítica se dando sob a égide do vínculo K. Conhecimento, não como posse do saber, mas como disposição emocional de vir a conhecer, sempre voltada para o novo, o desconhecido, aquilo que falta; e tendo como fatores L e H, a capacidade para o amor e para o ódio. Ao falar de capacidade para o amor, acresceria capacidade para a verdade e a compaixão.

Creio que poderíamos pensar, em analogia à Fé - tal como referi em carta anterior -, o desejo do analista como verbo intransitivo. Parafraseando Mário de Andrade, “Desejar, verbo intransitivo”, sem objeto, pura abertura para a emergência do desejo do outro, para o outro como ser desejan-te!

A falta, ou frustração, é o que move o pensar. Precisamos visceralmente do encontro, mas, também, do desencontro que há em todo encontro. Como você diz, não há correspondência absoluta entre o desejo e a satisfação: há sempre um resto, algo insaturado que impulsiona a vida mental, a criatividade.

Assim como a nossa ‘correspondência’, deixando sempre a desejar...

Curioso, expressão esta, em geral, de cunho depreciativo, mas que ganha neste momento um contorno auspicioso, arauto de novos caminhos e possibilidades!

Feliz 2023!

Um grande e afetuoso abraço,

Fernanda

Tradução de Tomás Brena Sertã

Tomas.serta@gmail.com

Fernanda Marinho

fernandamarinho@gmail.com

Mariano Horenstein

mmhorenstein@gmail.com

Artigos temáticos

Formação psicanalítica com fim e sem fim. Transmissão, formação e falta.

Bernard Chervet¹

RESUMO A transmissão da psicanálise combina um trabalho do psiquismo referente a um ideal de funcionamento e a uma aculturação que inclui a formação psicanalítica propriamente dita e uma abertura à cultura. Toda formação é um lugar de transferência de autoridade, mas também de tendências negativas que têm consequências sobre nossa capacidade de nos tornarmos e continuarmos analistas, bem como sobre os funcionamentos institucionais. As cisões das sociedades de psicanálise são frequentemente associadas à formação de psicanalistas, qualquer que seja o modelo de formação. Uma ética psicanalítica fundada sobre um masoquismo de abstinência, que se opõe às tendências redutoras e extintivas é, assim, transmitida. Não há analista que possa se tornar e permanecer analista sozinho; mas não há analista que o seja somente por meio da instituição. As oscilações entre o Super-eu individual e o Super-eu cultural, entre as regressões das sessões e aquelas próprias a outras cenas da vida fora da sessão fundam a possibilidade de tornar-se e manter-se analista.

PALAVRAS-CHAVE: análise pessoal; identificação; regressividade extintiva; imperativo de inscrição; *après-coup*.

Considerações iniciais

Por que as cisões das sociedades de psicanálise são tão frequentemente associadas à questão da formação psicanalítica, qualquer que seja o modelo de formação utilizado (quer seja dominado por uma liberdade que apelaria às exigên-

1. Psicanalista, membro titular formador e ex-presidente da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), Secretário Científico do Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa (CPLF), membro do Conselho da Associação Psicanalítica Internacional (IPA).

cias de cada um, ou por um programa portador de uma exigência coletiva de ensino)? A formação de psicanalistas é um lugar de transferência ocupado por forças intensas de grandes consequências sobre as instituições psicanalíticas. A transmissão da psicanálise combina, por um lado, uma realização do psiquismo e, por outro, uma infinita aculturação, que inclui a formação propriamente dita.

Implicam-se a análise pessoal, as reminiscências históricas dos aprendizados da infância, a sensibilidade individual ao inconsciente, a capacidade de produzir formações do inconsciente e de interpretá-las, a identificação ao funcionamento analítico de outros analistas suportes da transferência de autoridade, as confrontações interanalíticas, o ensino do funcionamento psíquico e de suas modalidades de trabalho, a frequência repetitiva da realidade clínica, a abertura a outras disciplinas, a experiência masoquista da gravidade da vida encarnada na maturidade, a vida pessoal, assim como a vida íntima e erógena.

Esta lista faz-nos recordar da existência de certas tendências inconscientes a reduzir nossas capacidades psíquicas e nossa identidade de analista. Elas devem ser levadas em consideração na formação, a fim de que delas se faça um objeto de conhecimento, e a fim de fazê-las responder à exigência psíquica de serem utilizadas em proveito da atividade mental. Transmite-se, assim, pela formação, uma ética psicanalítica fundada sobre o masoquismo de funcionamento. Não há analista que possa se tornar e permanecer analista sozinho; mas não há analista que o seja somente por meio da instituição. As oscilações entre o Super-eu individual e o Super-eu cultural, entre as regressões nas sessões e aquelas próprias a outras cenas fora da sessão fundam a possibilidade de tornar-se e voltar a tornar-se analista de modo intermitente.

Este texto propõe algumas reflexões sobre a formação psicanalítica e a transmissão da psicanálise. Aborda a questão da formação psicanalítica com e sem fim, evocando a este título o texto de Sigmund Freud de 1937, *Análise terminável e interminável* (1937/2010a).

Classicamente, a formação psicanalítica repousa sobre um tripé formado pela análise pessoal, a supervisão e o ensino das concepções psicanalíticas. A transmissão inclui um quarto eixo: uma ética, que encontra sua razão de ser no fato de que a psique é o lugar de atrações regressivas que tendem à extinção, às quais deve corresponder um imperativo de inscrição; ética que articula nossa profissão às outras cenas da vida, como à do sono-despertar e à da vida erógena.

O primeiro eixo da formação, a análise pessoal, é uma condição indispensável, mas não suficiente. Ela tem como objetivo o acesso a um funcionamento psíquico ideal, referente à resolução do complexo de Édipo. Esse funcionamen-

to pode ser considerado conquistado quando alcança uma configuração dinâmica e oscilatória entre uma atividade regrediente e uma outra, progrediente, entre um funcionamento diurno e outro noturno, e, no seio do funcionamento diurno, entre o trabalho e o erótico. Tal configuração realiza-se em dois tempos, segundo o processo do *après-coup*. Este último cria uma aparente continuidade, graças a uma ligação de sobredeterminação entre o latente e o manifesto, ali onde existe uma descontinuidade intrapsíquica entre as pulsões e as inscrições.

O segundo e o terceiro eixos dizem respeito à formação psicanalítica propriamente dita. Envolvem a questão da transferência de autoridade e de identificação, mas também questões referentes à prática analítica, à frequência da clínica, aos modelos de formação, à supervisão, ao ensino dos funcionamentos psíquicos, à aquisição do *savoir-faire* e do saber, e, também, à abertura a uma cultura geral infinita.

Enfim, o último aspecto da formação concerne à transmissão e à ética. Ele é dissimulado pelos dois precedentes, por sua vez dominados pelo desenvolvimento da identidade de analista e pelo aumento do aprendizado da análise e da cultura de cada analista em formação. Esse tempo promissor dissimula, como durante nossa juventude, um fator restritivo implicado na transmissão e que se manifesta por um questionamento sobre o que se torna resistência: como se pode continuar analista ao longo da vida, depois de se ter completado a formação? Essa delicada questão se atualiza no grande número de eventos que os psicanalistas organizam e dos quais participam, quantitativo que nos dá a pensar. Trata-se de retomar a transferência de autoridade por meio de um compartilhamento interanalítico, isto é, de levar em consideração a existência de tendências redutoras ativas no seio de nossa identidade de analistas, mas também de negá-las, e as suas consequências – como as restrições progressivas, as cronificações institucionais, as crises e cisões, as idealizações e as propensões à designação de personagens carismáticos.

Não somos analistas 24h por dia, e nossa função se beneficia de articular-se a outras experiências de vida, particularmente à experiência masoquista da gravidade da vida, encarnada na maturidade, mas também à experiência da vida pessoal e, claro, da vida íntima e erógena.

A formação psicanalítica encontra suas origens nas experiências traumáticas oriundas de tais tendências redutoras. Ela combina dois níveis. Primeiro, a instalação de um funcionamento psíquico ideal que possa ser qualificado como alcançado, o que não exclui sua vulnerabilidade, e que requer uma identificação com os processos psíquicos de um outro, graças ao qual as vivências traumá-

ticas poderão ser transformadas em experiências de falta. Este primeiro plano é enriquecido por uma aculturação sem fim, alcançada por meio de identificações às capacidades e aos conhecimentos de outras pessoas – saber e *savoir-faire* que são infinitos.

A psicanálise pessoal e o funcionamento psíquico ideal

As crises e as cisões das sociedades de psicanálise são frequentemente associadas à questão da formação psicanalítica, qualquer que seja o modelo de formação utilizado, quer seja dominado por uma liberdade que apele às exigências próprias de cada um, ou por um programa de ensino que institua essa exigência.

A formação de psicanalistas é um espaço de transferência ocupado por forças intensas de grandes consequências. Felizmente, os atos de destruição não são o único efeito de transferência a animar a formação; um outro, mais feliz, é a reflexão sobre a formação em si mesma. Segue-se daí um apelo a um compartilhamento coletivo, mas, sobretudo, a uma retomada da mentalização individual.

Tal dimensão transferencial é repleta de reminiscências e lembranças relativas à vida escolar infantil de cada um. Há uma analogia entre o passado e o atual. Toda analogia, como aquelas envolvidas no sonho, repousa sobre conteúdos inconscientes, e o fio condutor inconsciente é o terceiro tema a fundar a analogia. A interpretação desse terceiro elemento introduz uma quarta dimensão, a da terceiridade. A elaboração que leva à interpretação funciona como terceiro. Na formação, é o jogo entre a transferência de autoridade e a sedução do apelo identificatório que está no centro dessas analogias. Essa transferência refere-se à diferença de gerações, isto é, às diferenças entre aqueles que ensinam e os que aprendem, e que se reduz àquela entre os que são abastados e os que são desprovidos.

A transmissão combina, assim, uma dupla diferença, tal como a diferença dos sexos. No caso desta última, trata-se da diferença entre dois tangíveis, o masculino e o feminino, e entre o tangível e a falta. Toda diferença introduz uma relação com a falta, que implica um efeito traumático; daí a teoria sexual infantil, que procura responder a esse efeito, por exemplo, afirmando que há na menina uma falta, e que essa falta foi produzida por um ato de castração; o que é evidentemente falso, já que a menina é completa enquanto menina, mas que é igualmente verdadeiro, pela perspectiva de que ela de fato não possui um pênis. A teoria antitraumática propõe, assim, toda uma sorte de causalidades na origem do terceiro fantasma originário etiológico: ela foi castrada pelo pai,

ela perdeu o pênis, ele é invisível, crescerá mais tarde etc. As analogias com a formação são facilitadas na medida em que esse tema reenvia, ele mesmo, ao segundo tempo da sexualidade humana, a puberdade.

Em toda formação, há então um mestre que deve saber e desejar transmitir o que sabe a um outro, e um aluno que deve desejar aprender. Trata-se do encontro de duas entidades tangíveis, o mestre e o aluno, e de dois desejos. Mas esta diferença positiva é acompanhada do efeito traumático produzido pela outra diferença, entre o abastado e o desprovido, entre o pequeno e o grande. Instalam-se todo tipo de teoria e de paixões entre o mestre e o aluno, baseadas nas experiências de falta. Esta parábola fez escorrer muita tinta, dada a intensidade introduzida pelo efeito traumático transformado em um efeito de sedução entre o grande e o pequeno. Tal sedução pode ter efeitos desorganizadores ou, ao contrário, estimuladores de um acontecimento, quando convoca a vontade de apropriação na origem de uma identificação com o saber do mestre.

A dinâmica da formação e da transmissão é, assim, instalada sobre um fundo traumático inerente a todas as diferenças, que emanam tanto das percepções sensoriais do mundo externo, como das endopercepções originadas no interior de nosso psiquismo. Tal como nas fobias, elas se transpõem sobre o mundo externo, a fim de que se transformem em medos mais fáceis de serem geridos. As duas faces entrelaçam-se.

As crises institucionais que envolvem a formação dos psicanalistas são, portanto, movidas por esse efeito traumático inerente às diferenças transpostas-transferidas sobre a situação de formação, e mascaram as dinâmicas fóbicas, e, portanto, edipianas, das quais ela é objeto. Ser analisado não é suficiente para impedir tais dinâmicas e suas consequências – não porque a análise individual não seria suficiente, mas por conta das regressões à psicologia coletiva e de massa própria aos grupos. A análise individual não é uma vacina contra esses efeitos. Ela permite o acesso a um funcionamento singular mais elaborado, mas não a um funcionamento que escape à regressão implicada no contato com a realidade dos grupos. A idealização transferencial faz parte dessa tendência a regredir para alguma psicologia de grupo.

Estas observações fazem-nos recordar de uma pequena frase de Freud, em que afirma que educar e governar, assim como psicanalisar, são ofícios impossíveis. Os desafios edipianos da eliminação das restrições, o assassinato do pai, são facilmente transpostos para o mestre, assim como são atualizadas as ligações edipianas secretas, mantidas com aquele que deve ser capaz de fornecer o conhecimento e cultivar seu aluno. Reconhece-se aqui a clínica

dos fracassos escolares, mas também a dos bebês sábios, na qual o sucesso escolar não constitui uma aquisição, mas se apoia sobre uma idealização e uma comunidade de negação.

A questão do “terminável e interminável” abre-se em três temas: o terminado, o não terminado e o interminável. Foi abordada por Freud a respeito do tratamento psicanalítico. Resulta de seu reconhecimento da resistência de reconhecer as resistências implicadas no seio de toda vida psíquica; resistências que levam todo analista e todo paciente a confrontar-se com a dificuldade de levar um tratamento a seu termo. Freud denominou essa resistência de “recusa do feminino” e a qualificou como o rochedo biológico. É assim que certos aspectos do psiquismo estariam radicalmente inacessíveis à psicanálise. A sensibilidade ao inconsciente prova ser o desafio desta recusa, desta impossibilidade de abandonar uma resistência em proveito de uma dinâmica sensível que aceite as experiências de falta. Tal negação das diferenças serve para reprimir o trabalho psíquico na origem das experiências de falta. Apresentam-se então inibições de certos processos psíquicos, donde a incapacidade de se chegar a uma solução consolidada do complexo de Édipo.

Esta questão da resolução é essencial, pois envolve o futuro Super-eu, assim como os imperativos que o instalam. O Super-eu é o garantidor de diversas modalidades de trabalho que o psiquismo deve realizar. Se ele é herdeiro do complexo de Édipo, seu advento depende de imperativos que o precedem. Suas formas incoativas são orientadas pelo objetivo que devem alcançar, isto é, a referida resolução. A partir de então, esses imperativos e as futuras funções do Super-eu tornam-se os objetos de atenção na sessão. A solução que Freud propõe no artigo que se segue imediatamente ao *Análise terminável e interminável, Construções em análise* (Freud, 1937/2010b), dá-nos a pensar: o que falta a um paciente, o analista deve construir. A convicção deve, assim, preencher a função atribuída habitualmente à memória. Essa resposta deixa em suspenso a capacidade de um paciente apropriar-se da construção do analista e de conceder-lhe convicção. Um analista não pode criar os processos de um paciente.

É possível vislumbrar uma analogia, a respeito dessa questão do terminável e do interminável, entre o tratamento e a situação de formação? A avaliação do funcionamento psíquico ocorre no momento de seleção dos candidatos. Teoricamente, trata-se de avaliar o funcionamento psíquico do candidato e compará-lo a um funcionamento mental ideal, que serve como referência para um grupo de formadores reunidos em um instituto de formação. Há, no entanto, entre eles vários referenciais que entram em conflito. Os conflitos intrainsti-

tucionais envolvem distintas concepções do funcionamento psíquico ideal. O efeito traumático dessas diferenças encontra sua fonte na diferença de seus próprios funcionamentos psíquicos.

Em certos modelos, a avaliação é feita quando a análise pessoal já está muito avançada; em outros, trata-se de avaliar o potencial de uma personalidade para tornar-se capaz de alcançar um funcionamento ideal através da análise. Em ambos os casos, uma aposta!

Existe um funcionamento mental que possa ser considerado como tendo atingido um grau ideal de desenvolvimento e que possa ser considerado como acabado? Trata-se do funcionamento alcançado pelo luto dos objetos edipianos, um luto que se realiza na presença dos seus objetos. A renúncia à satisfação de tais investimentos sexuais com os objetos-suporte de identificação é essencial. Mas o psiquismo resiste e recorre a todo tipo de estratégias para evitar essa renúncia – o psiquismo está sempre pronto para inventar escapatórias. Esse luto é muito específico, uma vez que se realiza na presença dos objetos; na verdade, graças à intermitência de suas presenças-ausências. Tal especificidade deve ser levada em consideração na reflexão sobre os limites dos tratamentos à distância. O luto em presença permite que, ao longo da vida, realizem-se lutos pela perda definitiva dos objetos.

Essa renúncia instala o Super-eu e funda a estrutura do psiquismo, que se completa na adolescência. Dessexualiza uma parte das pulsões e a transforma em libido narcísica, enquanto a outra parte se torna o desejo objetual, direcionado aos objetos do mundo. Essa realização estabelece um processo em dois tempos: o *après-coup* e o funcionamento oscilatório, regrediente-progrediente, que o caracteriza. Trata-se de um processo vulnerável; tem o valor de uma conclusão sob a forma de uma dinâmica incessante.

A objetividade é a capacidade de investir os objetos externos e de poder regressar, sem se desorganizar, ao narcisismo noturno e ao prazer erótico. Uma conclusão do psiquismo instala, assim, uma dinâmica infinita do pensamento, que não cessa de seguir uma tal oscilação.

Todo futuro analista deve se aproximar desse funcionamento ideal por meio de uma análise pessoal. Esse dever é uma das condições essenciais para tornar-se psicanalista, qualquer que seja o modelo de formação utilizado; a outra, é seguir uma formação em um dos institutos geridos por uma organização psicanalítica, conforme padrões precisos e rigorosos, e que ofereçam, ao mesmo tempo, certo grau de flexibilidade. Daí o interesse pela existência de diversos modelos de formação, todos eles ligados aos parâmetros discutidos pela IPA e

pelas sociedades que a compõem, e definidos em códigos de procedimento e regras estatutárias evolutivas.

A obrigação de fazer uma análise pessoal (por vezes chamada análise didática ou de formação) é tão importante que foi denominada como segunda regra fundamental da psicanálise. A primeira, que orienta a tudo dizer em sessão, é de fato a única verdadeira regra analítica. As outras decorrem dela. Outra instrução é, por vezes, denominada terceira regra: aquela segundo a qual cabe ao analista não utilizar a transferência para seus próprios fins, não sucumbir à tentação “de exercer face ao doente o papel de um profeta, de um salvador de almas, de um messias” (Freud, 1923/1991, s.p.). Trata-se da regra de abstinência no sentido amplo do termo. Essa determinação aplica-se a todos os tratamentos e, portanto, também às análises ditas de formação, em que é mais difícil respeitá-la.

A formulação mais precisa da regra analítica, que dispensa a necessidade de enunciar outras, foi expressa por Freud no *Compêndio de psicanálise* (Freud, 1940[1938]/2010c): sinceridade total *versus* estrita discricção. Para poder ser efetiva, é preciso que o analista tenha feito uma análise pessoal. Essa regra prescreve a livre associação e a atenção flutuante, bem como a ética psicanalítica, isto é, o imperativo de realizar um trabalho psíquico regrediente-progrediente, visando à regeneração de um primado de desejo disponível ao mundo.

A formação propriamente dita

A identificação ao funcionamento analítico de um outro

A sedução oriunda do efeito traumático ligado à diferença entre os dois protagonistas pode dar lugar a uma identificação que tem sua fonte na avidéz carnibal por apropriar-se do saber de um, do qual o outro se sente desprovido. Combinam-se a transferência de autoridade, a sedução, a avidéz e a exigência de renunciar à satisfação das moções pulsionais em proveito das aquisições. A realização do psiquismo e as aquisições por identificação conjugam-se em toda formação, como se conjugaram na idade da razão². Este período foi ocupado pela resolução da dinâmica edipiana e por uma inibição quanto ao objetivo, por uma renúncia às satisfações imediatas, em proveito de uma aculturação

2. N.R.: “l’âge de raison” [a idade da razão] se refere ao período de calma emocional aparente entre dois períodos de crise, i.e., entre o fim da primeira infância e antes da adolescência, quando a criança resolve seu complexo edipiano e, apaziguada em seu plano emocional, pode se voltar para o mundo exterior e desenvolver seu pensamento racional – algo equivalente ao período de latência.

própria ao período de latência. Essa identificação a um ou a alguns psicanalistas formadores diz respeito à aquisição de um *savoir-faire* (as supervisões) e a uma aculturação, que se abre em duas direções: para uma cultura específica, a psicanálise, e para a cultura geral.

Mas, se o analista formador pode favorecer uma identificação desse tipo, ele não pode criá-la. Nenhum programa de formação pode criar as transferências de autoridade ou de identificação favoráveis às aquisições. E quanto mais prescritivo for o programa, mais arrisca produzir o efeito inverso. No entanto, um programa que ofereça mais distância tampouco pode garantir a atualização dessa transferência e o surgimento dessa identificação. Isso depende, antes, do analista em formação. Frequentemente, a transferência de autoridade se desenvolve sem que a pessoa que serve de suporte o saiba, qualquer que seja o protocolo do programa de formação.

O único trabalho possível consiste em disponibilizar no decorrer do tratamento, as reminiscências históricas relativas à aprendizagem infantil, na qual estão envolvidas as transferências de autoridade. Esse processo se repete no curso da análise e ao longo da vida. Trata-se de liberar o conflito entre o ódio contra a cultura e a utilização desse ódio em benefício da aculturação.

Outra qualidade está implicada no trabalho do analista, uma sensibilidade individual ao inconsciente, que varia muito de um indivíduo a outro, assim como de um momento a outro, e que pode ser considerada como um dom, ou pelo menos como um talento para ouvir as lógicas do inconsciente envolvidas nos eventos da vida e no discurso associativo dos pacientes. Para tornar-se psicanalista, essa sensibilidade envolve também a capacidade de produzir formações do inconsciente, tais como sonhos, pensamentos incidentais, figuras imagéticas, teorias infantis, experiências emocionais e de expressá-los através de conteúdos que lhes correspondam. A sensibilidade ao inconsciente só pode ser envolvida na arte de interpretação se for conjugada à capacidade de ligar ao código linguageiro os movimentos inconscientes, que são heterogêneos a toda linguagem, e de exprimir esses pensamentos irracionais por meio da interpretação.

Tal sensibilidade ao inconsciente do outro e ao próprio não pode ser aprendida nem ensinada. Ela pode se desenvolver e melhorar com a análise pessoal e pelo contato regular e repetitivo com a clínica. O exercício da psicanálise exige, então, uma prática clínica e um desenvolvimento concomitante dessa reflexividade, ou seja, uma escuta de seu próprio inconsciente na presença de um outro investido; exige, assim, o reconhecimento da contratransferência.

As capacidades de interpretar nascem da propensão interpretativa do pensamento que a análise pessoal pôde tornar mais disponível, da necessidade de produzir teorias causais infantis a fim de responder às experiências traumáticas despertadas pelo contato com toda alteridade. Essa capacidade também depende da cultura psicanalítica adquirida durante os estudos anteriores e durante a formação psicanalítica, da frequência do irracional e da capacidade de permanecer em contato com a incoerência.

A transferência de autoridade é indispensável para que ocorra a identificação com o funcionamento psíquico de um outro, no caso, de um psicanalista. Trata-se da aquisição de uma identidade de analista por uma identificação à capacidade analítica de outros psicanalistas. A escolha dos objetos de identificação é, evidentemente, sobredeterminada para cada um.

A identificação mais essencial no curso do tratamento, aquela fundadora dos processos psíquicos e de sua utilização como analista, prolonga-se por identificações às capacidades dos veteranos e dos mestres, por meio das supervisões, dos seminários, dos grupos de trabalho, dos colóquios e congressos etc. Essa atividade de verticalização é acompanhada também de uma identificação horizontal, fraterna, com os outros analistas. Conjugadas, permitem um trabalho de grupo e trocas interanalíticas frutíferas.

Não há escuta psicanalítica sem que haja, para além de um pensamento teorizante, uma bagagem metapsicológica que permita ter em conta os mecanismos envolvidos no trabalho do sonho, no trabalho de sessão e, globalmente, no funcionamento psíquico. A escuta psicanalítica é cheia de um saber em latência.

Acrescentemos a isso a necessidade do psiquismo de dispor de material cultural. Cada um encontrará esse material no mundo à sua volta, de acordo com suas próprias preferências, seus centros de interesse, sua curiosidade, sua capacidade de se surpreender. Essa abertura às outras disciplinas tem por função alimentar o armazém de acessórios do pré-consciente e de facilitar o trabalho que o psiquismo deve realizar. Essa necessidade psíquica permite a cada analista cultivar-se ao longo de toda sua vida. A transposição de disciplinas tem também uma função psíquica. Todas as realidades do mundo e as criações humanas podem ser eleitas como objetos de transposição de elementos inconscientes que nelas se reconhecem, e que delas se servem para fabricar metáforas substitutivas, enquanto permanecem inconscientes. Essa etapa de transposição e de metaforização funda o animismo de nosso pensamento. Freud assim utilizou a química, a cirurgia, a antropologia, a filosofia, a linguística, a mitologia e as artes, mas também a biologia, a sociologia, a história, a religião, a astrologia,

as ciências ocultas etc. Atualmente, a neurofisiologia, a física quântica, a biologia são os objetos de predileção das transposições grupais. Tais desvios a realidades tangíveis constituem o método pelo qual a metapsicologia é elaborada, fazem parte da epistemologia do pensamento psicanalítico.

Os modelos de formação: princípios e protocolos

Existem atualmente três modelos de formação utilizados pelos institutos para cumprir sua missão de formar psicanalistas: o Eitingon, o Francês, e o Uruguaio. Convém distinguir brevemente os princípios que os animam e seus protocolos concretos. Estes protocolos geralmente foram instalados sob a influência de circunstâncias conjunturais, e não a partir de reflexões teóricas, que vieram apenas em um segundo momento.

O modelo de Eitingon é o primeiro modelo de formação, criado por Eitingon, entre 1920 e 1925, na clínica psicanalítica de Berlim, inaugurada em 1920. Também em Berlim foi criado o primeiro instituto de formação de psicanalistas por Eitingon, antes de emigrar para a Palestina e fundar a Sociedade Psicanalítica da Palestina (1933), que se tornou, depois de 1948, Sociedade de Psicanálise de Israel.

A contextualização da criação do modelo de Eitingon exigiria que se mergulhasse na história da Alemanha e de suas relações com a Áustria e, evidentemente, na história da psicanálise, dentro da história do século XX. Disso temos um breve resumo em *A questão da análise leiga* (Freud, 1926/1994). Freud, em sua defesa da análise leiga, refere-se claramente à necessidade de cuidar para que não se legisle em excesso, compreendendo que esse excesso acarretaria uma perda de autoridade das leis estabelecidas; daí também o risco de criar condições favoráveis a transgressões. Esse pensamento sobre as leis forma uma dialética entre os benefícios daquilo que podemos chamar de quadro definido pelo legislador, e uma prática que se desenvolve espontaneamente em nível grupal; um equilíbrio difícil entre as vantagens e os inconvenientes de cada posição. O dilema sustentado por Freud nesse texto, sob a forma de uma dialética com um gentil personagem imaginário, encontra-se atualmente em todas as nossas discussões sobre os princípios dos modelos de formação (Kernberg, 1996, 2002, 2016).

Um dos modelos prioriza uma organização institucional que prescreve a análise e impõe um programa e exigências, dentro dos quais os analistas em formação devem desenvolver seu talento e encontrar sua liberdade.

O outro modelo dá prioridade ao desejo de ser analista, aos impulsos individuais quanto à vontade de tornar-se analista, e esses desejos devem fazer uso da instituição para se realizarem. O analista em formação faz, então, seu programa com o que a instituição coloca à sua disposição, mas também com o que ele encontra fora dela.

Encontramos aqui o conflito entre as lógicas históricas e as obsessivas, entre a precessão de um desejo sobre a organização do eu, e a valorização das instituições do eu que devem gerir o desejo; conflito entre uma pulsionalidade que teria curso livre e não levaria a nada, e uma processualidade que controlaria as pulsões e impediria o advento de toda novidade. É claro que este esquematismo serve apenas à nossa reflexão e desenha duas idealizações. No primeiro caso, considera-se uma instituição ideal apta a garantir uma evolução baseada em um conservadorismo; no segundo, um desejo individual ideal apto a superar as limitações institucionais e a garantir uma generatividade singular. O Super-eu individual e coletivo deverão potencializar-se um ao outro.

É assim que o modelo Eitingon colocou em primeiro plano, na gestão institucional, a demanda por tornar-se psicanalista. A resposta concerne tanto ao fato de se fazer uma análise como ao ensino. A análise individual é então qualificada como análise de formação, e a progressão do ensino pode envolver o analista em maior ou menor grau. Essa ingerência recebeu o nome de *Reporting* e foi objeto de muitos conflitos, na medida em que as condições já não eram mais aquelas dos pioneiros, e que o princípio da discricção, tal como inscrito na regra fundamental, foi teorizado. Lembremos que Eitingon fez apenas algumas semanas de análise com Freud em 1907, durante caminhadas vespertinas.

A ligação de um instituto a uma clínica permitiu que talentosos candidatos, que não possuíam os meios financeiros, acessem à profissão de analista, e que pacientes lhes fossem encaminhados pela clínica-instituto. Elementos de clientelismo e leis do mercado infiltraram-se, então, na formação.

O modelo francês nasceu em um contexto totalmente diferente (Chervet, 2019). Certamente, os parâmetros precedentes estavam então em latência, mas é o período pós-segunda guerra mundial que está na origem de seu protocolo. A vontade de colocar o desejo em primeiro plano foi apoiada pelas circunstâncias do *baby-boom*.

O princípio de separação das funções, ou seja, de uma análise pessoal que precedesse a formação, só surgiu nos anos 1960 e esteve na origem deste novo modelo, promovendo uma rigorosa separação entre a análise e os cursos de formação.

A anterioridade da análise individual reconhece implicitamente a existência de psicopatologias privadas que devem ser modificadas antes de qualquer seleção para se começar uma formação. “Somos todos antigos doentes” é uma formulação de humildade, mas também reconhecimento de uma experiência íntima, a da psicopatologia, e de sua evolução favorável graças à análise. No melhor dos casos, somos gratos a nossas análises por terem nos permitido que nos aproximássemos do funcionamento psíquico ideal de referência, abordado anteriormente. Uma parte do tratamento ocorre, então, antes de qualquer compromisso com a formação. O desejo de tornar-se psicanalista pode já existir desde o início, mas pode também ser modificado, e aparecer no curso da análise.

O princípio consiste, então, em criar uma vedação entre o tratamento individual e a formação, e respeitar a estrita discricção exigida pela regra fundamental. O analista não intervém de nenhuma maneira no curso da formação. Esta começa muitos anos depois do início da análise e depende de uma seleção realizada por uma comissão da qual o analista pessoal jamais faz parte.

Sublinhemos o caso contemporâneo de uma análise que continua quando o paciente se torna um analista em formação, ou mesmo membro, e que sua transferência sobre a instituição à qual pertence alimenta suas associações na sessão. É o que recomenda o modelo uruguaio. As configurações psíquicas solicitadas e transpostas para os grupos, as mentalidades de grupo e as psicologias de massa, tornam-se então material de análise. Isto pode ajudar o analista em formação ou o membro a melhor gerir sua participação nas dinâmicas grupais, mas não impede que as tendências a investir num funcionamento regressivo, no contato da entidade de grupo, continuem existindo. Apenas a oscilação individualidade-grupo permite que não nos alienemos de bem gerir essa participação.

O protocolo do modelo francês nasce em um contexto conjuntural preciso, o do *baby-boom*. A prática da psicanálise foi oficialmente introduzida na França em 1920 por Eugénie Sokolnicka, quando o pensamento de Freud já era conhecido em diversas disciplinas. Antes da segunda guerra mundial, o modelo de formação utilizado pela Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP) era o de Eitingon. Depois da segunda guerra mundial, a SPP, totalmente dissolvida entre 1938 e 1945, se reorganiza. As regras concernentes à prática da psicanálise permanecem as mesmas que as adotadas antes da guerra. Mas entra em jogo um novo parâmetro concreto: uma forte demanda de análise e de formação. O *baby-boom* do pós-guerra, conjugado ao número restrito de analistas didatas, levanta de maneira pragmática a questão do ensino da psicanálise e da formação de novos analistas, assim como a questão da organização de um instituto de for-

mação, incluindo-se as escolhas que isto implicava, entre certo número de alternativas: independência ou aproximação da universidade, modalidades práticas do curso de formação referida à formação médica, à perspectiva terapêutica ou à cultura etc. Essa grande procura esteve na origem da prática da psicanálise em quatro sessões, ao invés de cinco, e das análises didáticas em três sessões por semana, de quarenta e cinco minutos cada uma, ao invés de uma hora. Tais critérios são então estendidos às supervisões individuais. Pelas mesmas razões, cria-se a fórmula das supervisões coletivas. O objetivo premente: formar um número máximo de analistas em um lapso temporal mais curto; responder à demanda do mercado e reconstruir a SPP e a presença da psicanálise na França. Foi nesse contexto que Lacan promoveu sessões curtas, diferentemente de sua introdução da técnica da escansão.

Tais ajustes são negociados com a IPA, que os aceita, provavelmente de maneira temporária. Assim, surge o protocolo do modelo francês por motivos pragmáticos, e não por razões teóricas. Como pano de fundo dessas modificações, há a devastação da guerra, o desaparecimento da SPP, a esperança de reaver o tempo perdido, e, claro, a morte de Freud, cujo luto foi mascarado pelos tormentos da guerra.

Em 1953, sob a égide de Marie Bonaparte, tem início o projeto de organizar o Instituto de Psicanálise de Paris. Importantes conflitos entre Daniel Lagache e Sacha Nacht levaram à cisão da SPP de 1953. Essa cisão não é consequência das três sessões por semana, das sessões curtas, nem da técnica da escansão, tal como praticada por Lacan. Daniel Lagache era professor universitário e propôs um programa próximo dos modelos universitários, enquanto Sacha Nacht queria, ao contrário, um instituto independente, que promovesse outro modelo, considerado medicalizado demais por seus oponentes, mas apoiado por Marie Bonaparte, porque mais especificamente psicanalítico.

As razões oficiais das demissões e da cisão são, portanto, critérios de formação, em uma guerra entre diversos modelos (universitário, médico ou centrado nas supervisões). Não se trata de um conflito entre o modelo Eitingon e o modelo francês. A disputa entre modelos, deixada em segundo plano, retornará com a questão da durabilidade variável das sessões, defendida por Lacan, e com a questão da escansão, mas não por conta do número de sessões.

Em 1964, a Sociedade Psicanalítica da França, oriunda da cisão de 1953, sofre uma nova cisão devido à escansão. A Associação Psicanalítica da França (APF) é, então, fundada e adota os critérios de formação e prática da IPA. Mas, em 1971, a APF abole a análise didática ou análise de formação; e, em 1994, a

SPP abole, para os que buscavam tornar-se psicanalistas, o dever de fazer análise com um analista didata-formador. É o *tout-divan*. Toda procura por formação da parte de uma pessoa que tenha passado por uma análise pessoal com um membro da IPA é então examinada. É o funcionamento psíquico do candidato que passa a ser o centro da avaliação e da seleção, assim como sua capacidade de utilizar sua experiência analítica pessoal para praticar a análise.

Essa evolução se realiza em nome do princípio maior do modelo francês, o fato de que existe apenas uma análise, a análise pessoal, e que uma estrita vedação entre a análise pessoal e a formação deve ser respeitada. Esse princípio vai se estender ao conjunto da formação com uma recomendação de limitar as interferências entre o analista pessoal e seu paciente-candidato no seio da formação.

Paralelamente, a reflexão sobre a formação continuou dentro e fora das sociedades oficiais, e deu origem a várias propostas, como a “quarta análise”, ligada à supervisão promovida dentro de uma nova organização, o quarto grupo; e como o “passe” promovido por Lacan na Causa Freudiana.

Em 2004, quando Daniel Widlöcher presidia a IPA, o modelo dos tratamentos psicanalíticos utilizado pelos institutos de formação da SPP e da APF foi reconhecido oficialmente pela IPA como uma forma válida de conduzir as análises e a formação.

Seu protocolo esquemático é o seguinte: um mínimo de três sessões por semana; dispositivo divã-poltrona; duração fixa das sessões de, no mínimo, 45 minutos; pagamento assegurado pelo analisando; tudo em um espaço protegido das variações das incitações oriundas da percepção sensorial, em proveito da enunciação linguageira de tudo que se apresenta à consciência do analisando, tanto os conteúdos verbais incidentais, como as imagens oníricas, os afetos e as sensações corporais. Sublinhemos que esse protocolo não está inscrito nos textos de procedimentos da IPA, o que confirma que o protocolo é evolutivo e que o que mais o especifica é seu princípio de separação das funções. Esse princípio articula duas asserções: a análise é um assunto pessoal, daí a liberdade de escolha do analista; a separação das funções e a liberdade são os critérios que fundam o princípio do modelo francês.

A liberdade diz respeito à escolha do analista, dos supervisores, dos seminários, dos grupos de trabalho, dos colóquios; mas também à liberdade do analista de aceitar a demanda de análise de um paciente e de recebê-lo em três ou quatro sessões por semana; finalmente, refere-se também à liberdade da instituição de aceitar ou recusar um candidato, o que remete aos critérios de seleção baseados nessa identificação com o modo de pensamento regressivo sensí-

vel ao inconsciente; e à liberdade dos institutos de organizar seu programa de formação, seminários, grupos de trabalho, supervisões individuais e coletivas.

Essa liberdade também diz respeito à definição do momento em que um candidato pode pedir para ser admitido em um instituto, a fim de iniciar sua formação. Claro que essa liberdade não se confunde com ausência de rigor e incentivo, pelo contrário, mas o incentivo apela ao sentimento de responsabilidade do candidato e ao seu desejo de aprender, à sua curiosidade, ao processo identificatório implicado em suas escolhas, à sua transferência de autoridade e à sua capacidade de utilizá-los para aprender sua profissão, e não para manter idealizações.

O princípio de separação de funções tem consequências. É necessária uma *ética da discricção* por parte do analista do candidato, o que se estende também à formação – particularmente às supervisões que, por meio da contratransferência, envolvem a análise pessoal do candidato. Essa limitação de interferências também tem como razão de ser a prevenção contra a mentalidade de grupo.

São necessários vários anos de análise pessoal (ao menos três) antes de se iniciar a formação. Há alguns anos, na França, sem que isso estivesse escrito nos textos sobre a seleção dos candidatos, aconselhava-se apenas apresentar-se à formação depois de ter concluído a análise pessoal e de possuir uma prática privada. Hoje, frequentemente a análise pessoal continua durante a formação, o que permite que as associações sobre a formação se tornem material de sessão. O que não é simples, mas preferível a um isolamento. Deste ponto de vista, os três modelos mantêm pontos de contato mais numerosos do que o que frequentemente se diz; tanto que a separação de funções é cada vez mais respeitada pelos institutos que adotaram o modelo Eitingon, desde a supressão do *reporting*. No modelo Eitingon, contudo, o acesso à análise pessoal, a formação em grande medida programada e as supervisões continuam mais entrelaçadas do que no modelo francês.

Permanecer analista ou como utilizar as tendências pulsionais extintivas

Como permanecer analista ao longo dos anos? O termo “formação permanente” não é apropriado, pois evoca apenas a atualização de conhecimentos que devem evoluir, e dissimula a existência de tendências intrapsíquicas já ativas no processo de formação, que se opõem à manutenção de aquisições tanto a nível do funcionamento psíquico ideal, como dos conhecimentos adquiridos.

O fato de que o psiquismo ideal seja finito e descontínuo, pois organizado segundo o processo em dois tempos do *après-coup*; o fato de que a lista de disciplinas utilizadas para alimentar nosso pré-consciente e nosso trabalho psíquico de substituição seja infinita; o fato de que não deixemos de nos reunir e de que nossas vidas profissionais sejam caracterizadas por uma oscilação entre uma atividade solitária e outras em grupo, e que essas atividades estejam elas mesmas envolvidas nas oscilações da noite e do dia, do trabalho e do erótico; todos esses fatos devem ser levados em conta do ponto de vista do que os compele a existir de acordo com essas modalidades. As listas enumeradas acima acerca das outras disciplinas não são exaustivas. Cada um poderá completá-las. Seu tamanho realça a necessidade do psiquismo de encontrar no exterior novos materiais para lidar com as diferenças que ocorrem em nós. A qualidade traumática de tais diferenças obriga-nos a buscar e a encontrar todo tipo de diferenças externas presentes no mundo que nos rodeia, e de utilizá-las a fim de responder àquelas internas. Nossa progressão está relacionada ao estímulo de tendências extintivas traumáticas e às respostas de nosso psiquismo.

A particularidade da organização do trabalho psíquico em dois tempos explica-se pela restrição que emana de tais diferenças internas – daí a descontinuidade de nossos investimentos. Essa descontinuidade é o resultado das tendências pulsionais extintivas, às quais se opõe um imperativo de inscrição e de investimento. Este imperativo cumpre sua missão em dois tempos. A transmissão refere-se a esse imperativo e à tomada em conta da tendência regressiva extintiva.

Há em cada um de nós tendências pulsionais a apagar nossas capacidades psíquicas e nosso conhecimento, seja por meio de uma redução direta, seja por uma idealização que tende a um infinito para além de todo conteúdo. Nos dois casos, a capacidade de adquirir e conservar a identidade de analista é ameaçada. O termo “identidade” busca, ainda, ele mesmo, dissimular tais vacilações e incertezas. Essas forças misteriosas ativas no apagamento e na não inscrição explicam o número de atividades das quais participamos e o tempo que disponibilizamos a elas, atividades que se reúnem sob o termo “formação”. O contato permanente com essas tendências negativas, tanto no interior de nós, como por meio da clínica cotidiana, coloca exigências particulares de retenção ao nosso masoquismo erógeno.

A formação e o fato de se permanecer analista têm por base viva tal masoquismo de funcionamento. No entanto, as tendências redutoras manifestam-se pela cronicização e pela redução do campo de nossos pensamentos. Freud compreendeu a existência de tais tendências e suas consequências em termos

da dificuldade de permanecer psicanalista. Como resposta, preconizou o fato de se submeter regularmente a uma reanálise, por exemplo, a cada cinco anos. Felizmente, esse conselho jamais foi institucionalizado e permanece aberto aos riscos de nossos funcionamentos psíquicos e à liberdade de nossas avaliações.

A formação permite tornar-se psicanalista, mas não assegura de forma alguma permanecer sendo. Esta última frase abre-nos a uma de nossas oscilações mais importantes, entre nossa atividade solitária e a necessidade de articulá-la ao coletivo. As forças redutoras devem ser levadas em consideração na formação, certamente a fim de que delas se faça um objeto de conhecimento, mas, sobretudo, pela exigência psíquica de utilizá-las em proveito de nossa atividade mental e de nossa atividade como psicanalistas; para cultivarmos e prosseguirmos em nossa atividade de pensamento. Nossas reuniões grupais têm por missão reatualizar e redinamizar um trabalho que possa se opor às tendências extintivas individuais. Mas têm também por consequência organizar as fixações coletivas no nível da cultura; daí a importância dos efeitos de incisão, introduzidos pelo trabalho psíquico individual.

Transmite-se, assim, pela formação, uma ética psicanalítica, uma exigência de manter, graças a essas oscilações entre o singular e o coletivo, uma disponibilidade de acolhimento da diversidade clínica, de sua infinita alteridade.

Não há analista que possa se tornar e permanecer analista sozinho; mas não há analista que o seja somente por meio da instituição e pela atividade do grupo. As oscilações entre o Super-eu individual e o Super-eu cultural são indispensáveis ao próprio Super-eu. É o que explica que nossa atividade psíquica específica da sessão de análise, essa atividade psíquica regressiva da passividade, ganhe efetividade quando mantida em contato com nossas outras atividades regressivas, íntimas, próprias a outras cenas fora das sessões, em particular aquelas do sonho e da erogeneidade. Juntas, elas fundam a possibilidade de tornar-se e voltar a tornar-se analista de modo intermitente.

Um psicanalista é um ser humano que se confronta com as experiências da vida, a experiência do crescimento, da formação, da realização, das renúncias e dos lutos, da vida em grupo, da vida íntima; daí sua experiência masoquista da gravidade da vida, que se encarna em sua maturidade. Esse último ponto ancora profundamente a formação psicanalítica na vida global de cada analista, na sua vida pessoal, que inclui a vida privada, familiar, as amizades e a vida íntima, em particular, a intimidade erógena dos corpos.

***Psychoanalytic training with end and without end.
Transmission, formation and lack.***

SUMMARY The transmission of psychoanalysis combines an accomplishment of the psyche referred to an ideal of mental functioning and an acculturation which includes the psychoanalytic training itself and an opening to the whole of culture. Any training is a place of transfer of authority but also of negative tendencies which have consequences on our capacity to become and remain analysts, but also on institutional functioning. The splits in psychoanalytic societies are frequently associated with the training of psychoanalysts, whatever the training model. A psychoanalytical ethic based on a masochism of abstinence is thus transmitted, which opposes the tendencies to reduction and extinction. There is no analyst who can become one and remain one. But there is no analyst who can only be one through the institution. The oscillations between the individual superego and the cultural superego, between the regressions of the sessions and those of other scenes of life outside the session, found the possibility of becoming and remaining an analyst.

KEYWORDS: personal analysis; identification; extinctive regressivity; inscription imperative; après-coup.

***Formación psicoanalítica con fin y sin fin.
Transmisión, formación y falta.***

RESUMEN La transmisión del psicoanálisis combina un trabajo del psiquismo referido a un ideal de funcionamiento y una aculturación que incluye la propia formación psicoanalítica y la apertura a la cultura. Toda formación es un lugar de transferencia de autoridad, pero también de tendencias negativas que traen consecuencias sobre nuestra capacidad de convertirnos y seguir siendo analista, así como sobre el funcionamiento institucional. Las escisiones en las sociedades psicoanalíticas se asocian con frecuencia a la formación de psicoanalistas, independientemente del modelo de formación. Se transmite, así, una ética psicoanalítica basada en un masoquismo de abstinencia, que se opone a tendencias reduccionistas e extintoras. No hay analista que pueda volverse y permanecer analista solo; aunque no hay analista que sea analista apenas a través de la institución. Las oscilaciones entre el superyó individual y el superyó cultural, entre las regresiones de sesión y las propias de otras escenas de la vida fuera de la sesión definen la posibilidad de devenir y permanecer analista.

PALABRAS CLAVE: análisis personal; identificación; regresión extintiva; imperativo de inscripción; après-coup.

Referências

- Chervet, B. (2019). Le « modèle français » et les cures psychanalytiques à trois séances par semaine et l'après-coup. *Revue Française de Psychanalyse*, 83(1): 223-234.
- Freud, S. (1991). Le moi et le ça [O eu e o id]. In S. Freud, *Œuvres complètes de Freud / Psychanalyse* (vol. XVI, pp. 255-301). Paris: PUF. (Original publicado em 1923.)
- Freud, S. (1994). La question de l'analyse profane: entretien avec un homme impartial [A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial]. In S. Freud, *Œuvres complètes de Freud / Psychanalyse* (vol. XVIII, pp. 1-92). Paris: PUF. (Original publicado em 1926.)
- Freud, S. (2010a). L'analyse finie et l'analyse infinie [Análise terminável e interminável]. In S. Freud, *Œuvres complètes de Freud / Psychanalyse* (vol. XX, pp. 13-55). Paris: PUF. (Original publicado em 1937.)
- Freud, S. (2010b). Constructions dans l'analyse [Construções em análise]. In S. Freud, *Œuvres complètes de Freud / Psychanalyse* (vol. XX, pp. 57-73). Paris: PUF. (Original publicado em 1937.)
- Freud, S. (2010c). Abrégé de psychanalyse [Compêndio de psicanálise]. In S. Freud, *Œuvres complètes de Freud / Psychanalyse* (vol. XX, pp. 225-305). Paris: PUF. (Original escrito em 1938 e publicado em 1940.)
- Kernberg, O. (1996). Thirty methods to destroy the creativity of psychoanalytic candidates. *The International Journal of Psychoanalysis*, 77(5): 1031-1040.
- Kernberg, O. (2002). La formation psychanalytique : quelques préoccupations. *Revue Française de Psychanalyse*, 66(1): 227-251.
- Kernberg, O. & Michels, R. (2016). Thought on the present and future of psychoanalytic education. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 64(3): 477-493.

Recebido: 18/08/2022

Aceito: 15/11/2022

Bernard Chervet
bernard@chervet.fr

Tradução: **Maria Izabel Varella**

Idioma original

Formation psychanalytique avec fin et sans fin. Transmission, formation et manque

Bernard Chervet³

RÉSUMÉ La transmission de la psychanalyse combine un accomplissement du psychisme référé à un idéal de fonctionnement et à une acculturation qui inclut la formation psychanalytique proprement dite et une ouverture à la culture. Toute formation est un lieu de transfert d'autorité mais aussi de tendances négatives qui ont des conséquences sur notre capacité à devenir et à rester analyste, ainsi que sur les fonctionnements institutionnels. Les scissions des sociétés de psychanalyse sont fréquemment associées à la formation des psychanalystes quel que soit le modèle de formation. Se transmet ainsi une éthique psychanalytique fondée sur un masochisme d'abstinence qui s'oppose aux tendances réductrices et extinctives. Il n'y a pas d'analyste qui puisse le devenir et le rester seul. Mais il n'y a pas d'analyste qui ne le soit que par l'institution. Les oscillations entre le surmoi individuel et le surmoi culturel, entre les régressions de séances et celles propres à d'autres scènes de la vie hors séance fondent la possibilité de devenir et de rester analyste.

MOTS-CLÉS: analyse personnelle; identification; régressivité extinctive; impératif d'inscription; après-coup.

Argument

Pourquoi les scissions des sociétés de psychanalyse sont-elles si fréquemment associées à la question de la formation des psychanalystes, quel que soit le modèle de formation utilisé, que celui-ci soit dominé par une liberté faisant appel aux exigences propres à chacun ou par un programme portant une exigence

3. Psychanalyste, membre titulaire formateur, ancien président de la SPP, secrétaire scientifique du CPLF, membre du Conseil de l'IPA.

collective d'enseignement? La formation des psychanalystes est un lieu de transfert occupé par des forces intenses ayant des conséquences sur les institutions psychanalytiques. La transmission de la psychanalyse combine un accomplissement du psychisme et une infinie acculturation qui inclut la formation proprement dite.

Sont impliqués, l'analyse personnelle, les réminiscences historiques des apprentissages de l'enfance, la sensibilité individuelle à l'inconscient, la capacité à produire des formations de l'inconscient et à les interpréter, l'identification au fonctionnement analytique d'autres analystes supports du transfert d'autorité, les confrontations inter-analytiques, l'enseignement du fonctionnement psychique et de ses modalités de travail, la fréquentation répétitive de la réalité clinique, l'ouverture à d'autres disciplines, l'expérience masochiste de la gravité de la vie incarnée en maturité, la vie personnelle ainsi que celle intime et érogène.

Cette liste nous rappelle qu'il existe des tendances inconscientes qui tendent à réduire nos capacités psychiques et notre identité d'analyste. Elles doivent être prise en compte dans la formation afin d'en faire un objet de connaissance et afin de faire appel à l'exigence psychique de les utiliser au profit de l'activité mentale. Par la formation se transmet ainsi une éthique psychanalytique fondée sur le masochisme de fonctionnement. Il n'y a pas d'analyste qui puisse le devenir et le rester seul. Mais il n'y a pas d'analyste qui ne le soit que par l'institution. Les oscillations entre le surmoi individuel et le surmoi culturel, entre les régressions de séances et celles propres à d'autres scènes hors séance fondent la possibilité de devenir et redevenir analyste de façon intermittente.

Ce texte propose quelques réflexions sur la formation psychanalytique et la transmission. Il porte sur la formation psychanalytique avec et sans fin, et par ce titre évoque le texte de Sigmund Freud de 1937 : *L'analyse finie et l'analyse infinie* (Freud, 1937/2010a).

Classiquement la formation psychanalytique repose sur un trépied, l'analyse personnelle, la supervision, l'enseignement des conceptions psychanalytiques. La transmission inclut un quatrième volet, une éthique qui trouve ses raisons d'être dans le fait que la psyché est le lieu d'attractions régressives jusqu'à l'extinction auxquelles doit répondre un impératif d'inscription, éthique qui articule notre profession aux autres scènes de la vie, à celle du sommeil-rêve et à celle de la vie érogène.

Le premier volet de la formation, la psychanalyse personnelle, est une condition indispensable mais non suffisante. Elle a pour but l'accès à un fonctionnement psychique idéal référé à la résolution du complexe d'Œdipe. Ce fonc-

tionnement peut être considéré comme achevé quand il atteint une configuration dynamique et oscillatoire entre une activité régrédiente et une autre progrédiente, entre un fonctionnement diurne et un autre nocturne, et au sein du fonctionnement diurne entre le travail et l'érotique. Cette configuration se réalise en deux temps selon le procès de l'après-coup. Celui-ci crée une apparente continuité grâce à un lien de surdétermination entre le latent et le manifeste là où existe une discontinuité intra psychique entre les pulsions et les inscriptions.

Le second et le troisième volet portent sur la formation psychanalytique proprement dite. Il y est question de transfert d'autorité et d'identification; mais aussi de pratique analytique, de fréquentation de la clinique, de modèles de formation, de supervision, d'enseignement des fonctionnements psychiques, d'acquisition de savoir-faire et de savoir, et aussi d'ouverture à une culture générale infinie.

Enfin le dernier point concerne la transmission et l'éthique. Il est dissimulé par les deux précédents qui sont dominés par le développement de l'identité d'analyste et par la croissance de l'apprentissage de l'analyse et de la culture chez chaque analyste en formation. Ce temps prometteur dissimule, comme durant notre jeune âge, un facteur contraignant qui s'implique dans la transmission et se manifeste par un questionnement sur ce qui fait résistance. Comment peut-on rester analyste sa vie durant après avoir terminé sa formation? Cette question délicate s'actualise dans la grande quantité de manifestations que les psychanalystes organisent et auxquelles ils participent. Ce quantitatif donne à penser. Il s'agit de remettre sur le métier le transfert d'autorité par le biais d'un partage inter-analytique, donc de prendre en compte l'existence de tendances réductrices actives au sein de notre identité d'analyste, mais aussi de dénier celles-ci et leurs conséquences comme les rétrécissements progressifs, les chronicisations institutionnelles, les crises et scissions, les idéalizations et les propensions à désigner des personnages charismatiques.

Nous ne sommes pas analyste 24 heures sur 24 et notre fonction d'analyste bénéficie d'être articulée à d'autres expériences de la vie, tout particulièrement l'expérience masochiste de la gravité de la vie, incarnée en la maturité, mais aussi de la vie personnelle et bien sûr de la vie intime et érogène.

La formation psychanalytique trouve ses origines dans les éprouvés traumatiques issus de ces tendances réductrices. Elle combine deux plans. Premièrement l'installation d'un fonctionnement psychique idéal pouvant être qualifié d'accompli, ce qui n'exclut pas sa vulnérabilité, et qui nécessite une identification aux processus psychiques d'un autre grâce à laquelle les vécus traumatiques

pourront être transformés en éprouvés de manque. Ce premier plan s'enrichit d'une acculturation infinie réalisée par des identifications aux capacités et aux savoirs d'autres personnes, savoir et savoir-faire étant sans fin.

La psychanalyse personnelle et le fonctionnement psychique idéal

Les crises et scissions des sociétés de psychanalyse sont fréquemment associées à la question de la formation des psychanalystes, quel que soit le modèle de formation utilisé, que celui-ci soit dominé par une liberté faisant appel aux exigences propres à chacun ou par un programme d'enseignement instituant cette exigence.

La formation des psychanalystes est un lieu de transfert occupé par des forces intenses qui ont des conséquences majeures. Heureusement, les mises en actes de destruction ne sont pas le seul effet des transferts qui animent la formation, un autre, plus heureux, est la réflexion sur la formation elle-même. Il s'ensuit un appel à un partage collectif mais surtout à une reprise de la mentalisation individuelle.

La dimension transférentielle convoquée est pleine des réminiscences et souvenirs concernant la vie scolaire d'enfance de chacun. Une analogie existe entre le passé et l'actuel. Toute analogie, telles celles engagées dans le rêve, repose sur des contenus inconscients, le fil rouge inconscient étant le 3^{ème} terme fondant l'analogie. L'interprétation de cet élément 3^{ème} introduit une 4^{ème} dimension, celle de la tiercéité. L'élaboration qui mène à l'interprétation fait office de tiers. Dans la formation c'est le jeu entre le transfert d'autorité et la séduction de l'appel identificatoire qui sont au centre de ces analogies. Ce transfert se réfère à la différence des générations, c'est à dire aux différences entre ceux qui enseignent et ceux qui apprennent, différence qui se ravale entre ceux qui sont nantis et ceux qui sont dépourvus.

La transmission combine donc une double différence, tout comme la différence des sexes. Dans le cas de cette dernière, il s'agit de la différence entre deux tangibles, le masculin et le féminin, et de celle entre le tangible et le manque. Toute différence introduit un rapport au manque qui implique un effet traumatique; d'où la théorie sexuelle infantile qui tente de répondre à celui-ci, par exemple en affirmant que la fille est manquante et que son manque a été produit par un acte de castration ; ce qui est évidemment faux, puisque la fille est complète en tant que fille, mais ce qui est également vrai du point de vue de ce qu'elle n'a pas, un pénis. La théorie anti-traumatique propose ainsi toute

sorte de causalité à l'origine du troisième fantasme originaire étiologique : elle a été châtrée par le père, elle l'a perdu, il est invisible, il poussera plus tard etc. Les analogies avec la formation sont d'autant plus faciles que ce terme renvoie lui-même au second temps de la sexualité humaine, la puberté.

Lors de toute formation, il y a donc un maître qui est censé savoir et souhaiter transmettre ce qu'il sait à un autre, et un élève qui est censé souhaiter apprendre. Il s'agit de la rencontre de deux entités tangibles, le maître et l'élève, et de deux désirs. Mais cette différence positive s'accompagne de l'effet traumatique produit par l'autre différence entre le nanti et le dépourvu, entre le petit et le grand. S'installent toutes sortes de théories et de passions entre le maître et l'élève, basées sur les éprouvés de manque. Cette parabole a fait couler beaucoup d'encre du fait de l'intensité introduite par l'effet traumatique transformé en un effet de séduction entre le grand et le petit. Cette séduction peut avoir des effets désorganisateur ou au contraire stimulateurs d'un advenir quand elle convoque le souhait d'appropriation à l'origine d'une identification au savoir du maître.

La dynamique de la formation et de la transmission est donc installée sur un fond traumatique inhérent à toutes les différences émanant tant des perceptions sensorielles du monde externe que des endo-perceptions ayant pour origine l'intérieur de notre psychisme. Tout comme dans les phobies, ces dernières se transposent sur le monde extérieur pour devenir des peurs plus aisées à gérer. Les deux faces s'entremêlent.

Les crises institutionnelles impliquant la formation des psychanalystes sont donc mues par cet effet traumatique inhérent aux différences transposées-transférées sur la situation de formation et masquant les dynamiques phobiques, et donc œdipiennes, dont elle est l'objet. Le fait d'être analysé ne suffit pas à les empêcher, non pas parce que l'analyse individuelle ne serait pas suffisante, mais à cause des régressions à la psychologie collective et de masse propre aux groupes. L'analyse individuelle n'est pas une vaccination contre de tels effets. Elle permet d'accéder à un fonctionnement singulier plus élaboré mais pas d'échapper à la régression engagée au contact de la réalité des groupes. L'idéalisation transférentielle relève de cette tendance à régresser à quelque psychologie groupale.

Ces propos nous rappellent une petite phrase de Freud signalant qu'éduquer et diriger font partie avec psychanalyser, des métiers impossibles. Les enjeux œdipiens de l'élimination des contraintes, le meurtre du père, sont facilement transposés sur le maître, de même que sont actualisés les liens œdipiens secrets entretenus avec celui qui est censé fournir le savoir et adouber son élève. La clinique des échecs scolaires se reconnaît ici, mais aussi celle des bébés sa-

vants dont la réussite scolaire n'est en fait pas une acquisition mais s'appuie sur une idéalisation et une communauté de déni.

La question du « avec fin et sans fin » s'ouvre sur trois termes : le terminé, le non terminé et l'interminable. Elle a été abordée par Freud à propos de la cure psychanalytique. Elle provient de sa reconnaissance de la résistance à reconnaître les résistances impliquée au sein de toute vie psychique, résistance qui confrontent tout analyste et tout patient à la difficulté de mener une cure à son terme. Cette résistance Freud l'a dénommé « refus du féminin » et l'a qualifié de roc du biologique. C'est ainsi que certains aspects du psychisme seraient radicalement inaccessibles à la psychanalyse. La sensibilité à l'inconscient s'avère être l'enjeu de ce refus, de cette impossibilité d'abandonner une résistance au profit d'une dynamique sensible qui accepte les éprouvés de manque. Ce déni des différences sert à réprimer le travail psychique à l'origine des éprouvés de manque. Se présentent alors des inhibitions de certains processus psychiques, d'où l'incapacité à accéder à une résolution consolidée du complexe d'Œdipe.

Cette question de la résolution est essentielle, car elle engage le futur surmoi ainsi que les impératifs à installer ce dernier. Le surmoi est le garant des diverses modalités de travail que doit réaliser le psychisme. S'il est l'héritier du complexe d'Œdipe, son avènement dépend d'impératifs qui le précèdent. Ses formes inchoatives sont orientées par le but qu'elles ont à atteindre, ladite résolution. Ce sont dès lors ces impératifs et les futures fonctions du surmoi qui deviennent les objets de l'attention en séance. La solution que Freud propose dans l'article qui suit immédiatement *L'analyse finie et l'analyse infinie, Constructions en analyse* (Freud, 1937/2010b) n'est pas sans nous faire méditer. Ce qui manque à un patient, l'analyste doit le construire. La conviction est alors censée remplir la fonction dévolue habituellement à la mémoire. Cette réponse laisse en suspens la capacité d'un patient à s'approprier la construction de l'analyste et à lui octroyer une conviction. Un analyste ne peut pas créer les processus d'un patient.

Peut-on envisager une analogie à propos de cette question du avec fin et sans fin, entre la cure et la situation de la formation? L'évaluation du fonctionnement psychique a lieu au moment de la sélection des candidats. Théoriquement, il s'agit d'évaluer le fonctionnement psychique de l'impétrant et de le comparer avec un fonctionnement mental idéal servant de référentiel à un groupe de formateurs réunis au sein d'un Institut de formation. Mais existent entre eux plusieurs référentiels qui entrent en conflit. Les conflits intra-institutionnels engagent des conceptions différentes du fonctionnement psychique

idéal. L'effet traumatique de ces différences trouve sa source dans la différence de leurs fonctionnements psychiques.

Dans certains modèles, l'évaluation est faite alors que l'analyse personnelle est déjà très avancée; dans d'autres, il s'agit d'évaluer la potentialité d'une personnalité à pouvoir atteindre par une analyse un tel fonctionnement idéal. Dans les deux cas, une gageure !

Existe-t-il un fonctionnement mental que l'on puisse aborder comme ayant atteint un degré de développement idéal et qui puisse être considéré comme fini? Il s'agit de celui atteint par le deuil des objets Œdipiens, deuil qui se déroule en leur présence. Ce renoncement à satisfaire ses investissements sexuels avec les objets-supports d'identification est essentiel. Mais le psychisme résiste et recourt à toutes sortes de ruses pour esquiver ce renoncement. La psyché est toujours prompte à inventer des échappatoires. Ce deuil est très spécifique puisqu'il se fait en présence des objets, en fait grâce à l'intermittence de leurs présences-absences. Cette spécificité doit être prise en compte dans la réflexion sur les limites des cures à distance. Ce deuil en présence permet la vie durant de faire des deuils par perte définitive des objets.

Ce renoncement installe le surmoi et fonde la structure du psychisme qui s'achève à l'adolescence. Il déssexualise une partie des pulsions et la transforme en libido narcissique, l'autre partie devenant le désir objectal tourné vers les objets du monde. Cet accomplissement installe un procès en deux temps, l'après-coup, et le fonctionnement oscillatoire, régrédient-progrédient, qui le caractérise. Ce procès est vulnérable. Il a valeur de terminaison sous la forme d'une dynamique incessante.

L'objectalité est la capacité d'investir tour à tour les objets externes et de pouvoir régresser, sans se désorganiser, jusqu'au narcissisme nocturne et jusqu'à la jouissance érotique. Un achèvement fini du psychisme installe donc une dynamique infinie de la pensée qui ne cesse de suivre une telle oscillation.

Tout futur analyste doit se rapprocher d'un tel fonctionnement idéal en faisant une analyse personnelle. Ce devoir est une des conditions essentielles pour devenir analyste quel que soit le modèle de formation utilisé, l'autre condition étant de suivre une formation dans un des instituts de formation géré par l'une des organisations psychanalytiques, référé à des standards à la fois précis et rigoureux, et offrant un certain degré de flexibilité. D'où l'intérêt de l'existence de plusieurs modèles de formation, tous étant reliés à ces standards discutés par l'IPA et par les sociétés composantes, et définis dans des codes de procédure et des règles statutaires évolutives.

L'obligation de suivre une analyse personnelle, parfois dénommée analyse didactique ou de formation, est tellement importante qu'elle a été dénommée, seconde règle fondamentale de la psychanalyse. La première, celle portant sur le tout dire en séance, est en fait la seule véritable règle analytique. Les autres en découlent. Une autre consigne est parfois dénommée la 3^{ème} règle. Elle s'applique à l'analyste qui est censée ne pas utiliser le transfert à ses propres fins, ne pas succomber à la tentation « de jouer vis-à-vis du malade le rôle d'un prophète, d'un sauveur des âmes, d'un messie. » (Freud, 1923/1991, s.p.). Il s'agit de la règle d'abstinence au sens élargi du terme. Cette consigne s'applique à toutes les cures, donc aussi aux analyses dites de formation où elle est plus difficile à respecter.

La formulation la plus précise de la règle analytique, celle qui dispense d'en énoncer d'autres, a été exprimée par Freud dans *L'Abrégé de psychanalyse* (Freud, 1940[1938]/2010c): sincérité totale contre stricte discrétion. Pour pouvoir être effective, il faut que l'analyste ait fait une analyse personnelle. Elle prescrit la libre association et l'attention en égal suspens, ainsi que l'éthique psychanalytique, c'est à dire l'impératif à réaliser un travail psychique régrédient-progrédient ayant pour visée la régénération d'une prime de désir disponible au monde.

La formation proprement dite

L'identification au fonctionnement analytique d'un autre

La séduction issue de l'effet traumatique liée à la différence entre les deux protagonistes peut donner lieu à une identification qui puise sa source dans l'avidité cannibalique cherchant à s'approprier le savoir de l'un dont l'autre se sent dépourvu. Se combine le transfert d'autorité, la séduction, l'avidité et l'exigence d'un renoncement à satisfaire les motions pulsionnelles au profit des acquisitions. L'accomplissement du psychisme et les acquisitions par identification se conjuguent dans toute formation, comme elles se sont conjuguées à l'âge de raison. Cette époque a été occupée par la résolution de la dynamique œdipienne et par une inhibition quant au but, un renoncement aux satisfactions immédiates au profit d'une acculturation propre à la période de latence. Cette identification à un/des psychanalystes formateurs au travail concerne l'acquisition d'un savoir-faire (les supervisions) et une acculturation qui elle-même s'ouvre dans deux directions, vers une culture spécifique à la psychanalyse et vers la culture générale. Si l'analyste formateur peut favoriser une telle identification, il ne peut pas la créer. Aucun programme de formation ne peut créer le transfert d'autorité

ni l'identification favorable aux acquisitions. Et plus le programme est directif, plus il risque d'aboutir à l'effet inverse. Mais un programme offrant de la latitude ne donne pas plus de garantie quant à l'actualisation de ce transfert et à l'avènement de cette identification. Ils dépendent avant tout de l'analyste en formation. Bien souvent, le transfert d'autorité se déploie sans que la personne qui sert de support ne le sache et quel que soit le protocole du programme de formation.

Le seul travail possible consiste à rendre disponible durant la cure les réminiscences historiques portant sur les apprentissages de l'enfance dans lesquelles sont impliqués les transferts d'autorité. Ce procès se répète au cours de l'analyse et de la vie durant. Il s'agit de libérer le conflit entre la haine de la culture et l'utilisation de la haine au profit de l'acculturation.

Une autre qualité est impliquée dans le travail de l'analyste, une sensibilité individuelle à l'inconscient fort variable d'un individu à un autre, et d'un moment à l'autre, et qui peut être abordée comme un don, ou au moins comme un talent quant à pouvoir entendre les logiques de l'inconscient impliquées dans les événements de la vie et dans le discours associatif des patients. Pour devenir psychanalyste, cette sensibilité ne va pas sans la capacité à produire des formations de l'inconscient tels que des rêves, des pensées incidentes, des figures imagées, des théories infantiles, des éprouvés émotionnels, et à les exprimer par des contenus leur correspondant. La sensibilité à l'inconscient ne peut s'impliquer dans l'art de l'interprétation qu'à condition d'être conjuguée à cette capacité de pouvoir relier au code langagier les motions inconscientes qui sont hétérogènes à tout langage, et de pouvoir exprimer ces pensées irrationnelles par l'interprétation.

Cette sensibilité à l'inconscient de l'autre et de soi ne peut ni s'apprendre ni s'enseigner. Elle peut se développer et s'améliorer par l'analyse personnelle et par le contact régulier et répétitif avec la clinique. L'exercice de la psychanalyse exige donc une pratique clinique et un développement concomitant de cette réflexivité, c'est à dire une écoute de son propre inconscient en la présence d'un autre investi; donc la reconnaissance du contre-transfert.

Les capacités à interpréter naissent de la propension interprétative de la pensée que l'analyse personnelle a pu rendre plus disponible, du besoin de produire des théories causales infantiles afin de répondre aux éprouvés traumatiques éveillés au contact de toute altérité. Cette capacité dépend aussi de la culture psychanalytique acquise pendant les études antérieures et pendant la formation psychanalytique, de la fréquentation de l'irrationnel et de la capacité à rester au contact de l'incohérence.

Le transfert d'autorité est indispensable pour qu'advienne l'identification au fonctionnement psychique d'un autre, dans le cas présent d'un psychanalyste. Il s'agit de l'acquisition d'une identité d'analyste par une identification à la capacité analytique d'autres psychanalystes. Le choix des objets d'identification est évidemment surdéterminé pour chacun.

L'identification la plus essentielle au cours de la cure, celle fondatrice des processus psychiques et de leur utilisation en tant qu'analyste, se prolonge par des identifications aux capacités des aînés et des maîtres, par le biais des supervisions, des séminaires, des groupes de travail, des colloques et congrès etc. Cette activité de verticalisation s'accompagne aussi d'une identification horizontale, fraternelle, aux autres analystes. Conjuguées, elles permettent un travail de groupe et des échanges inter-analytiques fructueux.

Il n'y a pas d'écoute psychanalytique sans, au-delà d'une pensée théorisante, un bagage métapsychologique permettant de prendre en compte les mécanismes de pensée engagés dans le travail de rêve, le travail de séance et globalement le fonctionnement psychique. L'écoute psychanalytique est pleine d'un savoir en latence.

Ajoutons encore le besoin du psychisme d'avoir à sa disposition des quantités de matériaux de culture. Chacun les trouvera dans le monde alentour selon sa propre électivité, ses centres d'intérêt, sa curiosité, ses capacités à s'étonner. Cette ouverture vers toutes sortes d'autres disciplines a pour fonction d'alimenter le magasin des accessoires du préconscient et de faciliter le travail que le psychisme doit réaliser. Ce besoin psychique permet à tout analyste de se cultiver tout au long de sa vie. Cette transposition sur des disciplines annexes a aussi une autre fonction psychique. Toutes les réalités du monde et les créations humaines peuvent être élues en tant qu'objets de transposition d'éléments inconscients qui se reconnaissent en elles et qui s'en servent pour fabriquer des métaphores substitutives tout en restant inconscients. Cette étape de transposition et de métaphorisation fonde l'animisme de notre pensée. Freud a ainsi utilisé la chimie, la physique, l'électricité, la thermodynamique, la médecine, la chirurgie, l'anthropologie, la philosophie, la linguistique, la mythologie et les arts, mais aussi la biologie, la sociologie, l'histoire, la religion, l'astrologie, les sciences occultes etc. Actuellement, la neurophysiologie, la physique quantique, la biologie sont les objets de prédilection des transpositions groupales. De tels détours par des réalités tangibles constituent la méthode par laquelle la métapsychologie s'élabore. Ils relèvent de l'épistémologie de la pensée psychanalytique.

Les modèles de formation : principes et protocoles

Il existe actuellement trois modèles de formation utilisés par les Instituts pour remplir leur mission de former des psychanalystes : le Eitingon, le Français, et l'Uruguayien.

Il convient de distinguer brièvement les principes qui les animent et leurs protocoles concrets. Ces derniers ont généralement été installés sous l'influence de circonstances conjoncturelles et non pas à partir de réflexions théoriques, celles-ci n'étant advenues que dans un second temps.

Le modèle d'Eitingon, est le premier modèle de formation créé par Eitingon entre 1920 et 1925, à la clinique psychanalytique de Berlin ouverte en 1920. C'est aussi à Berlin que fut créé le premier Institut de formation des psychanalystes par Eitingon avant qu'il migre en Palestine et qu'il fonde la société psychanalytique de Palestine (1933) devenue après 1948, Société de psychanalyse d'Israël.

La recontextualisation de la création du modèle d'Eitingon exigerait de se plonger dans l'histoire de l'Allemagne et de ses relations avec l'Autriche, et dans l'histoire évidemment de la psychanalyse au sein de l'histoire du 20^{ème} siècle. Nous en avons un bref aperçu dans *L'analyse profane* (Freud, 1926/1994). Freud se réfère très clairement dans son plaidoyer pour l'analyse profane, à la nécessité de veiller à ne pas trop légiférer, cet excès faisant perdre aux lois établies toute autorité; d'où le risque de promouvoir des conditions favorisant les transgressions. Cette pensée sur les lois relève d'une dialectique entre les bienfaits de ce que nous pouvons appeler un cadre défini par le législateur, et une pratique qui se développe spontanément au niveau groupal ; difficile équilibre entre les avantages et les inconvénients de chacune des positions. Ce dilemme soutenu par Freud dans ce texte sous la forme d'une dialectique avec un personnage imaginaire bienveillant, se retrouve actuellement dans toutes nos discussions concernant les principes des modèles de formation (Kernberg, 1996, 2002, 2016).

L'un d'eux donne la priorité à une organisation institutionnelle qui prescrit l'analyse et impose un programme et des exigences, organisation au sein de laquelle les analystes en formation sont censés développer leur talent et y trouver leur liberté.

L'autre modèle accorde une priorité au désir d'être analyste, aux élans individuels quant au souhait de devenir analyste, ce désir étant censé utiliser l'institution afin de se réaliser. L'analyste en formation fait alors son programme avec ce que l'institution met à sa disposition, mais aussi avec ce qu'il trouve à l'extérieur de celle-ci.

Nous retrouvons ici le conflit entre les logiques hystériques et celles obsessionnelles, entre la précession du désir sur l'organisation du moi, et la mise en avant des institutions du moi censés gérer le désir; conflit entre une pulsionnalité qui aurait libre cours et n'aboutirait à rien, et une processualité qui contrôlerait les pulsions et empêcherait tout avènement de nouveauté. Bien sûr, ce schématisme ne sert qu'à notre réflexion et dessine deux idéalizations. Dans le premier cas est envisagée une institution idéale apte à assurer une évolution basée sur un conservatisme, dans l'autre cas, un désir individuel idéal apte à subsumer les limitations institutionnelles et à assurer une générativité singulière. Les surmoi individuel et collectif auront à se potentialiser l'un l'autre.

C'est ainsi que le modèle Eitingon a mis la gestion institutionnelle à la demande de devenir analyste en premier. La réponse concerne tout autant le fait de faire une analyse que de suivre un enseignement. L'analyse individuelle est alors qualifiée d'analyse de formation, et la progression de l'enseignement peut impliquer plus ou moins l'analyste. Cette ingérence portait le nom de *Reporting* et a fait l'objet de nombreux conflits au fur et à mesure que les conditions n'ont plus été celles des pionniers et que le principe de la discrétion, tel qu'inscrit dans la règle fondamentale, a été théorisé. Rappelons qu'Eitingon n'a fait que quelques semaines d'analyse avec Freud en 1907, lors de promenades vespérales.

Le rattachement d'un Institut à une clinique permet à des candidats talentueux et n'ayant pas de moyens financiers, d'accéder à la profession d'analyste et d'avoir des patients fournis par la clinique-Institut. Des éléments relevant du clientélisme et des lois du marché ont alors infiltré la formation.

Le modèle français, est né dans un tout autre contexte (Chervet, 2019). Les paramètres précédents étaient certainement en latence, mais c'est l'après de la seconde guerre mondiale qui est à l'origine de son protocole. Le souhait de faire passer l'allant du désir en premier a été soutenu par les circonstances du *Baby-boom*.

Le principe de la séparation des fonctions, donc d'une analyse personnelle précédant la formation, ne s'est dégagé que vers les années 1960 et a été à l'origine de ce nouveau modèle promouvant une stricte étanchéité entre analyse et cursus de formation.

L'antériorité de l'analyse individuelle reconnaît implicitement l'existence de psychopathologies privées qui ont à être modifiées avant toute évaluation de sélection pour entrer en formation. « Nous sommes tous d'anciens malades » est une formulation d'humilité mais aussi de reconnaissance d'une expérience intime, celle de la psychopathologie et de son évolution favorable grâce à l'ana-

lyse. Dans le meilleur des cas, nous sommes redevable à nos analyses de nous avoir permis de nous rapprocher du fonctionnement psychique idéal de référence abordé plus haut. Une partie de la cure a donc lieu avant tout engagement dans la formation. Le désir de devenir analyste peut être déjà là dès le début, mais il peut aussi être modifié et apparaître au cours de l'analyse.

Le principe consiste donc à créer une étanchéité entre la cure individuelle et la formation, et à respecter la stricte discrétion réclamée par la règle fondamentale. L'analyste n'intervient en aucune façon dans le cursus. Ce dernier commence plusieurs années après le début de l'analyse et il dépend d'une sélection faite par une commission dans laquelle l'analyste personnel ne siège jamais.

Soulignons un cas de figure contemporain d'une analyse qui se poursuit alors que le patient est devenu un analyste en formation, voire un membre, et que son transfert sur son institution alimente ses associations de séance. C'est ce que recommande le modèle Uruguayien. Les configurations psychiques sollicitées et transposées sur les groupes, les mentalités de groupe et psychologies de masse, deviennent alors du matériel de séance. Ceci peut aider l'analyste en formation ou le membre à mieux gérer sa participation aux dynamiques groupales, mais cela n'empêche pas les tendances à investir un fonctionnement régressif au contact de l'entité groupe, de continuer à exister. Seule l'oscillation individualité-groupe permet de ne pas s'y aliéner.

Le protocole du modèle français est donc né dans un contexte conjoncturel précis, celui du *Baby-boom*. La pratique de la psychanalyse fut officiellement introduite en France vers 1920 par Eugénie Sokolnicka alors que la pensée de Freud étaient déjà connus dans diverses disciplines. Avant la Seconde Guerre Mondiale le modèle de formation utilisé par la Société Psychanalytique de Paris était celui de Eitingon. Après la 2^{ème} guerre mondiale, la SPP, totalement disséminée entre 1938 et 1945, se réorganise. Les règles concernant la pratique de la psychanalyse restent alors les mêmes que celles qui avaient été adoptées avant la guerre. Mais un nouveau paramètre concret entre en jeu : une forte demande d'analyse et de formation. Le *Baby-boom* post-guerre, conjugué au nombre restreint d'analystes didacticiens soulève alors de façon pragmatique la question de l'enseignement de la psychanalyse et de la formation de nouveaux analystes, ainsi que celle de l'organisation d'un institut de formation, avec les choix que cela implique entre un certain nombre d'options : indépendance ou rapprochement avec l'université, modalités pratiques du cursus de formation référés à la formation médicale, à la visée thérapeutique ou à la culture etc. Cette forte demande fut à l'origine de la pratique des psychanalyses à quatre séances

au lieu de cinq, et des psychanalyses didactiques à trois séances par semaine de trois quarts d'heure chacune au lieu d'une heure. Ces critères sont alors étendus aux supervisions individuelles. Pour les mêmes raisons est alors créée la formule des supervisions collectives. Un objectif prégnant: former un nombre maximum d'analystes dans un laps de temps plus court; répondre à la demande du marché et reconstruire la SPP et la présence de la psychanalyse en France. C'est dans ce contexte que Lacan promut également les séances courtes, à différencier de son introduction de la technique de la scansion.

Ces aménagements sont négociés avec l'IPA qui les accepte, probablement temporairement. Ainsi, le protocole du modèle français advint-il pour des raisons d'abord pragmatiques et non pour des raisons théoriques. En arrière-fond de ces modifications il y a les ravages de la guerre, la disparition de la SPP, l'espoir de regagner le temps perdu, et bien sûr la mort de Freud dont le deuil a été masqué par les tourments de la guerre.

En 1953, sous l'égide de Marie Bonaparte, s'engage le projet d'organiser l'Institut de Psychanalyse de Paris. D'importants conflits entre Daniel Lagache et Sacha Nacht mènent à la scission de la SPP de 1953. Cette scission n'est pas la conséquence des trois séances par semaine, ni celle des séances courtes, ni de la technique de la scansion telle que pratiquée par Lacan. Daniel Lagache est un professeur d'université qui propose un programme proche des modèles universitaires alors que Sacha Nacht souhaite, à l'opposé, un institut indépendant promouvant un autre modèle jugé trop médical par ses opposants, mais soutenu par Marie Bonaparte car plus spécifiquement psychanalytique.

Les raisons officielles des démissions et de la scission sont donc des critères de formation avec une guerre entre plusieurs modèles, universitaire, médical, ou centré sur les supervisions. Il ne s'agit pas d'un conflit entre le modèle de Eitingon et le modèle français.

La dispute entre modèles, passée au second plan, fera retour par la question de la durée variable des séances prônée par Lacan et par la scansion, mais pas par le nombre de séances.

En 1964, la Société Psychanalytique de France issue de la scission de 1953 subit une nouvelle scission à cause de la scansion. L'Association Psychanalytique de France (APF) est alors fondée et adopte les critères de la pratique et de la formation de l'API. Mais en 1971, l'APF abolit l'analyse didactique ou analyse de formation, et en 1994, la SPP abolit le fait de devoir faire une analyse avec un analyste didacticien-formateur pour devenir analyste. C'est le « tout-divan ». Toute demande de formation émanant d'une personne ayant fait une analyse person-

nelle avec un membre de l'IPA est examinée. C'est le fonctionnement psychique du candidat qui est mis au centre de l'évaluation et de la sélection ; ainsi que sa capacité à utiliser son expérience analytique personnelle pour pratiquer l'analyse.

Cette évolution se réalise au nom du principe majeur du modèle français, le fait qu'il n'existe qu'une analyse, l'analyse personnelle, et qu'une stricte étanchéité entre l'analyse personnelle et la formation doit être respectée. Ce principe va s'étendre à l'ensemble de la formation avec une recommandation de limiter les interférences entre l'analyste personnel et son patient-candidat au sein de la formation.

Parallèlement la réflexion sur la formation s'est poursuivie au sein et en dehors des sociétés officielles et a donné lieu à diverses propositions comme « l'analyse quatrième » liée à la supervision promu au sein d'une nouvelle organisation, le 4^e groupe, et comme la « passe » promu par Lacan au sein de la Cause freudienne.

En 2004, alors que Daniel Widlöcher est président de l'IPA, le modèle des cures analytiques utilisé par les Instituts de formation de la SPP et de l'APF, est reconnu officiellement par l'IPA comme une façon valable de réaliser une analyse et de se former.

Son protocole schématique est le suivant : trois séances par semaine minimum, dispositif divan-fauteuil, durée fixe des séances : 45 minutes minimum, paiement assuré par l'analysant, le tout dans un espace protégé des variations des incitations émanant de la perception sensorielle, au profit de l'énonciation langagière de tout ce qui se présente à la conscience de l'analysant, aussi bien les contenus verbaux incidents, que les images oniriques, les affects et les ressentis corporels. Soulignons que ce protocole n'est pas inscrit dans les textes des procédures de l'IPA. Ce qui confirme que le protocole est évolutif et que ce qui spécifie le plus ce modèle est son principe de séparation des fonctions. Ce principe articule deux assertions. L'analyse est une affaire personnelle, d'où la liberté du choix de l'analyste. La séparation des fonctions et la liberté sont les critères fondant le principe du modèle français.

La liberté concerne le choix de l'analyste, des superviseurs, des séminaires, des groupes de travail, des colloques ; mais aussi la liberté de l'analyste d'accéder à la demande d'analyse d'un patient, et de le recevoir à trois ou quatre séances par semaine ; enfin la liberté pour l'institution d'accepter ou de refuser un candidat ; cette liberté se réfère aux critères de sélection basés sur cette identification au mode de pensée régressif sensible à l'inconscient ; de même la liberté pour les Instituts d'organiser leur programme de formation, les séminaires, les groupes de travail, les supervisions individuelles et collectives.

Cette liberté concerne aussi le moment auquel un candidat peut demander son entrée au cursus dans un Institut de formation afin de commencer sa formation.

Bien sûr cette liberté ne veut pas dire absence de rigueur et d'incitation, bien au contraire, mais l'incitation fait appel au sentiment de responsabilité du candidat et à son désir d'apprendre, à sa curiosité, à son cheminement identificatoire impliqué dans ses choix, à son transfert d'autorité et à sa capacité à l'utiliser pour apprendre sa profession et non pour maintenir des idéalizations.

Le principe de séparation des fonctions a des conséquences. Une *éthique de la discrétion* est requise de la part de l'analyste du candidat, et s'étend aussi à la formation, en particulier aux supervisions qui par le contre-transfert engage l'analyse personnelle du candidat. Cette limitation des interférences a aussi pour raison d'être, la prévention contre la mentalité de groupe.

Plusieurs années d'analyse personnelle sont requises (au moins trois) avant de commencer la formation. Il y a quelques années, en France, sans que cela ne soit inscrit dans les textes sur la sélection des candidats, il était conseillé de se présenter à la formation après avoir terminé son analyse personnelle et avoir une pratique privée. Actuellement, souvent l'analyse personnelle continue alors que la formation est engagée, ce qui permet aux associations sur la formation de devenir un matériel de séance. Ceci n'est pas simple, mais est préférable à une isolation. De ce point de vue, les trois modèles entretiennent des points de contact plus nombreux que ce qui se dit souvent; d'autant que la séparation des fonctions est de plus en plus respectée par les instituts qui ont adopté le modèle Eitingon, depuis la suppression du « reporting ». Néanmoins, dans le modèle Eitingon, l'accès à l'analyse personnelle, la formation en grande partie programmée et les supervisions restent beaucoup plus entremêlées que dans le modèle français.

Rester analyste ou comment utiliser les tendances pulsionnelles extinctives

Comment rester analyste au cours des années? Le terme de formation permanente n'est pas adapté car il n'évoque que la remise à jour de connaissances censées évoluer, et il dissimule l'existence des tendances intra psychiques déjà actives au sein du processus de formation, qui s'opposent au maintien des acquis tant au niveau du fonctionnement psychique idéal qu'au niveau des connaissances acquises.

Le fait que le psychisme idéal soit fini et discontinu car organisé selon le procès en deux temps de l'après-coup, le fait que la liste des disciplines utilisées pour alimenter notre préconscient et pour réaliser notre travail psychique de substitution soit infinie, le fait que nous ne cessions de nous réunir et que nos vies professionnelles soient caractérisées par une oscillation entre une activité solitaire et d'autres groupales, et que ces activités soient elles-mêmes enchâssées dans les oscillations de la nuit et du jour, et dans celle du labeur et de l'érotique, tous ces faits sont à prendre en compte du point de vue de ce qui les contraint à exister selon ces modalités.

Les listes énumérées plus haut concernant les autres disciplines ne sont pas exhaustives. Chacun aura à cœur de les compléter. Leur longueur insiste sur le besoin du psychisme de trouver à l'extérieur de nouveaux matériaux afin de traiter les différences qui ont lieu en nous. La qualité traumatique de celles-ci nous oblige à chercher et trouver toutes sortes de différences externes présentes dans le monde qui nous entoure, et de les utiliser afin de répondre à celles internes. Notre progression est liée à l'aiguillon des tendances extinctives traumatiques et aux réponses de notre psychisme.

La particularité de l'organisation du travail psychique en deux temps s'explique par la contrainte émanant de ces différences internes, d'où la discontinuité de nos investissements. Cette discontinuité est le résultat des tendances pulsionnelles extinctives auxquelles s'oppose un impératif d'inscription et d'investissement. Cet impératif réussit sa mission en deux temps. La transmission se réfère à cet impératif et à la prise en compte de la tendance régressive extinctive.

Il existe en chacun de nous de telles tendances pulsionnelles qui tendent à effacer nos capacités psychiques et notre savoir, soit par une réduction directe, soit par une idéalisation qui tend vers un infini au-delà de tout contenu. Dans les deux cas, la capacité à acquérir et à conserver une identité d'analyste, est menacée. Le terme d'identité cherche d'ailleurs lui-même à dissimuler de tels vacillements et incertitudes. Ces forces mystérieuses actives dans l'effacement et la non-inscription, expliquent le nombre d'activités auxquelles nous participons et le temps que nous consacrons à celles-ci, activités qui se réunissent sous l'appellation du terme de formation. Le contact permanent avec ces tendances négatives, tant à l'intérieur de nous que par le biais de la clinique côtoyée quotidiennement, sollicite tout particulièrement notre masochisme de retenue. La formation et le fait de rester analyste ont pour socle vivant un tel masochisme de fonctionnement. Par contre les tendances réductrices se manifestent par la chronicisation et la réduction du champ de nos pensées. Freud

s'est rendu compte de leur existence et de leur conséquence quant à la difficulté à rester analyste. En réponse il a préconisé le fait de se soumettre régulièrement à l'analyse, par exemple tous les 5 ans. Heureusement, ce conseil n'a jamais été institutionnalisé et reste ouvert aux aléas de nos fonctionnements psychiques et à la liberté de nos évaluations.

La formation permet de devenir psychanalyste, mais n'assure en aucune façon le fait de le demeurer. Cette dernière phrase nous ouvre sur une de nos oscillations les plus importantes, entre notre activité solitaire et la nécessité de l'articuler au collectif. Les forces réductrices doivent être prises en compte dans la formation, certes afin d'en faire un objet de connaissance, mais surtout afin de faire appel à une exigence psychique, celle de les utiliser au profit de notre activité mentale et de notre activité de psychanalyste, de nous cultiver et de poursuivre notre activité de pensée. Nos réunions groupales ont pour mission de réactualiser et de redynamiser un travail s'opposant aux tendances extincitives individuelles. Mais elles ont aussi pour conséquences d'organiser des fixations collectives à des paliers de culture ; d'où l'importance des effets d'incise introduits par le travail psychique individuel.

Se transmet ainsi par la formation une éthique psychanalytique, une exigence de garder, grâce à de telles oscillations entre le singulier et le collectif, une disponibilité d'accueil envers la diversité clinique, envers son infinie altérité.

Il n'y a pas d'analyste qui puisse le devenir et le rester seul; mais il n'y a pas d'analyste qui ne le soit que par l'institution et l'activité groupale. Les oscillations entre le surmoi individuel et le surmoi culturel sont indispensables au surmoi lui-même. C'est ce qui explique que notre activité psychique spécifique de séance, cette activité psychique régressive de la passivité, gagne en effectivité quand elle reste au contact avec nos autres activités régressives, celles intimes propres à d'autres scènes hors séances, en particulier celle du rêve et de l'érogénéité. Ensemble elles fondent la possibilité de devenir et de redevenir analyste de façon intermittente.

Un psychanalyste est un être humain qui se confronte aux expériences de la vie, celle de la croissance, de la formation, de l'accomplissement, des renoncements et des deuils, de la vie groupale, de la vie intime ; d'où son expérience masochiste de la gravité de la vie, expérience qui s'incarne en sa maturité. Ce dernier point ancre profondément la formation analytique dans la vie globale de chaque analyste, dans sa vie personnelle qui inclut sa vie privée, familiale, amicale et intime, en particulier l'intimité érogène des corps.

Bibliographie

- Chervet, B. (2019). Le « modèle français » et les cures psychanalytiques à trois séances par semaine et l'après-coup. *Revue Française de Psychanalyse*, 83(1): 223-234.
- Freud, S. (1991). Le moi et le ça [O eu e o id]. In S. Freud, *Œuvres complètes de Freud / Psychanalyse* (vol. XVI, pp. 255-301). Paris: PUF. (Initialement publié en 1923.)
- Freud, S. (1994). La question de l'analyse profane: entretien avec un homme impartial [A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial]. In S. Freud, *Œuvres complètes de Freud / Psychanalyse* (vol. XVIII, pp. 1-92). Paris: PUF. (Initialement publié en 1926.)
- Freud, S. (2010a). L'analyse finie et l'analyse infinie [Análise terminável e interminável]. In S. Freud, *Œuvres complètes de Freud / Psychanalyse* (vol. XX, pp. 13-55). Paris: PUF. (Initialement publié en 1937.)
- Freud, S. (2010b). Constructions dans l'analyse [Construções em análise]. In S. Freud, *Œuvres complètes de Freud / Psychanalyse* (vol. XX, pp. 57-73). Paris: PUF. (Initialement publié en 1937.)
- Freud, S. (2010c). Abrégé de psychanalyse [Compêndio de psicanálise]. In S. Freud, *Œuvres complètes de Freud / Psychanalyse* (vol. XX, pp. 225-305). Paris: PUF. (Original écrit en 1938 et publié en 1940.)
- Kernberg, O. (1996). Thirty methods to destroy the creativity of psychoanalytic candidates. *The International Journal of Psychoanalysis*, 77(5): 1031-1040.
- Kernberg, O. (2002). La formation psychanalytique : quelques préoccupations. *Revue Française de Psychanalyse*, 66(1): 227-251.
- Kernberg, O. & Michels, R. (2016). Thought on the present and future of psychoanalytic education. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 64(3): 477-493.

Reçu: 18/8/2022

Accepté: 15/11/2022

Bernard Chervet
bernard@chervet.fr

Do velho contemporâneo ao psicanalista que eu sou hoje

Celso Gutfreind¹

RESUMO Neste artigo-ensaio-crônica, o autor, a partir de uma autorreflexão sobre a sua própria trajetória, referências teóricas e prática clínica, disserta sobre a sua identidade como psicanalista, associando-a também aos possíveis efeitos da contemporaneidade. Os aspectos poéticos e estéticos, em torno da subjetividade, aparecem igualmente em destaque como essenciais para um psicanalista contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: psicanálise; psicanálise contemporânea; poesia; identidade.

Este texto, como, talvez, todos os outros, nasce de uma interação.

Instigado pela editoria da Revista *TRIEB*², ainda que virtualmente, encontramos-nos para nos influenciar. Realmente.

A ideia inicial era dizer algo sobre quem é o psicanalista hoje, de forma geral e abrangente, mote principal deste número.

Ao fim e ao cabo de nossas trocas frutíferas, ficou acordado de que seria sobre quem eu sou, hoje, como psicanalista, sob a lente, portanto, da contemporaneidade, mas com essa batida específica e original. A acolhida das colegas parece ter deixado o autor à vontade para expressar quem é, com a esperança de que o exercício pudesse transcender algum eventual solipsismo e interessar à psicanálise propriamente exercida.

Antes de continuar, gostaria de começar, como a vida, com a poesia, base de minha identidade (analítica, inclusive), e com a qual gostarei também de encerrar:

1. Psicanalista, Membro Titular com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre e escritor.

2. Magda Costa, Maria Elisa Alvarenga e Maria Noel Sertã.

“Não perde tempo
com o que não olha.

Não perde tempo
com o que não conta.

Pouco vale o que se pensa,
zero para o protocolo.

Estar junto
é o que urge

a palavra
é o que surge,

desde que ouvindo, vendo,
ou seja, é sentimento.

Não perde tempo
com o isolamento.

Só as histórias serão ouvidas,
só os olhares serão alento.”³

De olho na poesia, o editorial e eu não estávamos à deriva, em nossa criação conjunta ou, para utilizar um termo analítico contemporâneo, em nossa co-construção. Pelo contrário: tudo fazia algum sentido. Sustentava-nos a ideia (Ogden, 2010 e outros) de que somos hoje tantos psicanalistas quantos somos a praticar a psicanálise. Os novos tempos nos legaram tal, sempre difícil, autonomia. É possível que a contemporaneidade venha mesmo nos trazendo essa possibilidade (e necessidade) de, sob os olhares das mesmas teorias, rumarmos mais a nós mesmos. E como fazer psicanálise longe dos “si mesmos”?

3. *O tempo e o tempo*, poema inédito.

Um corpus teórico, afinal, nos reúne, mas, ao prestar contas à pessoa e, no caso, às pessoas envolvidas em sua prática – e eis uma prática feita com pessoas –, terá inevitavelmente de desenhar-se com alguma originalidade. Para cada analista. Para cada análise. E, talvez, esteja aí um dos maiores paradoxos e desafios de uma psicanálise contemporânea. Conciliar o pertencimento ancestral a conceitos já consolidados pelo tempo com a originalidade da hora nova, recente. Lidar com a influência, entre a necessidade e a angústia. Elaborá-la para, sendo, apoiar o outro para ser (outro) também, norte de um psicanalista, em todos os tempos.

A ideia, no entanto, não era pessoalizar, era mais pretensiosa ainda. Partir do individual para chegar a algum traço de universal, em um exercício que pudesse caber a todos nós, psicanalistas hoje, passadas tantas práticas, e sob a presença de tantas teorias, mesmo que prestando contas, no fundo, a uma só. Descobrirmo-nos é preciso, e também nos redescobrirmos, a cada dia e análise.

Nos primórdios dessa interação em si com as editoras, já estava, provavelmente, boa parte do meu arcabouço. Ao iniciar como médico de família, ao prosseguir como psiquiatra da infância, a chegada do intrapsíquico, com a psicanálise, já precisava também prestar contas (e contos) ao relacional. Dele vinha a força e a inibição. E continuam vindo.

Por isso, trabalhei na França, com Serge Lebovici, estudei os sistêmicos, os familialistas, a psicanálise do bebê. Já era, a essa altura, leitor do psicanalista-poeta Donald Winnicott (1965/2002), para quem os bebês – que são eternos, em suas transferências, vida afora – não são sozinhos. Por isso, e como tema de outro livro (Gutfreind, 2010), sou um psicanalista que trabalha com a parentalidade, em todas as idades, diretamente, ou de forma recomposta.

O mesmo Lebovici (1998) é arauto de um conceito que muito me impactou: a empatia metaforizante. Segundo ele, de forma abstrata, subjetiva, é justo a empatia – necessária aos psicanalistas de todos os tempos – que suscita a capacidade metafórica, ou seja, simbólica. Por mais que ela seja uma emoção de alteridade, fora de um campo estético, será preciso, depois, trabalhar com as metáforas que ela suscitou. E isso é também um trabalho poético, artístico (Gutfreind, 2019). Dialeticamente, portanto, por habitarmos a linguagem, o nosso campo é sempre um vir-a-ser estético. E, neste caso, não há cura, mas obra, ou a obra, sempre imperfeita, pode, às vezes, ser a cura.

Tal influência e suas angústias, de certa forma, nunca cessaram. Ainda hoje, sou leitor e interlocutor daqueles mesmos autores e de seus leitores contemporâneos, ou mesmo leitores originais, como Anne Brun (2019), discípula

de René Roussillon, Victor Guerra (2018) e tantos outros. Cada analista que componha a sua trilha sonora, e a minha vem sendo essa, ainda que constantemente aberta a novas melodias. Com eles, aprendo a metapsicologia dos primórdios (ainda que a original também o seja), do arcaico, lá onde um ritmo (a dois, conforme Daniel Stern, 1997) nos forja, poeticamente. E, como eles, sou um leitor de arte, sobre a qual venho tentando escrever, aproximando-a da psicanálise, que veio, quase toda, dela (Gutfreind, 2019).

Da poesia em si, compus a parte central da minha vida, desde a adolescência. E, aproximando-a dessa metapsicologia, digamos assim, aplicada, venho desenvolvendo, há alguns livros e muitas clínicas, a ideia de que essa poesia dá conta daquelas relações iniciais e fundamentais para a constituição de nossa (inter)subjetividade, essência de uma identidade e de um *self* verdadeiro. A ela – a poesia – recorro, diretamente, no atendimento de crianças. E é o que tento – tentamos – também resgatar, no atendimento de adultos, através da transferência, este carro-chefe ainda atualíssimo da metapsicologia freudiana.

Dito isso, segue complexo para quem não dispõe de mapa ou protocolo, como, independentemente das trilhas distintas, é o nosso caso, analistas únicos, diversos, heterogêneos diante do encontro com o desconhecido, de fora e de dentro. E, ao contrário do que dizem tantos, incluindo parte de tais referências, não abandonei a primeira tópica freudiana. Trago, conforme o próprio Freud, e também Gilberto Gil⁴, a sede de compreensão, e dela me alimento com cada analisando. Ou, como expressou, de forma mais densa e clara, um poeta contemporâneo:

“Ao coração do homem se destina
na melhor das hipóteses, o ofício

de sondar o tangível que o ilumina.
O restante é um glorioso desperdício.”⁵

A minha-nossa casa oferece o tempo e o espaço de dizer (“minha vitória é verbal”, conforme Jean Genet, citado por Catherine Millot, 2004), e dizer, aqui, não é só uma catarse, o que já não seria pouco, mas também a possibilidade de dar

4. “Eu cá me ponho a meditar/ Pela mania da compreensão”, em *De Bob Dylan a Bob Marley*.

5. Armindo Trevisan, *O silêncio dos espaços infinitos*, poema inédito.

sentidos, ou seja, compreender. A propósito, outra marca que me representa como um psicanalista contemporâneo é estar atento aos segredos e ao transgeracional, verdadeiras barricadas em potencial contra a compreensão e os sentidos. E, como “dizer” anda culturalmente escasso, nestes tempos narcísicos de pane poético-narrativa, pode estar aí outra de nossas invariantes contemporâneas: oferecer, justamente, o espaço de escuta a esse dizer.

A questão, agora, desembarca na condição de poeta e ficcionista (como a psicanálise o é) que me permitem tentar sempre dizer de forma mais implicada do que explicada. Ou a mais ritmada possível, compondo uma ópera, no mínimo a dois, conforme outro metapsicólogo contemporâneo das interações, que é Bernard Golse (2010), devidamente ilustrado pela poesia de um compatriota seu:

“Depende desse que passa
Que eu seja tumba ou tesouro,
Que eu fale ou me cale,
Isso depende só de ti,
Amigo: não entres, pois, sem desejo.”⁶

Que venham palavras, portanto!
Que não sejam vazias, enfim!

Que elas integram pensamentos e sentimentos, como o vem fazendo, desde os primórdios da vida e da psicanálise.

Que surjam, primeiro, plenas de silêncio, ritmo e prosódia de um bebê, com sua mãe e o entorno, aliás, bem o que resgatam. E, depois, que se banhem de sentidos possíveis, como o mesmo bebê já diferenciado (crescendo), e que aprende a falar, penetrando na tagarelice do mundo da prosa, conforme tenho, igual e diversamente, trabalhado em novos livros, nascidos da poesia e da clínica. E justo, aliás, o que essa clínica resgata.

A propósito, um novo poema, este de um livro mais recente (Gutfreind, 2022), só de poemas infantis, inspirados em uma criança que, depois de brincar com o seu analista, retomou a tagarelice (a saúde de dizer e dizer e dizer) que havia perdido, nos desencontros da vida e das mortes segredadas:

6. Paul Valery, 1937, inscrição no restaurante Le Jardin, do Hotel Rosewood, São Paulo, Brasil. A tradução é minha.

“A menina
tagarela
fala por si,
por ti, por ele
e até por ela,

como se fosse
assunto dela
do que é do cão
ao que é da gente
e da cadela,

nada escapa
da passarela
de suas palavras,
que rebolam
e dão bola
para todos,

a não ser
o silêncio
que, nos dias
sem menina,
é imenso.”

Neste sentido, em um mundo (contemporâneo) utilitário, “anti-subjetivo”, tã-canho, que clama (e paga o que for preciso) por soluções rápidas, fáceis (impossíveis), a poesia cava e edifica espaços que podem nos embalar, durante o insolúvel da vida em si, assim como brincar cava e edifica, na infância, espaços lúdicos aonde podemos nos abrigar, na vida adulta, conforme o conceito do ator e psicanalista argentino Eduardo Pavlovsky (1980).

A propósito, em outro livro (Gutfreind, 2008), propondo uma releitura do clássico e precursor caso do Pequeno Hans, desbravei uma leitura mais focada na transformação do pai, que havia se tornado mais lúdico, a partir da escuta do analista. Considerarei-o mais importante do que as interpretações edípicas e verdadeiras, conforme a descrição freudiana original. Neste sentido, contradi-

zendo a mim mesmo, a primeira tópica ou a impura e complicada transformação do inconsciente em consciente pode estar um tanto desgastada.

Brincar, diretamente, em jogos com crianças, e indiretamente, em interpretações com adultos, pode ser um dos atributos mais necessários a um psicanalista contemporâneo. Acrescento, aqui, no mesmo mundo utilitário e em pane lúdica, o desafio de manter-se um psicanalista, com toda a dor e a delícia envolvidas nisso, sujeitas a tentações objetivantes, místicas e dispersas (Eizirik, 2015), incluindo refugiar-se em inúmeras teorias disponíveis, em detrimento de um encontro, conforme tratei em outro livro (Gutfreind, 2020).

Se há aqui algo de pessoal, no sentido de mostrar como me empresto poeta e prosador para o trabalho analítico, creio que posso estar, assim, cumprindo um certo convite à impessoalidade, no melhor de seus sentidos universais. E, quem sabe, possa estar desobedecendo referências (pais?), a quem tanto admiro, como o mesmo Ogden, citado acima, e para quem os gêneros da escrita não deveriam ser misturados. Nessa hora, recorro a Clarice Lispector (1973), “Gênero não me pega mais”, e misturo. Que cada analista possa misturar e, bebendo as teorias – a teoria – em comum, ser o que é. A mistura, aliás, é própria de uma pós-modernidade e, ainda, do que viria depois, ou continua vindo, cada vez mais rápido, sem cessar.

Pois, se penso em um psicanalista qualquer de hoje, mesmo que este qualquer não exista, penso nele(a) como um(a) guardiã(o) da subjetividade original, com seu suposto resgate poético, na transferência. Aqui, cai um pouco a primeira tópica e surge uma segunda – ou terceira – em que uma verdadeira obra em carne e alma vivas é construída. E nada disso talvez seja novo.

Refiro-me a um mundo que anda pouco afeito a esses encontros originais, olho no olho, pele na pele, borrifado que anda de virtualidade (precoce), novas tecnologias (excessivas), terceirização de encontros, capitalismo selvagem, narcisismo, mais imagens, menos palavras etc. Esse mundo – tema de outro livro (Gutfreind, 2021) – que gera uma pane, primeiro poética, e depois narrativa, nas crianças, e, mais depois ainda, nos adultos, crianças reconstituídas. Esse mundo com a sequela do radicalismo, com pouco espaço para as nuances.

Um mundo, igualmente, de tanto espectro autista. De tanto solipsismo e desregulação social, econômica e ambiental, o que daria um novo texto, de olho na responsabilidade de um psicanalista contemporâneo, diante de uma sociedade injusta, racista, misógina, machista, desigual.

Suponho, aqui, outra espécie de invariante em psicanalistas e mesmo na psicanálise contemporânea, resgatando o mais literário de Freud, ao abrir um es-

paço merecido e necessário a autores como Bion, o próprio Roussillon, Ferenczi, Ferro, e tantos outros repletos de uma psicologia do conto e da narração como critérios de pontos de chegada a uma “cura” – a obra. De certa forma, creio que André Green (1994) tinha razão, ao propor que toda análise é aplicada. A imagem de uma saída da cisão-dissociação inicial (e radical) para poder entrar no relativismo de abstrações mais moderadas pode dar conta do que estou pensando.

Aqui, talvez, o meu elemento pessoal encontre certa contemporaneidade universal, em uma realidade tão pouco propensa ao pensar, ao sentir, ao sofrer, ao entediar-se, o que uma psicanálise de todos os tempos, apoiada nos melhores filósofos, sugere como condições humanas fundamentais. E até as engendra para si. E as sustenta para o outro. Não são raros os casos de crianças que experimentam nos nossos consultórios, pela primeira vez, a possibilidade de entediar-se profundamente e viver a dor e a delícia dessa emoção inevitável.

Assim me considero e nos considero, hoje em dia, como psicanalistas: guardiões da difícil intimidade, propulsora do subjetivo, o que não se engendra sem arte, sem música, sem poema. A arte sempre foi importante. A arte nunca foi tão importante. Isso está em nossas bases, mas creio que essas bases se tornaram mais necessárias, na mescla do antigo e do novo. Assim, não somos necessariamente poetas de poemas escritos, o que não é o caso, mas em vida, no corpo a corpo, alma a alma, que transitam entre o desespero e a esperança, em meio a condições inóspitas para cantar e contar. Somos, psicanalistas contemporâneos, poetas orais. Ao vivo. Em carne viva. Em almas se encontrando, ao se saberem também perdidas.

Mas é quando isso me parece novo que retomo o que pode ser mais essencial em psicanálise. Pois meu termômetro de que uma análise está em movimento é a presença de um clima poético que a ronde (perdão, Ogden), e a adentre. Pois, dia desses, uma delas concedeu-me este poema que compartilho para resgatar origens e também desdobramentos:

“Ao contrário do que pensa o poeta,
o narrador sequer tem o alibi de não se preocupar com o fim da linha.
E, como o poeta, ele mesmo
precisará saber manejar o labirinto
das pausas e as continuidades.
E vai precisar inventar o real e realizar o inventado,
azeitar tempo, lugar, foco, sem falar nas personagens
que precisam ser convincentes

e aqui sequer adianta
olhar a vida em si,
de onde não pode tirar
convencimento maior.

É hercúleo o trabalho do narrador,
tal qual o do poeta
e do escultor
do pintor
(do analista)
ou qualquer
artista.

E, feita a obra, vai precisar de olhos
e de ouvidos que o acolham
e, durante, completem-no.

E, finalmente, desperto, chegará ao patamar
do que os sonhadores conseguem, dormindo.”⁷

A chegada ao poema – a cura como uma obra conjunta –, conforme o anunciado, para encerrar um texto em vigília (ou uma análise, em seus devaneios) pode ser a síntese (poema é síntese e ritmo) do que estou tentando expressar sobre o psicanalista que tento ser hoje e que observo em tantos colegas, com os quais me identifico, em meio às lacunas contemporâneas.

Em um mundo cada vez mais hiper-real, excessivo em sua virtualidade que pouco atende às necessidades do bebê (e do bebê recomposto)...

Em um mundo que tanto conspira contra o advento da subjetividade, nossa necessidade psíquica maior, poder sonhar, contar os sonhos, resgatá-los e compreendê-los parece o que ainda há mais de contemporâneo em um psicanalista amparado ainda por um alfarrábio valioso e ritmado, publicado lá nos idos de 1900, acrescido, é claro, de tudo o que continuamos, cada vez mais livremente, pensando para sentir.

7. Sina, poema inédito.

Parece-me, assim, que escritores como Freud, que são esses de uma ótima prosa amparada pelo melhor da poesia, nunca deixam de ser contemporâneos, evocando uma expressão de Verdi, citado por Compagnon (2011): “Voltemo-nos para o passado, será um progresso”.

Em 2022, sonhar e subjetivar surge como ainda mais atual e necessário.

From the old contemporary to the psychoanalyst I am today

ABSTRACT *In this chronicle-essay-article, the author, based on a self-reflection on his own trajectory, theoretical references and clinical practice, discusses his identity as a psychoanalyst, also associating it with the possible effects of contemporaneity. The poetic and aesthetic aspects, around subjectivity, are equally highlighted as essential for a contemporary psychoanalyst.*

KEYWORDS: *psychoanalysis; contemporary psychoanalysis; poetry; identity.*

Del viejo contemporáneo al psicoanalista que yo soy hoy

RESUMEN *En este artículo-ensayo-crónica, el autor, a partir de una autorreflexión sobre su propia trayectoria, sobre sus referencias teóricas y su práctica clínica, diserta sobre su identidad como psicoanalista, asociándola, además, a los posibles efectos de la contemporaneidad. Los aspectos poéticos y estéticos en torno a la subjetividad, se destacan igualmente como esenciales para un psicoanalista contemporáneo.*

PALABRAS-CLAVE: *psiconálisis; psicoanálisis contemporáneo; poesía; identidad.*

Referências

- Brun, A. (2019). *Médiations thérapeutiques et psychose infantile*. Paris: Dunod.
- Compagnon, A. (2011). *Os antimodernos. De Joseph Maistre a Roland Barthes*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Eizirik, C. L. (2015). Alguns aspectos da formação analítica. *Jornal de Psicanálise*, 48(88): 53-65.
- Golse, B. & Roussillon, R. (2010). *La naissance de l'objet*. Paris: PUF.
- Green, A. (1994). *O desligamento – psicanálise, antropologia e literatura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Guerra, V. (2018). *Rythme et intersubjectivité chez le bébé*. Toulouse, França: Érès.
- Gutfreind, C. (2008). *As duas análises de uma fobia em um menino de cinco anos – O Pequeno Hans – a psicanálise da criança ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Gutfreind, C. (2012). *A dança das palavras – poesia e narrativa para pais e professores*. Porto Alegre: Artes & Ofícios.

- Gutfreind, C. (2019). *A arte de tratar – por uma psicanálise estética*. Porto Alegre: Artmed.
- Gutfreind, C. (2020). *Mais relato menos metapsicologia*. Porto Alegre: Artes & ecos.
- Gutfreind, C. (2021). *A nova infância em análise*. Porto Alegre: Artmed.
- Gutfreind, C. (2022). *Oh! Senhor do picolé & outros poemas refrescantes*. Passo Fundo: Physallis.
- Lebovici, S. (1998). *L'arbre de vie – elements de la psychopathologie du bébé*. Ramonville Saint-Agne, França: Érès.
- Lispector, C. (1973). *Água viva*. Paris: des femmes.
- Millot, C. (2004). *Gide Genet Mishima – Inteligência da perversão*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Ogden, T. H. (2010). *Essa arte da psicanálise – sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Porto Alegre: SPPA e Artmed.
- Pavlovsky, E. (1980). *Espacios y creatividad*. Buenos Aires: Ediciones Busqueda de AYLLU S.R.L.
- Stern, D. (1997). *La constellation maternelle*. Mesnil-sur-L'Estreée, França: Calmann-Lévy.
- Winnicott, D. W. (2002). *Los procesos de maduración y el ambiente facilitador – estudios para una teoría del desarrollo emocional*. Buenos Aires: Paidós. (Original publicado em 1965).

Recebido: 04/10/2022

Aceito: 02/11/2022

Celso Gutfreind
celso.gut@terra.com.br

Ser psicanalista: ofício, vida, mistério

Maria do Carmo Andrade Palhares¹

RESUMO Ser antes de tudo, condição fundante para praticar um ofício, realizar a vida, sustentar o mistério. Ao longo deste trabalho, desdobramos esse processo sendo uma psicanalista buscando a contribuição de outros psicanalistas e escritores que adentram o campo do humano com sinceridade e intensidade. Daí surge, no *setting*, o valor da confiança entre analista e paciente. O vislumbre de uma experiência clínica expressa esses gestos de contato na tentativa de recuperar os afetos do paciente através da emoção sentida e comunicada pela analista. Essa é a aposta para uma psicanálise viva.

PALAVRAS-CHAVE: ser; psicanalista; confiança; clínica; humano.

*“Não vá mostrar todos os lados das coisas,
preserve, você, uma margem de indefinição.”*

Jean-Luc Godard (2022)

O fluxo do viver imprime momentos que nos conduzem a uma viagem ao informe, ao clivado, ao recalcado, percalços do imprevisível e do imponderável. Revelam marcas, registros, vestígios. No nosso ofício esses elementos transitam por histórias, memórias, vazios, presenças, intimidades. Pode ser que sem dizer lugares do silêncio se expressem assim: “Deixe em paz meu coração que ele é um pote até aqui de mágoa e qualquer desatenção, faça não, pode ser a gota d’água” (Chico Buarque, 1975). Diante desse sentimento oculto ou explícito, aquecemos nossa escuta ao reconhecer e considerar essa imagem de

1. Psicanalista, Membro Associado da SBPRJ. Docente do curso sobre Sándor Ferenczi no Instituto de Formação Psicanalítica da SBPRJ. Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi.

si. Tato humano captar e relançar os afetos que respeitem formas de ser e de sentir. A vivência desse contexto interno engendra ambiguidades, ora busca-se encontro e proximidade de experiências que sustentem processos enriquecedores da subjetividade, ora evita-se encontros que possam promover fusão, transfusão, dependências, experiências que coloquem em risco uma frágil estabilidade emocional. Resultado: busca de afastamento do outro, de situações consideradas ameaçadoras à integridade interior. Uma paciente me diz, repetidamente: “eu me entoco, me escondo”. Percebo seu medo de ser tocada emocionalmente e, assim, ser afetada internamente. Ou mesmo desintegrar-se. Pode ser “*a gota d’água*”.

Aqui deparamo-nos com a complexidade e o mistério do encontro humano como possibilidade de praticar a vida ao reconhecer o timbre do tempo e a atmosfera dos afetos. Além de identificar as sombras que impedem os pacientes de viver circunstâncias favoráveis aos seus sonhos e desejos. A empatia e a cautela nos ajudam a encontrar a fenda diante do muro-impasse relacional.

A perspectiva relacional empreendida pela psicanálise valoriza a construção do vínculo entre analista e paciente, movendo-se em direção ao ponto de vista do paciente. Diante do que vemos, percebemos, sentimos, construímos um olhar de cumplicidade com o paciente, mirando ao seu lado os lugares das suas experiências e relações precoces ou atuais. Gestos, expressões, palavras fornecem uma imagem de si, projetam imagens do outro, revelam um percurso existencial. Com os elementos apresentados na sessão de análise buscamos construir uma conversa. Conversa que pode ser banal, dramática, sensível, estranha, e até mesmo silenciosa, mas da parte do analista espera-se presença viva. Mesmo diante do insólito, do incompreensível, da indiferença, da agressividade tentamos sustentar um processo interacional. Somos e estamos, muitas vezes, diante do mistério nosso e do paciente, deixando espaço para a indefinição do encontro, vivências do não-saber, aceitação da fragilidade e precariedade do vínculo permeado pela presença de potencial ruptura ou esvaziamento relacional. Transitamos por inúmeros personagens que um mesmo indivíduo apresenta pelos diversos “palcos” que transitou ao longo do seu encontro consigo mesmo ou com o outro. Fragmentos, pedaços, conteúdos em busca de uma escuta, de um olhar confiável diante da insuficiência de si.

Ferenczi, ao longo de sua obra teórico-clínica, vai destacar o valor da confiança como sustentação de vivências humanas, algumas vezes, insuperáveis. Quando alguém projeta uma imagem de si num encontro analítico, procura aceitação. Ferenczi (1928/1992) insiste: não desmentir, não invalidar

esses momentos que abrigam ansiedade, medo, hostilidade, vergonha, ódio, emoções que podem favorecer um colapso emocional. Resistências decorrem da ameaça de uma ruptura psíquica. A visão ferencziana acolhe em si esses sentimentos ao enfatizar – “sentir dentro” – como possibilidade de o analista hospedar o paciente em sua interioridade. Nesse contexto, repousa o fundamento do ato analítico – configura-se o psicanalista introjetivo. O poeta acende o farol ao dizer: “Me dê só dois palmos do seu sono, para que eu sonhe com você” (Freitas Filho, 2021).

Aqui podemos destacar “a felicidade da confiança”, expressão proferida por Ferenczi como algo indispensável para uma entrega autêntica na cena analítica, tanto para o analista como para o paciente. Crer em, experiência vital. Em seu percurso descrito, minuciosamente, no *Diário clínico* (1932/1990) comunicava: vamos errar, mas vamos tentar sinceramente.

Assim, no seu *Diário clínico*, Ferenczi deixa um testemunho do seu trabalho fazendo coincidir o eu que escreve com as vozes dos seus pacientes, revela-se uma polifonia ao contar histórias sob diversos pontos de vista, seu e dos pacientes. Ao capturar vidas e sentimentos favorece a escuta do som e do tom dessas vozes que colidem entre o sonho e a realidade traumática experimentada por esses analisandos. Em muitos momentos atrapalhou-se, misturaram-se histórias do analista e dos pacientes. Insistiu em viver uma realidade compartilhada junto ao paciente – mutualidade na veia – considerando que os analistas são o produto desse autêntico risco relacional. Não aceitava, portanto, a hipocrisia profissional. Optou por uma descrição clínica que atravessava situações e sentimentos dentro e fora de si. Daí decorrem fracassos e imperfeições que quebram a formalidade, a distância, o gelo de certas narrativas clínicas. Ao final, essas narrativas emocionam. Vislumbro um psicanalista instigado e desafiado pelo adoecimento psíquico, seu e do paciente.

Antonino Ferro (2003) resgata essa compreensão ao escrever:

Uma micro-transformação não acontece em função de uma decodificação interpretativa, mas simplesmente captando a emoção que o paciente está vivendo naquele momento [...] creio que é muito importante dar ao paciente, num primeiro momento, o reconhecimento de que nós recebemos sua mensagem, seu recado manifesto [...] No fundo, é o que Bion chama de “estar em uníssono”. Eu penso que é a soma de repetidas experiências de micro-transformações que permite o desenvolvimento de continente e, portanto, depois a possibilidade de conter todos os conteúdos imagináveis. (p.16)

Estar em uníssono é trabalhar num campo que vai do intrapsíquico ao intersubjetivo, tentando alcançar o paciente em sua profundidade, sendo ele, o analista, o outro que deixará o paciente experimentar-se, redescobrir-se, percorrendo o próprio solo da sua existência que vai do silêncio das entranhas à aventura relacional. Tati Bernardi (2022), escritora, criativamente, acrescenta: “Apaziguar a parte do outro que se sente louca e desamparada sempre será a carícia mais sublime e civilizatória que existe. E um jeito digno de acalmar o que também dói em nós” (p. 3).

Essa afirmação contempla, em uníssono, a linguagem da ternura valorizada por Ferenczi e a ética do cuidado entoada na canção de Chico Buarque. Ética, criação e cuidado são elementos fundantes do psicanalisar ao transitarmos pela plasticidade dos afetos. Percebe-se a superposição do tempo e do espaço no encontro humanizante desses autores sensíveis à condição do ser vivente envolto em necessidades e desejos. Clarice Lispector (1969) finaliza: “ela vivia um estranhamento no peito: a vida” (p. 32).

O delineamento realístico do *self* não pode ser separado do delineamento do objeto, algo nuclear para o ato de conhecer e viver. Poderíamos afirmar que só conhecemos e vivemos de maneira significativa a porção do mundo que conseguimos criar. Contornando essa compreensão, Winnicott (1966/1988) percorre o trajeto do inominável até o advento do símbolo, potencializando o vínculo com o outro, ao dizer: “O importante é que eu sou não significa nada, a não ser que eu, inicialmente, seja juntamente com outro ser humano” (p. 9). Tal citação enfatiza o trajeto para a intimidade consigo mesmo na busca da construção do sentido de existir a partir da presença do outro, em uníssono.

Aqui, alargamos as fronteiras dualísticas, interno e externo, introduzindo a possibilidade de habitar o paradoxo. Dísparos, distantes entre si, elementos opostos revelam pontos de vista em contraste; do trânsito livre por essas oposições nasce o sentido da diferença. Testamos a capacidade de sustentar mutuamente a tensão e o movimento entre subjetivo e objetivo, onipotência e realização, alucinação e experiência, continuidade e descontinuidade, união e separação, o valor do subjetivo e o valor da realidade. Sob o olhar dialético do paradoxo encontram-se afinidades secretas entre o percurso dessas polaridades que se completam nutrindo a criatividade humana. Abarcando toda essa trajetória, Winnicott (1966/1988) enfatiza: “O meu ofício é ser eu mesmo” (p. 43). Daí surge a implicação terapêutica da pessoa do analista. Cada encontro analítico envolve a singularidade do par analista-analisando, revelam pessoas. Alguém diante de alguém. Portanto, uma obra humana única e singular trans-

borda para além das teorias. Vale dizer, introduzindo a pulsação da vida e do mistério desse ofício.

As primeiras palavras importam. Escritas ou faladas. Manoel de Barros (2003) diz: “Não pode haver ausência de boca nas palavras: nenhuma fique desamparada do ser que a revelou” (p. 26). Assim, nos reunimos a Freud. O primeiro psicanalista ao percorrer o fio invisível do inconsciente abre o século XX com palavras sobre o sonhar humano, inserindo no cotidiano a revelação dos sonhos e suas enigmáticas imagens. Escrevendo e manejando com interesse e curiosidade as várias camadas da vida mental, Freud (1900/2018) lembra-nos de que mesmo um ato mínimo, uma vivência banal compõe um interior complexo dentro do homem que amplia a substância do tempo e dilata a espessura do espaço. Nesse sentido, a psicanálise constrói o aspecto subjetivo da duração do encontro analítico, revelando a possibilidade de mudança a cada relação transferencial. Sendo os mesmos, somos outros a cada nova situação como condutora de ideias, sentimentos e afetos. Ser analista nos convoca a extrair desse contexto uma beleza estranha, gestos inusitados, palavras inauditas para compor um desafio interno e relacional autenticamente significativo na busca de promover o crescimento do paciente e da díade psicanalítica. Vislumbramos a apropriação e a expansão vital do corpo e da alma, considerando-se os processos cocriativos da dupla analítica.

Vale a pena recuperar a clínica. Um pequeno vislumbre ilustra nossas palavras. Farid, uma paciente que venho atendendo há longo tempo. Esse nome me veio rapidamente. Era uma moça muito singular no seu estilo de vida. Ela despertava em mim: estranhamento, afeto, admiração, e às vezes exaustão!

Farid, diante do acidente sofrido por seu pai, desmarca nossa sessão. Seu pai fora atropelado, estava no hospital em estado grave. Suas mensagens eram desoladoras. Ele seria operado, corria risco de vida. Ela escrevia: “Estou destruída... devastada... não estou conseguindo falar, só fico chorando. Quando der, te ligo, não posso sair daqui”.

Farid tem 37 anos, mora sozinha, sua relação com os pais é intensa. Os pais são protetores e provedores de muito afeto e materialmente ajudam muito. A paciente é muito centrada nos cuidados com ela mesma: corpo, a casa, tenta uma vida profissional independente com grande preocupação com sua autonomia. Mantém uma vida mais solitária; apresenta dificuldades nas relações quando não correspondem às suas expectativas afetivas ou profissionais. Em muitos momentos, isola-se. Aos poucos, passou a confiar em mim e na análise, isso favoreceu seu processo analítico em termos de continuidade e profundida-

de. Mas, em muitos momentos, recua, defende-se na indiferença, ou apresenta mau humor e agressividade, travando o fluir do encontro analítico.

Diante desse acontecimento-acidente com seu pai, temi pela estabilidade emocional de Farid. Ela passou a se comunicar comigo por mensagens. Nesses momentos, expressava seu desespero. Eu respondia com palavras de alento e proximidade. Muito bem assistido medicamente, seu pai foi se recuperando. Farid participou intensamente dessa recuperação. Ao lado da mãe, acompanhou toda a evolução clínica do pai. Após um mês e meio de ausência, voltou à análise.

No dia do seu retorno, eu estava inquieta, sentindo uma emoção interna. Afinal, eu acompanhava Farid desde sua juventude; conhecia a força do seu relacionamento com os pais.

Ao entrar, ela esboça um leve sorriso. Sua fisionomia estava séria, fechada. Sentou e começou a falar do seu trabalho. Fiquei em silêncio. Ela não parava de falar das suas insatisfações profissionais. Em determinado momento, menciona: “quando eu estava no hospital com meu pai”, engata uma fala rápida e prossegue falando sobre o trabalho. Perguntei-me: “Onde estava a Farid de dois dias atrás? Desesperada, chorosa, demonstrando grande sofrimento, me enviando mensagens comoventes”. Perguntei-lhe, então: “Como está seu pai?”. Ela me olhou demoradamente, já falava sem parar há 20 minutos. Começou a falar sobre os detalhes da saída do hospital, do excelente atendimento médico, das cirurgias. De modo racional e distante, narrava objetivamente. Houve uma relutância em responder à minha pergunta, criando uma atmosfera fria e caricatural. Fui tomada por grande emoção. Disse-lhe: “Sabe, Farid, a sua dor filial me fez reencontrar um momento que também vivi com meu pai. Assim como você, tive medo de perdê-lo. Assim como você, eu o amava muito...”. Antes que eu acabasse de falar, Farid começou a chorar. Disse: “Foi um milagre ele ter se recuperado. Está cheio de cicatrizes, mas está vivo. Em casa. Foi um milagre”.

Farid, também, estava cheia de cicatrizes. Bloqueava seu sofrimento fechando a abertura às suas dores que suas mensagens abriram dentro de mim.

Lembrei-me de Manoel de Barros: Farid desamparou o que revelou em suas mensagens, não conseguiu sustentar sua dor traumática. Projetou em mim o que estava difícil de sentir: emoção, sofrimento e desamparo. Precisei oferecer minha emoção, minha experiência de dor para que ela reencontrasse dentro de si mesma os seus sentimentos de medo e angústia vividos nesse último mês de sua vida. Minha voz surgiu emocionada. Esse envoltório sonoro carregado de tons afetivos também produziu um efeito subjetivo. Assim, segundo Winnicott e Ferro, vivemos uma experiência juntas, em unísono.

Em seguida, revelou-me: “Minha mãe não chorou. Fui a primeira a receber a notícia do acidente, logo pensei em minha mãe. Você sabe como eles são ligados. Mas ao dar a notícia, ela quis logo ir para o hospital. Não chorou. Ficou abalada, mas firme. Até agora, não chorou”.

Bolognini (2013/2021) contribui para esse momento:

As nossas coisas que fazem parte de nós e que tentamos expulsar ou exilar, nos seguem, nos perseguem, nos pressionam, enquanto não voltam para casa, ou, melhor dizendo, para dentro de nós. E, mais cedo ou mais tarde, elas encontram uma forma de acesso para se reconectar com o resto de nós. O fato é que, para recebê-las de volta, definitivamente temos que derramar muitas lágrimas: são reabsorções dolorosas. (p. 51)

E agora, ali, no nosso encontro presencial, Farid pôde chorar e dizer: “não sei o nome do tanto que sofri... [volta a chorar] pensei que já tinha passado, mas está tudo muito vivo”.

Saramago (1995) finaliza um documentário, dizendo: “Dentro de nós tem uma coisa que não tem nome, é o que somos”

Somos, sentimentos e transitoriedade! Duração! Impermanência! Freud, em seu texto *Sobre a transitoriedade* (1916/2010), nos diz: “O valor de transitoriedade é valor de raridade do tempo. A limitação da possibilidade da fruição aumenta sua preciosidade [...]. Se existir uma flor que floresça apenas uma noite, ela não nos parecerá menos formosa por isso” (p. 249).

Essas palavras ganham uma refinada dimensão relacional. Acrescentemos: ali, no *setting* analítico, a experiência de sobreposição de duas vivências, do analista e do paciente, vai se encontrar no tempo de um instante comum, num lugar de sentido comum.

Farid e eu ancoramos um momento de dor dentro da realidade subjetiva de cada uma, duas pessoas diferentes encontrando-se numa realidade compartilhada. Segundo Freud (1916/2010): “Também o que é doloroso pode ser verdadeiro” (p. 248). Portanto, humano. E assim, passível de transformação mútua, revelando o sentido de um vínculo que enriquece e nutre o processo de simbolização. Processo indispensável para a continuidade e renovação do viver sendo psicanalista criativo na busca de percorrer um caminho estético-poético. Aqui, acreditamos em momentos, cujo fluxo relacional demanda humanizar, antes de psicanalisar. Ser, antes de fazer, assume a importância de um ato de criação. Essas passagens vividas no *setting* analítico têm a função de restaurar a

continuidade de si, favorecendo a expansão íntima do existir. A conquista dessa experiência subjetiva devolve ao paciente o sentimento de que a vida vale a pena ser vivida no campo vivo das dores e das alegrias.

Ao sair, Farid abraçou-me em silêncio. Nesse momento, um pequeno vislumbre no tempo – ser psicanalista.

Ser psicoanalista: ofício, vida, misterio

RESUMEN Ser, antes de más nada, condición fundante para ejercer un oficio, realizar la vida, sustentar el misterio. A lo largo de este trabajo desplegamos este proceso como psicoanalista, buscando el aporte de otros psicoanalistas y escritores que se adentran en el campo humano con sinceridad e intensidad. Surge, de ahí, en el setting, el valor de la confianza entre analista y paciente. El vislumbre de una experiencia clínica expresa los gestos de contacto como un intento de recuperar los afectos del paciente a través de la emoción sentida y comunicada por el analista. Esa es una apuesta por un psicoanálisis vivo.

PALABRAS CLAVE: ser; psicoanalista; confianza; clínica; humano.

Being psychoanalyst: occupation, life, mystery

ABSTRACT To be, above all, a fundamental condition to practice one's craft, carrying out life, sustains the mystery. Throughout this work, we unfold this process of being a psychoanalyst seeking input from others psychoanalysts and writers who enter the human field with sincerity and intensity. Hence, in the setting, the value of trust between analyst and patient. The glimpse of a clinical experience expresses these contact gestures in an attempt to recover the patient's affection through emotion felt and communicated by the analyst. This is a gamble for living psychoanalysis.

KEYWORDS: being; psychoanalyst; confidence; clinic; human.

Referências

- Barros, M. (2003). *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta.
- Bernardi, T. (2022). Para Virgínia e Valentina. *Folha de São Paulo*, 14/10/2022.
- Bolognini, F. (2021). Inauditum / inaudível!!!... Consciência, percepção, integração. A análise como uma experiência pós-traumática. *Trieb*, 20(1): 47-65. (Original publicado em 2013.)
- Buarque, C. (1975). Gota d'água. *Chico Buarque & Maria Bethânia ao vivo*. Rio de Janeiro: Philips Records.
- Ferenczi, S. (1990). *Diário clínico*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1932.)

- Ferenczi, S. (1992). Elasticidade da técnica psicanalítica. In S. Ferenczi, *Obras completas* (vol. IV). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1928.)
- Freud, S. (2010). Sobre a transitoriedade. In S. Freud, *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*(Obras completas, P. C. Souza, trad., vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1916.)
- Freud, S. (2018). A interpretação dos sonhos (W. I. Oliveira, trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Original publicado em 1900.)
- Ferro, A. (2003). *O pensamento clínico de Antonino Ferro: conferências e seminários*. São Paulo: Caso do Psicólogo.
- Freitas Filho, A. (2021). *Cristina – 21 poemas*. Edição artesanal de 20 exemplares destinada aos amigos.
- Green, A. (2002). *La pensée clinique*. Paris: Editions Odile Jacob.
- Godard, J. L. (2022). *História(s) do cinema*. Rio de Janeiro: Círculo de Poemas.
- Lispector, C. (1969). *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Saramago, J. (1995). *Ensaio sobre a cegueira*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Winnicott, D. W. (1988). *Os bebês e as mães*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1966.)
- Winnicott, D.W. (1988) *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1966.)

Recebido: 18/11/2022

Aceito: 04/12/2022

Maria do Carmo Palhares
mcarmoandrade@gbl.com.br

Acompanhando uma paciente terminal¹

Maria Regina Newlands Trotto²

RESUMO Este trabalho apresenta o caso clínico de uma paciente terminal e procura mostrar a importância do atendimento psicológico junto ao médico, voltado para a doente e não apenas para a doença. O atendimento humanizado proporciona ao paciente terminal alívio para o sofrimento físico e para a angústia que sente, quando lúcido, ao considerar a sua própria morte. Inclui os familiares, que precisam ter a possibilidade de manifestar suas emoções e perceber que existe uma equipe verdadeiramente preocupada com eles. Os profissionais que atuam dessa forma resgatam, por sua vez, a sua própria dimensão humana. Sem postular técnicas para ajudar a morrer, a autora acredita em poder ajudar a lidar com a angústia da morte e, principalmente, a viver.

PALAVRAS-CHAVE: paciente terminal; equipe médica; família; angústia de morte.

Ao chegar ao hospital naquela manhã de junho, fui chamada para atender Marina, uma paciente de prognóstico grave. O médico fez-me um resumo do seu quadro clínico. Há três anos vinha sendo tratada contra um câncer e agora parecia chegar a uma fase terminal.

Entrei em seu quarto e encontrei-a recostada no leito. Marina era uma mulher de aproximadamente 60 anos, de grandes e expressivos olhos azuis, emagrecida e calva. Do seu nariz, pendia uma sonda. As janelas estavam fechadas e seu corpo cheirava mal. O ar era denso, a sua angústia, quase palpável. Apresentei-me pedindo à amiga que a acompanhava para nos deixar um pouco a sós. Ao perguntar-lhe como se sentia, Marina começou a chorar.

1. Caso clínico apresentado no Centro de Estudos do Hospital Barra D'Or no dia 14 de novembro de 1998.

2. Psicóloga, Psicanalista, Membro Associado da SBPRJ e Coordenadora do Serviço de Psicologia Médica do Barra D'Or.

Paciente: “Mal! Com dor, nauseada. Não aguento mais essa sonda. Estou exausta.” (Fiquei em silêncio e ela continuou) “Acho que essa história deveria acabar.”

Psicóloga: “Que história?”

Paciente: “Essa luta toda! Pra que tudo isso?! Já fiz tantas cirurgias... Foram tantas tentativas: radioterapia, quimio... No começo, tinha muita esperança de ficar boa, curada. Tirei o seio esquerdo, foi uma barra essa mastectomia, sabe? Mas eu fui à luta! Você não imagina como eu fiquei animada quando, no ano seguinte, refiz esse seio em outras duas cirurgias. Foi todo um processo. (Faz uma pausa). Todo um sofrimento inútil! A doença reapareceu. Fui perdendo partes do meu corpo. (Pausa). Melhor morrer de uma vez!”

Psicóloga: “Eu imagino o quanto você esteja sofrendo neste momento, Marina.”

Paciente: “Quer saber como vai terminar tudo isso... Quando?”

Psicóloga: “Quando?”

Paciente: “É... Não sei... Acho que não tenho chance... Eu queria viver mais. Me preocupo com a minha filha.”

Psicóloga: “Você tem uma filha?”

Paciente: “Tenho um casal. Uma menina de 17 anos e um rapaz de 25.” (Seu rosto muda quando me fala dos filhos. Suas feições se amenizam. Enxuga os olhos.) “Ela é uma gracinha. Se acha gorda, imagina, e tem um corpo lindo! É muito apegada a mim. O rapaz já é um homem, mora fora do Brasil, trabalha lá. Tenho o maior orgulho dele. Ele está chegando esta semana. Mandaram chamá-lo.”

Psicóloga: “Então eu vou conhecê-los. Amanhã eu volto pra conversarmos mais, tá bom?”

Paciente: “Tá. Seu nome é Regina, não é? Até amanhã, então.”

Ao despedir-me de Marina, fui andando pelos corredores do hospital, a pensar. O que dizer? Muitas vezes falamos para nos aliviar, nos defender. Tão difícil enfrentar essa tarefa... Como lidar com uma paciente terminal? Ficar em silêncio era penoso. Como permitir que a paciente nos transformasse naquilo que ela precisava? O seu pedido de ajuda era claro nas palavras, na aparência, nas dores, no choro, nos seus diferentes sintomas. O que fazer por uma doente com sofrimentos tão intensos? Não estávamos diante de um cadáver recente. Mas sim, de uma pessoa viva e, no entanto, próxima da morte. Uma doente e não uma doença. Uma realidade concreta e não uma abstração. Alguém com um corpo, sentimentos, uma história. Com uma trajetória única. Com passado, presente e um breve futuro. Marina tinha filhos, amigos, trabalho. Alegrias, má-

goas, desamparo, tristeza e medo. Muito medo. Era uma paciente com câncer e terminal, mas que tinha uma vida, como qualquer um de nós. Valia a pena, portanto, atendê-la o tempo todo, “drenando” emoções. Era importante tentar ajudá-la a se organizar diante de uma situação tão desestruturante quanto essa. A de contemplar a própria morte. Andando pelos corredores do hospital, percebi que Marina já passava a viver em mim.

No dia seguinte, voltei a atendê-la. Estava rodeada por amigas que pareciam criar em torno dela uma rede protetora. Uma delas pediu para falar comigo a respeito da família da paciente.

Amiga: “Existem muitos problemas. O ex-marido é alcoólatra e ela teme pela filha. Não quer entregue ao pai e isso a angustia muito. Além do mais, sua relação com os irmãos não é boa. A mãe é uma figura deprimida, não põe os pés no hospital. Sei que isso a entristece muito, fica ressentida, sente-se abandonada.”

Psicóloga: “Sente-se abandonada até pela saúde... Mas parece que as amigas não a abandonaram, não é mesmo?”

Amiga: “Somos amigas antigas, de diferentes lugares. Da faculdade, do trabalho. Mas você sabe, apesar de toda a intimidade que temos, ela sempre erigiu uma barreira em torno de si própria... Acho que nenhuma de nós conhece verdadeiramente a Marina. Esse foi sempre o jeito dela, apesar de afetuosa, meio distante.”

Neste mesmo dia, a paciente falou-me que gostaria que conversasse com sua filha, Marcela. Marcamos um horário para esse atendimento. No dia seguinte, Marcela já estava esperando por mim. Mostrou ter uma grande maturidade para os seus 17 anos. Falou da relação que tinha com a mãe.

Filha: “A gente sempre se deu muito bem. Sempre fomos amigas. Eu nasci oito anos depois do meu irmão. Mamãe diz que fui um presente que ela ganhou. Por sermos mulheres, sempre tivemos uma cumplicidade especial. Depois que meu irmão foi morar fora, ficamos mais unidas ainda. Mas, apesar de tudo, acho que ela prefere o Luís. Não sei, ele é o filho mais velho, o filho homem.”

Demonstrou ter uma nítida noção da morte iminente da mãe. Chorando, perguntou-se como seria a sua vida dali em diante.

Filha: “Sei que agora, antes de dormir, ao invés de abraçá-la vou só tomar um copo de leite.”

Mencionou a sua ambivalência.

Filha: “Às vezes quero que ela viva mais, de qualquer forma. Mas, em outros momentos, desejo que ela morra logo. É insuportável presenciar o seu sofrimento.”

Falou de sua culpa por sobreviver.

Filha: “É estranho, mas às vezes me sinto culpada por estar viva, com saúde, vendo-a desse jeito.”

Queixou-se do preconceito que percebia nos outros em relação à sua pouca idade.

Filha: “Ninguém fala comigo aqui no hospital... Até mesmo uma criança pequena merece respeito, você não acha? As amigas da minha mãe tentam me afastar dela... Mas há três anos quem vem segurando essa barra lá em casa sou eu! Até mesmo a mamãe não quer que eu venha ao hospital. Acho que ela acredita que assim estará me protegendo. Mas é muito pior ficar sozinha em casa, excluída, à margem de tudo! Não acho justo e fico muito mais ansiosa.”

Psicóloga: “Vamos conversar com sua mãe sobre isso?”

Ao nos despedirmos, Marcela me perguntou: “Posso te dar um abraço?”

No atendimento à família, surgem vivências de angústia diante da possibilidade de perda. Segredos são revelados. Os familiares precisam ter a possibilidade de manifestar suas emoções, suas queixas, suas lágrimas. Esses são sentimentos sempre presentes, mas muitas vezes evitados pela equipe e pelo próprio paciente. O paciente terminal desperta angústia e tendemos a fugir do contato com ele.

O enfermeiro pode deixá-lo por um longo tempo ao cuidado das máquinas. Aos médicos é ensinado que não devem se envolver com o paciente. É como se lhes dissessem: “Não se envolvam com a morte, com o sofrimento despertado por ela”. Mas essa neutralidade exigida pode impedir um verdadeiro encontro com o paciente. Não se envolver com a morte, portanto, implica em não se envolver com a vida. O psicólogo pode limitar-se a breves visitas aos pacientes, a avaliações, a entrevistas padronizadas, sem particularizar o atendimento para o qual é indispensável uma grande disposição para ouvir. Poderá haver proximidade física da equipe em contraponto a um distanciamento emocional e o paciente sofrerá com isso.

Em outras ocasiões, atendi o filho mais velho de Marina, que chegara do exterior. No início muito esperançoso, apoiava-se na fé religiosa e procurava transmitir à mãe o seu ânimo, sem afastar-se dela nem por um momento. Apesar das inúmeras conversas com os médicos sobre a gravidade da situação, continuava negando essa gravidade. Falava da mãe com esperanças de cura. Aposando em um tratamento alternativo, idealizado, que viria de um país distante, usava, ao mesmo tempo, a palavra terminal. Perguntei-lhe, intrigada: “Luís, o que significa pra você um paciente terminal?”. Ao que, para minha surpresa, ele respondeu: “É quando terminam os recursos da medicina tradicional”.

Sabemos que a negação é um mecanismo de defesa do inconsciente para se proteger de sentimentos muito dolorosos. Substitui-se um aspecto insuportável da realidade por uma ilusão desejada. Assim, mesmo de posse de todas as informações, o indivíduo pode continuar negando. Esses mecanismos de “legítima defesa” da família e do paciente devem ser respeitados. Aos poucos, e com a nossa ajuda, a realidade vai se impondo. Essa defasagem entre a compreensão intelectual e a emoção vai diminuindo.

Pude assistir a uma consulta de Marina com um dos médicos que, ao conversar francamente com ela, expôs-lhe toda a seriedade da doença. Foi um encontro penoso em que ela perguntava e ele respondia.

Retirou-se a sonda nasogástrica que tanto a incomodava. Em seguida, falei-lhe de projetos que poderia fazer.

Paciente: “Projetos? Que projetos?!”

Psicóloga: “Você queria tanto retirar essa sonda, por exemplo. Esse foi um pequeno projeto que você realizou, não foi? Você pensou em passar uns tempos em casa. Quem sabe?” Durante alguns dias, ela esteve bem. Passou a aceitar a dieta líquida, sem sentir dor, náuseas ou vômitos. Seu humor melhorava, a equipe animou-se. Numa das vezes em que estivemos juntas, mostrou-me antigas fotos, de quando era jovem e bonita. Noutro dia contou-me um sonho que tivera na noite anterior.

Paciente: “Eu corria com um leve vestido azul. Meu cabelo ainda era comprido... Aí eu acordei pra essa realidade horrorosa.”

Psicóloga: “No seu sonho você estava como naquelas fotografias?”

Paciente: “Estava...”

Nessa ocasião, entrou em cena uma figura de suma importância, Bruna, uma sobrinha de Marina. Não tão jovem quanto sua filha, nem tão mais velha quanto as amigas. Passou a cuidar da paciente, tendo, apesar de sua juventude, uma função materna. À Bruna, Marina confiou seus segredos de mulher. Pediu-lhe que entregasse ao atual namorado um último presente seu. Que rasgasse fotografias, agendas, preservando, assim, a própria intimidade. Combinaram que a moça passaria a morar em sua casa e que depois da sua morte seria uma espécie de mãe substituta para Marcela. Marina decidiu que seria bom dispensar a antiga empregada e contratar uma nova. Suas decisões foram sendo expressas e postas em prática por Bruna. Acompanhei de perto esse processo, surpresa com a quantidade de projetos realizados por ela. Do seu leito no hospital, ia presidindo sua própria vida. Aquela que parecia não ter futuro ia, rapidamente, se organizando.

Num dos atendimentos feitos aos três jovens – os dois filhos e a sobrinha – conversamos sobre uma ideia: a de nomear o irmão mais velho tutor da irmã adolescente. Mais uma vez, a decisão coube à Marina e, dias depois, sua sobrinha mostrou-me o documento legalizado em cartório. A paciente parecia entender que o seu tempo se abreviava. Simultaneamente às providências externas, observava-se algum tipo de alívio da angústia de Marina e de seus filhos. Isso não se dava de maneira linear. Sabemos que o equilíbrio físico e mental são dinâmicos. Maria alternava momentos de intensa depressão, de ansiedade, a períodos de maior calma.

A equipe toda, médicos, enfermeiros e psicóloga, mantinha-se junto a ela, acompanhando-a passo a passo. Procurando amenizar seu sofrimento.

Mas a doença impunha seu curso inexorável. Não podia ser detida, muito menos curada. Maria voltou a vomitar seguidamente, sentia dores. Havia uma queda progressiva no seu estado geral. Recusava nova sonda nasogástrica, não se alimentava.

Um dos médicos escreveu em seu prontuário: “Paciente triste, sonolenta, sedada, mas lúcida. Nega náusea e dor. Plano inalterado”. E prescreveu em maiúsculas: “CARINHO E PRESENÇA”.

Em outro momento: “Tranquilamente pede para ajudá-la a morrer”.

Marina fez esse pedido também a mim. Respondi-lhe que não podíamos atendê-la, mas que faríamos de tudo para poupá-la de sofrimento. Marina reagiu com irritação, mantendo uma atitude seca, quase ríspida nas respostas dadas ao médico e a mim.

A sua raiva, a meu ver, não significava ruptura do vínculo com os profissionais. Ao contrário, parecia sentir-se confiante em poder manifestar seus sentimentos hostis, esperando que a equipe suportasse suas retaliações.

Seu filho procurou-me, ansioso, pois não tolerava mais ficar ao seu lado todo o tempo. Haviam decidido contratar uma acompanhante para a mãe. Sentia-se culpado e buscava em mim uma espécie de “absolvição” para essa culpa.

Fui ao encontro de Marina que estava retraída, zangada com a presença da profissional que substituíu o filho. Disse-lhe que compreendia que a sua raiva era por tudo o que passava e, quem sabe, buscava dividir este sentimento conosco – sua família e a equipe médica.

Foi feito um acesso venoso profundo com analgesia e sedação. Marina expressava o desejo de manter-se dormindo. Quando chamada, porém, respondia lenta e corretamente às solicitações. Confirmava estar bem assim, sonolenta, não desejando estar mais desperta.

O paciente terminal nos desanima. As esperanças de se obter êxito em qualquer tipo de tratamento vão terminando. É difícil aceitar a impotência, os próprios limites e continuar a clinicar, a debruçar-se sobre aquela pessoa que, apesar de tudo, ainda vive.

As doenças ocorrem em pessoas e por isso não são quadros invariáveis que pedem condutas terapêuticas uniformes. A conduta clínica varia, não só em função dos quadros clínicos, mas da pessoa que os apresenta. Quando tratamos apenas de doenças, não temos uma equipe estruturada, mas sim um conjunto de pessoas responsáveis por setores de atendimento.

Ao tratar o doente, a equipe transforma-se em um grupo de profissionais, de pessoas, verdadeiramente integrado.

Estive presente durante um exame realizado por um dos médicos. Ao final do exame, perguntei a Marina se não tinha vontade de ouvir música, se gostava de música clássica. Estava muito sonolenta, pouco falava, mas escolheu a rádio – “98 FM” e, enfaticamente, o tipo de música – “música popular brasileira!”

Rimos, o médico e eu, enquanto ela também sorria. Continuava claramente mostrando as suas preferências. Este foi um encontro humano, caloroso, quase alegre.

Diferente dos autores que postulam fórmulas adequadas para se morrer, ou técnicas para acompanhar quem morre, prefiro os que acreditam em ajudar a viver.

Segunda-feira, entrando no hospital, cruzei com o carro de Bruna, que saía. Ela não me viu mas pude perceber aflição em seu rosto. Subi e encontrei o quarto 235. Vazio... Disseram-me: “Marina morreu hoje, cedo”. Na hora, pensei: “Mas como, sem se despedir?”

Em um tempo muito breve, um mês apenas, tínhamos todos nós vivido uma intensa experiência.

Ainda estive mais uma vez com Bruna na recepção do hospital. Tomava as últimas providências para o enterro.

Sobrinha: “Ela pediu para ser enterrada no túmulo do pai... Fui buscar em casa uma roupa clara, moderna, como minha tia gostaria de usar... Mas sabe, uma coisa que não me conformo é com o fato de minha avó não ter vindo nem uma vez aqui, pra ver a filha. E você sabe, Regina, que Marina chamou pela mãe antes de morrer?”

Despedi-me de Bruna, mandei um abraço para os meninos.

Novos pacientes chegavam. As enfermeiras e os médicos apressavam-se em atendê-los. Fui andando pelos corredores do hospital, a refletir. Todos nós

precisamos de um tempo para elaborar lutos, vivências. E o hospital não nos dá esse tempo. Todos precisamos discutir nossa tarefa assistencial.

Acredito, pois, ser este o nosso propósito. E, enquanto vivos, prosseguiremos na busca da realização de nossos sonhos, de nossos projetos.

Acompañar a un paciente terminal: un abordaje psicossomático

RESUMEN Este artículo presenta el caso clínico de un paciente terminal y muestra la importancia de la atención psicológica con el médico, centrada en el paciente y no solo en la enfermedad. La atención humanizada proporciona al enfermo terminal alivio para el sufrimiento físico y para la angústia que siente cuando, lúcido, contempla su propia muerte. Incluye a sus familiares que deben poder expresar sus emociones y darse cuenta de que hay un equipo realmente preocupado por ellos. Los profesionales que trabajan de esta manera, a su vez, rescatan su propia dimensión humana. Sin postular técnicas para ayudar a morir, la autora cree en poder ayudar a lidiar con la angustia de muerte y, sobretodo, a vivir.

PALABRAS CLAVE: paciente terminal; equipo medico; familia; angustia de muerte.

Accompanying a terminal patient: a psychosomatic approach

ABSTRACT This paper presents the clinical case of a terminal patient and seeks to show the importance of psychological care alongside the medical care, aimed at the patient and not simply aimed at the disease. Humanized care for terminally ill patients provides them with the relief for the physical suffering and for the anguish that they feel when they are lucid, facing their own death. It includes their family members that need to be able to express their emotions and realize that there is a team truly concerned with them. In turn, the professionals that work in this way rescue their own human dimension. Without postulating techniques to help patients who are facing death, the author believes in being able to help them deal with the anguish of death and, above that, to live.

KEYWORDS: terminal patient; medical team; family; death anguish.

Recebido: 23/11/2022

Aceito: 05/12/2022

Maria Regina Newlands Trotto

rtrotto@uol.com.br

À procura de Albertine

Tiago Mussi¹

RESUMO: A partir de uma reflexão em torno da busca do objeto da escrita psicanalítica, tendo como pano de fundo o romance *A prisioneira* do escritor francês Marcel Proust, o autor procura discutir alguns aspectos da figura do psicanalista-escritor. Assimilando certos elementos da ficção à psicanálise, procura realizar através da escrita do artigo uma reconstrução do objeto perdido, que se assemelharia assim ao próprio trabalho realizado no processo analítico por meio da associação livre e das construções em análise. Na realidade, ao apagar em certa medida as fronteiras entre os gêneros literário e científico, o texto se configura numa área potencial de ilusão, que busca imitar o objeto transicional. A escrita se constitui assim como elemento terceiro entre a clínica e o psicanalista-escritor.

PALAVRAS-CHAVE: construções; intertextualidade; narratividade; objeto transicional; terceiridade.

Eu não estou cansada. Talvez os próprios gêneros literários sintam fadiga, mas não devemos ter pena deles. São notoriamente preguiçosos.

Anne Carson

Se analisar, educar e governar são tarefas impossíveis, em que de antemão se sabe que o resultado deixará a desejar, como disse Freud em *Análise terminável e interminável* (1937/2018), talvez o pai da psicanálise tenha cometido um lapso quando deixou de incluir dentre essas tarefas o ato de escrever. Sem pretender uma interpretação sobre o que essa falta significa, podemos no entanto nos perguntar

1. Psiquiatra, Membro Provisório do Instituto de Formação Psicanalítica da SBPRJ. Mestre em psicologia pela Université Paris 13.

por que a escrita seria uma das tarefas irrealizáveis e, sendo assim, o que em última instância ela paradoxalmente realiza. Pois, emulando os destinos da pulsão, a escrita é capaz de voltar-se sobre si mesma, tomando-se como objeto quando ela ousa *se* escrever, convertendo assim a atividade em passividade. O essencial no processo, como sabemos desde *Os instintos e seus destinos* (1915/2010), é a mudança de *objeto* com a meta inalterada. Mas, qual seria esse objeto da escrita, afinal? E, mais especificamente, qual seria o objeto da escrita psicanalítica?

Para tentar responder essa questão e também a anterior, a da escrita como tarefa impossível, talvez seja preciso recorrer ao Lacan de *Joyce o sintoma* (1975/2005), quando ele disse que, mais do que falar, nós *somos falados* pela nossa família. É um Outro que fala através de nós, isto é, somos habitados por esse Outro, pois o Eu já não é mais senhor na própria casa. Por sermos assim falados, pondera Lacan, podemos justamente fazer dos acasos que nos movem aqui e ali, algo de uma trama, ou melhor, de um destino. Mal comparando, poderíamos dizer que, mais do que propriamente escrever, somos escritos por esse Outro. Mas o que afinal escrevemos quando pensamos escrever? E, mais particularmente, o que o psicanalista que também exerce a escrita em paralelo a seu trabalho clínico – vamos chamá-lo de *o psicanalista escritor*, por enquanto – seja de maneira incidental, seja de maneira continuada, está em vias de escrever?

[Quando me refiro ao psicanalista escritor aqui, estou pensando no psicanalista que se dedica, através da escrita, a pensar e a elaborar algo da clínica ou da teoria psicanalíticas, não o psicanalista que tem também alguma vocação literária, do qual não me ocuparei neste trabalho. Embora não pretenda tratar da escrita ficcional, uma frase pinçada da *Correspondance* de Flaubert talvez possa justamente servir como extrapolação a fim de entendermos melhor a escrita psicanalítica: “Escrever é uma maneira de viver” (Vargas Llosa, 1997/2006 p. 13). Quando o autor de romances como *Madame Bovary* e *Educação sentimental* punha-se a escrever com a dedicação que suas cartas a amigos e à sua amante, Louise Colet, deixam entrever – sobretudo entre 1850 e 1854, período em que escreveu *Madame Bovary* –, criando e desenvolvendo os personagens que habitavam sua imaginação, reconstruindo cenas e atmosferas por onde aqueles se deslocavam e se relacionavam, ressignificando situações passadas, talvez ele estivesse fazendo algo muito próximo ao trabalho do psicanalista. Não me parece casual que um dos maiores filósofos do século passado, Jean-Paul Sartre, desempenhando o papel de psicanalista, tenha dedicado um trabalho monumental a Flaubert, fazendo dele objeto de estudo e pretexto em *O idiota da família* (1988/2013). A partir da proto-história do romancista, recons-

trói sua primeira infância e sua constituição oriunda do meio familiar, depois sua neurose na vida adulta e a “opção pelo irreal”, tendo por último a neurose individual como precipitado de uma neurose coletiva, comum à elite burguesa e culta do Segundo Império francês. Assim, para não alongar demais esse período intercalado no texto – usado para acrescentar informação adicional, mas não essencial –, concluo me arriscando a reinterpretar a máxima enunciada por Flaubert: Escrever é uma maneira de psicanalisar.]

O psicanalista argentino Mariano Horenstein (2022) me lembra que “o desejo se esvai, escapa numa metonímia incessante, e quando queremos capturá-lo, já está em outro lugar” (p. 4). Se Horenstein evoca Lacan, apontando justamente para o caráter inapreensível do desejo, o mesmo poderíamos dizer em relação ao objeto, pois enquanto objeto do desejo também ele nos escapa, não se deixa apreender, capturar totalmente, levando-nos numa busca incessante que afinal nunca termina. Para tentar articular uma resposta possível à questão do objeto da escrita psicanalítica, sinto que devo recorrer a um autor da literatura ficcional, muito mais do que a um autor da psicanálise, para me ajudar a pensar, pois acredito que a ficção não só amplie nossa imaginação, como também liberte o pensamento. Assim, me sinto tentado a buscar meu argumento num conhecido tratado sobre o objeto do desejo, que alguns leitores talvez conheçam pelo título de *Em busca do tempo perdido* (Proust, 1923/1999). [Na nova tradução que sairá em dezembro de 2022 pela Companhia das Letras, feita a partir da Pléiade e realizada por Mario Sergio Conti, o título é *À procura do tempo perdido*, mais próximo do original]. O tempo é tão somente mais um dos objetos, talvez o mais significativo deles na mitologia proustiana, além da arte e do amor, que insistem em se multiplicar ao longo da *Recherche*, mas que são sucessivamente perdidos e depois reencontrados, como Winnicott estabeleceu um dia.

Se Winnicott foi um leitor de Proust, não podemos saber, embora seja tentador imaginar um ensaio escrito pelo psicanalista e professor de Literatura na Université Paris 8 Pierre Bayard, cujo título seria algo como *Proust, juste avant Winnicott*. Por enquanto, teremos que nos contentar em ler *Maupassant, juste avant Freud* (1994) até que Bayard algum dia, quem sabe, se decida a investigar, tal um Hercule Poirot (*Qui a tué Roger Ackroyd?*) ou Sherlock Holmes (*L'affaire du chien des Baskerville*), as relações ignoradas entre o psicanalista inglês e o romancista francês.

Portanto, retomando a busca pelo argumento que nos ampare diante da questão do objeto da escrita, que parece assim escapar, evitando de modo astucioso nossa tentativa de captura, vamos procurar a resposta num dos livros

da *Recherche*, precisamente em *A prisioneira* (*La prisonnière* em francês, *The captive* em inglês), o volume 5 da obra em 7 volumes (1923/1999). Nesse livro publicado postumamente, o Narrador (cujo nome, insinuado pelo próprio, é o mesmo do autor do romance, ou seja, Marcel) mantém cativa em sua casa Albertine, uma “obsessão romântica, psicosssexual e moral” (p. 12), nas palavras da poeta, ensaísta e professora Anne Carson (2014/2017). Desde André Gide, que não soube reconhecer o talento do autor da *Recherche* quando este era ainda um jovem escritor, alguns críticos acreditam que a personagem Albertine, na verdade, era um duplo de Alfred Agostinelli, chofer de Proust, objeto de sua paixão. Segundo Carson, autora conhecida pela intertextualidade e pela mistura de gêneros literários, isso é o que se chama “teoria da transposição”, ou seja, transpor para as páginas do romance, da ficção, a dolorosa e inapreensível realidade. Embora cativa, Albertine não se deixa nunca aprisionar. Primeiro, ela mente. Segundo, ela dorme. Terceiro, ela seria lésbica, suspeita Marcel. No entanto, ela nega que seja homossexual, quando interrogada pelo Narrador. Mas todas suas amigas são lésbicas. As negativas dela o fascinam. Não apenas isso, mas as amigas dela também o fascinam por “desfilar” na praia e se beijarem nos restaurantes, em contraste com seus próprios amigos gays, mas não assumidos. Apesar da insistência e dos interrogatórios, Marcel não consegue saber o que as mulheres fazem juntas. Ela diz que ignora. A coisa que mais o atraiu nela foi a liberdade, mas agora que está presa ele se entedia. A teoria do desejo para Marcel (sim, ele tem uma também) significa a possessão da outra pessoa com a total descaracterização de sua personalidade, paradoxalmente extinguindo o desejo, pois o caráter é o que tornaria a pessoa desejável. Em razão do tédio, ela se transforma numa “escrava pesada”. Albertine aos poucos se transforma num objeto do amor e da paixão de Marcel, ainda que algo permaneça sempre intangível. Instalada num quarto, ou melhor, numa cela na casa do Narrador, ela não tem qualquer referência de família, profissão ou futuro. Ela é obediente, segundo ele. O estado dela que mais o excita é quando ela está adormecida. Durante o sono, Albertine arranca o quimono e fica nua. Marcel então a possui, mas ela não parece acordar, imersa num leve torpor. Ele pensa que é senhor dessas horas, mas na verdade poderíamos pensar que é o escravo. Sim, porque uma noite ela sai para dançar no Cassino. Quando confrontada, ela mente mais uma vez. Albertine arrasta Marcel atrás dela. Os ciúmes, a impotência e o desejo do Narrador passam a ser os trunfos nas mãos da cativa. Se ela lhe escapou de várias formas (através da mentira, do sono ou do sexo, afinal como poderia possuí-la se fosse lésbica?), a última e definitiva fuga que ela empreendeu foi

a morte. A morte da amante num acidente a cavalo, contudo, não livra Marcel dos ciúmes. Quando chegamos ao final do livro, temos a viva impressão de que a prisioneira do título não faz referência somente a Albertine, mas de forma inelutável também a ele.

Se pudermos aqui também empregar a teoria da transposição, poderíamos pensar que esse romance sobre a captura representa, de maneira simbólica, a mesma tentativa que estamos procurando realizar ao escrever este artigo. Assim, ao nos aproximarmos do objeto da escrita psicanalítica, para então tentar melhor fixá-lo através da escrita, ele nos escapa como Albertine fugia de Marcel, insistindo em não se entregar totalmente a seu captor. Na verdade, a teoria da transposição, tal como a interpretamos a partir da obra de Carson, seria uma forma imperfeita de metalinguagem, uma espécie de duplo da metapsicologia – se pudéssemos ver as coisas por esse ângulo –, um procedimento de dominação semelhante aos utilizados por Marcel contra Albertine. Se a metalinguagem pode ser elevada aqui a um método de captura, talvez o mais bem-sucedido dentre eles, o que ele logra aprisionar no entanto é tão somente uma sombra do objeto, uma pálida lembrança de sua existência. Quando pensamos ter agarrado o conteúdo, na realidade roçamos bem de leve na forma, como na novela de Bioy Casares *A invenção de Morel* (1940/2006), cujo protagonista percebe de repente que a bela e distante Faustine e os personagens que o cercavam eram apenas projeções, imagens gravadas num aparelho por Morel, o líder do grupo, nome que faz alusão ao terrível Dr. Moreau de H. G. Wells. Certamente não é coincidência, no prólogo que faz ao livro do colega, a afirmação do escritor Jorge Luis Borges, ressaltando que o texto de Bioy representa um contraponto à tese que defendia a supremacia dos romances informes ou “psicológicos” (Proust) sobre o romance de peripécias, cuja trama não lhe parecia “uma imprecisão ou uma hipérbole qualificá-la de perfeita” (p. 10).

Se Albertine é o nosso objeto, só nos resta fazer as vezes de Marcel? Vamos admitir, por um instante, que o papel nos convém, que temos algo a aprender com nosso captor. E que temos que lidar com apenas *uma* Albertine, e não com a multitudinária Albertine (a *dormeuse*, a mentirosa, a lésbica, a viciada em jogo etc.). Marcel, não o Narrador, mas o Proust, autor da *Recherche*, tem o que poderíamos chamar de uma escrita “clínica”, no sentido do que o pintor britânico Francis Bacon pretendeu dar ao termo:

Ser clínico não é ser frio, é uma atitude, é como decidir alguma coisa. Mas a verdade que em tudo isso há frieza e distância. *A priori*, não há sentimentos. E, paradoxal-

mente, pode provocar um enorme sentimento. *Clínico* é estar o mais próximo possível do realismo, no mais recôndito de si. Alguma coisa de exato e afiado. O realismo é uma coisa perturbadora... (Maubert, 2009/2010, p. 23)

Decerto Bacon não pensava em Proust quando empregou o termo numa entrevista, embora fosse leitor da *Recherche*, mas a clínica parece representar de maneira emblemática um dos objetos, senão o objeto em última instância, da escrita psicanalítica. Por isso, poderíamos acrescentar mais uma qualidade à série Albertine, além da dorminhoca, da mentirosa, da lésbica e da jogadora: a clínica. Não sei se a comparação pode soar infame, mas se Albertine é a clínica – nosso objeto tão procurado –, a figura de Marcel caberia ao escritor psicanalista. Indo um pouco mais longe nesse raciocínio, as amigas de Albertine, de quem ele sente ciúmes, corresponderiam à metapsicologia? Taí uma questão para a qual não encontro resposta por enquanto. Ainda que possa ser “pesado” desempenhar o papel do captor de Albertine, estar de alguma forma identificado com Marcel, mais do que nos aprisionar pode paradoxalmente nos libertar, na medida em que nos damos conta de que realizamos neste artigo um procedimento semelhante ao que o Narrador emprega na *Recherche*. No romance, o protagonista é ao mesmo tempo narrador do livro que estamos lendo e protagonista, não de uma determinada sequência de eventos presentes ou lembranças passadas, mas antes de reflexões psicológicas sobre o amor, a arte, a memória e o tempo. Ao longo da narrativa que se estende por sete volumes, Marcel faz um duplo movimento, ao mesmo tempo vivenciando os eventos para depois narrá-los a partir das suas impressões e deformações das memórias, historicizando assim elementos aparentemente dispersos no tempo e no espaço, atribuindo-lhes ligações inesperadas e novos sentidos.

Assim, me parece que o trabalho do psicanalista escritor (ou melhor seria do escritor psicanalista?) não difere muito do Narrador da *Recherche*. Em certo sentido, poderíamos dizer – isso não é absolutamente novo –, que o psicanalista escritor realiza também em seu trabalho um duplo movimento, semelhante em muitos aspectos ao de Marcel. Se, num primeiro momento, sua função é sobretudo a escuta, não somente do que o paciente está “tramando” – do que ele está alinhavando quando está em vias de nos contar algo, mas especialmente o que ele está deixando de nos dizer –, num segundo tempo, a função do psicanalista é reunir esses elementos dispersos e aparentemente sem ligação, elaborando uma “ficção” a partir de sua contratransferência, coconstruindo com o analisando um novo sentido para que haja uma transformação interna deste. O psi-

canalista escritor não só ficcionaliza a narrativa que o analisando está tecendo durante a sessão, mas se empresta como personagem desse romance familiar. O trabalho do psicanalista escritor não termina aí. Ao contrário, é a partir desse momento que ele justamente começa.

Terminada a sessão, o psicanalista que também escreve pode tomar notas ou gravar os apontamentos feitos para uso futuro, para escrever um artigo, um trabalho, um livro ou até mesmo os relatórios da formação. Se existe um primeiro tempo de escuta, um segundo da coconstrução da narrativa, existe um terceiro tempo que é o da escrita propriamente dita, o da terceiridade. Sabemos que não é possível “escrever” o processo primário, escrever um sonho, pois já ao contá-lo, o deformamos, embora alguns tenham tentado, como os surrealistas e James Joyce, que teve a pretensão de escrever bem próximo ao processo primário no ilegível e onírico *Finnicius Revém* (*Finnegans Wake*). A escrita psicanalítica, contudo, representa um momento de triangulação entre o psicanalista e seu analisando para que o primeiro, a partir de um distanciamento no espaço e no tempo, possa figurar algo da vivência que teve ao estar identificado com o segundo, não apenas desidentificando-se nesse *après-coup* da sessão, mas também podendo fazer novas observações sobre a clínica e a metapsicologia a partir do trabalho associativo da escrita. Segundo Green (2012), “o terceiro é iniciador de um movimento de abertura, de busca de sentido”, em suma, de desalienação, de fim da captura. “Ou seja, a terceiridade é aquela função que abre a possibilidade da substituição. Até mesmo a substituição desse terceiro que pode estar representando essa função. Há sempre um terceiro que representa algo para um dos envolvidos” (p. 223). Em outras palavras, a terceiridade abre a possibilidade de um deslizamento do sentido, da substituição da metáfora pela metonímia.

Talvez a figura do psicanalista escritor se confunda com a do próprio psicanalista, pois desde Freud, escritor maior da psicanálise, e seus sucessores, os psicanalistas não fazem que escrever. A escrita faz parte da identidade do psicanalista, não apenas daquele que escreve por desejo, compulsão ou por ofício, mas também dos que leem a psicanálise e não a escrevem.

Desde as cartas a Fliess e a seus discípulos, que têm valor de arquivo e transmissão, a escrita seminal de *A interpretação dos sonhos*, passando pelas cinco grandes histórias clínicas (Dora, Hans, Homem dos Ratos, Schreber, Homem dos Lobos), os trabalhos de metapsicologia, as análises de personalidades (Da Vinci), romances (*Gradiva*, de Jensen) e peças literárias (Édipo rei, Macbeth, Hamlet), não seria exagero dizer que Freud não fez outra coisa a não ser escrever. Em razão juntamente disso, recebeu o Prêmio Goethe em 1930.

Na verdade, essa digressão através da busca do objeto da escrita psicanalítica representa, em suma, o próprio trabalho do escritor psicanalista.

Todavia, ao chegar ao final deste artigo, nos damos conta de que não podemos adotar o conceito artificialmente construído do escritor psicanalista como algo unívoco, ou seja, cativo do Um, pois os psicanalistas escritores são multidão.

Os psicanalistas que escrevem, por razões que eles mesmos desconhecem, têm a multiplicidade figurativa de Albertine. (Ela não é um objeto sólido, como destacou Anne Carson, é impossível conhecê-la pelas razões que já sabemos). Quando aproximamos a escrita para apanhá-los, eles se desdobram em dez Albertines sucessivas.

“Só amamos o que não possuímos inteiramente”, Marcel me relembra dolorosamente nesse 18 de novembro de 2022, aos cem anos da morte do escritor.

In search of Albertine

ABSTRACT: *From a reflection around the search for the object of psychoanalytic writing, having as background the novel *The captive* by the French writer Marcel Proust, the author seeks to discuss some aspects of the figure of the psychoanalyst-writer. Assimilating certain elements of fiction to psychoanalysis, he seeks to accomplish through the writing of the article a reconstruction of the lost object, which would thus resemble the very work carried out in the analytic process through free association and constructions in analysis. In fact, by erasing to a certain extent the boundaries between the literary and scientific genres, the text configures itself in a potential area of illusion, which seeks to imitate the transitional object. Writing is thus constituted as a third element between the clinic and the psychoanalyst-writer.*

KEYWORDS: *constructions; intertextuality; narrativity; transitional object; thirdness.*

En busca de Albertine

RESUMEN: *A partir de una reflexión en torno a la búsqueda del objeto de la escritura psicoanalítica, teniendo como telón de fondo la novela *La prisionera* del escritor francés Marcel Proust, el autor pretende discutir algunos aspectos de la figura del escritor psicoanalista. Asimilando ciertos elementos de la ficción al psicoanálisis, busca realizar a través de la escritura del artículo una reconstrucción del objeto perdido, que se asemejaría así al propio trabajo realizado en el proceso analítico a través de la asociación libre y las construcciones en análisis. De hecho, al borrar en cierta medida las fronteras entre los géneros literario y científico, el texto se configura en un área potencial de ilusión, que busca imitar el objeto transitorio. La escritura se constituye así como un tercer elemento entre la clínica y el psicoanalista-escritor.*

PALABRAS CLAVE: *construcciones; intertextualidad; narratividad; objeto transitorio; terceridad.*

Referências

- Bayard, P. (1994). *Maupassant, juste avant Freud*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Casares, B. (2006). *A invenção de Morel*. São Paulo: Cosac Naify. (Original publicado em 1940.)
- Carson, A. (2017). *O método Albertine*. São Paulo: Jabuticaba. (Original publicado em 2014.)
- Freud, S. (2010). Os instintos e seus destinos. In S. Freud, *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*(Obras completas, P. C. Souza, trad., vol. 12, pp. 51-81). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1915.)
- Freud, S. (2018). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*(Obras completas, P. C. Souza, trad., vol. 19, pp. 274-326). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1937.)
- Green, A. (2012). André Green: a clínica contemporânea e o enquadre interno do analista. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 36(3): 215-225.
- Horenstein, M. (2022). Três desejos. *Intervalo Analítico*, 23(3): 4.
- Lacan, J. (2005). Joyce le symptôme. In J. Lacan, *Le Séminaire XXIII* (pp. 161-169). Paris: Seuil. (Original publicado em 1975.)
- Maubert, F. (2010). *Conversas com Francis Bacon: o cheiro do sangue humano não desgruda seus olhos de mim*. Rio de Janeiro: Zahar. (Original publicado em 2009.)
- Proust, M. (1999). La prisonnière. In M. Proust, *À la recherche du temps perdu* (pp. 1607-1915). Paris: Gallimard. (Original publicado em 1923.)
- Sartre, J.-P. (2013). *O idiota da família*. Porto Alegre: L&PM. (Original publicado em 1988.)
- Vargas Llosa, M. (2006). *Cartas a um jovem escritor*. Rio de Janeiro: Elsevier. (Original publicado em 1997.)

Recebido: 20/11/2022

Aceito: 01/12/2022

Tiago Mussi

tiagofrancoh@gmail.com

Depoimento

Uma psicanalista pelo mundo

Marion Minerbo¹

Quando as editoras da *TRIEB* me convidaram para escrever sobre o/a psicanalista, agradei e respondi que, infelizmente, não poderia aceitar por excesso de compromissos, o que é verdade. Mas a carta-convite era tentadora: explicitava o desejo de conhecer o Psicanalista nos dias de hoje: como pensa, como trabalha, com quem dialoga, o que lhe é fundamental, como se posiciona frente a um mundo em tão acelerada transformação. O convite veio com a sugestão de que eu escrevesse sobre “uma psicanalista pelo mundo”. Deixaram o formato – artigo, ensaio, depoimento, testemunho – a meu critério.

Mas falar o quê sobre minhas andanças pelo mundo? Para me encorajar, fizeram uma sugestão que não levei a sério: que escrevesse se sobrasse um tempo em algum aeroporto. Pois bem: estou no aeroporto de Berlin indo para Londres. Chego sempre com muita antecedência, de modo que sobrou um tempo e é daqui que escrevo. Será que fui no embalo da palavra *TRIEB*, depois de meses escutando alemão? Enfim, optei pelo formato “depoimento”, esperando que minha experiência seja de algum interesse para você, leitor/a.

Devido a uma série de contingências, acabei inventando um estilo de vida que por enquanto me convém muito. Desde o final de 2019, passo três meses por ano em cada país, de modo a poder compartilhar o cotidiano de filhos e netos espalhados pelo mundo. E também consigo estar em São Paulo, perto das pessoas queridas e de tudo que me é tão familiar, a começar pela língua materna.

Evidentemente, isso só é possível graças ao trabalho on-line. E também porque mudei minha agenda de trabalho. Eu me organizei para ter liberdade de movimento: atualmente, 90% dos horários são ocupados com supervisões e

1. Psicanalista, Membro Efetivo e didata pela SBPSP, doutora pela UNIFESP, autora de diversos artigos e livros, dentre os quais *Neurose e não Neurose*, *Transferência e contratransferência*, *A posteriori, um percurso*, todos pela Editora Blucher. Prêmio Durval Marcondes no XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise.

ateliês. E isso porque, em casos de psicopatologia pesada, tenho restrições com relação a análises exclusivamente on-line. Os “corpos em presença” são uma condição inescapável de analisabilidade porque os traços mnésicos do trauma precoce se inscrevem na extremidade mais corporal do gradiente somatopsíquico. Em função dessa limitação clínica, optei por privilegiar atividades ligadas à transmissão da psicanálise.

Isso não é um problema, porque neste momento da minha vida – pode ser que mude daqui a algum tempo – sinto-me suficientemente produtiva nessa área. Gosto de dar supervisões e gosto muito de uma atividade que já realizava, mas que “pegou” durante a pandemia: o ateliê clínico. A cada vez que algum grupo me convidava para dar uma aula ou uma palestra, eu fazia a contraproposta do ateliê. São 4 encontros de uma hora e meia em torno de um mesmo caso clínico. O foco é o processo de escuta e de construção de um pensamento clínico que ajude o analista em suas intervenções.

De modo que, graças a essa improvável combinação de pandemia e vida nômade, os ateliês se multiplicaram. Essa atividade foi muito bem acolhida por vários grupos psis pelo Brasil. Modéstia à parte, considero que seja minha contribuição mais relevante do ponto de vista da transmissão da psicanálise. Cada ateliê é único. Tenho um enorme prazer em enfrentar, a cada vez, um novo desafio teórico-clínico, especialmente quando a construção do caso faz sentido e abre a escuta do/a colega que está apresentando.

Diferentemente de uma aula ou palestra, que traz um conhecimento mais intelectual, o ateliê é uma experiência intelectual e emocional. Ela é transformadora para todos, inclusive para mim, pois permite a integração teórico-clínica de maneira viva e encarnada. Integração entre teoria e clínica, mas também integração no sentido psicanalítico: aquela experiência passa a fazer parte de nós, do nosso acervo psicanalítico.

Não é que não goste de dar aulas e palestras, mas preciso trabalhar muitas e muitas horas para prepará-las. Dá realmente muito trabalho porque preciso escrever um novo texto a cada vez, mesmo se for um assunto sobre o qual já escrevi. Já fiz as contas: são 12 páginas para uma hora de palestra. Não sei improvisar, não gosto de me repetir e tampouco consigo “requentar” algo já apresentado. A palestra precisa estar libidinalmente muito investida para que eu tenha prazer em falar, e as pessoas, prazer em escutar. De modo que tenho evitado assumir esse tipo de compromisso.

Nesse momento, minha liberdade é preciosa. Para garantir tempo livre, decidi também trabalhar apenas meio período. Queria viver a vida no estilo

européu, curtir o local em que estou morando e compartilhar o cotidiano dos filhos e netos. Passear por Berlim com a família, todos de bicicleta, num lindo sábado de verão, simplesmente não tem preço. Fazer uma caminhada de domingo com a outra parte da família pelo interior da Inglaterra, parar para almoçar num *pub* – com a pequena Luna no *sling* – não tem preço. Hoje me pergunto como conseguia trabalhar 10 horas por dia, com reuniões de noite e escrevendo nos fins de semana.

Daqui a poucos dias completo 65 anos. É agora ou nunca. Ter conseguido um equilíbrio entre vida pessoal e profissional me dá muito prazer. Trabalho menos, ganho menos. Mas aqui a vida é mais simples do que em São Paulo. Aqui todo mundo é classe média. Nada de restaurantes caros, não compro roupas, livros ou objetos, até porque não tenho onde carregar: passo o ano todo com uma única mala. A verdade é que tudo que preciso cabe no meu notebook: livros e textos, vídeos de Youtube, podcasts e filmes. Inclusive o Observatório Psicanalítico e o Mirante.

Levo comigo meus instrumentos de trabalho: minha mente, meu acervo psicanalítico, minha escuta. Como uma tartaruga, levo minha casa nas costas. Tudo que li, estudei, metabolizei nesses 40 anos de vida profissional, agora é parte da minha carne e vai comigo para todos os lugares. Os textos e livros que escrevi, meu estilo, minha maneira de pensar, tudo isso sou eu. Levo também minha rede histórico-afetiva, os contatos e o nome que construí nesses 40 anos de trabalho dedicado e apaixonado. Fico muito grata por contar com o reconhecimento e o carinho dos/as colegas, pois sem isso não me teria sido possível inventar esse modo de vida.

Tem sido muito importante continuar participando da vida institucional na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, que também é minha casa há 40 anos. Continuei conduzindo seminários e participando da comissão de qualificação de analistas didatas. Os colegas colaboraram fazendo as reuniões num horário que me fosse possível em virtude da diferença de fuso. Agora que as coisas estão voltando ao presencial, vou sentir falta dos encontros “de verdade”, daquelas conversas não planejadas e gostosas que acontecem quando esbarramos em alguém que não víamos há tempos.

Eu pensava que, ao sair pelo mundo, não escreveria mais. Produzir algo que eu considere suficientemente relevante me demanda grande esforço e um ambiente propício. Mas, para minha surpresa, fui capturada por um tema e estou finalizando um livro. Quando vi que a coisa era séria, tirei três semanas de férias para poder escrever o dia inteiro. Como é um tema sobre o qual os

psicanalistas escreveram pouco, trabalhei a partir do meu repertório e de alguns textos conseguidos on-line. Por enquanto, o título é “Notas sobre a aptidão psíquica à felicidade”.

Estava em Berlin, no verão, enquanto escrevia. E me lembrei de um artigo do Ogden sobre escrita psicanalítica. Ele se perguntava se, numa linda e radiosa manhã de domingo, preferia sair para aproveitar o dia, ou ficar em casa para escrever. Ele prefere escrever. Entendo-o perfeitamente. Não tenho vontade de perder um fim de semana preparando palestra, mas para mim escrever está em outra categoria: longe de ser uma obrigação, é uma necessidade e um prazer.

Ser uma psicanalista pelo mundo exige certa capacidade de adaptação. Assim que chego num lugar novo, passo a investir naquele espaço como “minha casa” e crio uma rotina. Graças ao fuso, tenho a manhã para mim e começo a trabalhar depois do almoço. No verão, depois do trabalho ainda sobra tempo para aproveitar os dias longos fora de casa. Passei três meses também na Costa Rica. Como lá o fuso é ao contrário, acordava às 5:00h e começava a trabalhar às 6:00h.

Ser uma psicanalista pelo mundo exige desapego. Como disse, vivo com uma mala. E com muito menos conforto do que no Brasil. E isso me alegra, porque o conforto das elites brasileiras se dá às custas de uma vergonhosa desigualdade social. Mas tenho grande apego ao essencial: liberdade, um trabalho significativo e relações significativas. Nada além disso importa realmente. Ah, sim: uma boa internet! É minha primeira preocupação quando estou num lugar novo.

A verdade é que só é possível ser uma psicanalista pelo mundo porque estou ao mesmo tempo em outros países e no Brasil. Quem diria: agora temos o dom da ubiquidade! Acordo em Berlin e ouço os podcasts com as notícias frescas do Brasil. Como todos, estou apreensiva com o futuro do país. Leio o jornal e converso com pessoas em português o dia inteiro, como se estivesse aí. Mas depois vou ao supermercado e compro *schnitzel*, *schpetzel* e *pretzel*. Durante os domingos gelados escuros do inverno europeu montei uma “agenda de papo com amigos”. Encontrei-me mais com as pessoas do que quando estava no Brasil. Como estávamos todos trancados em casa, era um ótimo programa.

Chamaram meu voo. Preciso ir. Agradeço demais às colegas editoras da **TRIEB** que me deram a ideia de escrever no aeroporto, bem como a liberdade de escolher o formato do texto. Mais uma vez, descobri que coisas que parecem

impossíveis, ou absurdas, não são nem impossíveis, nem absurdas. Por exemplo, escrever um texto no aeroporto. Por exemplo, ser uma nômade digital nessa altura da minha vida, quando o mais comum é a continuidade, e não uma revolução. Tudo vale a pena se a alma não é pequena.

Recebido: 12/09/2022

Aceito: 09/11/2022

Marion Minerbo

marionminerbo@gmail.com

Conferências

Os psicanalistas também envelhecem

Maria Cristina Reis Amendoeira¹

*Aos psicanalistas seniores da Brasileira –
com toda a minha gratidão.*

Esta apresentação é também um registro histórico dos anos de dedicação de um grupo de estudiosos da psicanálise que coordenei, juntamente com Miriam Fainguelernt, por mais de 20 anos, “Psicanálise e Envelhecimento”, e que, desde março deste ano, conta com a coordenação de Maria do Carmo Gomes Soares. O fato de estar aqui tem a ver com o percurso dos estudos deste grupo e o que já foi produzido nesses anos. Essa apresentação é um registro do que realizamos, dos caminhos já trilhados. E também aponta para os caminhos futuros, pois o grupo continua se reunindo mensalmente e está aberto a novos membros.

O tema do envelhecimento do psicanalista continua atual passados alguns anos da publicação do artigo “Dizendo adeus ao divã” (Fainguelernt & Amendoeira, 2016). Nele fazíamos uma provocação: “Saberá o psicanalista aplicar a capacidade analítica a si mesmo, nesse momento da vida?”

Essa pergunta, até hoje, encoraja uma reflexão profunda acerca do momento propício para o afastamento do trabalho analítico, porque é difícil abandonar papéis com intensa significação narcísica. E esse afastamento, muitas vezes, pode ter um caráter de desastre. Assim como o impacto das aposentadorias após um percurso laboral, um divã vazio pode ser considerado símbolo de finitude, o início de um processo de luto – que é o afastamento do psicanalista de seu ofício. Esse período do ciclo de vida de cada um não

1. Psicanalista, Membro da SBPRJ, FEPAL e IPA. Representante na América Latina do Comitê Perspectivas Psicanalíticas do Envelhecimento da IPA de 2017 a 2021. Coordenadora do Grupo de Estudos de Psicanálise e Envelhecimento da SBPRJ até março de 2022. PhD em Psiquiatria, Psicanálise e Saúde Mental IPUB/UFRJ.

chega apenas para o paciente no divã, pois o analista, do outro lado deste mesmo divã, também envelhece.

Uma oportunidade, como nos lembrou Eizirik (2004), de situar esse momento no contexto da sua trajetória completa. E aqui, ele nos lembra de Winnicott: “Meu Deus! Que eu possa estar vivo quando morrer!” (em 1971, um pouco antes de sua morte, relato no Caderno de Memórias).

Em anos anteriores, alguns estudos que eu realizei e publiquei – tanto na Universidade, no mestrado; como psicanalista e membro do Comitê de Mulheres e Psicanálise (COWAP) – já traziam dados preocupantes com o envelhecimento em ambos os lados do divã (Amendoeira, Ramos, Teixeira, Mutazzi & Leibing, 2000; Amendoeira, 2003; Amendoeira, 2004). Os números apontavam um alto contingente de psicanalistas com mais de 60 anos em atividade numa sociedade psicanalítica (Viñar, 2000). Este fato não é novidade para a epidemiologia e a saúde mental (IBGE, 2013; WHO/WPA, 2002; OPAS/OMS, 2001), e o envelhecimento populacional é significativo, tanto no Brasil como no mundo. Na época, o fato despertou o interesse de um grupo de estudos constituído de psicanalistas, pois era alta a frequência de pacientes idosos nas nossas clínicas:

Um grupo de estudos psicanalíticos coordenado por Yara Lansac, psicanalista hoje com mais de 80 anos, reuniu-se bimensalmente durante muitos anos. Contamos, no início dos anos 2000, com a colaboração de todos os participantes na discussão desses artigos e com as valiosas contribuições da coordenadora. Criou-se, a partir daí um grupo de estudos em psicanálise e envelhecimento. (Faingulernt & Amendoeira, 2016, p. 122)

Está aí a origem do grupo de estudos “Psicanálise e Envelhecimento”, para aprofundar a discussão sobre o tratamento psicanalítico e suas modificações, ou não, no método na clínica com pessoas da idade avançada.

Naquele artigo de 2016, a partir das ideias de Freud (1908/1974, 1915/1974, 1916/1974, 1937/1974), Abraham (1919/1954), Klein (1963/1975), Segal (1958/1982) e Elliot Jaques (1965/1990), dentre outros, registramos as opiniões de alguns psicanalistas sobre o tema nas últimas décadas, sem pretensões a uma revisão bibliográfica.

Em sequência, abordarei a questão do envelhecimento do analista.

O envelhecimento do psicanalista

Vamos começar do início: o que leva alguém a procurar uma análise? Só a própria análise pode revelar, segundo Pontalis (2012). Há algo, é claro, além da demanda consciente, ele diz. Porém, o que leva alguém a tornar-se psicanalista, a dedicar uma vida inteira a essa “prática estranha”, ainda permanece obscuro.

Abordar o tema de envelhecimento do analista é uma tentativa de quebrar um tabu: como descolar de um psicanalista a sua prática clínica de uma vida inteira? Essa reflexão nos convida a desvelar comentários ocultos. Ao manter o olhar focado nas fragilidades daqueles que envelhecem, não será porque tememos ver essas mesmas fragilidades em nós mesmos? Apesar de ainda hoje ser limitada a literatura psicanalítica destinada especificamente às questões do envelhecimento, o silêncio ainda é maior em relação à clínica. Só gradualmente analistas tornam-se conscientes do próprio envelhecimento e do declínio das suas capacidades. Geralmente, afastam-se da prática bem mais tarde do que em outras profissões, pois só alcançam plena potencialidade como analistas na segunda metade da vida.

Há um perigo, menciona Pearl King (2005), quando analistas utilizam seus pacientes como extensão de si mesmos, como sua maior fonte de identidade como ser humano, e, portanto, a retirada das atividades profissionais pode ameaçar a estabilidade da sua personalidade.

Os sinais físicos do envelhecimento e a proximidade da morte podem causar um distanciamento do analista preocupado com seu futuro. É importante nos conscientizarmos de que os conflitos edípicos de ambos, analista e analisando, são remobilizados. Muitas vezes, o analista não completa a elaboração de seus processos pessoais até esta fase da vida. Autores como Plotkin (1999), Settlage (1996), Hinze (1987), Wylie e Wylie (1987) e Bonasia (2003) descreveram suas reações contratransferenciais e observaram o uso que o psicanalista faz da questão da idade como defesa, a fim de encobrir aspectos mais complexos da contratransferência.

Danielle Quinodoz (2010) publicou o livro “Envelhecer, uma descoberta”, em que coteja a questão da idade real do analista com as idades imaginárias que variam de acordo com os papéis transferenciais que lhe são atribuídos – a idade que o paciente atribui em suas fantasias inconscientes.

Gustavo Jarast (1996) alerta quanto ao perigo de o analista ser seduzido pela situação transferencial e cair fascinado esteticamente por uma determinada idade ou uma determinada patologia – o que pode vir a se tornar um obstáculo na liberdade reflexiva.

Voltando a Quinodoz (2010, 2011), que o grupo de estudos teve o privilégio de um encontro sobre o tema: o analista também pode privilegiar sua idade imaginária, fazendo uma negação maníaca de sua idade objetiva e perdendo o senso de realidade. Em contrapartida, ficar preso à sua idade objetiva pode tornar-se um obstáculo à sua escuta da realidade psíquica do paciente. Portanto, o analista experimenta idas e vindas entre sua idade objetiva e suas idades imaginárias.

Freud (1936/1974), em carta aberta a Romain Rolland (“Um distúrbio de memória na Acrópole”), escritor famoso e admirado, refere-se à antiga inquietude provocada pelo sentimento de ter vivido mais anos que o próprio pai. Seria a origem do mal-estar que a viagem a Atenas lhe causou. Apesar de achar que o pai sequer teria sentido algum interesse em semelhante viagem, Freud considerou que a atualização de tal lembrança se deu por seu próprio envelhecimento, levando-o à necessidade de elaborar afetos antigos. Foi uma viagem em que se sentiu profundamente angustiado e preocupado pelas fantasias de morte. Nesta carta, ele faz um exaustivo exame da sua atitude inconsciente de negação. Em cada negativa evitamos o conflito, mas mesmo assim apreendemos um fragmento da realidade, tornando-a menos penosa.

De modo que entrar na velhice é um processo de crescimento, um novo ato psíquico de um Eu em desenvolvimento. Não se pode tratar um idoso desconsiderando as profundas razões do seu adoecimento, sem lhe dar a oportunidade de resolver protestos antigos e insatisfeitos. Não podemos negar que aquilo que parece esquecido se conserva vivo nos estratos psíquicos mais profundos. A qualidade estruturante dos primeiros objetos é que levará o sujeito a alcançar uma autonomia subjetiva e a desenvolver novos vínculos de estrutura significativa (Jarast, 1996). Assim acontece com todos nós, psicanalistas ou não. Mas nosso ofício nos direciona para a reflexão...

Em entrevista realizada por mim, em 11 de julho de 2009, uma das fundadoras da SBPRJ, Marialzira Perestrello (1916 - 2015), psicanalista longeva, afirmou que somente poucos sabiam envelhecer e, que ela mesma não se queixava da passagem do tempo.

Com os anos, alcançou uma capacidade de criar que não possuía quando jovem. Falava de uma sensação de surpresa e descoberta. Aos 91 anos, havia finalizado um livro de poesias e estudava o tema da criatividade e do envelhecimento. Participava das reuniões deste grupo de estudo da Sociedade. Algumas palavras que escreveu, por ocasião de uma exposição em São João Del Rey, Minas Gerais, referem-se à criatividade como uma capacidade em potencial existente em cada ser humano. Enfatizava a permanência dessa capacidade na velhice, assim como

a possibilidade de mudanças, aprendizados e evoluções. Para ela, envelhecimento e criatividade poderiam coexistir (Perestrello, 2007, 2009).

Algumas sociedades psicanalíticas delimitam a idade para o psicanalista parar de trabalhar, outras não. Quinodoz (2010, 2011), por exemplo, não era a favor de que se impusesse um limite de idade para exercer a profissão, já que neste caso iríamos destituir o valor de analistas experientes e que envelhecem bem, em razão de problemas causados pela deficiência de outros.

Mas muitos, para evitar perceber que o nosso tempo é limitado, comportam-se como se o tempo fosse infinito. Alguns desses autores questionam o analista que persiste em receber pacientes ou candidatos em formação quando já não desempenham bem suas funções emocionais e intelectuais. São muitos os psicanalistas que não sabem quando parar. Muitas vezes, a noção de que já apresenta falhas na memória, no reconhecimento de pessoas e que não poderia mais trabalhar é perdida.

Os analistas também encontram dificuldades em elaborar o processo de envelhecimento. Corremos o risco de não sermos capazes de enfrentar apropriadamente a reativação de ansiedades primitivas, o medo da solidão, da desintegração física e o aumento da dependência.

Gabriele Junkers (2006), presidente do Comitê de Envelhecimento da IPA anos atrás, sugeriu que se quebre o tabu da questão do envelhecimento e da aposentadoria dos psicanalistas. Encoraja-nos a refletir com profundidade sobre esses temas, pois, desta maneira, enfrentaríamos nossas fraquezas e buscaríamos aceitá-las com menor dificuldade.

Saberemos nós, analistas, aplicar a capacidade analítica a nós mesmos? Paul Denis e Sander Abend, dois analistas que em 1982 foram acometidos de uma doença grave, refletiram sobre suas reações contratransferenciais, determinaram suas dificuldades em lidar com a realidade da interrupção da análise de seus pacientes. Eles mencionaram o surgimento de sentimentos contratransferenciais de ódio em relação aos pacientes que sobreviveriam a eles. Teising (2013) questiona se, em tal situação, o psicanalista será capaz de conviver com o conhecimento de sua própria mortalidade.

Ainda Junkers (2013) fala que a consciência do tempo vai surgindo com o avançar da idade. A transitoriedade exige o reconhecimento doloroso do que é perdido – do que é efêmero. Sustentamos a fantasia de imortalidade dentro de nós e que ocasionalmente é reforçada pela convicção de que as nossas análises nos tornaram imunes em relação ao adoecer e envelhecer, como se a psicanálise nos protegesse contra o que é somático.

É difícil nos afastarmos de certos papéis que tiveram imensa significação narcísica, podendo sua retirada ser desastrosa. A relutância de muitos em engajarem-se com o tema da própria mortalidade e o fato da inevitabilidade da morte é algo profundamente humano. O envelhecimento nos força a compreender que não dá para projetar esperanças e aspirações indefinidamente. Nosso fim iminente urge que abandonemos a fantasia de imortalidade de um objeto ideal.

Afastar-se da função de analista é uma questão difícil. Assim, a tendência a excluir a morte de nossos projetos de vida traz em seu rastro muitas outras renúncias e exclusões. Mas é na confrontação com esta possibilidade – a da morte – que a vida adquire a dimensão de autenticidade.

Nesse artigo de 2016, “Dizendo adeus ao divã”, mencionamos antecipadamente o divã vazio como símbolo de finitude – a fim de podermos planejar e processar o luto de um possível afastamento. As mudanças em nossas vidas podem reabrir antigas feridas que havíamos assumido como resolvidas. Enfrentando doenças que anunciam a possibilidade de morte iminente, analistas tendem a silenciar, fazendo com que os pacientes corram o risco de serem novamente traumatizados – e terem a análise interrompida por algum enfraquecimento do analista ou mesmo por sua morte.

Alguns sentem-se tentados a continuar trabalhando durante uma doença grave, talvez porque isso confere significado à própria vida. Voltando a Freud: consideramos a prática analítica terminável ou interminável? É um desafio dramático para o analista enfrentar a incapacidade de trabalhar – processar a perda da onipotência e imortalidade, o que seria altamente influenciado pelos seus objetos internos. Para alguns, o mundo de objetos internos pode estar dominado pela ansiedade esquizoparanoide – neste caso, a dor psíquica é insuportável. Para outros, a crise oferece a oportunidade de refazer a posição depressiva e o amadurecimento criativo (Kavka, 2013).

Lena Klockars (2013) comenta, como resultado de sua pesquisa, que analistas mais velhos podem estar angustiados em perder o trabalho profissional, suas posições e pacientes, tornando-se desvalorizados e solitários e, possivelmente, virem a enfrentar problemas econômicos. A grande questão que se coloca é quando revelar a doença ao paciente. Revelar provocará um impacto na aliança terapêutica?

Alguns autores recomendam silenciar, suspender o atendimento até que a recuperação aconteça. Outros recomendam a finalização do processo, e ainda há os que acreditam que o trabalho analítico possa continuar nessas circunstâncias tanto quanto se sintam em condições físicas. Muitas vezes, a

capacidade de acolher é restaurada numa situação de remissão ou recuperação (Fajardo, 2010).

É importante que pensemos com profundidade sobre o medo da morte, de forma a poder tolerar, ou melhor, suportar o inesperado que se instala sem aviso. E, então, ter condições de nos relacionarmos com os pacientes de forma mais verdadeira, pois a inesperada confrontação com a perspectiva do próprio adoecimento e da possível morte estimula, em ambas as partes da díade analítica, poderosas reações e fantasias que ameaçam lançar o processo num caos. Mas, é quando a ideia de morte pode ser pensada e alcançamos a possibilidade de aceitá-la (Bion, 1967/1994) podemos, então, renunciar mais tranquilamente à imortalidade.

Por sua vez, observamos que, com a análise das ansiedades primitivas e a diminuição das poderosas imagens arcaicas parentais, os pacientes em idade avançada tornam-se capazes de assimilar novas representações de objeto em sua estrutura psíquica, podendo reter contato com fontes internas de vitalidade, sem necessidade de asseguramentos (King, 1980). É assim com o psicanalista que envelhece.

José Cândido Bastos, outro psicanalista longevo da SBPRJ, nos últimos anos de vida demonstrava interesse por novas aquisições no campo da psicanálise como, por exemplo, o estudo das neurociências. Os vínculos amorosos permaneciam ativos – são essas fontes internas de vitalidade, como em sua afirmação entusiasmada de que “a técnica psicanalítica foi uma descoberta fantástica”. E ele manteve sua capacidade de aceitar mudanças ao vislumbrar momentos futuros e comentar que a psicanálise alcançaria, além da especificidade terapêutica, uma aplicabilidade em diversos campos do conhecimento e atividade humana (Bastos, 2006/2015).

Alcançar uma maior tolerância diante de si mesma e dos outros foi outra aquisição com a passagem do tempo, segundo Marialzira Perestrello (2009). Ela adquirira, após os seus 70 anos, uma capacidade de criar, que não possuía quando jovem, que acreditava ser devida a esta maior flexibilidade, e descreveu um sentimento de “explosão de vitalidade”.

Freud também trabalhou até o fim da vida, reconhecendo na atividade laboral uma forma de existência que mantém a identidade pessoal de todos nós (Freud, 1936/1974). Também nos falou das fantasias de invulnerabilidade, atendendo ao desejo humano de imortalidade e da tendência do homem em afastar a morte do pensamento consciente, afetando a maneira de lidar com os eventos de sua vida:

É de fato muito triste saber que a vida se parece com um jogo de xadrez onde o único movimento equivocado pode obrigar-nos a abandonar a partida, com o agravante de que, na vida, não podemos sequer contar com uma partida de revanche. (Freud, 1915/1974, p. 329)

Sim, é triste quando chega o momento de afastar-se do trabalho clínico e não mais analisar, conscientemente tomar a decisão, pois o tempo de envelhecimento não só chega aos nossos pacientes – os analistas também envelhecem.

A compreensão psicanalítica pode auxiliar a entrada na velhice ao entendê-la como um processo de crescimento, um novo ato psíquico de um sujeito em desenvolvimento. É assim que Pollock (1982) conclui que as pessoas nessa faixa etária demonstram capacidade de *insight*, possibilidade de trabalho transferencial, poder de sonhar, narrar seus sonhos e suas fantasias. A motivação para mudanças está presente e a capacidade de examinar metas e valores também. Persiste a possibilidade de mobilizar energias libidinais e agressivas de forma a tornar a vida mais criativa.

Para concluir, volto a Pontalis (2012) que, em publicação póstuma, “À margem dos dias”, nos aponta a coexistência de dois sentimentos opostos:

[...] o do desaparecimento de todas as coisas, inelutável e, já prestes a atuar, o do milagre da graça daquilo que surge. Essa conjunção de dois sentimentos – a atração pela morte e a sedução do que acontece aí, oferecido por um instante, precioso: o efêmero – suscita tanto a melancolia quanto a alegria, uma alegria tanto mais viva quanto maior sua fragilidade. (Pontalis, 2012, p. 36)

E é esse velho psicanalista que nos traz mais uma lição, não raro constatada em seus pacientes, em nossos pacientes e em nós mesmos: de que tantas vezes a velhice pode estar muito longe de ser sentida como um declínio progressivo ou como uma involução. Ela pode ser vivida como uma renovação, uma perda das inibições, o que Pontalis (2012) chama de “desatar dos nós que travam”. Um despertar da libido, no que ela tem de migrante e, se “tem mais de uma carta-namanga, seus objetos são múltiplos, ela ignora a morte” (p. 33).

Por fim, eu não resisto a fazer menção ao medo e à paixão presentes na vida de Freud que, em seus últimos anos, em sua carta de 20 de dezembro de 1921 a seu filho Ernst e à sua esposa, como nos conta Max Schur, médico e confidente de Freud em seus últimos dias. Nessa carta, Freud diz que “a agitação destes últimos tempos foi grande; não sabia que, quanto mais velhos nos tornamos, mais

coisas temos que fazer. A ideia de uma velhice tranquila me parece tão lendária quanto a de uma mocidade feliz” (Freud, 1921 citado por Schur, 1972).

Referências

- Abraham, K. (1954). The applicability of psychoanalytic treatment to patients at an advanced age. In K. Abraham, *Selected papers of Karl Abraham*. London: The Hogarth Press Ltda. (Original publicado em 1919.)
- Amendoeira, M. C. R. ?La cuestión del género del analista establece acaso diferencia en la escucha y el trabajo psicoanalítico? In: Alcira Mariam Alizade; Marlene Silveira Araujo y Mauro Gus (compilado). (Org.). *Masculino-femenino: cuestiones psicoanalíticas contemporâneas*. 1ed. Buenos Aires: Lumen, 2004, v. 1, p. 159-163.
- Amendoeira, M. C. R. (2003). Vicissitudes da psicanálise em idosos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 37(2-3): 959-972.
- Amendoeira, M. C. R.; Ramos, A. A. M.; Teixeira, L. S.; Mutazzi, E. & Leibing, A. (2000). O envelhecimento e as mudanças demográficas no Brasil – aspectos subjetivos. *Arquivos de Geriatria e Gerontologia*, 4(1): 21-27.
- Bastos, J. C. (2006/2015). Entrevista com José Cândido Bastos, realizada em 2006 por Wania Cidade. *Intervalo Psicanalítico*, SBPRJ, ano XVI, n.5, set/out, 2015, p 4-5.
- Bion, W. R. (1994). *Estudos psicanalíticos revisados – Second thoughts*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1967.)
- Bonasia, E. (2003). Contratransferência: erótica, erotizada, perversa. *Livro Anual de Psicanálise*, v.XVII:41-53.
- Eizirik, C. L. (2004). Sexualidade e pós-modernidade. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 11(1): 87-96.
- Fainguelernt, M. F.; Amendoeira, M. C. R. (2016). Dizendo adeus ao divã. *Trieb*, 15, n 1,2; p.121-138.
- Fajardo, B. (2010). Life-threatening illness in the analyst. In G. Junkers (Org.), *The empty couch*. Londres: Routledge.
- Freud, S. (1974). Escritores criativos e devaneios. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. 9, pp.145-158). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1908.)
- Freud, S. (1974). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. 14, pp. 310-341). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915.)
- Freud, S. (1974). Sobre a transitoriedade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. 14, pp. 345-348). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1916.)

- Freud, S. (1974). Um distúrbio de memória na Acrópole. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. 22). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1936.)
- Freud, S. (1974). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1937.)
- Hinze, E. (1987). Transference and countertransference in the psychoanalytic treatment of older patients. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 14: 465-474.
- IBGE (2013). *Atlas do censo demográfico 2010*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Jaques, E. (1990). Morte e crise da meia idade. In E. B. Spillius (Org.), *Melanie Klein, hoje: desenvolvimento da teoria e da técnica* (vol. 2, pp. 248-270). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1965.)
- Jarast, G. M. (1996). Cambio psíquico en la senescencia, condiciones y prevenciones. *Revista de Psicoanálisis*, 53(4): 1015-1026.
- Junkers, G. (2006). Editor's preface. In G. Junkers, *Is it too late? Key papers on psychoanalysis and ageing*. Londres/Nova York: Karnac.
- Junkers, G. (2013). The ageing psychoanalyst thoughts on preparing for a life without the couch. In G. Junkers (Org.), *The empty couch*. Londres: Routledge.
- Kavka, A. (2013). Psychoanalyst assistance committees: philosophy and practicalities. In G. Junkers (Org.), *The empty couch*. Londres: Routledge.
- King, P. (1980). The life cycle as indicated by the nature of the transference in the psychoanalysis of the middle-aged and elderly. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 61(2): 153-160.
- King, P. (2005). For age is opportunity no less than youth itself. In P. King, *Time present, time past: selected papers of Pearl King*. Londres: Karnac.
- Klein, M. (1975). *Sentimento de solidão*. Imago: Rio de Janeiro. (Original publicado em 1963.)
- Klockars, L. (2013). Ageing in European psychoanalytic societies. In G. Junkers (Org.), *The empty couch*. Londres: Routledge.
- OPAS: OMS (2001). *Relatório sobre a saúde no mundo 2001: saúde mental: nova concepção, nova esperança*. Organização Pan-Americana da Saúde; Organização Mundial da Saúde. Genebra; OPAS; 2001. 173 p. Livroilust, tab, graf. Monografia em Português | Ministério da Saúde | ID: mis-9702. Biblioteca responsável: BR599.1. Localização: BR599.1; 614(4/9) (047), O68r, AG,10001017233
- Perestrello, M. (2007). Exposição: Criatividade no Museu de Imagens do Inconsciente. São João del-Rei: UFSJ. *Catálogo de exposição*, 10-25 mar., Centro Cultural da UFSJ.
- Perestrello, M. (2009). Entrevista com Marialzira Perestrello, gravada e transcrita por Maria Cristina Reis Amendoeira em 11 de julho de 2009.
- Plotkin, F. (1999). Treatment of older adult the impacto n the psychoanalyst. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 48 (4) 1592-1615.

- Pollock, G. H. (1982). On ageing and psychopathology. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 63: 275-281.
- Pontalis, J. B. (2012). *À margem dos dias*. São Paulo: Primavera Editorial.
- Quinodoz, D. (2010). *Viellir, une découverte*. Paris: PUF.
- Quinodoz, D. (2011). Envelhecer: o olhar de uma psicanalista. *Livro Anual de Psicanálise*, 25: 185-200.
- Schur, M. (1972). *Freud: living and dying*. Londres: The Hogarth Press.
- Segal, H. (1982). Medo da morte: notas a respeito da análise de um homem idoso. In H. Segal, *A obra completa de Hanna Segal: uma abordagem kleiniana à prática clínica* (vol. 2). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1958.)
- Settlage, C.F. (1996). Transcending old age: creativity, development and psychoanalysis in the life of a centenarian. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 77: 549-564.
- Teising, M. (2013). Narcissistic challenges for ageing analysts. In G. Junkers (Org.), *The empty couch*. Londres: Routledge.
- Viñar, M. (2000). Uma utopia sem lugar de chegada. *Percurso*. Recuperado de <https://psicanalise-download.files.wordpress.com/2012/08/marcelovinar1.pdf>
- WHO/WPA. (2002). *Reducing stigma and discrimination against older people with mental disorders*. Genebra, Suíça: World Health Organization / World Psychiatric Association.
- Wylie Jr., H. W. & Wylie, M. L. (1987). The older analysand: countertransference issues in psychoanalysis. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 68: 343-352.

Recebido: 11/10/2022

Aceito: 20/11/2022

Maria Cristina Reis Amendoeira

cristinamendoeira@gmail.com

No início do envelhecimento

Guillermo Julio Montero¹

Antes de começar, gostaria de agradecer à minha colega e amiga Maria Cristina Reis Amendoeira (MCRA) por me convidar para comentar seu trabalho. Gostaria também de expressar minha gratidão à Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), com a qual tenho estado ligado por amizade, intercâmbio e publicações compartilhadas por muitos anos.

O trabalho da MCRA tem a consistência de uma busca que a habita há décadas. Ela iniciou suas pesquisas sobre o tema do envelhecimento há muito tempo, algo que torna evidente uma coerência e um propósito surpreendente por sua insistência lúcida.

Tive a sorte de encontrar a MCRA trabalhando com ela no Comitê de Envelhecimento de Pacientes e Analistas da IPA (IPA's Committee: Psychoanalytic Perspectives on Aging of Patients and Analysts), em que pudemos compartilhar um painel no Congresso de Londres em 2019. MCRA, anteriormente, também havia apresentado suas ideias em 2018 no Congresso Interno da Fundação Travesia, que eu presido. Finalmente, ela foi generosa o suficiente para nos convidar a fazer parte do encontro compartilhado entre a Fundação Travesia e a SBPRJ, evento que ocorreu em 2019, poucos meses antes do surto da pandemia que chocou nossa vida e nossa atividade.

Eu só acho que sou a pessoa certa para comentar um trabalho como o de MCRA – dedicado ao processo de envelhecimento – porque estou envolvido há muitos anos no estudo do início do envelhecimento – esse processo que foi chamado com pouca precisão de “meia-idade da vida” e que eu preferi chamar “maturescência” – um fenômeno psicológico que ocorre em torno do climatério masculino e feminino por volta dos cinquenta anos de idade.

1. Psicanalista, membro da Associação Psicanalítica Argentina, Chair do comitê Perspectivas do Envelhecimento da IPA, presidente da Fundação Travesia e autor de diversos livros.

De fato, a maturação é responsável pelo início real da meia-idade, pois exige uma medida de trabalho psíquico que precisa ser resolvida urgentemente com base nos sinais inconfundíveis do início do envelhecimento somático. A resolução deste processo inicia o que eu chamo de autêntico envelhecimento, algo que será sempre moldado pela própria história de vida, identificações (eu ideal e ideal do eu), modalidades defensivas e conflitos predominantes etc., como também pode ser observado nas considerações da MCRA.

Mas a primeira coisa que vem à mente, para começar, é o popular provérbio “cada indivíduo envelhece como viveu”. Esta ideia assume que se uma pessoa viveu satisfatoriamente, ela envelhecerá da mesma maneira; enquanto que, se viveu em insatisfação, provavelmente envelhecerá em frustração e irritação. A intuição que aparece neste provérbio popular é muito marcante, pois reconhece que cada história de vida promove seu estilo próprio, individual e diferente de envelhecimento. Se colocássemos a frase na primeira pessoa, ela diria: “eu envelheço de acordo com minha própria história de vida”, algo que neste caso também inclui uma perspectiva psicanalítica de compreensão, uma coincidência muito rara com estes provérbios, que muitas vezes estão muito comprometidos com o que é chamado de “senso comum”, um posicionamento que muitas vezes está nos antípodas do pensamento psicanalítico.

Da perspectiva de que uma pessoa envelhece em sintonia com a forma como viveu, eu gostaria de levantar outra das verdades que me parecem importantes para a consideração do envelhecimento, porque, psicanaliticamente falando, os anos vividos não são a verdadeira medida do envelhecimento, talvez nem a mais transcendente. Isto porque não é tão importante o que os anos fazem com o indivíduo, mas o que o indivíduo faz com os anos. A primeira afirmação, “o que os anos fazem com o indivíduo”, é resistente e insuficiente; enquanto a segunda afirmação, “o que o indivíduo faz com os anos”, muda completamente a perspectiva e nos leva de volta à psicanálise, justamente porque considera, antes de tudo, a singularidade de cada indivíduo, que nós, como psicanalistas, não podemos deixar de ter em mente.

Gostaria também de salientar que existe uma sequência ao longo de todo o ciclo de vida, o que significa que, assim como a saída da adolescência, é determinada por uma reatualização do processamento da separação-individação da infância; assim como a maturação é determinada por uma reatualização do processamento da adolescência; gostaria de acrescentar que o processamento da senescência (ou seja, o final da idade adulta) será determinado pela resolução da reatualização do processamento da maturação característica, algo em que eu gostaria de ser levado muito a sério.

Esta série de reatualizações enfatiza novamente o fato de que, mais importantes do que os anos, são os processos psíquicos que sustentam o curso do ciclo de vida, incluindo aqui o próprio curso do envelhecimento.

Para começar a comentar o trabalho da MCRA, acredito que o psicanalista que pode sustentar a perspectiva evolutiva em etapas que acabo de discutir também estará em condições de aplicar a si mesmo a capacidade analítica que ele usa com seus pacientes. Mas, de passagem, eu também me pergunto: seria possível aplicar a capacidade psicanalítica aos pacientes se não estivéssemos em condições de aplicá-la também a nós mesmos?

Eu também poderia fazer algumas outras perguntas: seria possível ser um psicanalista sem a consideração permanente da finitude da vida, quando precisamente no processo psicanalítico enfrentamos permanentemente a transitoriedade da vida? Podemos sustentar a ideia de que cada indivíduo “aprende” a envelhecer, em que cada pessoa seguirá seu próprio caminho de iniciação e aprendizagem, em vez de considerar o envelhecimento como algo já conhecido de antemão? Pode-se pensar, seguindo MCRA, que a prática psicanalítica é uma atividade terminável ou interminável? Todas estas questões que surgem do trabalho da MCRA geram tensões que nos permitem objetivar a profundidade da pesquisa e a complexidade do assunto.

Nesta perspectiva, parece-me que o problema não surge do processo vital do envelhecimento em si, porque o processo de envelhecimento é um processo normal e esperado, mas surge de algumas dificuldades individuais específicas, que, quando evitam o contato com o paradoxo e a incerteza de viver, irão se intrometer na vida emocional do indivíduo e, se o indivíduo for um psicanalista, acabará por se intrometer no trabalho clínico do psicanalista e na dificuldade de desistir da prática clínica (Montero, 2020).

É por isso que eu gostaria de definir outro aspecto que me parece importante: o “envelhecimento somático” é inexorável e continua seu curso rumo à morte, imperturbável, mas o “envelhecimento psíquico” – de que a psicanálise trata – só existe cada vez que o indivíduo deixa de crescer. Cada pessoa deve se perguntar honestamente se está disposta e é capaz de continuar a crescer, com tudo o que tal disposição coloca em cena. Quero deixar registrado que as ideias de enfrentar o paradoxo e a incerteza da vida podem servir como guia para entender o que quero dizer com “crescimento na alma” (Montero, 2020).

Por esta razão, gostaria de concluir argumentando que, como psicanalistas, não podemos levar em conta uma perspectiva “de fora para dentro” [*from outside in*] (ou seja, “o que os anos fazem com o indivíduo”), mas sim reconhe-

cer uma perspectiva “de dentro para fora” [*from inside out*] (ou seja, “o que o indivíduo faz ao longo dos anos”).

Parece-me que o trabalho de MCRA está profundamente enraizado no pensamento psicanalítico, porque traz um ponto muito lúcido, de que o fato de sermos psicanalistas, de termos nos psicanalisado por muitos anos, de termos estudado o método psicanalítico por décadas, não nos torna diferentes dos outros seres humanos, não nos imuniza do medo, da preocupação, da incerteza – muito especificamente, não impede que a ideia de que a morte seja uma ameaça para nós: não impede que a ideia da morte pessoal nos perturbe – pelo contrário, confirma que somos idênticos aos outros, algo que, a meu ver, agrega valor ao pensamento psicanalítico em si mesmo.

Embora o trabalho com a ideia da própria morte seja um trabalho que ocorre no curso da psicanálise, parece-me que, no final, ele acaba acontecendo consigo mesmo em extrema solidão, em um diálogo com o destino individual que nos obriga a um reconhecimento que não gostaríamos de fazer.

E é precisamente este posicionamento que força a vida e o desejo em direção àqueles destinos humanos que podem ser expressos na profundidade dos laços, no amor, na amizade, na criatividade de múltiplas formas, na valorização da vida cotidiana como fonte incessante de vida, como também expressa MCRA.

É por estas razões que eu sustento que, felizmente, não existe uma resposta geral para a série de perguntas que MCRA lucidamente formula, mas que existem apenas respostas individuais que cada indivíduo pode conquistar para si mesmo na esfera de sua própria subjetividade, como aconteceu e, acredito, continuará a acontecer desde a origem da humanidade com cada ser humano.

Penso então que a psicanálise não deveria ter respostas para o mistério do envelhecimento – incluindo aqui a decisão de parar de trabalhar como psicanalista – , mas apenas propor e facilitar caminhos que permitam a cada indivíduo encontrar sua própria determinação e decisão a este respeito.

Por esta razão, o valor do trabalho da MCRA é enorme porque é uma prova do esforço de alguém que ousa fazer as perguntas que, como psicanalistas que sabemos, não têm, não podem e não devem ter uma resposta *a priori*, porque são as mesmas perguntas que também habitam em nós mesmos e habitarão aqueles que virão depois de nós.

E talvez esta seja a verdadeira resposta: ter a capacidade de tolerar os mistérios da vida com a humildade daqueles que reconhecem que são capazes de continuar surpreendendo a si mesmos todos os dias – tanto com respeito ao paciente quanto ao psicanalista, pois é uma obra da alma que se realiza

igualmente em todos os indivíduos. Acredito que, a partir desta perspectiva, como argumenta MCRA, entrar na velhice pode implicar um processo de crescimento, um novo ato psíquico de um eu que continua a se desenvolver. Muito obrigado à MCRA, e muito obrigado a todos os amigos da SBPRJ.

Referências

Montero, G. J. (2020). *Psychoanalysis of aging and maturation: the concept of maturation*. Londres: Routledge.

Recebido: 18/11/2022

Aceito: 28/11/2022

Guillermo J. Montero
guillermontero@hotmail.com

A mente do analista^{1, 2}

Luis Claudio Figueiredo³

Boa noite. Muito obrigado pela presença de todos e muito obrigado pelo convite que me foi feito pela diretoria da SBPRJ, em particular pela Elisa, que eu conheço há muitos anos, desde que eu comecei a fazer alguns seminários na SBPRJ e depois num grupo clínico criado já há algum tempo também, onde ela está presente. Eu queria dizer para vocês que é para mim uma enorme satisfação poder estar aqui nessa casa. Eu tenho uma ligação profunda e antiga com a SBPRJ. Começou na minha infância, de certa maneira, porque a minha mãe era professora do jardim de infância do Instituto de Educação e não sei porquê cargas d'água ela começou, enquanto professora – ela não era psicanalista, mas ela tinha muito interesse em psicanálise –, ela começou a fazer supervisões com o Dr. Pedro Ferreira. Pedro Ferreira era uma figura notável em minha casa, falava-se o tempo todo do Dr. Pedro Ferreira. Eu não cheguei a conhecê-lo pessoalmente, mas, enfim, cheguei a estar perto da casa dele nas vezes em que a minha mãe ia lá e muito tempo depois eu descobri que o Dr. Pedro Ferreira é um dos fundadores da SBPRJ. Então, eu estou ligado à SBPRJ acho que antes mesmo da própria Sociedade se formar, porque esse encontro da minha mãe com o Dr. Pedro Ferreira foi no começo da década de 1950, eu era bem pequeno.

Mais adiante eu fui aluno e muito amigo do professor Antonio Gomes Penna, grande professor da UFRJ, e através do Penna eu vim a conhecer – porque ele falava muito – o Dr. Danilo Perestrello, que é outro dos fundadores da SBPRJ. Mais adiante, na casa do Penna, eu vim a conhecer aquela figura ado-

1. Palestra proferida em Reunião Científica em 01/09/2022, *on-line* e organizada pelo Conselho Científico da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro - SBPRJ.

2. Transcrição da gravação feita por João Pedro Saramago.

3. Psicanalista. Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Professor aposentado da Universidade de São Paulo (USP). Professor de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

rável que era a Dra. Marialzira Perestrello. Então, eu me sinto sempre muito próximo da Sociedade, muito amigo, muito bem acolhido. Mais adiante, já há uns 15, 20 anos, eu comecei a frequentar pessoalmente a Sociedade, onde eu fui fazendo seminários, cursos, fui chamado pra várias palestras, essa daqui é mais uma. E, principalmente, a partir de certo momento, eu comecei a participar de um grupo, que é o do Projeto Travessia, onde nós realizamos um trabalho social da maior importância, liderado pela Teresa Rocha, que é didata da Sociedade, e também conduzido pela Sonia Verjovsky e pela Eliane Marcellino e eu estou nesse grupo Travessia já há muitos anos e me orgulho muito dessa minha ligação com o Projeto Travessia e com essa iniciativa maravilhosa da SBPRJ de fazer um trabalho social junto a comunidades carentes. Estou feliz de estar aqui com vocês e vamos então ao nosso tema de hoje.

Eu não vou falar apenas desse meu livro que foi lançado em primeira edição em 2021, mas vendeu muito e aí nós fizemos uma segunda e, logo em seguida, uma terceira edição ampliada com textos novos sobre os quais eu vou falar mais adiante. Gostaria de comentar com vocês que esse interesse na mente do analista, essa coisa complexa, difícil de ser planejada, difícil de ser usada, que é a mente do analista, não é de hoje. Eu tenho uma série de trabalhos que eu realizando ao longo do tempo aos quais não dava o nome de “a mente do analista”, mas retrospectivamente vejo que foi um dos temas que me interessaram por muito tempo. Em 1994, ou seja, há 30 anos, eu lancei um livro chamado *Escutar, recordar, dizer: encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica*. No fundo, o que eu queria era entender como é que a mente do analista precisa se dispor a entrar em contato com toda a produção simbólica que se passa entre ele e seu paciente, ou seja, era preciso, em primeiro lugar, nós fazermos um silêncio, silêncio interno. Nós precisamos silenciar de alguma maneira a nós mesmos para podermos escutar e fazer ressoar aquilo que vem se produzindo a partir do paciente, mas nas relações comigo, conosco, com nós analistas. Ou seja, nós precisamos ter uma disposição de mente capaz de nos entregarmos a uma fala que não se deixa programar, a uma fala que não é planejada, a uma fala que acontece entre o paciente e mim, entre mim e o paciente. É uma fala que, mais do que comunicar, expressa e performa; é uma fala com poder de criar e transformar experiências sensoriais, experiências simbólicas, e essas são absolutamente necessárias para que o nosso trabalho se realize. É uma disposição de entrega, de desapego das nossas crenças, das nossas convicções, das nossas ideias, feita para uma espécie de imersão no ambiente simbólico daquilo que se passa numa sessão de análise. É uma fala com poderes poéticos, uma fala

“acontecimental”, um acontecimento na comunicação, não propriamente uma comunicação planejada. Isso foi em 1994.

Dois anos depois, eu publiquei um texto na revista *Percurso*, do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, chamado *Pensar, escutar e ver na clínica psicanalítica*, que era uma releitura daquele grande texto do Freud, de 1937, *Construções em análise*. Nesse texto, eu pego outro ângulo, que não é mais a fala poética, mas é a nossa capacidade de sonhar. O que Freud vai descobrindo é que a interpretação não pode funcionar de acordo com o método arqueológico de decifração, de reunião de fragmentos. O analista, em certas situações, precisa construir. Na verdade, mais do que uma construção racional, é uma construção onírica. O analista precisa ter uma mente capaz de sonhar, capaz de reagir com o paciente, de participar do jogo do inconsciente apresentando também os seus sonhos, as suas capacidades de *reverie*. Nesse texto, eu me refiro claramente a Bion, que é um autor fundamental para mim, para entender a mente do analista, exatamente mostrando essa ligação que eu acho profunda e nem sempre explícita entre o texto de Freud de 1937 e as ideias bionianas sobre a mente onírica do analista, a capacidade onírica do analista, a capacidade de *reverie*. Isso em 1996.

Em 1997, um ano depois, eu publiquei outro texto nos Cadernos de Subjetividade, que eram publicados aqui pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC, chamado *O interesse de Lévinas para a psicanálise*. Este texto aborda uma outra questão, que é a questão ética, o encontro com a alteridade. A Elisa falava que o encontro com a alteridade, como diz o Bion, é sempre um mau negócio; uma fonte de turbulência e de perturbação. Mas por que o encontro com a alteridade é assim? É exatamente porque a alteridade, naquilo que tem de mais altero, de mais outro, precisa ser reconhecida como alguma coisa que me intima e intimida, que me convida, mobiliza. Então, a questão da alteridade, que é uma questão essencial para este filósofo Emmanuel Lévinas, é a questão que está no centro deste meu trabalho. É outro ângulo, portanto, para pensar a mente do analista. A mente do analista precisa estar disponível para o encontro com a alteridade, anterior a qualquer conhecimento. Não se trata de conhecer para fazer contato, mas, pelo contrário, trata-se na verdade de se entregar ao encontro, participar do encontro, ser movido, mobilizado, intimado e, de certa maneira, transtornado pelo encontro com o outro na sua alteridade – que é a alteridade do paciente – sem ideias prévias, sem preconceitos, sem teorias. Nós estamos nos aproximando novamente do Bion, com aquela máxima “sem memória, sem desejo e sem compreensão prévia” para que a alteridade do

outro possa se impor a mim e eu possa, então, trabalhar até num plano mais intelectual, de conhecimento, mas que será sempre um conhecimento imperfeito, improvisado, um conhecimento que é uma resposta ao primeiro encontro, ao impacto do efeito que o encontro que o outro tem sobre mim. A mente do analista tem que ser capaz de participar desses encontros e sobreviver a eles, na medida do possível.

Esse conjunto de ideias veio a reaparecer num livro de 2000, chamado *Ética e técnica em psicanálise*. É um livro que publiquei em coautoria com um grande amigo e colega meu, chamado Nelson Ernesto Coelho Júnior, onde vou propor a ideia de que, para o encontro com a alteridade capaz de gerar transformações e cuidar do outro, é preciso que eu me implique e também me reserve. Então, eu desenvolvo bastante a ideia de que a mente do analista precisa ter a flexibilidade, a mobilidade, a dinâmica para manter-se profundamente implicada com o outro, mas ao mesmo tempo preservar-se numa reserva. E isso é conseguido à medida que eu renuncio à ideia de curar a todo custo, conhecer a todo custo, ou seja, renuncie ao *furor curandis*. O furor do conhecimento precisa ser abolido para que eu, numa posição mais deprimida, mais depressiva – hoje em dia, eu usaria o termo ‘depressividade’, uma capacidade depressiva – para poder fazer esse contato, sem que eu próprio seja uma fonte de mais turbulência e de invasão, de intromissão. Ou seja, esse jogo de presença implicada e presença reservada, no meu ponto de vista, é essencial para que o analista possa funcionar como analista.

Esse tema veio a ser retomado num artigo que eu publiquei em 2011 na Revista Brasileira de Psicanálise. É um texto chamado *A situação analisante e a variedade da clínica contemporânea*. Por que esse texto é interessante para o nosso tema? Porque a base dele é a convicção de que a situação analisante é a verdadeira ferramenta da psicanálise, mas ela é uma verdadeira ferramenta que depende, para sua instalação e manutenção, de uma mente de analista. A mente do analista é a condição para se constituir um campo onde a análise funciona. Não são as minhas interpretações inteligentes, não são os meus manejos extraordinários que produzem efeitos terapêuticos e analíticos. É a própria situação analisante que eu consigo instalar e que eu consigo sustentar ao longo de uma sessão, de inúmeras, dezenas, centenas, sabe-se lá quantas sessões, às vezes durante anos. É isso que vai produzir efeitos. Isso foi em 2011 e é um texto de que eu gosto bastante, porque acho que eu tento ali, exatamente, fazer um elogio da mente do analista como condição para instalação da situação analisante. E, em segundo lugar, tento ver como essa situação analisante pode evoluir, como ela

funciona, como é a sua dinâmica e como ela exige permanentemente para sua eficácia que a mente do analista esteja ali em plena operação.

Logo em seguida, em 2012, eu publiquei um artigo numa revista chamada *Reverie*, revista de psicanálise do pessoal de Fortaleza, psicanalistas da Sociedade de Fortaleza. É um texto chamado *A clínica psicanalítica e seus vértices*, que é um texto tentando mostrar exatamente como a psicanálise – ou a mente do analista – precisa funcionar. Primeiro, oferecendo continência (é um texto bastante bioniano), sendo capaz de confrontos com as resistências, identificar, nomear e confrontar-se com as resistências. Isso daí é uma fonte de turbulência excepcional e, ao mesmo tempo, é preciso, retomando a ideia da reserva, manter-se numa relativa ausência. É preciso que o analista esteja muito presente para dar continência, produzir transformações – inclusive usando sua capacidade de *reverie*. É preciso que ele esteja atento para enfrentar e confrontar-se com as resistências que são inevitáveis num processo analítico, mas é preciso que ele se mantenha numa relativa ausência, numa reserva.

Logo em seguida, em 2014, eu publiquei um texto também na Revista Brasileira de Psicanálise chamado *Escutas em análise / escutas poéticas*, onde eu tento mostrar que desde a ideia original de Freud de nos mantermos em atenção flutuante, a psicanálise foi exigindo e permitindo que outras modalidades de escuta também fossem acionadas e tornam-se necessárias. Há uma escuta que não é apenas a escuta dos fragmentos, mas a escuta das gestalts, do modo de funcionamento, das estruturas de personalidade, normais e patológicas. Há uma escuta das identificações projetivas. Há uma escuta dos afetos transbordantes, das fantasias primitivas. Há uma escuta do silêncio, porque há pacientes silenciados. Ao final desse texto, eu sugiro: podemos manter a ideia da atenção flutuante, mas ela se tornou muito mais complexa. Ou seja, a tarefa do analista, de certa maneira, foi se complicando ao longo dos anos, ao longo das décadas, à medida que novos quadros psicopatológicos puderam ser considerados e atendidos e hoje nós precisamos considerar que a atenção flutuante não flutua apenas como pensava Freud, entre fragmentos nos quais estão os retornos do inconsciente reprimido. Pelo contrário: nós temos que captar muitas outras dimensões do inconsciente, de tal forma que a atenção flutuante virou uma escuta polifônica; são vários canais de contato com os inconscientes a serem reconhecidos e utilizados.

A Elisa estava falando no começo da minha ideia da mente do analista como esse “coitado”, devido à complexidade das nossas tarefas, pois bem, eu estou mostrando continuamente ou reconhecendo, tentando comunicar que

as nossas tarefas são realmente muito complexas e não param de se tornar mais complexas. A mente do analista, esse “coitado”, é aquela que é capaz de mobilizar muitos canais de comunicação para ter acesso às várias dimensões do inconsciente que estão em jogo, e não apenas o inconsciente reprimido, mas o inconsciente cindido, o inconsciente projetado nas coisas, nos objetos, ou seja, o inconsciente de todos os mecanismos de defesas do eu, do supereu e assim vamos.

Pois bem, essa sucessão de ideias, que sempre foi me interessando, me levou a publicar em 2021 o livro *A mente do analista*, onde tento reunir vários textos, não esses de que eu falei, que já estavam publicados, mas vários textos novos que, afinal de contas, continuavam focando os vários aspectos e ângulos daquilo que nos compete no nosso ofício. Isso foi em 2021 e a diferença entre o livro de 2021 e a terceira edição ampliada de 2022 é que eu acrescentei três textos novos que foram sendo apresentados em diferentes circunstâncias, em diferentes lugares do Brasil, tratando especificamente da formação. Como é que é possível a gente constituir um trabalho de formação para que a mente do analista possa, mal ou bem, embora nunca perfeitamente – pois não existe como garantirmos, como temos a ambição de termos uma mente perfeita, em condições absolutas de captação de pensamento, de elaboração –, mas como a gente pode se aproximar dessa meta? Isso daí me levou a escrever esses textos que vão aparecer então na edição ampliada.

Qual a razão desse longo e perseverante interesse? Eu diria que ao longo da minha vida eu tive na psicanálise três interesses principais. Um é com as questões ligadas ao adoecimento, às várias modalidades de adoecimento. Então, em vários dos meus livros eu vou falar de questões da psicopatologia, questões sobre diferentes quadros psicopatológicos. Outro interesse é um interesse mais, digamos assim, epistemológico. É o de tentar entender qual é a natureza do conhecimento psicanalítico e da prática psicanalítica, que não é apenas a epistemologia de uma ciência, de um saber já estabelecido. É a epistemologia daquilo que se conhece, que se produz como conhecimento na própria prática da psicanálise, na dinâmica mesma do trabalho de escuta e análise. E o terceiro é esse de que eu estava falando: é a mente do analista em seu funcionamento. E eu viria então ao tema: qual é a razão desse longo e perseverante interesse? Eu acho, do meu ponto de vista, que a psicanálise é fundamentalmente um trabalho e um método. Eu não defino a psicanálise pelos seus saberes, pelas suas teorias que são muitas e muito interessantes e eu gosto de frequentar todas e trabalho muito a intercessão e a necessidade de nós estarmos continuam-

te transitando por essas teorias, porque todas elas correspondem a tentativas, mais ou menos bem sucedidas, de grandes profissionais e pensadores tentarem sistematizar um pouco aquilo que conseguiram aprender no seu trabalho diário, com seus pacientes, na 'luta' com eles e no trabalho próprio do nosso ofício, na lida com os inconscientes.

Mas eu acho que, mais importante do que todas essas teorias, precisamos pensar a psicanálise como um trabalho e um método a ser exercitado dentro de um quadro especial, que é sobre o que eu trabalhei no texto de 2011, sobre a situação analisante. Ou seja, é preciso criar e deixar que funcione bem a situação analisante para que o trabalho da psicanálise se realize, para que o método possa ser exercitado bem. Para que a situação analisante se crie e funcione é fundamental o analista com uma mente disponível para este ofício. Não se trata de um analista erudito, de um analista inteligente ou apenas de um analista sensível. É claro que certa erudição, que certo conhecimento da teoria, pode ajudar; certa inteligência – mas não toda – mas certa inteligência pode ajudar. A sensibilidade é essencial, mas eu acho que o que vai nos caracterizar no nosso ofício não é erudição, não é inteligência, nem é sensibilidade: é nossa capacidade de instalar e sustentar uma situação analisante em pleno funcionamento e ter, portanto, uma compreensão profunda do que seja a psicanálise como trabalho e como método.

Isso daí é a principal razão para eu insistir tanto na mente do analista, no seu funcionamento e na formação da mente do analista, porque sem isso não há psicanálise. Quando existe isso, pode existir psicanálise de boa qualidade mesmo fora dos enquadres canônicos, os enquadres convencionais. É possível ter escuta psicanalítica, é possível ter pensamento psicanalítico em condições muito variadas. Eu vou inclusive fazer um elogio dessa situação, porque muitas vezes ela nos ajuda a entender o que é o essencial da psicanálise para além das convenções, para além das aparências, para entender em profundidade do que se trata no trabalho psicanalítico. Eu acho que a situação analisante tem que oferecer ao paciente, em primeiro lugar, hospitalidade. Ela é um convite e, em parte, até mesmo uma intimação para que alguma coisa importante das vidas possa ser ali colocada na forma de relatos, mas principalmente na forma de transferências. Eu acredito e aposto que uma situação analisante é o lugar – não que transferência só exista aí; acredito que transferências existem em todas as relações de objeto e mesmo nas relações narcísicas –, mas a mim me parece que uma situação analisante bem estabelecida e funcional é hospitaleira e um verdadeiro convite para que ali se realize,

se viva e se experimente, na relação com o analista, coisas absolutamente fundamentais da vida emocional, da vida afetiva dos sujeitos.

Considerando a verdadeira ‘intimação’ a ingressar nessa permanente dinâmica transferencial e contratransferencial, uma condição a que o analista precisa se dispor, a que precisa se entregar, eu diria – e não que seja uma grande novidade no que estou afirmando, mas eu gostaria de insistir no ponto – e para que a mente do analista funcione como é necessário, é preciso que ele abra mão de muita coisa, que ele renuncie aos seus saberes, em particular às suas fantasias de saber, porque nós de fato sabemos muito pouco. Na verdade, grande parte daquilo que nós supomos saber são apenas fantasias de saber, fantasias de onisciência e onipotência. Em contraposição, a mente do analista é, de certa maneira, obrigada a funcionar no regime, como eu já disse, sem memória, sem desejo, sem compreensão prévia. Isso quer dizer: renunciando às convicções, renunciando às certezas, renunciando a tudo que ele supõe saber, seja num plano mais genérico, seja em relação a cada um dos seus pacientes em particular. Ou seja, eu hoje cada vez mais insisto que nós não podemos ser analistas se não formos capazes de vencer a nossa propensão à arrogância e ao autoritarismo. Não é uma questão, digamos assim, meramente ‘política’, ou ética em um sentido trivial. Eu vejo que isso faz parte do nosso ofício: é fundamental não entrarmos na loucura da onisciência e da onipotência e pretendermos saber onde está o bem, o que é a ‘realidade’, qual é o caminho. É preciso renunciar tudo isso para pesquisar e a pesquisa está na essência do trabalho clínico da psicanálise.

Sempre que recebo um paciente novo, na hora de dizer o que é o nosso trabalho, eu insisto muito: nós estamos aqui para pesquisar, para pesquisar juntos e fazer uma pesquisa que produza transformações. Então não é apenas produzir um conhecimento contemplativo para saber como as coisas são, mas é ir ao fundo das coisas para conhecê-las a favor de uma transformação; trata-se de usar uma linguagem que não seja apenas para representar, mas uma linguagem de fazer, de produzir efeitos.

Eu diria que essa é uma dimensão ética e, de certa maneira, democrática da escuta psicanalítica, que é você pesquisar dando voz aos outros e aos outros, eu falo aos outros todos porque nós todos somos vários. Nenhum de nós é unificado, nós temos várias vozes a serem escutas, não apenas aquilo que Freud pensou como id, ego e superego. Cada um de nós é uma pluralidade, é um grupo, e nós temos que dar voz a todos os outros, nossos e alheios, para que a gente se encontre e reconheça e possa estabelecer melhores relações entre essas vozes e aquilo que nos pode fazer bem, que nos pode trazer benefícios.

Eu chamaria atenção, em primeiro lugar, que essa luta contra a arrogância, a onisciência, a onipotência está a serviço de uma dimensão ética de escuta. Por outro lado, isso também está a serviço de uma dimensão criativa do chamado ‘pensamento clínico’. Esse conceito do André Green, me interessa muitíssimo, porque na ideia do pensamento clínico nós não estamos propriamente renunciando a saberes teóricos, mas nós estamos comprometidos com o saber que se constrói artesanalmente, que se constrói, digamos assim, *tailor-made*. É uma coisa de alfaiate, é aquele saber que se vai construindo sessão após sessão e que não se esgota do saber, porque ele se projeta no rumo da possibilidade de transformação. Transformação do futuro, mas também transformações do passado, que vai sendo revisitado e ressignificado, então nós temos a mente do analista disponível para a criação. Acho que um bom psicanalista, mesmo que ele não escreva – há pessoas que não curtem muito escrever, (eu gosto de escrever, para mim faz muito bem escrever, mas tem gente que não gosta e tudo bem) –, penso que escrevendo ou não escrevendo, nós temos que ser pesquisadores, nós temos que ser criativos, nós temos que inventar. Inventar ideias, inventar teorias, inventar dispositivos. Por quê? Porque embora a situação analisante tenha certas características que precisam ser mantidas, elas estão continuamente precisando ser ajustadas, transformadas de acordo com as necessidades e possibilidades de cada caso, e não apenas por uma questão da psicopatologia ser essa ou aquela, mas a cada momento de um processo analítico nós temos que estar, de certa maneira, ajustando as condições do nosso dispositivo, as possibilidades de conhecimento e transformação que nos são exigidas.

Quando pensamos a mente do analista com essa amplitude, complexidade e flexibilidade, ela precisa também continuamente dar conta dos novos e dos velhos sofrimentos porque o sofrimento é a nossa bússola; é isso que nós temos que ter sempre em mente. Para isso, a nossa sensibilidade precisa estar sempre aberta. Velhos e novos sofrimentos. Velhos, de certa maneira, por exemplo, para entrar em temas que atualmente são muito ventilados: a questão de gênero, a questão racial, o racismo estrutural, enfim. São velhos sofrimentos e, ao mesmo tempo, são novos sofrimentos do ponto de vista da escuta psicanalítica. Mas quando a mente do analista está realmente bem, em bom estado de funcionamento, vai ser possível nos abirmos para esses sofrimentos para nomeá-los, para entendê-los, para interpretá-los e para transformá-los na medida do possível. Então, questões raciais e questões de gênero, tudo isso cabe dentro da psicanálise, se pensarmos a mente do analista nessa amplitude e complexidade que eu estou tentando trazer para vocês.

Isso, então, nos leva finalmente à questão da formação da mente do analista. A primeira questão que eu gostaria de levantar em relação a esse tema da formação é que o termo “formação” não me agrada. Eu preciso usá-lo porque, afinal de contas, é disso que nós sempre estamos tratando nas sociedades. Mas eu não gosto do termo “formação” porque o termo se aproxima demasiado de uma coisa que eu abomino, que é a ideia da formatação. Eu acho que a mente do analista precisa ser expandida e não formatada. E por que falar em ‘expandir’? Porque eu acredito, assim como Bion, que exista em todos nós – ele fala disso muito rapidamente e não aprofunda, como, aliás, ele faz com vários conceitos, com o próprio conceito de *reverie* –, mas ele fala numa função psicanalítica da personalidade. Minha crença, que eu gostaria de propor isso a vocês, é que todos os humanos são capazes de uma função psicanalítica da personalidade, que é a capacidade humana de simbolizar, sublimar, transformar e mudar de posição subjetiva. Todos nós podemos fazer isso. A função psicanalítica da personalidade está em todos. Alguns vão transformá-la no seu ofício, como é o meu caso e eu acredito que seja também o de vocês. Outros vão usá-la, nossos pacientes, por exemplo, para benefício próprio, mas eles só vão poder se beneficiar da psicanálise se a psicanálise puder de alguma maneira ajudá-los a expandir a sua capacidade em relação à função psicanalítica da personalidade: simbolização, sublimação, mudança de posição subjetiva. Tudo isso daí pertence ao humano.

Então, na verdade, eu diria que, ao invés de falarmos em formação de analistas, eualaria que algumas pessoas se dispõem a cultivar a função psicanalítica da sua personalidade e este exercício inclui a ideia de expansão. É uma capacidade a ser cultivada para crescer e crescer infinitamente, crescer interminavelmente. De certa maneira, a ideia da formação continuada é isso, não é? A nossa capacidade mental de simbolizar, de transformar afetos, emoções, experiências emocionais etc., precisa ser continuamente expandida, fortalecida, enriquecida.

Pois bem, falando em cultivo e expansão, e não em formação, vem a questão: como é que se consegue uma coisa como essa? A gente sabe que, historicamente, se criaram aquelas três formas, o famoso tripé da formação, que é lógico que eu poderia usar também para pensar o cultivo: a prática, a supervisão e os estudos, além, evidentemente, do mais básico, a análise pessoal. Eu diria que na formação ou no cultivo da função psicanalítica da personalidade, do meu ponto de vista, a coisa mais importante é a prática. É claro, supervisionada, mas a prática supervisionada é onde efetivamente a gente vai desenvolvendo, vai amadurecendo, vai expandindo a nossa capacidade de escuta e de pensamento,

que é o fundamental. Acho que isso daí é o mais importante, seguido de uma ideia que não é minha, é antiga, foi muito bem explicitamente colocada pelo Ferenczi, que é a de que os estudos vêm depois. Isso quer dizer que eles não interessam? Não, eu acho claro que eles interessam. É bom nós termos repertório, principalmente pensando que esse repertório é aquilo que foi sedimentado em infinitas experiências de grandes psicanalistas, de grandes pensadores que foram criando suas teorias. Seria uma estupidez nós descartarmos isso, não nos apropriarmos desse saber que vai se acumulando, mas, por favor, não se apeguem a isso. Não acreditem que é estudando que alguém se torna um psicanalista. Não é através do estudo que se forma a mente do analista. O estudo nos ajuda, mas também pode nos atrapalhar. O estudo nos ajuda se ele puder se integrar à prática supervisionada. Porque ele, puro e simplesmente como estudo, pode virar uma grande resistência ao encontro, pode virar um dogma que pode gerar um muro intransponível entre mim e os outros com os quais eu preciso encontrar para poder sofrer com eles, para poder ser afetado e afetá-los. Então, no meu ponto de vista, desse tripé, sem dúvida nenhuma, o estudo – que infelizmente é por onde muitas vezes a gente começa (muita gente começa estudando e depois tem que fazer um enorme esforço para quase se esquecer de boa parte do que a gente estudou para poder fazer o encontro com os nossos pacientes), o estudo, repito, é o elemento menos importante e mais duvidoso nesse processo de cultivo da função psicanalítica da personalidade.

Em texto recente que apresentei semana passada no simpósio sobre Bion aqui em São Paulo, falava: uma das coisas importantes do trabalho de aprender é o trabalho de esquecer. Para a gente poder aprender, a gente precisa esquecer muita coisa e a gente precisa esquecer muita teoria que a gente estudou, e estudou às vezes com dificuldade, com afincos e empenho, mas é preciso aprender a esquecer para poder aprender na experiência, aprender a partir da experiência. “*Learning from experience*”, como dizia Bion (1984).

E quando falo em práticas e práticas supervisionadas é que eu vou fazer um elogio das práticas não convencionais. É claro que o cultivo da função psicanalítica se torna mais fácil em certas condições controladas e mais adequadas e por isso é tão importante que ele se dê numa situação analisante a mais convencional. É preciso que o sujeito aprenda, em primeiro lugar como paciente e, em segundo lugar, como analista, praticando o que vem a ser uma situação analisante padrão, para poder de fato acreditar nesse poder extraordinário que uma situação analisante tem para produzir conhecimento e transformação. Mas, a partir daí, acho que é da maior serventia que as práticas não convencio-

nais aconteçam para que exatamente se refine a capacidade de escuta e de pensamento do analista. Então, por exemplo, eu acho que um trabalho como esse que nós fazemos no Projeto Travessia é muito importante no cultivo da função psicanalítica da personalidade, porque é um trabalho feito à luz do dia, fora de qualquer muro, sem consultório, sem divã, em comunidades carentes nas mais variadas situações, às vezes extremamente adversas, mas onde é possível ir exatamente fazendo o refinamento da capacidade de escuta, de observação e de pensamento clínico que precisa acontecer na mente do analista.

Um outro dispositivo que eu acho também da maior importância, com que eu me identifico muito, e gosto muito de fazer, são os seminários clínicos. Nos seminários clínicos, e acho que em todas as sociedades hoje há momentos importantes na ‘formação’ com seminários clínicos, é que nós encontramos exatamente uma boa articulação (nunca perfeita) – nunca perfeita! –, mas dinamizadora e fecunda entre ideias e práticas, entre teorias e aquilo que a prática exige, propicia, traz como desafio e como exigência. Eu gosto muito dos seminários clínicos, me dedico muito a essa função, porque acho que é um lugar exemplar, um verdadeiro laboratório do pensamento clínico. A mente do analista aparece e ela funciona a céu aberto nos seminários clínicos quando várias pessoas se juntam para discutir um material clínico, cada uma a partir dos seus referenciais teóricos às vezes muito diferentes, mas que vão sendo refinados e vão sendo adaptados àquela situação específica.

E mais um elemento, mais uma via no cultivo da função psicanalítica da personalidade, são as experiências culturais. Acho que também todas as sociedades hoje dão valor e abrem espaço para experiências culturais com objetos estéticos da literatura, do cinema, do teatro, da música e das artes plásticas. Eu, por exemplo, este ano estou dando na PUC um curso sobre agressividade e destrutividade na clínica psicanalítica e na cultura. Está sendo um curso muito interessante, eu sempre aprendo muito e adoro dar aula, porque é o momento em que eu mais aprendo. Pois bem, além de nós termos na nossa mente alguns filmes que nós vamos analisar, eu sugeri aos meus alunos que todos lêssemos, de saída, um romance fabuloso chamado *Derrubar árvores*, que é de um romancista austríaco (nascido na Holanda) Thomas Bernhard (2022), que foi publicado pela Todavia; é um texto maravilhoso, brilhante cáustico sobre a vida cultural vienense logo no pós-guerra – décadas de 1950, 1960 e 1970 – em que a gente vai vendo as tramas, os enfrentamentos, as elaborações de uma sociedade culta, uma sociedade de elite cultural vienense, austríaca. Isso daí nos acompanha em todas as aulas – nós estamos sempre nos referindo ao romance; ou

seja, a nossa ‘experiência clínica’, (no caso, por enquanto, depois vão ser outras também – já trabalhamos nesse curso, por exemplo, com *Gritos e Sussurros* de Ingmar Bergman), ocorre na companhia de Bernhard, à medida que nós vamos fazendo a leitura do romance e usando as referências comuns às situações, aos personagens, aos enredos da obra. Isso, no meu ponto de vista, faz parte do cultivo da nossa capacidade analítica, da expansão da função psicanalítica do analista. Ou seja, eu diria que é esse conjunto de coisas que vocês vão poder encontrar da primeira à terceira edição do meu livro sobre a mente do analista. No primeiro, por exemplo, o último capítulo da primeira edição é um trabalho que eu faço sobre aquele romance do J. D. Salinger (1951/2019), *O apanhador no campo de centeio*. É um romance muito bem escrito, muito interessante. Foi marcante numa certa época para minha geração e que foi extremamente importante quando eu era jovem, adolescente. Esse romance é motivo para uma consideração sobre a mente do analista e um campo, no caso é um campo de centeio, mas um campo de trabalho de pensamento clínico sobre aquilo que, afinal de contas, se exige de uma mente do analista.

Finalmente, uma pequena anedota. Hoje de manhã, minha primeira paciente está viajando, então eu estava acabando de preparar essas notas para conversar com vocês. Sentado lá na minha escrivaninha, no consultório, que fica na frente de uma janela e ‘dentro dessa janela tem árvores, árvores grandes, frutíferas e tudo mais. Numa certa hora, eu parei de escrever e fiquei olhando pela janela e vi que tinha algum movimento diferente. Prestei um pouco de atenção e lá estava um velho conhecido meu que é um pica-pau amarelo. Um pica-pau amarelo estava lá subindo pelo tronco da árvore, bicando, fazendo aquelas coisas que pica-pau faz e era um pica-pau amarelo mesmo como o do Monteiro Lobato. Aparece muito aqui, eu moro perto do meu consultório, então esse pica-pau amarelo costuma ficar picando pau na frente do meu prédio. E aí eu pensei: é interessante, porque a mente do analista, precisa ter por um lado uma enorme capacidade de se concentrar pacientemente, ter muita capacidade de espera e ficar em cima observando. E, de repente, ela também precisa ser capaz de se distrair. Pois bem, eu me distraí e foi na minha distração que eu passei uns cinco minutos observando o pica-pau amarelo diante da minha janela. Isso daí é uma pequena anedota, mas me lembrou exatamente dessa necessidade de nós transitarmos permanentemente de concentração para distração. Uma concentração paciente e uma distração, às vezes, completamente vaga, realmente sem rumo, sem orientação nenhuma, mas é nesse momento que alguma coisa interessante pode nos acontecer. Eu, na década de 1970, fiz muito trabalho

de observação paciente, quando fazia minha pós-graduação na USP, fiz muito trabalho de observação animal, que é uma maravilha. Eu não sei se alguém já teve essa oportunidade, mas eu já observei muitos lebetes, aquele peixinho. Já observei formiga, já observei aranha. É muito interessante porque você fica lá horas a fio olhando e não entendendo nada e de repente começam a se formar figuras. De repente você começa a entender, de repente você começa a acompanhar certos movimentos que vão se tornando quase óbvios. Como é que eu não vi isso antes? Mas você precisa, em primeiro lugar, pacientemente se concentrar. Deixar-se distrair pelo movimento das formigas lá no formigueiro, para que de repente alguma coisa se configure e você possa nomear e você possa, a partir daí, acompanhar a evolução daquele movimento. A mente do analista precisa ser capaz desses movimentos todos. Tudo isso exige bastante, às vezes casa, mas é também extremamente divertido.

Muito obrigado.

Referências

- Bernhard, T. (2022). *Derrubar árvores: uma irritação* (S. Tellaroli, trad.). São Paulo: todavia.
- Bion, W. R. (1984). *Learning from experience*. Londres: Karnac Books
- Freud, S. (2018). Construções na análise. In S. Freud, *Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*(Obras completas, vol. 19, P. C. Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1937.)
- Figueiredo, L. C. (1994). *Escutar, recordar, dizer: encontros Heideggerianos com a clínica psicanalítica*. São Paulo: Escuta.
- Figueiredo, L. C. (1996). Pensar, escutar e ver na clínica psicanalítica: uma releitura de “Construções em análise”. *Percurso*, 16(1): 81-89.
- Figueiredo, L. C. (1997). O interesse de Lévinas para a psicanálise: desinteresse do rosto. *Cadernos de Subjetividade*, 5(1): 39-52.
- Figueiredo, L. C. (2011). A situação analisante e a variedade da clínica contemporânea. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45: 99-111.
- Figueiredo, L. C. (2012). A clínica psicanalítica e seus vértices: continência, confronto, ausência. *Reverie*, V: 33-54.
- Figueiredo, L. C. (2014). Escutas em análise/Escutas poéticas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48: 123-137.
- Figueiredo, L. C. (2021). *A mente do analista*. São Paulo: Escuta.
- Figueiredo, L. C. (2022). *A mente do analista* (3ª ed.). São Paulo: Escuta.

- Figueiredo, L. C. & Coelho Júnior, N. E. (2000). *Ética e técnica em psicanálise*. São Paulo: Escuta.
- Salinger, J. D. (2019). *O apanhador no campo de centeio* (C. W. Galindo, trad.). São Paulo: todavia.
(Original publicado em 1951.)

Recebido: 27/10/2022

Aceito: 02/11/2022

Luís Cláudio Figueiredo
claudio.tablet@gmail.com

Formação Psicanalítica

Iluminismo ou barbárie revisitado¹

Luiz Paulo Rouanet²

A depreciação da inteligência, a volta do racismo e a reabilitação do nacionalismo são apenas alguns sinais mais visíveis de uma estrutura que, sem querer medicalizar a história, eu não hesitaria em chamar de patológica.

(Rouanet, S. P., 1993, p. 99)

Introdução

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao convite para ministrar esta palestra. Sinto-me honrado por vários motivos: pelo prestígio da instituição que me recebe, pela homenagem a meu pai, Sérgio Paulo Rouanet, e pela indicação feita por Barbara Freitag, esposa, parceira intelectual e minha *belle mère*.

Em segundo lugar, tenho consciência do desafio que essa tarefa representa, também em seus vários sentidos: falar diante de um público especializado, em uma área que não é a minha, e abordar um tema de alta complexidade, fazendo jus, como herdeiro sanguíneo e intelectual, ao autor que me precedeu.

Desde jovem fui confrontado com esse dilema: enfrentar o desafio, escolhendo uma área de estudos similar, ou fugir, escolhendo uma carreira bem diferente. Optei pela primeira alternativa, ao me formar em Filosofia e depois seguindo carreira universitária. Optei pelo diálogo, crítico, por vezes conflitu-

1. Palestra proferida na Aula Inaugural do Instituto de Formação da SBPRJ (Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro) na qual o professor e ex-ministro da cultura do Brasil, Sérgio Paulo Rouanet, foi o homenageado.

2. UFSJ, Instituto Rouanet.

oso, mas sempre pautado pela admiração e pelo respeito intelectual, que creio que passou a ser mútuo. Em meu exemplar de *Mal-estar na modernidade* consta esta dedicatória, que julgo pertinente reproduzir, neste contexto: “Para meu filhote querido com a esperança de que v. concorde um pouco, se possível, e discorde muito, se necessário. Um beijo carinhoso de seu pai, S. P. Rouanet”.

Mas não se preocupem, não pretendo me alongar aqui em recordações pessoais ou manifestações sentimentais. Partirei de uma sugestão, feita pelo anfitrião, Dr. Ney Marinho, que recordou outro texto da coletânea *Mal-estar na modernidade* (Rouanet, S. P., 1993), a saber, “Iluminismo ou barbárie”, que constitui o primeiro capítulo do livro. No que segue, portanto, partirei desse texto, fazendo eventualmente ligações com outros textos do autor e introduzindo reflexões pessoais.

Iluminismo ou barbárie

Em “Iluminismo ou barbárie”, texto escrito especialmente para a coletânea *Mal-estar na modernidade*, Sergio Paulo Rouanet (1993) retoma, a seu modo, o nome do grupo reunido em torno de Claude Lefort, intitulado “Socialismo ou barbárie”. Nesse texto programático, por assim dizer, Rouanet parte do diagnóstico de uma “crise da civilização moderna”, o qual remete, naturalmente, à *Crise da consciência europeia*, de Hazard, e ao *Mal-estar da civilização*, de Freud. Não há necessidade de nos determos nisso.

Como quer que seja, segundo o autor, o que está em jogo

[...] atrás da crise da modernidade é uma crise de civilização. O que está em crise é o projeto moderno de civilização, elaborado pela Ilustração europeia a partir de motivos da cultura judeo-clássica-cristã e aprofundado nos dois séculos subsequentes por movimentos como o liberal-capitalismo e o socialismo. (p. 9)

Esse projeto civilizatório da Modernidade se assenta em três conceitos principais: universalidade, individualidade e autonomia. São esses conceitos, ou valores, que são postos em xeque pelos adversários da modernidade, a partir de uma posição anti-iluminista difusa, expressa no renascimento de nacionalismos e separatismos de diversos tipos, em racismo, em xenofobia, em suma, posições que pareciam estar em escanteio, pelo menos desde o final da segunda guerra mundial.

Partindo desse diagnóstico, que não me cabe reproduzir aqui na íntegra, o autor passa a discorrer sobre dois movimentos que, partindo da Ilus-

tração, herdam e levam adiante alguns dos valores do Iluminismo, a saber, o liberalismo e o socialismo.³

Na Ilustração, já estavam contidos os ideais do individualismo e da autonomia. O conceito de universalismo da Ilustração, porém, padecia de um mal que só seria devidamente identificado no século XX, embora já se encontrassem prenúncios dessa crítica na posição cosmopolita e universalista de Kant. Refiro-me ao etnocentrismo. Havia, de fato, entre os autores do século XVIII, e estendendo-se pelos dois séculos seguintes, com poucas exceções, a ideia de uma superioridade da civilização ou cultura europeia. A antropologia, no século XX, principalmente através das contribuições de Claude Lévi-Strauss e Clifford Geertz, para citar apenas dois exemplos, colocarão essa ideia em perspectiva. Não por isso, porém, devemos passar a idealizar a cultura dos chamados (na época) “primitivos” ou “selvagens”.⁴ Feita esta ressalva, havia de fato, na Ilustração, um ideal de universalismo, embora ele precisasse ser ampliado.

Nas seções seguintes, o autor trata do legado da Ilustração e do Iluminismo presentes tanto no Liberalismo quanto no Socialismo. No Liberalismo, de maneira simplificada, pode-se constatar a presença dos valores do universalismo, do individualismo (até excessivo) e da autonomia. Assim, em suas palavras:

As sociedades organizadas segundo princípios liberais levaram adiante, a seu modo, o ideal universalista. Em teoria, a natureza humana era considerada a mesma em toda parte, e embora alguns indivíduos e povos fossem mais primitivos que outros, todos tinham em princípio os mesmos talentos e mesma capacidade de progredir, independentemente de sexo ou raça. O liberalismo econômico pregava uma comunidade mundial interdependente, com base na divisão internacional do trabalho. O liberalismo político combatia o imperialismo, a imposição da vontade de um povo sobre outro. (p. 19)

3. Quanto à distinção entre Ilustração, como movimento histórico datado e localizado, e Iluminismo, como movimento filosófico transepocal e onipresente, ver, em *Mal estar na modernidade*, o capítulo “Ilustração e modernidade”, entre outros textos. Também ali, p. 13: “O Iluminismo é um *ens rationis*, não uma época ou movimento. Por isso sempre o distingui da Ilustração, que designa, esta sim, um momento na história cultural do Ocidente”.

4. Para um questionamento e relativização dessa concepção, especialmente, C. Lévi-Strauss, *O pensamento selvagem* (1990) e Clifford Geertz, *A interpretação das culturas* (1981).

Embora altamente elogioso do liberalismo no que concerne, principalmente, à autonomia política e econômica que ele proporcionou, defendendo-o inclusive contra os exageros da teoria crítica (“os que têm uma sensação de vertigem diante dos paradoxos do capitalismo tardio podem tranquilizar-se. Esses paradoxos são menos frequentes do que os especialistas da dialética negativa querem fazer crer”, p. 23⁵), o autor não se deixa cegar pelos aparentes progressos dessa forma política, denunciando a miséria e a persistência da desigualdade, a despeito das proclamações de igualdade por parte de seus defensores. Nesse sentido, diz: “[...] é absolutamente inconcebível a miséria maciça que só faz agravar-se no resto do mundo. Os contrastes de renda e de bem-estar aumentam não somente entre países ricos e pobres, como dentro dos próprios países subdesenvolvidos” (p. 27).⁶

Quanto ao Socialismo, este também inevitavelmente herdeiro dos ideais da Ilustração, do Iluminismo e da Revolução Francesa, enfatiza um igualitarismo de fato, e não apenas formal, e a abolição das classes sociais, indo além do conceito de nação. Pregava, pelo menos em seu início, uma internacionalização de seus valores. Segundo o autor,

Se a Ilustração pregava uma universalidade genérica, e o liberalismo uma universalidade que passava pelo reconhecimento da nação livre como elo entre o indivíduo e a espécie, o socialismo insistia numa concretização ainda maior do conceito de universalidade, em que o critério diferenciador fosse a classe social, e não a nação. (p. 28)

Da mesma forma que fez em relação ao Liberalismo, aponta o grande benefício do Socialismo na ideia de autonomia econômica. Desse modo,

Quanto à autonomia econômica, a principal contribuição do socialismo foi ter transitado do conceito de autonomia como liberdade para o conceito de autonomia como segurança: autônomo não é quem tem o direito abstrato de atuar como agente econômico mas quem tem o poder efetivo de obter pelo trabalho os bens necessários à própria sobrevivência. (p. 31)

5. Para um exemplo de uma visão mais otimista do progresso provocado pelo liberal-capitalismo e pelo Iluminismo, ver Steven Pinker, *O novo Iluminismo* (2018).

6. Para visão similar, mais recente, sobre os limites do capitalismo, ver Thomas Piketty, *O capital no século XXI* (2014).

No entanto, foi justamente essa promessa, e o fracasso em fornecer bens e serviços de maneira suficiente e adequada, uma das causas, senão a principal, da morte do socialismo real, pelo menos na União Soviética. Nas palavras do autor, mais uma vez:

[...] o conceito de segurança econômica não inclui apenas o acesso a vantagens sociais, mas também a bens e serviços. Nisso o regime falhou miseravelmente. Foi essa a *causa mortis* do socialismo real. Ele não morreu, lamentavelmente para os idealistas, por ter asfixiado a autonomia intelectual e a política, mas por não ter conseguido produzir mercadorias em escala comparável à do capitalismo. (p. 32)

Por fim, o autor defende o projeto ou a ideia iluminista, que pretende resgatar os valores de autonomia, universalidade e individualização veiculados pela Ilustração e trazê-los para o presente. O “credo” iluminista – ou neoiluminista – é resumido pelo autor no seguinte parágrafo, que reproduzimos na íntegra:

Para ela [a ideia iluminista], (1) todos os homens e mulheres, de todas as nações, culturas, raças e etnias, (2) desprendendo-se da matriz coletiva e passando por processos crescentes de individualização, devem alcançar (3) a autonomia intelectual, ou seja, o direito e a capacidade plena de usar sua razão, libertando-se do mito e da superstição, sujeitando ao crivo da razão todas as tradições, seculares ou religiosas, problematizando todos os dogmas, criticando todas as ideologias, e desenvolvendo livremente a ciência, o pensamento especulativo e a criatividade artística, o que pressupõe um sistema cultural que tenha institucionalizado e dado condições efetivas de exercício à liberdade de pensamento e de expressão, (4) a autonomia política, ou seja, o direito e a capacidade plena de participar dos processos decisórios do Estado, o que pressupõe um sistema político que tenha institucionalizado e dado condições efetivas de funcionamento à democracia e aos direitos humanos, e (5) a autonomia econômica, ou seja, o direito e a capacidade plena de obter, sem prejuízo para os outros indivíduos e sem danos para o meio-ambiente, os bens e serviços necessários ao próprio bem-estar, o que pressupõe um sistema econômico que tenha institucionalizado e dado condições efetivas de funcionamento aos direitos dos agentes econômicos, dentro dos limites compatíveis com os objetivos superiores da justiça social e da preservação da natureza. (p. 33)

Com certeza, essa deve ser a sentença mais longa da língua portuguesa! Vença até mesmo as intermináveis frases de Kant. Fiz questão de reproduzi-la

aqui, pois creio que resume de maneira inigualável o credo iluminista defendido pelo autor.

O Iluminismo no século XXI

Posso agora, na análise do texto “Iluminismo ou barbárie”, propor a inversão da dedicatória que meu pai fez. Posso dizer que concordo muito e discordo um pouco.

Concordo, de maneira geral, com o ideal iluminista, tal como veiculado principalmente por Kant (1977), não só em seu texto “Resposta à pergunta: o que é o Iluminismo [Esclarecimento]?”, como no restante de sua obra crítica, isto é, posterior à publicação da *Crítica da razão pura*, em 1781. Também compartilho de sua admiração pelos enciclopedistas, de maneira geral, e em especial, por Rousseau, com seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, e no *Contrato social*. Nesse sentido, poder-se-ia considerar Rousseau como o primeiro a introduzir o conceito de consciência social, senão em palavras, pelo menos em ideia. Seus textos fornecem a base para o pensamento social do século XIX, aí incluídos os socialistas utópicos (Fourier, Saint-Simon, Proudhon) e Marx.

Também acredito no poder da palavra e da argumentação. Não existe alternativa. Não se pode vencer pela força das armas, a não ser em vitórias localizadas e pirrônicas. Kant disse, em algum momento, que certos conflitos se assemelham a duas pessoas brigando em uma loja de louças. A única certeza que elas têm é que, ao final da briga, precisarão se reunir em um bar em frente para dividir a conta.⁷

Minha principal discordância talvez se dê em relação à abrangência do conceito de razão. O historiador Fernando Novais disse certa vez que meu pai tinha “uma crença religiosa na razão”. De certa forma, pode se aplicar a ele o que ele mesmo disse a respeito de Freud. Na conferência “Mal-estar na modernidade”, pronunciada na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, em 1993, disse o seguinte: “A crença de Freud no poder da razão chega às vezes à fronteira do cientificismo” (p. 101). Nesse sentido, faço minhas as palavras de Ernst Cassirer (1992), em seu *A filosofia do Iluminismo*: “Para nós – se bem que estejamos de acordo, no plano das ideias e dos fatos, com determinadas teses da

7. Provavelmente, em “Sobre a verdade do dito popular: o que vale na teoria não vale na prática”.

filosofia do Iluminismo – a palavra ‘razão’ deixou de ser há muito tempo uma palavra simples e unívoca” (p. 23).

Onde aparece esse racionalismo, ou esse excesso de racionalismo, na obra de meu pai? No próprio texto que examinamos, “Iluminismo ou barbárie”, parece-nos excessiva, por exemplo, a seguinte formulação, na qual se pode depreender até um certo positivismo:

Se o homem é mais individualizado que o antigo, o homem moderno é certamente mais individualizado que o da pré-história. A humanidade percorreu uma longa trajetória desde a horda primitiva; o caminho foi longo, como sabia Freud, da psicologia coletiva à psicologia individual, e *qualquer tentativa de reinserir o indivíduo no todo significa um retrocesso obscurantista*. (p. 36, grifos meus)

Em primeiro lugar, essa concepção, tal como se apresenta nesse trecho, parece indicar uma crença em um progresso linear. Não creio que se possa mais aceitar essa concepção, de maneira acrítica. Até mesmo Kant defendia uma noção de “progresso relativo da humanidade” (em *Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*), não absoluto. Somente se introduzindo a ideia de um reino dos fins e de um ideal da razão pode-se falar em progresso, nesse sentido. Trata-se dos “marcos civilizatórios” a que ele alude nesse texto, e aos quais Foucault (1983/1994) faz menção.

Logo adiante, entretanto, o autor suaviza essa formulação, admitindo um grau de escolha dos valores do Iluminismo. Os valores universais do Iluminismo servem de proteção ao indivíduo contra a coerção da coletividade. Desse modo, prossegue:

O individualismo iluminista não desconhece a existência de coletividades particulares, mas proclama que em última análise não são elas que são titulares de direitos e sim os indivíduos que as compõem. [...] Os direitos desses indivíduos incluem não somente o de ter uma religião específica ou de conservar a cultura em que foram socializados como o direito de recusar essa religião ou cultura. Pois para o Iluminismo a dignidade mais alta do indivíduo está em sua capacidade de passar por descentramentos sucessivos, superando, *se assim o desejar*, vínculos que não foram escolhidos por sua razão – a família, o grupo, a cultura. (p. 36)

S. P. Rouanet é implacável com qualquer forma de esoterismo, misticismo, ironizando até mesmo formas de meditação de origem oriental. Nesse sentido,

pode-se apontar, sim, certo etnocentrismo ocidentalizante em seu pensamento. Ele era avesso a qualquer forma de tratamento alternativo. Encampa, nesse sentido, a posição de Freud em relação a alguns desdobramentos da teoria de C. Jung, como a noção de arquétipo ou de inconsciente coletivo. Evidentemente, não posso desenvolver isso aqui.

Em resumo, porém, há muito mais concordância do que discordância em relação ao pensamento aqui exposto.

Conclusão

O debate que se propõe tem caráter apenas incipiente. A profundidade, a complexidade e a extensão do pensamento de Sergio Paulo Rouanet demandarão muitos esforços, assim acredito, não só deste que vos fala, como de outros pesquisadores, na presente e em futuras gerações. O que mostra que ele nos legou realmente uma filosofia. Pode-se parafrasear Thomas Kuhn (2013), dizendo que a filosofia [o paradigma] não precisa responder a todas as perguntas: tem que ser suficientemente aberta para que se proponham novas perguntas e para que estimule novas pesquisas. Nesse sentido, cabe dizer que Sergio Paulo Rouanet foi um filósofo!

Referências

- Cassirer, E. (1992). *A filosofia do Iluminismo* (Á. Cabral, trad.). Campinas, SP: UNICAMP.
- Foucault, M. (1994). “O que é o Iluminismo?” [«Qu’est-ce que les Lumières?»]. *Magazine Littéraire*, 207: 35-39. (Original publicado em 1983).
- Geertz, C. (1981). *A interpretação das culturas*. São Paulo: LCT.
- Kant, I. (1977). *Gesammelte Werke*. Alemanha: 12 Bd. Frankfurt a. Main.
- Kuhn, T. (2013). *A estrutura das revoluções científicas* (B. V. Boeira e N. Boeira, trad., 12ª ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Lévi-Strauss, C. (1990). *O pensamento selvagem*. Campinas, SP: Papirus.
- Piketty, T. (2014). *O capital no século XXI* (M. B. Bolle, trad.). Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Pinker, S. (2018). *O novo Iluminismo* (L. T. Motta e P. M. Soares, trad.). São Paulo: Cia. das Letras.
- Rouanet, S. P. (1993). *Mal-estar na Modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras.

Recebido: 9/9/2022

Aceito: 13/11/2022

Luiz Paulo Rouanet

luizpaulorouanet@gmail.com

Uma conferência para os alunos recém-admitidos na SBPRJ

Sergio Eduardo Nick¹

Boa tarde! Em primeiro lugar, eu gostaria de prestar os meus agradecimentos à Sociedade e ao Instituto, e à pessoa do Ney Marinho, pela honraria de estar aqui apresentando estas ideias que quero compartilhar com vocês hoje. Ademais, é um grande prazer estar na boa companhia do Luiz Paulo Rouanet e do Wilson Amendoeira nesta mesa.

Penso que devo começar falando da IPA e de sua importância como órgão acreditador da Psicanálise e para fazer avançar a Psicanálise. Ela foi fundada por Freud para defender a psicanálise contra os ataques que ele já vislumbrava desde dentro, como a tentativa de Otto Rank (1924/1998), de reduzir toda a gênese das patologias neuróticas ao trauma do nascimento ou a de Gustav Jung (2011) de implementar uma cosmogonia de arquétipos para explicar os funcionamentos psíquicos. Freud pensava o sujeito como único e diverso, com o Inconsciente como uma pedra angular de sua doutrina. Daí decorre uma Psicanálise humanista, com ênfase nas questões do desamparo, da angústia, da incerteza, e da diversidade. Pensar o sujeito, para Freud, é pensar cada um em sua singularidade única. Em sua humanidade.

Para nós, psicanalistas sêniores, se apresenta sempre a tarefa de transmissão da Psicanálise, coisa que a IPA sempre buscou cuidar com o seu tripé da formação psicanalítica: análise pessoal, supervisão e seminários teórico-clínicos.

Os seguidores de Freud foram desenvolvendo vários dos aspectos presentes em sua obra aberta e polissêmica. Questões como a perda, o apego, as relações de objeto, os afetos, a culpa, o remorso, a inveja e o narcisismo receberam inúmeras contribuições ao longo desses mais de 100 anos de existência da Psicanálise.

1. Psiquiatra e Psicanalista; Psicanalista de Crianças e Adolescentes – COCAP/IPA; Membro Efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro – SBPRJ.

Penso que se pode vislumbrar, neste começo de século, ameaças ao Humano. Seja pela hiperconectividade, pelos excessos ou pela busca incessante de ser visto no universo virtual, as pessoas vão transformando o “Penso, logo existo” cartesiano em um “Posto, logo existo” proposto por Paula Sibilía (2018). Elogios pessoais e personalizados são trocados por *likes* anônimos, fruto de algoritmos que unem os iguais, sem muito lugar para a diferença.

A Psicanálise é, portanto, o bastião do Humano. Diferente dos poetas e suas brilhantes construções sobre a alma humana, nós buscamos o humano existente em cada um dos que nos procuram. Vislumbramo-lo na relação com o outro, buscando o que é próprio de cada um, particularmente tentando dar voz e significado àquilo que está oculto, não disponível ao sujeito. Da hermenêutica própria ao fazer psicanalítico, vamos pouco a pouco ensejando os processos de subjetivação que permitam emergir um sujeito mais rico, mais complexo e mais apto para o mundo que o cerca.

Mas como isso foi se dando? Penso que a riqueza do texto freudiano reside tanto em suas enunciações como no seu convite aos desenvolvimentos técnico-teóricos que ele esperava que fossem acontecendo. Eu não tenho dúvidas que cumprimos, ao menos em parte, este papel!

E o que foi que se desenvolveu no campo psicanalítico após mais de 100 anos de sua fundação? Falar dos desenvolvimentos teórico-clínicos na Psicanálise é sempre incorrer no risco de deixar gente importante para trás, mas vamos lá.

Se pensarmos em Abraham (1924/1970), com as fases oral, anal e fálica e em Ferenczi (1932/1995), só recentemente resgatado, mas com suas importantes contribuições ao manejo clínico, dois dos mais brilhantes contemporâneos de Freud, já estaríamos justificando o resumo que tento fazer aqui.

Com o intenso êxodo decorrente das grandes guerras, muitos foram reunir-se em Londres, onde as intensas controvérsias entre Anna Freud e Melanie Klein deram azo a enormes desenvolvimentos. Anna (1946/2001), com seus estudos sobre o ego e os mecanismos de defesa, enquanto Klein (1946/1991a, 1957/1991b, 1930/1996a, 1940/1996b, 1954/1996c, 1932/1997), com suas ideias sobre o ego primitivo, a inveja primária, as posições esquizoparanoide e depressiva, sem contar sua técnica de brincar, deram à psicanálise inglesa um lugar de destaque no mundo psicanalítico.

Winnicott (1971/1975, 1986/1991), com seus conceitos de *holding*, espaço transicional, fase do espelho e sobre o brincar, criou escola própria, pujante até os dias de hoje. Lacan (1964, 1966-67, 1976, 1978-79; Safatle, 2005), “*enfant*

terrible” da psicanálise da IPA, inseriu miradas únicas, como o Inconsciente como uma linguagem, a sua tópica sobre o real, o simbólico e o imaginário, e a fase do espelho como fundante de um sujeito alienado de si mesmo. Tentando juntar estes conceitos, René Roussillon (2012a, 2012b, 2013) propôs que se buscasse um resgate do narcisismo primário na clínica psicanalítica como forma de dar ao sujeito um novo sentido em sua análise.

Heinz Kohut (1971, 1990), um austríaco radicado nos Estados Unidos, também fundou escola própria ao estudar o narcisismo e suas formas de tratamento. Os subsequentes estudos sobre as paradas de desenvolvimento levaram os intersubjetivistas a cultivar uma clínica única e com grandes seguidores.

Wilfred Bion (1957, 1958, 1959, 1961, 1965, 1973, 1974) alargou conceitos próprios da psicanálise kleiniana com seus estudos sobre os grupos e seus supostos básicos, sobre as transformações, sua máxima clínica “Sem memória e sem desejo” e o avanço das fronteiras de tratamento, ao propor novas concepções sobre o desenvolvimento emocional que propiciaram o tratamento psicanalítico das psicoses e tantas outras contribuições que ainda hoje ensejam desenvolvimentos clínicos e teóricos.

O egípcio André Green (1988, 1990, 2008), com seus conceitos de narcisismo de vida e narcisismo de morte, bem como os seus estudos sobre a mãe morta, foi colega de intensa participação na IPA, sempre pronto ao debate com seus opositores.

E eu, como psicanalista de crianças e adolescentes que sou, não poderia deixar de citar alguns autores, em especial aqueles que terminaram por desembocar na clínica de 0 a 3 anos. Eu começaria com Esther Bick (1964, 1988), que propôs a observação da relação mãe-bebê e lançou o conceito de segunda pele para descrever os fenômenos dessas interações que possibilitam a criação do psiquismo primitivo. Miriam Szejer (1999), que foi umas das pioneiras a conversar com os bebês, e Selma Freiberg (1975), com os seus estudos sobre os fantasmas no berçário, inauguram uma clínica que hoje tem enorme relevância no cuidado à dupla mãe-bebê quando existem transtornos relevantes. Bernard Gölse (2019, 2020), que já esteve conosco várias vezes, tem grande experiência na área, ajudando a desenvolver este campo de trabalho clínico. Serge Lebovici (1996, 1999), com seus estudos sobre a parentalidade, e René Kaës (1997, 2014), com o seu conceito de aparelho psíquico grupal, foram de grande importância para inúmeros psicanalistas, tanto os que trabalham com famílias, como os que foram estudar a transgeracionalidade e a intergeracionalidade. Com esses conceitos, o psicanalista clínico está muito mais atento ao que obstrui o processo

psicanalítico desde uma perspectiva familiar ancestral. Não poderia também deixar de citar um de seus corolários, a psicanálise vincular.

Juntamente com a clínica de 0 a 3 anos, Frances Tustin (1972/1975) e Anne Alvarez (2002) desenvolveram conceitos como as defesas autísticas e a reclamação, de enorme relevância para aqueles que tratam desses pacientes.

E eu poderia seguir infinitamente a listar contribuições, mas encerro este pequeno passeio citando dois casais latino-americanos contemporâneos e um colega de Campinas: o casal Baranger (1961-1962), com os conceitos de campo psicanalítico e de baluarte; e o casal Rocha Barros (1991, 1992, 1999, 2018), que estudou profundamente os processos de produção de representações psíquicas, de símbolos, e sua proposta da *poiesis* como o dispositivo de intervenção ideal na clínica com pacientes com dificuldades de representação. Roosevelt Cassorla (2013), com os seus aportes ao conceito de *enactement*, propôs que às vezes recorremos a atuações como forma de destrinchar óbices ao trabalho clínico.

Outra forma de pensar o psicanalista hoje seria através de sua atuação fora do consultório. Stefano Bolognini (2008, 2009), com o seu célebre quarto eixo da formação psicanalítica, discorreu sobre a importância do trabalho institucional para os candidatos. Seria o lugar do intercâmbio com colegas, com o fazer institucional, como espaço para o crescimento do indivíduo em meio a esses enlaces. Como participante dessas funções desde os meus tempos de formação, creio que desenvolvi não só inúmeras amizades, como me sinto fazendo parte do crescimento da Psicanálise.

Mas eu não poderia deixar de tecer algumas considerações a respeito do trabalho nas comunidades.

Estimulado pela profunda inserção da SBPRJ no terceiro setor, fui desde cedo trabalhar no campo jurídico, onde o psicanalista é chamado a auxiliar os colegas da área jurídica na compreensão dos conflitos que lá aportam. Fiz então uma pós-graduação em Direito Especial da Criança e do Adolescente na UERJ, e minha monografia versou sobre a guarda compartilhada, isto numa época em que mal se falava sobre isso no Brasil. Em termos psicológicos, foi o primeiro trabalho a abordar o tema, que logo depois foi sendo discutido até virar lei. Pouco depois, uma das coordenadoras do curso, com quem fui trabalhando como assistente técnico em casos de disputa de guarda, de abusos psicológicos e sexuais, e de adoção, veio me consultar. Ela estava muito interessada em pensar o cuidado como um conceito jurídico e me convocou a participar do que passou a se chamar Projeto Cuidado. Depois de vários livros publicados, mesas redondas e laudos técnicos, o tema chegou ao STF e virou jurisprudên-

cia! (Nick, 1977, 2011a, 2011b, 2015, 2018, 2021, 2022). O enlace Psicanálise-Jurídico é hoje uma realidade, com importantes aportes dos psicanalistas a este campo.

E foi assim que me senti estimulado a criar, junto com Virginia Ungar, um lugar para o trabalho fora dos consultórios. Foi durante o período prévio à nossa posse como *officers* da IPA que criamos alguns grupos de trabalho para pensar nossa plataforma de trabalho. Um deles foi pensar como inserir o trabalho comunitário como uma área de valor na IPA. E assim criamos uma área específica dentro do organograma da associação, o “IPA nas Comunidades” (IPA, 2021). Ele se dividiu em seis subáreas, englobando a educação, a saúde, a cultura, o jurídico, as ONGs, e temas específicos, como o racismo, as mudanças climáticas, as migrações, incluindo-se aí um grupo que buscava auxiliar os psicanalistas que tivessem que migrar para outra região. Causou-nos surpresa que o tema foi facilmente aprovado no *Board* da IPA, demonstrando como essa nova área estava madura para ser explorada! Houve um claro reconhecimento de que essa seria uma forma de prestigiar os colegas que já trabalhavam nas comunidades, bem como fomentar o intercâmbio de experiências.

Como um meio para conhecer melhor o trabalho nas várias regiões, criamos os prêmios “IPA nas Comunidades”. Como vocês devem saber, é normal haver alguns postulantes a prêmios oferecidos (em média uns três a cinco por área), mas tivemos a inscrição de 126 trabalhos, todos relatando seus projetos, as realizações já alcançadas e os grupos formados. O trabalho nas comunidades já era uma realidade! Penso que demos voz a psicanalistas de todo o mundo, que até então tinham essas atividades como periféricas ao âmbito da IPA!

Conhecemos trabalhos na clínica de 0 a 3 na África do Sul, com grupos de analistas que iam às comunidades em sofrimento e aplicavam as diretrizes clínicas próprias dessa técnica. Trabalhos na área da cultura, como o *Freud's Bar*, onde colegas se reuniam em bares a discutir temas da cultura com um viés psicanalítico. Ou importantes trabalhos em hospitais, como um colega argentino que supervisionava um grupo de atendimento de adolescentes em vias de fazerem cirurgias transgênero. Ou colegas que produziram um livro inter-regional de trabalhos na área jurídica. Enfim, vimos grupos com trabalhos parecidos com o desenvolvido aqui pelo Projeto Travessia, que terminou por ganhar um dos prêmios oferecidos; ou grupos muito empenhados na questão racial e/ou das mudanças climáticas. O leque é amplo, e eu creio que é uma das melhores formas de divulgar a Psicanálise, pois o analista se mostra melhor quando está atuando com a sua escuta, suas intervenções, sua postura.

Para finalizar, gostaria de falar um pouco sobre o nosso trabalho durante a pandemia de Covid-19. Como sabem, a pandemia causou um trauma na maioria dos indivíduos, sendo os psicanalistas um dos grupos afetados. Seja pelo medo da morte, pela incerteza reinante, pelo receio de infectar um ente querido ou pela necessidade de atender num *setting* remoto, fomos instados a nos adaptar a circunstâncias bastante inusitadas.

Como líderes de uma comunidade de psicanalistas ao redor do mundo, tivemos que agir rápido. Nossa primeira medida foi liberar as análises didáticas por via remota. Depois, certos de que o isolamento teria que ser quebrado rapidamente, criamos os *Covid-19 Webinars*². Eram webinários semanais, com temas ligados à pandemia e à nossa prática em tempos de pandemia. Buscávamos ter sempre um colega de cada região e pensar temas a toque de caixa. Penso hoje que foi mesmo uma loucura boa, regada a grandes doses de onipotência e muito trabalho corrido! O resultado foi que atingimos, nos primeiros oito webinários, uma audiência de cerca de 26 mil pessoas, incluindo-se aí psicanalistas, candidatos, profissionais de saúde mental etc. de mais de 80 diferentes países! Se eu lá atrás criticava as mídias criadas na internet, conheci como ela poderia ser usada para unir os psicanalistas e candidatos em torno de temas que os afetavam. Foi um bom esforço, com ótimos resultados!

Creio que hoje, com a guerra na Europa, a IPA vai ter papel relevante na busca da paz, ao aliar-se a organismos que claramente desejam um fim dos conflitos bélicos que tanto mal causam ao ser humano!

Mas então, como podemos então definir o psicanalista de hoje? Penso que seria aquela pessoa plena de humanismo, com uma formação sólida, uma ética que embase o seu fazer psicanalítico e que seja capaz de compreender a complexidade do nosso ofício. Mais além do seu trabalho clínico, ele deve ser capaz de participar de suas comunidades, levando a compreensão psicanalítica para aqueles que não podem aceder aos consultórios de psicanálise.

Ao descrever os inúmeros desenvolvimentos da técnica e da teoria psicanalítica, busquei mostrar como dispomos hoje de uma miríade de pensamentos teóricos a nortear nossa difícil prática. Porém, neste limiar de século, temos também que entender nossa responsabilidade como guardiões do humano.

2. Tais como: *Psychanalyse au delà du divan* (30/01/2021), *Loss and mourning in times of COVID-19* (10/07/2020), *COVID 19: Procesamiento de la situación traumática y el aislamiento social* (03/04/2020), *Adolescencia en tiempos de Covid-19* (19/06/2020), *Schooling during Covid lockdown and beyond* (17/07/2020), *Ser padres en tiempos del COVID 19* (05/06/2020).

A nossa imersão na compreensão da formação do psiquismo humano nos abasteceu com importantes dispositivos para acessá-lo onde ele mais se esconde: nos meandros do inconsciente, nos abismos do vazio e na inescapável realidade dos excessos. Cabe a nós a tarefa de promover uma dupla fértil com nossos pacientes para ajudá-los onde eles sofrem, se ocultam ou simplesmente emperram.

A vocês, alunos recém-chegados, as minhas boas-vindas, o meu carinho e o desejo de que vocês possam atravessar a formação com muito estudo e bons desenvolvimentos nas suas capacidades, para se tornarem muito bons clínicos e cidadãos capazes de enfrentar tantos desafios que o mundo nos apresenta!

Muito obrigado!

Referências

- Abraham, K. (1970). Breve estudo do desenvolvimento da libido, visto à luz das perturbações mentais. In K. Abraham, *Teoria psicanalítica da libido: sobre o caráter e o desenvolvimento da libido* (pp. 81-160). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1924.)
- Alvarez, A. (2002). Entrevista com Anne Alvarez. *Revista de Psicanálise*, 9(1): 147-156, 2002.
- Baranger, M. & Baranger, W. (1961-1962). La situación analítica como campo dinâmico. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 4(1): 3-54.
- Cassorla, R. (2013). Afinal, o que é esse tal enactment?. *Jornal de Psicanálise*, 46(85).
- Bick, E. (1964). Notes on infant observations in psychoanalytic training. *International Journal of Psycho-Analysis*: 45:558-566.
- Bick, E. (1988). A experiência da pele em relações de objeto arcaicos. In E. Spillius (Org.), *Melanie Klein hoje* (vol. 1, pp. 194-198). Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1957). The differentiation of the psychotic from the non-psychotic personalities. *International Journal of Psycho-Analysis*, 38.
- Bion, W. R. (1958). On hallucination. *International Journal of Psycho-Analysis*, 39(5).
- Bion, W. R. (1959). Attacks on linking. *International Journal of Psycho-Analysis*, 40.
- Bion, W. R. (1961). *Experiences in groups*. Londres: Tavistock.
- Bion, W. R. (1965). *Transformations*. Londres: William Heinemann.
- Bion, W. R. (1973). *Bion's Brazilian Lectures 1*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (1974). *Bion's Brazilian Lectures 2*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bolognini, S. (2008). A família institucional e a fantasmática do analista. *Jornal de Psicanálise*, 41(74): 197-216.

- Bolognini, S. (2009). Algumas ideias a respeito da IPA 100 anos após a sua fundação. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(4): 147-150.
- Ferenczi, S. (1995). *The clinical diary of Sándor Ferenczi*. EUA: Harvard University Press. (Original publicado em 1932.)
- Freiberg, S.; Adelson, E. & Shapiro, V. (1975). Ghosts in the nursery: a psychoanalytic approach to the problems of impaired infant-mother relationships. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 14(3): 387-421.
- Freud, A. (2001). *Le moi et les mécanismes de défense*. Paris: PUF. (Original escrito em 1946.)
- Jung, C. G. (2011). *Obras completas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Golse, B. (2019). O que o bebê transmite aos adultos: o conceito de transmissão psíquica ascendente. *Cadernos de Psicanálise*, 41(41): 11-20.
- Golse, B. (2020). O *sense of being* em relação à criatividade: ser ou existir? *Revista de Psicanálise*, 27(2): 279-290.
- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Rio de Janeiro: Imago.
- Green, A. (1990). *Conferências brasileiras de André Green: metapsicologia dos limites*. Rio de Janeiro: Imago.
- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kaës, R. (1997). *O grupo e o sujeito do grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (2014). *As alianças inconscientes*. São Paulo: Ideias & Letras.
- Klein, M. (1991a). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In M. Klein, *Obras Completas de Melanie Klein: inveja e gratidão e outros trabalhos* (vol. 3). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1946.)
- Klein, M. (1991b). Inveja e gratidão. In M. Klein, *Obras Completas de Melanie Klein: inveja e gratidão e outros trabalhos* (vol. 3). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1957.)
- Klein, M. (1996a). A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In M. Klein, *Obras Completas de Melanie Klein: amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1930.)
- Klein, M. (1996b). O luto e suas relações com os estados maníacos-depressivos. In M. Klein, *Obras Completas de Melanie Klein: amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1940.)
- Klein, M. (1996c). O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. In M. Klein, *Obras Completas de Melanie Klein: amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1945.)
- Klein, M. (1997). A psicanálise de crianças. In M. Klein, *Obras Completas de Melanie Klein: a psicanálise de crianças* (vol. 2). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1932.)
- Kohut, H. (1971). *The analysis of the self: a systematic approach to the psychoanalytic treatment of narcissistic personality disorders*. Nova York, EUA: International Universities Press.
- Kohut, H. (1990). *The search for the self: selected writings of Heinz Kohut (1978–1981, vol. 3)*. Connecticut, EUA: International Universities Press.

- Lacan, J. (1964). *Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- Lacan, J. (1966-67). *Seminário 14: la logique du fantasme*. Seminário inédito.
- Lacan, J. (1976). *De la psychosis paranoïca en sus relaciones con la personalidad*. Espanha: Siglo Veintiuno Editores.
- Lacan, J. (1978-79). *Seminário 26: A topologia e o tempo*. Seminário inédito.
- Lebovici, S. (1996). La transmission intergénérationnelle ou quelques considérations sur l'utilité de l'étude de l'arbre de vie dans les consultations thérapeutiques parent/bébé. In M. Dugnat, *Troubles relationnels père/mère/bébé : quels soins ?* (pp. 19-28). Ramonville-Saint-Agne, França: Erès.
- Lebovici, S. & Guedeney, A. (1999). *Intervenções psicoterápicas pais-bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Nick, S. E. (1977). Guarda compartilhada: um novo enfoque no cuidado aos filhos de pais separados ou divorciados. In V. Barreto (Org.), *A nova família: problemas e perspectivas*. Rio de Janeiro: Renovar.
- Nick, S. E. (2011a). A sustentabilidade do humano – um ensaio. In T. Pereira & G. Oliveira (Orgs.), *Cuidado e responsabilidade*. São Paulo: Atlas.
- Nick, S. E. (2011b). Prazer e realidade no mundo contemporâneo: a (des)construção do humano. *Revista de Psicanálise*, 18(1): 103-121.
- Nick, S. E. (2015). A alienação parental e a autoalienação parental compreendidas sob o vértice da parentalidade. In R. A. Zagaglia et al. (Org.), *Coleção Direito UERJ 80 Anos: criança e adolescente* (vol. 10). Rio de Janeiro: Freitas Bastos.
- Nick, S. E. (2018). Quem ama, cuida! Um olhar sobre o amor e as vicissitudes do cuidado. In T. S. Pereira, G. Oliveira & A. C. M. Coltro (Orgs.), *Cuidado e direito de ser: respeito e compromisso*. Rio de Janeiro: LMJ Mundo Jurídico.
- Nick, S. E. (2021). Vovó, como foi que mamãe nasceu? Vicissitudes transgeracionais nas relações avós-netos. In Pereira et. al., *Avosidade: relação jurídica entre avós e netos - enfoque multidisciplinar*. São Paulo: Foco.
- Nick, S. E. & Cubria, A. C. (2022). Higino repaginado: o cuidado psíquico em Ferenczi, Winnicott e Bion. In T. S. Pereira, G. Oliveira & A. C. M. Coltro (Orgs.), *Cuidado e solidariedade: prática social e institucional*, Indaiatuba, SP: Foco.
- Rank, O. (1998). *Das trauma der Geburt*. Gießen, Alemanha: Psychosocial-Verlag. (Original publicado em 1924.)
- Rocha Barros, E. M. (1991). *A interpretação*. Simpósio sobre comunicação do analista: pressupostos teóricos. São Paulo, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 1991.
- Rocha Barros, E. M. (1992). A situação analítica. *Ide*, 22: 18-29.
- Rocha Barros, E. M. (1999). O inconsciente e a constituição de significados na vida mental. *Psicologia USP*, 10(1): 97-117. doi: 10.1590/psicousp.v10i1.107967

- Rocha Barros, E. M. & Rocha Barros, E. L. (2018). Symbolism, emotions, and mental growth. In J. Borossa, C. Bronstein & C. Pajaczkowska (Orgs.), *The new Klein-Lacan dialogues* (pp. 235-254). Londres: Routledge.
- Roussillon, R. (2012a). O desamparo e as tentativas de solução para o traumatismo primário. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 19(2): 271-295.
- Roussillon, R. (2012b). As condições da exploração psicanalítica das problemáticas narcísico-identitárias. *ALTER – Revista de estudos psicanalíticos*, 30(1): 7-32.
- Roussillon, R. (2013). Teoria da simbolização: a simbolização primária. In L. C. Figueiredo, B. B. Savietto & O. Souza (Orgs.), *Elasticidade e limite na clínica contemporânea* (pp. 107-122). São Paulo: Escuta.
- Safatle, V. (2005). Espelho sem imagens: mimesis e reconhecimento em Lacan e Adorno. *Trans/Form/Ação*, 28(2): 21-45.
- Sibilia, P. (2018). Você é o que Google diz que você é: a vida editável, entre controle e espetáculo. *Intexto*, 42: 214-231.
- Szejer, M. (1999). *Palavras para nascer*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Tustin, F. (1975). *Autismo e psicose infantil*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1972.)
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade* (J. O. A. Abreu e V. Nobre, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1971.)
- Winnicott, D. W. (1991). *Holding e interpretação* (S. M. T. M. Barros, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1986.)
- IPA. (2021). IPA in the community and the world steering committee. *IPA.world*. Recuperado de https://www.ipa.world/en/Committees_New/IPAINCW_STEER/CommitteeMaster?Code=IPAINCW_STEER

Recebido: 12/10/2022

Aceito: 10/11/2022

Sergio Eduardo Nick

Sergionick22@gmail.com

Psicanálise e Cinema

O psicanalista no cinema – algumas resenhas

Luiz Fernando G. Gallego Soares¹

1. Segredos de uma alma (*Geheimnisse einer seele*, título original), dirigido por G. W. Pabst, lançado em 1926

A figura do psicanalista aparece no cinema pela primeira vez neste filme silencioso lançado em 1926. O espectador ainda não sabe quem é aquele personagem que – numa primeira impressão – poderia ser apenas um figurante lendo o jornal num café (ou bar) de Berlim (ou de outra cidade não especificada da Alemanha na época).

Em uma mesa próxima está o tipo principal sobre quem o filme se deteve até agora: um cientista que desenvolveu grave fobia a objetos cortantes e teme usá-los contra a esposa por quem é apaixonado. Ao levantar-se para ir embora, o cientista fóbico deixa um molho de chaves sobre a mesa, o que é percebido pelo sujeito que está lendo as notícias. Haveria tempo e chance de chamar o outro e avisá-lo do esquecimento, mas ele também se levanta de onde está, pega as chaves e sai, seguindo o “distraído” a uma certa distância.

Ao se dar conta de que não tinha consigo um meio de entrar em sua casa, já no portão de entrada, é que o outro se aproxima e entrega-lhe o chaveiro, comentando que o “esquecido” talvez preferisse não ter que voltar para casa naquela noite. Surpreso ao escutar tal coisa, pergunta como quem lhe levou as chaves fizera tal dedução, escutando como resposta: “Eu sou psicanalista, é o meu trabalho”. E se afasta.

Desesperado com a intensidade e o agravamento dos sintomas, o cientista retorna ao bar no dia seguinte e consegue saber que “o doutor atende ali em frente”. Quando entra no consultório, o (agora já se sabe quem é) psicanalista lhe diz: “Sabia que o senhor viria, mas não imaginei que fosse tão cedo”.

1. Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) e membro da Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ).

A partir daí, o filme vai mostrar algumas sessões com o paciente no divã e, principalmente, a análise detalhada de um longo sonho que o filme já havia mostrado anteriormente. É descoberta a origem dos sintomas na infância do paciente com forte componente de conflito triangular e ciúmes. A ideia obsessiva de que poderia matar a mulher se desfaz, assim como o sintoma fóbico que lhe era conexo, podendo a vida conjugal do ex-neurótico entrar nos eixos, concluindo o filme com um *happy ending*. O casal, antes explicitamente frustrado por não terem filhos (ficara bem subentendida a impotência sexual do marido), surge com um bebê numa cena final campestre e idílica.

É bastante conhecida a ojeriza que Freud teve à realização de um “filme psicanalítico”, levando-o a indispor-se com seus discípulos Hans Sachs e Karl Abraham por terem aceitado o papel de “consultores científicos” na elaboração do roteiro (que teria utilizado fragmentos de casos reais atendidos por psicanalistas). Se o filme retratou com alguma fidedignidade o que Abraham e Sachs ofereceram aos roteiristas profissionais para a elaboração cine-dramatúrgica do enredo, o que vemos – quase cem anos depois – pode servir como retrato de como os seguidores de Freud trabalhavam: com ênfase na interpretação de sonhos e buscando o trauma originário para o estabelecimento da neurose e dos sintomas a serem removidos.

Chama nossa atenção, hoje em dia, a curiosa atitude do psicanalista que atua fora de um *setting* ainda não estabelecido, criando a demanda de análise: ele procurara um neurótico antes que este viesse procurá-lo como analisando. Mas, doravante, o psicanalista vai se restringir às sessões em seu gabinete.

2. Quando fala o coração (*Spellbound*, título original), dirigido por Alfred Hitchcock, lançado em 1945

Este é outro filme famoso na história do cinema por pretender abordar a psicanálise, mas o que vemos acontecer é bem mais heterodoxo do que um analista ir atrás de alguém que cometeu um ato falho – como no filme antes mencionado: há um profissional sênior de forte sotaque germânico com aspecto amistoso, e até mesmo bonachão, que é uma espécie de professor, orientador – ou supervisor – de uma psiquiatra mais jovem (a atriz Ingrid Bergman) que trabalha num hospital de “doentes mentais”. Ela o procura, levando o paciente que está tentando auxiliar (Gregory Peck). Ele narra um sonho na presença conjunta da médica e do professor que, juntos, vão “decifrando” os símbolos e imagens do sonho – que o espectador vê na tela com concepção visual do pintor surrealista

Salvador Dalí. Qualquer semelhança na caracterização do professor com a imagem pública de Freud na época *não* era mera coincidência.

Neste filme estadunidense, diferentemente do filme alemão, o trabalho com referências psicanalíticas da psiquiatra (lembrando que nos Estados Unidos só era permitido a médicos o exercício da clínica psicanalítica – e, naquela época, psiquiatria e psicanálise se misturavam bastante) é prioritariamente institucional para pacientes necessitados de internação institucional. O caso que ela leva (concretamente) ao seu antigo mestre tem como eixo o bloqueio mnêmico de um homem que, sem lembrar o que fez durante alguns dias, teme haver assassinado um novo diretor que havia sido designado para o hospital em que a médica trabalha.

Trazendo à consciência memórias recalçadas do amnésico, descobrem que o temido “assassinato” já havia acontecido na infância do paciente, tendo sido, entretanto, na verdade, uma morte acidental – o que não impediu que se originasse intenso sentimento de culpa neste homem. Ter presenciado, muito tempo depois, por mero acaso, o assassinato do tal novo diretor da clínica (antes que este pudesse ter chegado lá) transformou-se num fenômeno “*après-coup*” (ou “*nachträglichkeit*”, como cunhou Freud), pois o evento atual passou, na vida psíquica do personagem, pelo deslocamento das vivências de culpa em relação à morte do irmão para o crime que testemunhou no presente. As duas experiências passaram também pelo processo de condensação em uma única vivência traumática, recriando a sensação de culpa intolerável.

Apesar das diferentes atuações dos terapeutas nos filmes de Pabst e neste de Hitchcock, são coincidentes, entretanto, as fantasias homicidas dos dois pacientes neuróticos, assim como é idêntica a tarefa dos psicanalistas: descobrir motivações inconscientes para tais ideias obsessivas de vir a cometer – ou de já haver cometido – um assassinato.

Estabeleceu-se – como certo clichê de dramaturgia “psicanalítica” nestes filmes já clássicos – uma analogia entre o desvelamento do que está recalçado no Inconsciente por parte do psicanalista com a resolução de um enredo de mistério. O que não seria de se estranhar, se concordarmos que, muito antes de ser transformado em ícone freudiano, o “*Édipo Rei*”, de Sófocles, já poderia ser considerada a primeira história policial – e já com um desfecho “inesperado”: o “detetive” Édipo acaba por descobrir que o assassino de seu antecessor, o rei Laio, havia sido o próprio Édipo-detetive.

Este modelo de “analista-detetive” repetiu-se em outros filmes – assim como no imaginário do público menos informado da tarefa psicanalítica já me-

nos aprisionada exclusivamente ao desvelamento de traumas e de memórias reprimidas no Inconsciente. A imagem popular dos psicanalistas que predominou através dos filmes ficou sendo a de agentes para a descoberta de verdades indispensáveis para a vida psíquica mais saudável dos analisandos – ou seja, os analistas eram como que heróis “do bem”.

Ao longo de décadas, este percurso no sentido da revelação de algo imprescindível para a recuperação da saúde mental de um personagem portador de grande sofrimento psíquico foi parte dos enredos de filmes como “O Segredo da Porta Fechada” (*Secret Beyond the Door*), de Fritz Lang, 1947, ou, trinta anos depois, *Equus*, de Sidney Lumet, 1977. A versão que John Huston filmou em 1962 sobre a trajetória inicial de Freud na descoberta da psicanálise não fogia do clima de “desvelamento de um mistério”: o próprio Freud, em sua autoanálise, encontrava em si mesmo o famoso “Complexo de Édipo” – ao mesmo tempo em que propiciava que uma paciente histérica vencesse a repressão de lembranças indesejadas e afastadas da consciência.

Mas cabe ainda destacar outro aspecto no enredo do filme de Hitchcock: o envolvimento amoroso da psiquiatra Ingrid Bergman com o paciente Gregory Peck, um “final feliz” inevitável para os padrões hollywoodianos da época.

Com uma conclusão bem diferente e nada feliz, esta séria questão ética e técnica vai ecoar em outro filme, também de 1962, no qual o psiquiatra (repete-se a mescla psicanálise-psiquiatria), apaixonado pela paciente que havia “curado”, casa-se com ela.

3. Suave é a noite (*Tender is the Night*, título original), dirigido por Henry King, lançado em 1962, a partir do romance de F. Scott Fitzgerald, lançado em 1934

Também aqui, o personagem profissional de saúde mental é chamado de “psiquiatra”, embora discuta o caso de sua paciente com o diretor científico do hospital em que trabalha (na Suíça, em 1919) usando termos como “transferência” e “contratransferência”. Ou seja, a psiquiatria que ele exerce é fortemente orientada por conceitos psicanalíticos. Mas o que mais nos interessa neste retrato de mais um terapeuta-psicanalista retratado num filme é que ele contrai matrimônio com a paciente, ainda que advertido pelo colega mais velho.

O diálogo entre o promissor Dr. Dick Diver (o ator Jason Robards) com seu professor deixa claro que Dick obteve avanços importantes no tratamento da jovem Nicole Warren (Jennifer Jones), uma milionária herdeira norte-ame-

ricana, através da “transferência” – que parece ter incluído (e mencionam como se fosse algo inevitável) o enamoramento dela por seu médico. Comentam que a dissolução da transferência será o passo conclusivo para a “cura” dos sintomas, sobre os quais praticamente nada é informado, exceto quando a paciente diz que “acreditava em coisas de dentro da sua cabeça”.

Surge também a questão do que eles chamam de “contratransferência” do Dr. Diver, seus sentimentos igualmente amorosos por Nicole. O “supervisor” questiona o relacionamento da dupla além dos limites profissionais, alegando que a “transferência” irá se dissolver quando a paciente estiver totalmente “curada”, trazendo enorme decepção para o relacionamento com o ser humano comum Dick Diver. Ele deixará de ter a aura de médico salvador que “curou” Nicole após internações – sem resultados – em outras clínicas e com outros médicos.

O que nos chama atenção é que nunca será mencionada a postura ética do profissional, ficando tudo restrito a aspectos “técnicos” e ao risco de futuros problemas – mas apenas para a imagem do terapeuta, já que isto vai acontecer quando a paciente já estiver “curada” e em decorrência de sua “cura”.

Claro que não se trata de cobrar do enredo que esteja totalmente de acordo com o que preconiza a ética psicanalítica: afinal, nos filmes – assim como na ficção em geral – o artista criador quer construir um arco dramático que lhe interessou desenvolver. Não estamos avaliando um caso clínico real que passou por uma situação técnica questionável, sendo que a nosso ver atual, a questão principal é ética.

Digo “atual” porque sabemos que essa história transcorre, grosso modo, durante a mesma década (1910) em que situações similares surgiram na prática dos primeiros psicanalistas seguidores de Freud. Ferenczi, por exemplo, apaixonou-se por uma paciente. E que era filha de sua amante, casada com outro homem. O tratamento da jovem foi então interrompido, e a moça enviada a Freud para analisar-se com ele – que, por sua vez, escreveu para a amante de Ferenczi uma forte reprovação à conduta do colega: “*Ele se voltou da mãe para a filha, esperando que eu venha a considerar esta troca como auspiciosa.*” (Freud & Ferenczi, 1908-1911/1994, p. 375). E Ferenczi ficou ambivalente face às críticas de Freud, pensando em romper com a amante para casar com a filha – que agora não era mais sua paciente.

Em meio a este quadrilátero de afetos ambíguos (Martins, 2010) entre um homem e duas mulheres (uma delas tendo sido sua paciente) e entre dois psicanalistas, mestre e aluno (que por sua vez também foi paciente do mes-

tre), Freud publica seus artigos sobre técnica psicanalítica, tendo escrito sobre o “amor de transferência”:

É tão desastroso para a análise que o anseio da paciente por amor seja satisfeito, quanto que seja suprimido. O caminho que o analista deve seguir não é nenhum destes [...]. Ele tem de tomar cuidado para não se afastar do amor transferencial, repeli-lo ou torná-lo desagradável para a paciente; mas deve, de modo igualmente resoluto, recusar-lhe qualquer retribuição. (Freud, 1915/1996a, p. 183)

E, anos mais tarde, seria Ferenczi mesmo quem escreveria: “o analista, de quem depende o destino de tantos seres, deve conhecer e controlar as fraquezas mais escondidas de sua própria personalidade, o que é impossível sem uma análise inteiramente terminada” (Ferenczi, 1927/1992, p. 24).

Retomando o enredo de “Suave é a Noite”, fica claro que o conhecimento teórico do Dr. Diver sobre transferência e contratransferência não foi suficiente para suprir a ausência de uma “*análise inteiramente terminada*” – ainda que Freud vá escrever em 1937 que a análise de um psicanalista permanece mesmo “interminável”.

Também não pode ser deixado de lado que o filme “Suave é a Noite” levou às telas o enredo de um romance com fortes traços autobiográficos: F. Scott Fitzgerald escreveu o livro ao longo do declínio da relação conjugal com sua idealizada paixão de juventude, Zelda Sayre (nome de solteira). Ela viria a ser diagnosticada como esquizofrênica durante a difícil e longa elaboração do livro que começou em 1925, logo depois da obra-prima do autor, “O Grande Gatsby”. Depois de abandonar uma trama que envolveria um matricídio por parte de um homem jovem, Fitzgerald escolheu como foco central da história o casal Dick e Nicole Diver, americanos ricos (com o dinheiro de família dela) vivendo as delícias da “era do jazz” na Riviera Francesa entre 1919 e 1925, tal como os Fitzgeralds viveram suas excentricidades em período semelhante.

Antes de prosseguir até 1930 – quando o casamento dos Divers se desfaz – o romance vai ao passado (um *flashback*) para mostrar os antecedentes de como se conheceram: Nicole, também diagnosticada como “esquizofrênica”, teria sido acompanhada por Dick entre 1917 e 1919, ano em que surgem as antes mencionadas conversas entre ele e outro psiquiatra mais velho.

O que Fitzgerald quis demonstrar foi a “gangorra” de uma relação conjugal: a decadência pessoal e profissional de Dick, inversamente proporcional à recuperação psicológica de Nicole. Esta é a curva dramática nuclear da obra.

Mesmo que Nicole sofra uma recaída em 1925, quando tentam abandonar a futilidade dos tempos na Riviera, ela continuará evoluindo – enquanto Dick não consegue voltar a clinicar como antes, bebendo cada vez mais. Por fim, ela se enamora de outro homem que a corteja há tempos e decide pelo divórcio, como que elaborando – e abandonando – a transferência idealizada.

Certamente este enredo ficcional corresponde a fantasias do escritor sobre sua relação com a mulher, de fato esquizofrênica (ou seria “bipolar” segundo os relatos que temos de suas crises de insana euforia?) e que jamais chegaria a uma cura definitiva. De qualquer modo, a decadência pessoal de Fitzgerald (como a de Dick, pelo álcool) é bastante conhecida, propiciando sua morte precoce em 1940 – quando deixou inacabado um romance que, pelo planejamento e notas encontradas, talvez viesse a ser menos hesitante em sua elaboração do que “Suave é a Noite”, que levou nove anos até ser publicado e após oito versões terem sido abandonadas. Ao contrário da brevidade e concisão de “Gatsby”, o longo romance que acabou sendo “Suave é a Noite” não atinge a mesma precisão psicológica dos personagens do livro anterior de Fitzgerald.

Também não pode ser deixada de lado a “causa” da doença mental de Nicole, uma situação de incesto cometido pelo milionário pai. À parte qualquer objeção psiquiátrica a esta ficcional etiologia como único fator determinante para um caso de esquizofrenia, o que chama a atenção é a intuição “psicanalítica”, aí sim, acertada, do romancista sobre outro aspecto previsível para o fracasso do casamento entre o psiquiatra/psicanalista e sua ex-paciente: na relação transferencial que teria propiciado a cura, também se encontrava um componente “incestuoso” – e que deixaria de ser apenas uma fantasia por parte da paciente para se concretizar na vida sexual conjugal.

Cabe ainda assinalar que o título do romance vem sendo compreendido com uma conotação totalmente divorciada do significado pretendido por Fitzgerald. Ele usou como epígrafe alguns poucos versos da “*Ode to a Nightingale*”, de John Keats (1795-1821), na qual lemos que a noite é linda e suave, porém, não há luz (“*tender is the night, But here there is no light*”). Neste poema, Keats modificou o tom otimista de outras obras, voltando-se ao tema da finitude – como podemos constatar também em outros trechos na tradução de Augusto de Campos (s.d., s.p.):

[...] Fugir e dissolver-me, enfim, para esquecer
A febre, o desengano e a pena de viver
Aqui, onde os mortais lamentam os mortais;
Onde o tremor move os cabelos já sem cor

E o jovem pálido e espectral se vê finar,
Onde pensar é já uma antevisão sombria
Da olhipesada dor,
Onde o Belo não pode erguer a luz do olhar
E o Amor estremecer por ele mais que um dia.
Adeus! Adeus! Eu sigo em breve a tua via,
Não em carro de Baco e guarda de leopardos,
Antes, nas asas invisíveis da Poesia,
Vencendo a hesitação da mente e os seus retardos;
Já estou contigo! *Suave é a noite linda*,
Logo a Rainha-Lua sobe ao trono e luz
Com a legião de suas Fadas estelares,
Mas aqui não há luz, [...]
Às escuras escuto; em mais de um dia adverso
Me enamorei, de meio-amor, da Morte calma,
Pedi-lhe docemente em meditado verso
Que dissolvesse no ar meu corpo e minha alma.
Agora, mais que nunca, é válido morrer,
Cessar, à meia-noite, sem nenhum ruído [...]

A “suavidade” da noite à qual o título do romance se refere é a de uma “noite” eterna, um nirvana equacionado com a morte, uma dissolução do self na qual o personagem do psiquiatra/psicanalista vai mergulhando ao longo do fracasso de sua vida profissional, amorosa e conjugal após um breve período de sucessos. A tragédia de Fitzgerald recriada em ficção.

4. Freud, além da alma (*Freud, the secret passion*, título original), dirigido por John Huston, lançado em 1962, a partir de roteiro de Jean-Paul Sartre

O diretor americano John Huston (1906-1987) acalentava a ideia de levar às telas uma biografia parcial de Freud desde 1939: o foco seria a época inicial da descoberta da psicanálise. Em 1957, Huston procurou Jean-Paul Sartre (1905-1980) para que o filósofo escrevesse um roteiro sobre o “jovem” Freud.

O que teriam em comum o cineasta, o filósofo e o psicanalista? Huston era fanfarrão, mulhengo, bebereiro e aventureiro. E esta autoimagem de aventureiro em Huston já foi aproximada, em um trabalho de Peter Wollen (1999),

de uma fantasia de Sartre, que dava livros de aventuras para Simone de Beauvoir ler, dizendo que assim ela o conheceria melhor. Wollen também aproxima estes dois “aventureiros” do “conquistador” – que era como Freud se via.

Em torno de um ano depois, Sartre entregou a Huston uma sinopse bem detalhada que foi imediatamente aprovada. Em 1959, o roteiro de Sartre estava pronto, mas com 500 páginas, o que renderia cinco horas de filme – algo inviável para o cinema comercial de Hollywood. Em 1960, encontraram-se na casa de Huston, na Irlanda, para resumir o texto – mas não se entenderam mais e Sartre pediu para que seu nome não constasse dos créditos do filme depois que leu o que foi bastante reformulado por roteiristas profissionais habituados a escrever para filmes americanos.

Sartre estudou todos os primeiros trabalhos de Freud (e não só os primeiros) assim como leu a biografia escrita por Ernest Jones. Quando tentou resumir o roteiro original, acabou acrescentando mais cenas relativas a conceitos e aspectos biográficos que achou importantes. Embora, como lembra Elisabeth Roudinesco (1990), ele tivesse uma filosofia da liberdade humana que era *contrária* à sua leitura de Freud. Achava que Freud restringia o sujeito a um determinismo psíquico, enquanto ele afirmava a plena liberdade do sujeito: não podia concordar que o ser humano não fosse “senhor de sua própria casa”. O inconsciente freudiano lhe parecia muito mecanicista e biológico e ele já havia pretendido substituir este conceito pelo de “*má fé*”: situação na qual são combinados, em um só ato, uma ideia e a negação desta ideia, fugindo-se à responsabilidade das próprias ações e atitudes. O sujeito refugia-se numa máscara para não assumir sua liberdade, procurando imaginar-se como é visto pelos outros – e é apenas nesta circunstância que “*o inferno são os outros*”.

Os outros em relação aos quais o *self* deixa-se aprisionar, o que, para Sartre, acaba sendo uma espécie de danação para a verdade e a liberdade individuais. É o que ele demonstra na sua peça de 1943, “*Huis clos*” (“Entre quatro paredes”, título brasileiro) que se passa no inferno, mas um inferno que é uma sala fechada na qual três pessoas que já morreram encontram-se sem saída para exercer sua liberdade de ser. Passarão a eternidade aprisionados à imagem que cada um dos outros dois têm de si, pois não podem mais exercer qualquer mudança existencial. Se, durante a vida, construirmos nossa autoimagem dependente do olhar alheio, estaremos existencialmente “mortos” no inferno de negação das possibilidades de ser, vir-a-ser e devir.

Mas pode-se constatar que, na elaboração do seu roteiro, Sartre foi extremamente respeitoso para com Freud e suas ideias, transmitindo vários conceitos

freudianos (e mesmo de outras categorias da psicanálise depois de Freud, assim como de compreensões da psiquiatria dinâmica influenciada pela psicanálise) muito bem ilustrados nas situações ficcionais que desenvolveu. Vale destacarmos algumas passagens, mesmo que a maioria não tenha sido aproveitada no filme – que foi rodado, no final das contas, a partir de um roteiro muito reduzido em relação ao que Sartre (1984) escrevera, ainda que fiel às suas linhas gerais.

Freud e Breuer discutem sobre uma paciente que está sendo tratada por Breuer. Freud percebe que tanto a paciente parece enamorada de seu médico como este estaria se deixando envolver pelo clima de enamoramento. Breuer fala da “meiguice” da paciente, mas Freud já percebeu que ela se encontra conturbada por sentimentos ambivalentes em que o ódio não está ausente e radicaliza: “Nada é meigo nela”. Breuer retruca: “Eu conheço sua ternura”. Freud esclarece: “É a sua própria ternura que você conhece. É *a sua* ternura que encontra nela”. (Contratransferência. Projeção).

Fliess proibira Freud de fumar. Freud sente falta de seus charutos e Fliess diz que não o está proibindo mais. Freud fica confuso e diz: “Eu sentia prazer em me privar *para* lhe obedecer...” (Prazer do superego, ao qual nos submetemos por temor, ou talvez, mais exatamente, ao Ideal do Ego, ao qual nos submetemos por amor).

A mãe da paciente com anos de paralisia histérica diz que “cuida” dela. Freud denuncia: “A senhora *cuida* dela, mas não deseja vê-la curada: *alimenta* a doença dela. Porque isso lhe permite dominá-la”. (Aqui, Sartre sugere a “distribuição de papéis” nas tramas familiares; o lucro com a doença... do outro).

Há um momento em que Freud tenta aproximar-se de seu pai sem tantas reservas, mas o velho homem se mostra choroso e sentimental, quando Freud esperava força e apoio. Uma decepção com o objeto designado para funcionar com o que hoje se compreende como *selfobjeto* idealizado.

Em uma rubrica, Sartre diz que Freud está, naquele momento, “disposto a tudo para provar a verdade de sua teoria” – que ainda é a “teoria da sedução” – que vai ser reformulada mais adiante através da teoria da fantasia. (Claro alerta contra o *furor curandis* e contra um excessivo privilégio da teoria sobre a clínica).

A paciente histérica diz: “Quando estou parálitica não há o menor problema: parece que meu corpo assume a responsabilidade por meus erros. Quando posso usar meus membros, eu me corroo por dentro”. (Deslocamento dos afetos intoleráveis para a Consciência, mas *convertidos* em sintomas físicos).

Sartre também amplia o conceito de repressão para o campo social: “Tal como o indivíduo reprime verdades insuportáveis, a sociedade resiste: quer suprimir o inoportuno que lhe descobre segredos”.

Com conceitos mais popularizados, como o amor edípico, Sartre permite-se escrever passagens de muito bom-humor. Quando Freud faz uma “visita de médico” a seu pai e, depois que ele sai, apressado, a mãe comenta: “Parece que ele não ama o pai”, ao que a mulher de Freud retruca: “Além da senhora, me pergunto se ele ama mais alguém”.

Outro exemplo bem-humorado é o que ilustra ideias de Freud sobre religião e pensamento mágico. Freud cedera, tolerantemente, a um pedido supersticioso da mulher de Breuer e este critica: “Você, um ateu, cedendo a superstições?”. Ao que Freud brinca: “Quando se é ateu, é indispensável ser supersticioso, por senão, o que nos resta?”.

A transferência é exemplificada e discutida em várias passagens. Numa delas, a mulher de Freud comenta irritada: “Transferência: bonita palavra. Explica tudo. Meu amor por você teria sido uma transferência?”. Freud responde: “E por que não?”.

Encontramos ainda uma visão intersubjetivista mais sartreana do que freudiana: “Não poderei conhecer meus pacientes enquanto não me conhecer, nem me compreender enquanto não compreendê-los. Devo descobrir neles o que eu sou, e em mim, o que eles são”.

Com tanta sintonia com o pensamento de Freud, onde ficou o conceito de “*má fé*” sartreano? Sartre o aplicou aos “pais substitutos” que o jovem Freud buscava: Meynert, Fliess, Breuer. Mas o que Sartre quis, coerentemente com as teorias do próprio Freud, foi mostrá-lo enredado no complexo de Édipo. Entretanto, outro personagem mitológico também deve ter inspirado a imagem que Sartre construiu para si mesmo de Freud. Lembremos a primeira peça de Sartre, baseada no mito de Orestes, “As Moscas” (Gallego, 2004).

Roudinesco (1990) diz:

Sartre está consciente da extravagância de sua posição. Ele, que sempre negou a existência do inconsciente está frente ao inventor do conceito. A situação é sartreana por excelência, já que ilustra à perfeição que descobrimos no outro e *contra* o outro aquilo que é o nosso eu. O Freud de Sartre é o seu oposto: um pai de família que vive de modo burguês e que não terá conhecido outra mulher além da esposa. [...] sem sua castidade não teria teorizado a transferência nem compreenderia o enorme poder da hipótese da sedução. Este foi o seu destino como sábio, o que Sartre admite. Mesmo assim, precisa atribuir-lhe um caminho sartreano – como deixou claro ao escrever: “Freud é um homem que se propõe compreender os outros porque esse lhe parece o único meio de conhecer a si próprio; e dá-se conta de que deve conduzir

ao mesmo tempo suas pesquisas sobre os outros e sobre si mesmo”. Conhecemo-nos através dos outros, conhecemos os outros através de nós. [...] Não importa que o Freud real não fosse “filosoficamente” sartreano; isto não impediu Sartre de construir um Freud perfeitamente freudiano. (s.p.)

Penso que Jean-Paul Sartre, ao compor um retrato ficcional de Sigmund Freud nos primórdios da psicanálise, foi fiel ao ideal de seu próprio pensamento expresso por meio de seus heróis existencialistas; e modelou seu “Freud” – consciente ou inconscientemente – a partir do “Orestes” de sua primeira peça, “As moscas”. Curiosamente, ao se manter fiel aos seus ideais, acabou por construir um Freud-personagem cuja essência e existência parecem mais coerentes com a imagem que se tem hoje em dia do criador da psicanálise do que aquela das hagiografias da época em que o roteiro de Sartre foi concebido. E, ao mesclar ideias próprias com respeitadas recriações da trajetória intelectual de Freud, antecipou a concepção *intersubjetivista* do processo analítico que naquela época estaria – talvez – apenas embrionária no pensamento de Heinz Kohut e seria desenvolvida de fato por outros de seus seguidores.

Em síntese, no filme – e, mais ainda no roteiro completo que não foi filmado integralmente, mas publicado em 1984 por Pontalis numa coleção de livros sobre a história da psicanálise, ainda que seja uma ficção –, Freud é um descobridor/aventureiro no mundo das ideias e da psicologia humana. Age com ética, é fiel aos seus princípios e enfrenta dificuldades enormes. Talvez, na concepção de Sartre, quase como o herói Orestes que desafiou as Erínias ao cumprir os designios de Apolo. As “erínias” seriam tanto a neuropsiquiatria da época como a hipocrisia da sociedade que rejeitaram Freud; Apolo seria a verdade de suas descobertas – às quais Freud, como personagem sartreano ideal, não podia se furtar.

4.1 Freud em alguns outros filmes

O criador da psicanálise foi retratado em outros filmes de ficção baseados em eventos reais, sendo um deles feito para a TV francesa em dois episódios, totalizando cento e noventa minutos de duração: “*Princesse Marie*”, dirigido por Benoît Jacquot (2004), teria sido um projeto da atriz Catherine Deneuve, retratando com bastante fidelidade aspectos da vida de Marie Bonaparte (1882-1962), princesa da Grécia, paciente de Freud, psicanalista que foi uma das fundadoras da Sociedade Psicanalítica de Paris. O filme, além de abordar as dificuldades se-

xuais de Marie, trata especialmente do resgate de Freud e sua família das garras do nazismo, pago em grande parte com dinheiro da princesa. Heinz Bennett (1921-2011), ator alemão que também esteve em filmes de Ingmar Bergman (“O ovo da serpente”) e de François Truffaut (“O último metrô”) faz o papel de Freud, enquanto sua filha, a atriz Anne Bennet, faz a filha de Freud, Anna.

Em “Um método perigoso” (*A dangerous method*), de David Cronenberg (2011), Freud ficou a cargo do ator Viggo Mortensen, enquanto Michael Fassbender interpretou Jung e Keyra Knightley ficou com o papel de Sabina Spielrein, paciente de Jung com a qual ele teve envolvimento sexual, na verdade o tema central do filme.

O roteiro é bastante satisfatório em relação à história da psicanálise e às teorias seminais de Freud. O encantamento inicialmente mútuo entre Freud e Jung e a ruptura posterior, após poucos anos, se deu, em maior parte, por divergências teóricas; mas outro possível motivo para o afastamento só ficou mais conhecido em 1980, quando Aldo Carotenutto, um analista junguiano, publicou a correspondência entre Sabine, Jung e Freud no livro *Diário de uma secreta simetria – Sabine Spielrein entre Jung e Freud*. Muito do que se escuta no filme é transcrição direta de trechos das cartas entre os três.

O filme retrata a violência psicológica do abuso de uma analisanda por parte de seu analista despreparado para lidar com as manifestações de investimento amoroso transferencial. É bastante interessante observar a dificuldade de Jung para com a ênfase de Freud na libido, sendo que Jung não pôde – e mais de uma vez – deixar de ser “libidinoso” com pacientes. Mas se Jung fica mal na foto, os letrados finais o colocam como “o” (ou “um”) grande psicólogo do século XX – sobre o que há muitas discordâncias, aliás expostas no filme por sua evidente tendência ao misticismo e ao ocultismo, em contraposição à tentativa mais rigorosa (cientificizante) de Freud e dos que desenvolveram suas ideias em formulações de fato “psicanalíticas” – terreno do qual Jung e sua “psicologia analítica” se afastou.

5. O psicanalista colocado em questão (vários filmes)

5.1 O cinema tanto pode refletir o imaginário popular como contribuir para a sua formatação. Se observarmos alguns filmes da virada do século XX para nossos dias veremos que o psicanalista “heroico” de “Segredos de uma alma” até “Equus” foi posto em questão. Apesar de artisticamente medíocres, produções como “Desejos” (*Final analysis*, 1992), “Gemidos de prazer” (*Whispers in the*

dark, 1992) – no qual o ator Alan Alda faz o papel de um supervisor *que comete crimes* – e “*No limite do silêncio*” (*The unsaid*, 2001) mostram o psicanalista como, no mínimo, incompetente. Em “Desejos”, por exemplo, uma paciente (Uma Thurman) e a irmã (Kim Basinger) – com a qual o analista se envolve – combinam que a falsa analisanda vai contar, numa sessão, um sonho copiado de “A Interpretação dos Sonhos”. O psicanalista (Richard Gere) não reconhece que o material onírico faz parte da obra freudiana e desenvolve uma compreensão equivocada. Por trás disso, um enredo complicado de crime cheio de reviravoltas inverossímeis.

E tudo fica bem mais demeritório em “Gemidos de prazer”: o supervisor de uma jovem analista – que atende alguns casos de graves perversões sexuais, alguns deles também apresentando fortes impulsos homicidas – no intuito de protegê-la (!) sai matando os pacientes dos quais a jovem analista não consegue dar conta.

Tão ou mais maledicente é “*No limite do silêncio*”, em que há insinuação de que o psicanalista (interpretado pelo ator Andy Garcia) teve parcela de responsabilidade no suicídio de seu filho: ele havia encaminhado o adolescente que estava com um quadro de depressão para um colega – em vez de encaminhá-lo para acompanhamento psiquiátrico e uso de medicamentos antidepressivos. O jovem acabou por matar-se. Sua situação havia se agravado ainda mais depois que sofreu abuso sexual cometido pelo psicanalista que havia sido indicado por seu pai...

Apesar de se apresentarem como “dramas”, nenhum destes produtos merece ser levado a sério, mas tinham atores que atraíam o público, independentemente da recepção desfavorável por parte da crítica especializada.

Embora em outro patamar de qualidade cinematográfica, “O quarto do filho” (*La stanza del figlio*), de Nanni Moretti, também de 2001, questiona a capacidade do psicanalista lidar com as emoções alheias quando sua própria vida emocional sofre um abalo tão intenso como o da perda de um filho.

5.2 Em tom de comédia, “O amor tem seu preço” (*Lovesick*, 1983), de Marshall Brickman, corroteirista de alguns importantes filmes de Woody Allen (“Noivo neurótico, noiva nervosa” e “Manhattan”, por exemplo), encena o aparecimento fantástico do próprio Sigmund Freud (interpretado por Alec Guinness) para um psicanalista contemporâneo (Dudley Moore). A aparição refuta algumas de suas teorias, além de questionar o trabalho analítico do colega nos anos 1980. O analista com quem o personagem de Dudley Moore faz análise dorme durante

as sessões do colega mais jovem. O papel é defendido pelo diretor e ator John Huston – que, vinte e um anos antes, conseguiu realizar seu ambicionado projeto sobre Freud já comentado anteriormente.

Com raras exceções, a crítica cinematográfica recebeu o filme muito mal, demonstrando enorme decepção, especialmente pelo fato deste diretor bissexto ter colaborado em enredos de filmes tão marcantes dirigidos por Woody Allen. As piadas com analistas em filmes de Allen não costumam ter o tom agressivo de uma frase atribuída à aparição de Freud neste filme, quando ele diz que sua criação da psicanálise foi “uma experiência que nunca deveria ter se transformado numa indústria”. De qualquer modo, Elisabeth Roudinesco já apontou muitas vezes (e não raramente com palavras muito duras) que o uso indiscriminado do “tempo lógico” em sessões extremamente curtas foi algo que propiciou forte descrédito para a imagem pública dos psicanalistas. Apenas uma das tantas vezes em que ela discutiu o assunto pode ser encontrada em entrevista à Revista Prosa Verso e Arte (s.d.).

5.3 Claramente inspirado na trágica história da psicanalista Hermine Hug-Hellmuth (1871-1924), “Genealogias de um crime” (*Généalogies d'un crime*, 1997), dirigido pelo cineasta chileno de longa carreira na França, Raúl [às vezes assinando como Raoul] Ruiz, usa de *nonsense* e humor negro para debochar até mesmo de uma tal “Franco-Belgian Psychoanalytic Society”. A história se passa em dias atuais, envolvendo o assassinato de uma analista pelo sobrinho de vinte anos, sobrinho que ela mesma teria analisado por haver diagnosticado nele um potencial homicida desde a infância. Ela tinha razão? Ou ele acabou por dar razão a ela, incorporando a imagem que ela construiu sobre ele quando ainda era uma criança? Ele culpa a tal sociedade à qual a tia pertencia.

Hug-Hellmuth é considerada a primeira analista de crianças, foi louvada pelo próprio Freud e, de algum modo, teria influenciado tanto Anna Freud como Melanie Klein ao usar brinquedos e desenhos nas sessões de pequenos pacientes. Em 1913, ela publicou “*Aus dem seelenleben des Kindes*”, traduzido em inglês como “*On the spiritual and mental life of the child*”, baseado em suas observações sobre o sobrinho “Rolf”, filho “ilegítimo” de uma meia-irmã. Com a morte desta, em 1915, o garoto de nove anos teve outros cuidadores, pois sua mãe não queria que ele fosse criado por Hermine – embora tenha vivido com a tia por algum tempo.

Rolf cresceu sem gostar dela, dizia que ela só o via como um animalzinho de laboratório para experiências. Aos 16 anos, foi internado em uma instituição

para jovens delinquentes – de onde saiu em 1924, passando a pedir dinheiro à tia, e cada vez mais. Acabou por enforcá-la neste mesmo ano durante uma tentativa de roubo, sendo condenado a 12 anos de prisão. Em 1930, recebeu liberdade condicional e passou a exigir dinheiro da Sociedade Psicanalítica de Viena, alegando que sua vida havia sido arruinada pelos experimentos psicanalíticos de sua tia.

O roteiro do filme problematiza os fatos, dando à atriz Catherine Deneuve dois papéis: o da psicanalista assassinada e o de uma advogada que defende o rapaz que matou a tia. Com isso, a paráfrase da história real, francamente decalcada numa das linhas do roteiro, fica envolvida por uma espécie de jogo de espelhos entre duas situações nem sempre análogas e cada vez mais confusas, desperdiçando uma abordagem mais responsável sobre a tragédia realmente acontecida em recriação ficcional.

5.4 Em “Confidências muito íntimas” (*Confidences trop intimes*), de Patrice Leconte (2004), o psicanalista acaba, de certa forma, sendo até mesmo dispensado: uma mulher (Sandrine Bonnaire), que havia marcado uma primeira consulta por telefone, equivoca-se e entra no escritório de um profissional de contabilidade (Fabrice Luchini). Senta-se e começa a falar de sua vida sem parar para respirar. O contador fica atônito e, quando ela resolve sair, diz que voltará no mesmo dia da semana seguinte e mesma hora. Ele se dá conta de que no final do corredor daquele mesmo andar trabalha um psicanalista. Fica claro que a mulher havia agendado o encontro inicial com este profissional, mas não havia comparecido – pois errara de porta e passou a confidenciar coisas de sua vida íntima para o tributarista.

O psicanalista, de fato, é uma figura um tanto “*blasé*” e não está conseguindo ajudar um homem claustrofóbico que prefere subir seis lances de escadas até o andar do terapeuta em vez de usar o elevador, porque entra em pânico. Já a mulher que se equivocara de porta está elaborando alguns aspectos de sua vida nas conversas com o contador – e ainda tenta ajudar o homem fóbico a subir no elevador com ela – enquanto o psicanalista teria dito ao seu paciente que ele ainda não estava preparado para tanto (segundo o fóbico conta para a mulher).

Há outras ironias em relação a este psicanalista, que não chega a ser tosco como os de outros filmes mencionados acima; pelo contrário, aparece como um sujeito cordato, receptivo, refinado, inteligente e que diz coisas interessantes: até mesmo ajuda o contador a lidar com a situação bizarra em que se colocou ao

manter as “sessões” com a mulher que se equivocara de porta – cobrando 120 euros por cada conversa com o outro, como se fosse uma supervisão.

Num breve diálogo entre a mulher e o paciente do verdadeiro psicanalista, ela pergunta como o rapaz vê o seu tratamento. O fóbico diz que “é como ir ao dentista: dói mais depois”. Será esta a visão que as pessoas temem encontrar se entrarem em análise? Mais dor e sofrimento durante o processo analítico?

Num clima simpático de comédia romântica, o contador e a mulher evoluem no sentido de se libertarem de esquemas rígidos estabelecidos até então em suas vidas. O filme é refinado, graças aos diálogos espertos e à dupla de ótimos intérpretes – enquanto o psicanalista verdadeiro fica como supérfluo, dispensável. É como se a “transferência” pudesse ser resolutiva em si mesma, ainda que não seja trabalhada/compreendida num *setting* adequado por um analista treinado que saiba como lidar com as transferências de acordo com as teorias e técnicas psicanalíticas propriamente ditas... Uma “*boutade*” à francesa, aludindo – de certa forma – ao que Freud dizia sobre o objeto ser variável para a pulsão?

6. Um enigma no divã (*Mortel transfert*, título original), dirigido por Jean-Jacques Beineix, lançado em 2001

Ainda que originado de um livro (“Transferência mortal”, do escritor Jean-Pierre Gattégno), este filme pode servir como mais um exemplo da mudança pela qual a imagem cinematográfica do psicanalista vem passando. Mesmo avançando no terreno do *nonsense* e do humor, cabe lembrar que Freud também demonstrou que piadas podem revelar bem mais do que sorrisos. Pode ser bem divertido ver o analista (o ator Jean-Huges Anglade em chave de interpretação algo apalermada) tentando esconder um corpo *sob* o divã – onde, antes, o cinema tentava esclarecer crimes. Como se aliar à Lei se (tal como Gregory Peck no antigo filme de Hitchcock) Anglade teme que ele mesmo, fora de si, tenha cometido o assassinato de uma paciente?!

Nem sempre os psicanalistas recebem com bom humor as inúmeras piadas que são feitas com sua atividade profissional que, afinal das contas, é para ser uma coisa muito séria mesmo. Talvez valorizemos mais aquilo que existe de grave, e muito além do riso que as piadas provocam (e sugerem). Por isso mesmo seria o caso de se pensar os motivos pelos quais a imagem do analista e da psicanálise nos filmes vem se modificando tanto ao longo dos anos. No caso de Édipo, já lembramos antes, o detetive era o culpado.

Depois dos anos de aparente bonança, a psicanálise na mídia ficcional vem colhendo tempestades. E a atual idolatria que vigora nos corações e mentes ocidentais é dirigida aos psicofármacos e a outras formas de terapias (como talvez seja a atitude da moça no filme lembrado acima ao obrigar o fóbico a entrar no elevador com o apoio da companhia dela).

Se a psicanálise frustrou as expectativas que lhe foram atribuídas durante anos de exagerada idealização pelo *American way of life*, foi porque nunca levaram a sério os chistes de Freud quando de sua visita aos Estados Unidos. Para ele, aquele país era um magnífico equívoco. Magnífico, mas sem deixar de ser um equívoco; e não entendia como pareciam receber tão bem suas ideias. Dizem que, para Freud, a psicanálise – tal como ele a concebia – era equivalente a uma “peste” para o imaginário puritano daquele império que insiste em se ver como “do bem”, esquecendo, entretanto, que até mesmo num detetive pode habitar um assassino.

“Um enigma no divã” era bem mais divertido e interessante no livro “Transferência mortal”, onde o *nonsense* era, curiosamente, bem mais, digamos, verossímil. Ao filme faltou um clima oniroide eficiente: a vivência de pesadelo cômico surge empalidecida e artificiosa na tela (não fosse Beineix o diretor apenas cosmético que é). E, a rigor, repetem-se os mesmos elementos de outros filmes mais antigos: como no de Pabst, fantasia-se sobre crimes; como no de Hitchcock, *houve* um crime, há um personagem que suspeita de si próprio e um supervisor. Se, antes, o analista supervisor no filme de Hitchcock mimetizava Freud, agora (e por sua origem francesa), o que se vê é uma caricatura de Lacan. Só que no filme de Hitchcock, o supervisor funcionava apenas como detetive e pretendendo fazer algo bom...

Além da desidealização (no caso dos filmes, melhor seria dizer “*desidolatrização*”) da psicanálise, o que mais ocorre na contemporaneidade que faz com que uma atividade que deve envolver extrema consideração para com os afetos e para com o sofrimento psíquico esteja sendo retratada de modo tão ambivalente? A delicadeza, a intimidade, os afetos, estarão – em geral – tão menosprezados?

Referências

Carotenutto, A. (1984). *Diário de uma secreta simetria – Sabine Spielrein entre Jung e Freud*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- Ferenczi, S. (1992). O problema do fim de análise. In S. Ferenczi, *Obras completas: psicanálise IV* (pp. 17-27). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1927).
- Freud, S. (1996a). Observações sobre o amor transferencial. In S. Freud, *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)*(Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XII, pp. 175-190). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1915).
- Freud, S. (1996b). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)*(Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XXIII, pp. 225-270). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1937).
- Freud, S. & Ferenczi, S. (1994). *Correspondência*. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado entre 1908 e 1911).
- Gallego, L. F. (2004). Édipo e Orestes: o jovem Freud segundo Sartre. *Trieb*, 3(1-2).
- Keats, J. (s.d.). *Ode to a nightingale* (trad., A. Campos). Recuperado de <https://idiomaseafins.home.blog/2021/03/17/ode-to-a-nightingale-john-keats/>
- Martins, A. C. B. L. (2010). Contratransferência e desejo do analista: a transmissão de um sintoma analítico. *aSEPHallus*, 5(10). Recuperado de http://www.isepol.com/asephallus/numero_10/artigo_07_revista10.html
- Pontalis, J.-B. (1984). Prefácio. In J.-P. Sartre, *Freud, além da alma: roteiro para um filme* (pp. 9-26). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Revista Prosa Verso e Arte (s.d.). Elisabeth Roudinesco: “Lacan é um lógico que desafia a lógica”. Recuperado de <https://www.revistaprosaversoarte.com/elisabeth-roudinesco-lacan-e-um-logico-que-desafia-logica/>
- Roudinesco, E. (1990). Sartre, lecteur de Freud. *Les temps modernes*, 531-533 : 589-613.
- Sartre, J.-P. (1984). *Freud, além da alma: roteiro para um filme*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Recebido: 09/09/2022

Aceito: 31/10/2022

Luiz Fernando Gallego
luizgallego@gmail.com

Psicanálise e Literatura

Resenha de *Um psicanalista no divã*, J.-D. Nasio (2002)

Ruth Naidin¹

Quer saber como se descobre uma psicose? Ou se um paciente nos 20 poucos está abrindo uma esquizofrenia? Quer ler o poema que um pai escreve à sua filha prestes a perder a virgindade? Leia o livro! Vale a pena!

Aqui vou resumir um pouco das muitas ideias, algumas seminais, que Nasio apresentou na sua entrevista a um jovem aprendiz, em 2002. Agrupei-as em três tópicos principais que denominei “a análise”, “o mal-estar contemporâneo” e “ideias lacanianas”.

A análise

A psicanálise é um tratamento longo, caro e doloroso. Nasio recomenda que se escolha o analista avaliando o efeito que o primeiro encontro teve sobre si mesmo, levando em conta se o analista soube formular em palavras claras o que se sentia confusamente, ou seja, o sentido profundo da queixa que acabara de ouvir. Que se saia da entrevista com o desejo de voltar e com a esperança de ter encontrado a pessoa por quem se deseje ser acompanhado. Vale aquela sensação de que *o analista me fez bem de cara!*

Nem todo mundo é analisável. O principal requisito para fazer análise é sofrer. Sofrer, queixar-se e se perguntar sobre o próprio sofrimento. Sem isso, dificilmente alguém realmente entrará em análise.

Mas existem outras formas de tratamento. Por exemplo, a psicoterapia é um trabalho de esclarecimento benéfico que permite ao paciente entender a razão das suas repetições e conflitos. Ou seja, ela tem um *approach* racional, mais intelectual do que a análise. A análise visa à modificação através de um reviver na atualidade do tratamento, com a pessoa do analista, das situações e

1. Psicanalista. Membro Efetivo com funções específicas do Instituto de Formação Psicanalítica da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

cenas e fantasias traumáticas que causaram o sofrimento. Assim ela consegue modificar profundamente a relação do paciente com o seu sofrimento e a sua visão sobre si mesmo.

Análise se faz deitado, o que modifica tanto o ponto de vista do paciente sobre si quanto sobre o mundo, e também porque assim se libera o analista do olhar escrutador do interlocutor. Se o analista tiver que se vigiar o tempo todo, ele ficará indisponível para mergulhar dentro de si. Portanto, *deitar é técnica, não é ritual*.

O inconsciente do analista é seu mais precioso instrumento de trabalho, o que significa que o mergulho é indispensável. É através dele que o analista chega a conhecer em si a origem do sofrimento do paciente e pode, só então, lhe revelar.

Psicanalistas são também psicólogos, ou psiquiatras, ou clínicos de outras especialidades ou podem ter vindo de outros horizontes. Mas todos só podem exercer a psicanálise passando por um longo percurso de análise pessoal, tendo estudado longamente os textos fundadores e sido supervisionado durante bastante tempo em seu trabalho com seus pacientes.

O mal-estar contemporâneo

Para Nasio, a perda progressiva das referências que definem a virilidade, a falta de modelos sociais ou ideais com que se identificar, a dificuldade para encontrar o lugar de parceiro, de pai na família, eis aí o mal-estar principal do início do século: a questão da identidade masculina. O homem se encontra desestabilizado. Segundo ele, o homem hoje é um ser desamparado que sente não ter mais nada a oferecer e se acredita indigno de amor. Sua angústia é não conseguir satisfazer a expectativa do outro, seja ele um homem investido de autoridade ou uma mulher. Mas, eis que Nasio nos surpreende dizendo que o que faz uma mulher se sentir mulher são a mão, o carinho, o apoio e o olhar de reconhecimento do seu companheiro.

Nós não sabemos o que será amanhã da espécie humana, como será a relação entre homem e mulher, que laços inéditos eles inventarão para se amar e viver juntos, nem quão viril será o homem e feminina a mulher. Mas Nasio aposta na permanência e durabilidade do amor e dos laços. Tendo atendido casais, ele recomenda certa sujeição sexual entre os parceiros para refrear as tendências polígamas que ameaçariam a relação; a admiração recíproca, por qualquer aspecto do parceiro/a, ingrediente indispensável; o cultivo de hábitos

rotineiros (recomendação tão anti-intuitiva!). Ele diz que os hábitos rotineiros do casal prevalecem sobre as oscilações de humor e que situações problemáticas serão mais facilmente ultrapassadas caso estejam ambos os parceiros ocupados com as tarefas da vida cotidiana.

Ideias lacanianas

Essa parte da entrevista é bem-vinda para os analistas com pouca intimidade com os conceitos lacanianos, pela forma tão clara e engenhosa de explicá-los. Na sua concepção, todo sujeito é como um doce folheado, camadas sucessivas de cenas empilhadas normais e às vezes patológicas, conectadas entre si por um fio invisível que lhes dá unidade. Assim, um psicótico grave pode conservar regiões saudáveis em seu psiquismo (áreas do folheado), enquanto um indivíduo normal pode ficar, circunstancialmente, localmente perturbado quando sob domínio de uma cena fantasiada patogêna. Todos temos uma porção de loucura que nós mesmos desconhecemos e que pode se manifestar por um comportamento ilógico, rígido, peremptório ou repetitivo, por exemplo.

A forclusão é o mecanismo psíquico que está na origem dos estados psicóticos e que nomeia uma fratura psíquica. Foi proposto por Lacan, mas vem do vocabulário jurídico. Trata-se da rejeição radical do psicótico, com objetivo de não obedecer, de não querer saber e nem sofrer, da violência da agressão. É uma rejeição radical a admitir o trauma e de sentir a sua dor. Essa defesa brutal provoca uma falha no Eu, pois, quando uma pessoa forclui o insustentável, produz-se um branco, um vazio, um aberto mental que desorganiza o sistema psíquico (considere o doce folheado). O psicótico, então, tenta colmatar (preencher) desesperadamente a rachadura aberta com um delírio ou uma alucinação ou até se suicidando para não desmoronar de vez.

O inconsciente não existe a todo instante, ele só aparece em momentos privilegiados. É *acontecimental*: não existe nem antes nem depois, apenas durante o acontecimento. Ele nunca está lá antes. Ele aparece naquele lapso, naquele sonho, naquela manifestação involuntária. É uma centelha que brota em instantes cruciais do diálogo analítico e é coproduzido.

Mas, enquanto as manifestações do inconsciente – como os lapsos, os sonhos etc. – são simbolizáveis, ou seja, exprimíveis em palavras, as formações do gozo são feitas de emoções puras, não simbolizáveis, intraduzíveis em palavras, como, por exemplo, certas passagens ao ato compulsivas, doenças psicossomáticas, toxicomanias etc.

Ruth Naidin

Referência

Nasio, J.-D. (2002). *Um psicanalista no divã*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Recebido: 27/11/2022

Aceito: 04/12/2022

Ruth Naidin

ruthnaidin@gmail.com

Memória *TRIEB*

Conheça o analista^{1,2}

Fernando José Barbosa Rocha³

*Ser analista, ser objeto de transferência para uma outra pessoa
é, por sua vez, aceitar transferir parte de sua vida privada
para que outro reencontre - ou às vezes,
apenas encontre - sua própria vida privada.*

André Green (1974)

RESUMO O autor apresenta neste artigo algumas dimensões do fazer psicanalítico. Discute conceitos básicos da psicanálise – tais como: formação, inconsciente, linguagem, transferência, primeiras entrevistas –, articulados com algumas vinhetas clínicas. Faz um paralelo entre o *setting* cinematográfico e o *setting* psicanalítico, valendo-se de um caso clínico, a fim de melhor discutir o lugar da psicanálise e o lugar do psicanalista.

PALAVRAS-CHAVE: formação; inconsciente; transferência; *setting* psicanalítico/*setting* cinematográfico.

Algumas palavras sobre a formação

Ao ser convidado para participar desta atividade com os candidatos neste Congresso, sinto-me muito honrado e também consciente do peso da minha responsabilidade.

1. Trabalho originalmente publicado na Revista **TRIEB**, volume 4, n.1 e 2, em 2005.

2. Este trabalho foi discutido no Encontro com Candidatos “Meet the Analyst” no 44º Congresso Internacional de Psicanálise da IPA, Rio de Janeiro, 28, 29, 30 e 31 de julho de 2005.

3. Psicanalista. Membro Efetivo com funções específicas do Instituto de Formação Psicanalítica da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).

Se a finalidade deste encontro é “conhecer o analista”, considero pertinente iniciá-lo dizendo em poucas palavras o que penso ser de maior importância na formação psicanalítica. O termo “formação”, em um sentido mais abrangente, vincula-se ao de educar, tendo suscitado questionamentos, já que o vocábulo “formar” admite também o sentido de encaixar, de modelar a partir de um referente. Quando o ato de *formar* e *educar* atrela-se ao sentido de modelar, prevalece uma perspectiva de formação que visa a adaptar ou a adequar (Nascentes, 1932). Entretanto, outras concepções abordam a ação de *formar* ou *educar* como práticas que preparam o sujeito para lidar com o novo, o imprevisível, vendo nesse processo uma implicação com a “tarefa de renovar o mundo”, ou seja, uma *formação* ou *educação* apoiada na criatividade (Arendt, 1972).

Explorando essa temática, Hannah Arendt ressalta o paradoxo que encerra a ação de *educar* ou *formar*, uma vez que esta não pode abrir mão “nem da autoridade nem da tradição”, mas é, apesar disso, obrigada “a caminhar em um mundo que não é estruturado nem pela autoridade nem tampouco mantido coeso pela tradição” (p. 245-6). No entanto, apesar de vivermos uma época de enfraquecimento de valores éticos, em que predomina a busca do gozo incessante, o anseio pelo ilimitado, expressando a avidez de um homem que acompanha, controla, consome produtos e informações de maneira indiscriminada, o formador permanece tendo como ofício “servir como mediador entre o velho e o novo, de tal modo que sua profissão lhe exige um respeito extraordinário pelo passado” (p. 244).

Participando de um mundo no qual predomina o descartável e o efêmero, o homem tende a eximir-se de qualquer compromisso com o “longo prazo”. Tenta abolir vínculos entre passado e presente e, sem se voltar para o futuro, vive o “fluxo do tempo num presente contínuo”. Como quem corta o “presente nas duas extremidades”, busca “apartar o presente da história”, mantendo o tempo tão somente como um “ajuntamento solto, ou uma sequência arbitrária de momentos presentes” (Bauman, 1997, p. 113).

Assim, cresce a complexidade que envolve qualquer ação formadora, uma vez que, vigorando o fluxo contínuo de um tempo sempre presente, o processo de *formar* ou de *educar* refere-se não só ao conteúdo de um determinado conhecimento, mas também aos elementos constituidores de um patrimônio cultural, visando a tornar o homem ciente de sua história social e consciente do sentimento de pertencimento sociocultural, garantidor de uma memória passada que o insere em uma continuidade histórica.

Delineiam-se, então, duas visões opostas quanto ao ato de formar: uma, em que a formação restringe-se a um ato informativo, sem a preocupação de desenvolver uma capacidade crítica e que visa a modelar o sujeito já existente; outra, percebida em sua globalidade, transcende a informação ou mesmo o conhecimento, realça que a importante tarefa de uma formação é a de conduzir o sujeito para a *emancipação* e não para a *adaptação*. Esta última visão é, a meu ver, a mais apropriada à formação psicanalítica.

Consideramos, pois, que uma formação não deve se limitar nem a informar, nem à aquisição de conhecimentos, mas privilegiar a *emancipação de cada sujeito* (Adorno, 1995).

Quando Freud introduziu a noção de formação em psicanálise, empregando o termo *Ausbildung*, o fez querendo ressaltar uma concepção de formação que conduzisse a uma prática de autocrítica, de interrogação, em oposição à noção de modelo (Mannoni, 1989). Trata-se de um “voltar-se para dentro de si”, mas não como mergulho permanente no ensimesmamento, e sim como possibilidade de interrogar-se, principalmente no que se refere ao trabalho empreendido com o analisando. Assim, as acepções depreendidas do termo *Ausbildung* possibilitam vislumbrar o papel fundamental que a análise pessoal e a supervisão adquirem na formação psicanalítica.

No processo de análise pessoal, cujo acesso é determinado pelo dispositivo analítico da atenção flutuante, da abstinência, da livre associação e da transferência, são criadas as condições para que ocorra a prática da autocrítica, a indagação sobre o desejo e a possibilidade de ser analista, imprescindíveis no desempenho da função psicanalítica. No entanto, não podemos esquecer que a transmissão da psicanálise, além de ocorrer pela via privilegiada da análise pessoal, também se vale de outros caminhos, como o da supervisão e o do conhecimento dos pilares fundantes da teoria psicanalítica, que não serão diretamente abordados neste texto.

Quanto ao término de uma formação psicanalítica, este fica restrito a um tempo instituído segundo os critérios estabelecidos pela instituição, uma vez que a formação não está calcada apenas na aquisição de um conhecimento teórico. Não haveria, portanto, um término definitivo, mas um preparar-se para um novo ciclo, pois o “ensinável” em psicanálise é propulsor de um permanente questionamento que confronta o analista com o exercício de sua função. Formar seria, então, inserir o analista na dimensão indagadora em que o ato de investigar encontra-se indissociável de um saber em constante transformação.

Algumas palavras sobre o lugar de analista

Quando Freud insere a psicanálise no rol das ciências, exige que nela sejam reconhecidas as características singulares de seu objeto – o inconsciente – que, embora intangível, não perde sua “legitimidade”, ainda que só se revele como “consciente”. Mas, interroga: “Como chegar à consciência do inconsciente?”. E ele próprio responde: “após ter sofrido uma transposição ou tradução consciente” (Freud, 1915/1968, p. 65).

Esse processo de tradução é propiciado pelo “trabalho psicanalítico”, e para levá-lo a cabo, faz-se necessário que o analisando vença determinadas resistências. Por esse processo, Freud demonstra que “a hipótese do inconsciente é necessária e legítima” (p. 66), e nos lembra que o recalco produz efeitos que, por atingirem a consciência, garantem a veracidade do inconsciente, a legitimidade de sua suposição e o próprio trabalho analítico.

Uma vez que os efeitos do recalco podem chegar à consciência, a palavra será o elemento fundamental para o trabalho analítico. A ela cabe operar a circulação entre consciente e inconsciente, pois, ocorrendo por meio da consciência, é a palavra que também revela a existência do inconsciente, no momento em que rompe com a lógica da consciência. Em “Contribuição à concepção das afasias” (Freud, 1891/1983), Freud nos mostra que há, na linguagem, uma estrutura afásica, já que fenômenos como atos falhos, esquecimentos, lapsos podem ocorrer sem a justificativa de lesão neurológica – em estados de cansaço, ou como no caso das crianças que inicialmente aprendem a mensagem falada para, posteriormente, adquirirem o signo. Podemos, então, compreender a amplitude que há na ruptura que Freud opera ao abandonar o método hipnótico em proveito da associação livre, técnica que visa, por meio das palavras, a abrir vias de acesso ao inconsciente, possibilitando que conflitos ganhem expressão por meio da não seleção voluntária de pensamentos, do material onírico, do lapso da fala, dos equívocos na ação etc.

O desenrolar desse processo exige um *setting* analítico: espaço onde se estabeleça um jogo de posições que envolva analista e analisando. Nesse jogo, porém, o único que efetivamente deve ter uma clara posição, um lugar definido, é o analista, já que o analisando, via de regra, busca a análise justamente por não conseguir ocupar um lugar a ele conferido.

Nem sempre quem vem ao consultório de um analista pedir ajuda chega com o desejo consciente de realizar um trabalho analítico. Sabemos todos que o neurótico que geralmente nos procura é aquele que não aceita a

troca já realizada e irreversível entre os ideais do ego ideal e o ideal do ego – ideais da cultura⁴.

Dizer, então, que já foi aceita a troca dos ideais do ego ideal pelos ideais do ideal do ego é dizer que o objeto materno, enquanto objeto do desejo incestuoso, já foi renunciado. Neste caso, o sujeito, mesmo sob conflito, estaria interdito; já estaria, mesmo sem o saber, submetido à castração simbólica.

Entretanto, o que o faz sofrer é justamente a produção de sintomas que expressam a sua resistência em aceitar esse lugar. Sob esse enfoque, a análise não seria buscada pelo sujeito com o objetivo de fazê-lo aceitar a interdição à qual já fora submetido. Em geral, o sujeito que busca análise o faz movido pelo desejo inconsciente de que a análise o faça voltar a uma suposta indiscriminação, responsável pela “felicidade perdida”.

Embora a psicanálise não se reduza à comunicação verbal – bem sabemos que, no processo analítico, todo gesto e toda ação, enquanto língua, podem estar repletos de sentido –, somente através dessa forma de expressão torna-se possível ao analista discriminar se a significação oferecida aos vários sentidos produzidos pelo paciente traduz conteúdos inconscientes. É ocupando um lugar simbólico que pode o analista obter uma escuta na qual lhe seja possível distinguir no paciente o que dele fala por meio do processo primário – linguagem assimbólica –, mesmo que essa fala seja expressa pela linguagem simbólica – processo secundário. É desse lugar que a linguagem, para o analista, antes de se prestar a informar, visa a provocar/evocar no paciente tudo aquilo que de sua história permanece adormecido, porém pulsante, à espera de expressão. É assim que, no processo analítico, as várias associações feitas pelo paciente talvez não passem de um *nonsense*. Quando surgida de uma evocação – de algo que provoca no paciente uma sucessão de imagens cujo conteúdo se autonomiza na situação invocadora – o *nonsense* se transforma em uma produção de sentido.

No que concerne à interpretação, concordo com Aulagnier (1996), quando situa o “interpretável” como sendo um “objeto” que somente pode se constituir no espaço do tempo da sessão e que vai “exercer uma ação de imantação e

4. Embora o conceito de ego ideal possa ser depreendido do texto freudiano, aceitamos a definição fornecida por alguns autores que conceituam como uma formação intrapsíquica na qual predomina o ideal de onipotência narcísica, forjado sobre o modelo do narcisismo primário. Para Lagache, por exemplo, o ego ideal é concebido como um ideal narcísico de onipotência – ou seja, a mãe. Já para Lacan, o ego ideal é também uma formação essencialmente narcísica que encontra sua origem no “estádio do espelho” e pertence ao registro do imaginário.

de seleção sobre os pensamentos que se apresentam na psique dos dois sujeitos”, constituindo um momento de encontro da dupla paciente-analista, momento de interpretação, de colocação em palavras. Trata-se de um momento de um “compartilhar emocional, que permite ao paciente ter acesso a algo que até então estava excluído de seu leque relacional” (p. 401).

O cinto

Certa vez, o analista recebe sua paciente com alguns minutos de atraso. Esta não faz qualquer alusão ao fato. Já no divã, nela perfilam sucessivas imagens, cuja tônica é a queixa: queixa-se de que o analista não lhe havia respondido às perguntas que fizera na sessão anterior. Em seguida, tece comentários sobre o desinteresse do analista em relação à sua pessoa. Ao mesmo tempo se perguntava até que ponto tudo isso não seria um indicador de que o analista não desejava prosseguir seu tratamento, dispensando-a. Na sessão seguinte, ela esquece um cinto na sala de espera e, quando retorna à sua sessão seguinte, encontra seu cinto sobre uma mesa. Ao entrar, exclama: “Ao chegar em casa, dei-me conta de que havia esquecido meu cinto aqui”. Pega o cinto e deita-se no divã. Em seguida, menciona ter sonhado, na noite anterior, com um tio. Esse tio desempenhara um importante papel na vida da paciente, uma vez que assumiu a função paterna desde que seu pai morrera. Sem se prender ao relato do sonho, conta o fato seguinte: ainda criança, insistira em acompanhar o tio em uma viagem aérea. Em meio à viagem, ele passa mal, vindo a enfartar e, em seguida, morrer. “Eu estava sentada ao seu lado quando ele desmaiou. Lembro-me da aeromoça desatando os nossos cintos e levando-me para os fundos do avião sem que eu soubesse exatamente o que ali se passava”. A paciente faz uma pausa e diz: “Eu era ‘amarrada’ nesse meu tio”. O analista pontua, evocando a imagem do cinto – sentir – que ali esquecera. Nesse momento, a paciente se emociona e chora. Entre pranto e palavras, faz uma ligação com o que sentira com o analista, dizendo: “Talvez por isso eu tenha tanta facilidade para viver sempre a iminência do desinteresse por mim, do abandono”.

Nessa sequência de cenas, ressalta-se a surpresa, pois em nenhum momento houve uma intencionalidade no atraso do analista, nem a negação de tal ocorrência. Portanto, se o atraso surpreendeu a paciente, sendo o móvel de uma cadeia associativa, não deixou de surpreender o analista, ao constatar que um atraso, que não fazia parte de qualquer estratégia que beneficiasse uma técnica, produzisse um efeito seguido de tais desdobramentos. Ao lado disso, não deixa

de ser surpreendente a magnitude do efeito causado por um atraso que, se pensado em termos cronológicos (cinco minutos), poderia ser irrelevante.

O atraso do analista provocou na paciente as várias vivências de perda, abandono e morte. Diante dessas ameaças, nas quais passava a ser incluído o analista, a paciente comete um ato falho se deixando presente através do cinto. Cinto que a manteve “amarrada” ao tio-analista. Amarração que somente pôde ser elaborada no momento em que verbaliza a morte do tio na cena analítica. A expressão verbal propiciou-lhe, por meio de uma revivência diferenciada, a simbolização, na qual se tornou possível distinguir o seu pensamento imaginário que, por meio da transferência, fundia a figura do tio à do analista. Atravessada por um *acontecimento vivencial*, há na paciente uma subversão do seu pensamento imaginário, permitindo-lhe discriminar as figuras do tio e do analista, encontrando, ao mesmo tempo, na cena analítica, não só o lócus dessa vivência, mas o anteparo à dor, que, embora abafada e aprisionada, esperava o “ritmo que a libertasse”, no dizer do poeta Mário Quintana. A força libertadora da palavra vibra melhor quando dita no seu poema “Emergência”:

*Quem faz um poema abre uma janela
Respira, tu que estás numa cela abafada,
Esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas têm ritmo
para que possas enfim,
profundamente respirar.
Quem faz um poema salva um afogado*

Mário Quintana (1977)

Podemos comparar o *acontecimento vivencial* da cena analítica como uma singularidade impossível de ser prevista, tanto pelo paciente como pelo analista. Talvez possamos comparar tal situação àquela vivida pelo navegador: este pode até conhecer tudo sobre um caminho que irá percorrer – todas as paradas, todas as paisagens que encontrará –, porém jamais poderá prever como ocorrerá cada viagem, à semelhança do psicanalista, que, embora conheça o caminho teórico que constitui o processo analítico, jamais poderá prever cada cena analítica. Em ambos os casos, do navegador e do analista, a singularidade consiste na própria realização do percurso, que jamais poderá ser descrito antes de ser realizado. É no percorrer que o percurso se revela. Só podemos dizer sobre um *acontecimento vivencial* na cena analítica após sua realização, o que significa

fazer um relato. Relato que, à maneira daquele feito pelo navegador sobre a sua viagem, está marcado por um conhecer sobre a arte de analisar.

Em ambos os casos, o êxito da viagem – seja do navegador, seja do analista – depende da maneira como conduzir o “barco”, implicando a aceitação de que apenas o conhecimento teórico do funcionamento de um barco ou do processo analítico, embora necessários, não são suficientes para garantir o percurso da viagem. Lançar-se, porém, como navegador-analista a conduzir um barco sem nada saber sobre essa arte, não garante que somente o percurso ensinará a navegar. Assim como a experiência do navegador se faz acompanhada de um conhecimento que advém do acúmulo das vivências das várias viagens, da mesma maneira ocorre na viagem analítica. Se o conhecimento teórico não garante o êxito do navegar – tanto da navegação, quanto da psicanálise –, isto não quer dizer que em ambos os casos somente o acúmulo de experiência seja suficiente. Na viagem analítica, deverá ser incluída, entre o conhecimento teórico e a experiência, a própria viagem analítica do analista, que antes de tornar-se analista fora analisando. Por ter navegado na sua própria análise, o analista reúne as condições básicas que, somadas ao desejo de tornar-se analista, poderão lhe possibilitar ser um ocupante do lugar de analista.

O analista, por experiência – já que um dia também foi paciente –, não ignora que situações como férias, atrasos, reajustes de honorários, impossibilidades de atender, ou mesmo uma troca de horário provocam mobilizações nos analisandos. O que surpreende é a maneira singular através da qual a história de cada um é evocada. O analista jamais seria totalmente surpreendido face a reações de um analisando que, ao longo do processo analítico, tem reativadas suas vivências de perda. Porém, o que surpreende, e certamente continuará surpreendendo, é a maneira singular pela qual cada analisando irá apresentar essa reação. Surpresa que jamais será abolida, pois não há como o analista prever através de qual situação a história de cada analisando será evocada. Não há, portanto, uma fórmula capaz de estipular o modo de o analista proceder nessas situações. O que não quer dizer que, sabendo que tais circunstâncias são mobilizadoras, não corra o risco de estabelecer uma relação calcada no seu próprio pensamento imaginário, antecipando-se com interpretações, antes de o elemento surpresa ser expresso pelo analisando. Sabemos que as férias do analista causam, por vezes, alguma mobilização no analisando. No entanto, sugerir-lhe o que ele sente com a separação é impedi-lo de expressar o que de fato nele está sendo mobilizado. Ao mesmo tempo, com essa postura, o analista estaria evitando para si as surpresas advindas da verdade inconsciente de cada analisando.

Já o analista é, como sugeriu Freud em “Totem e tabu” (1912/1970a) e em “Dinâmica da transferência” (1912/1970b), o lugar de suporte da transferência. Nesse lugar, é exigido do analista manter-se presente-ausente. Presente, porque ele é a mola propulsora da cadeia associativa, como lembra Freud, “não há transferência em ausência”. Se é possível dizer que a transferência perdura fora do *setting* analítico, é porque antes já houve presença. E “ausente”, no sentido de o analista não agir sobre o analisando a partir de conflitos ou valores pessoais. Neste sentido, enquanto lugar de transferência, o analista é suporte e representante das vivências inconscientes, que se expressam por meio das associações livres do analisando.

O pedreiro

Um analisando, de origem estrangeira, nos primeiros meses de sua análise, conta que havia sido separado dos pais, aos quatro meses de idade, devido a uma doença contagiosa que a mãe contraíra. Por isso, fora viver com os avós em uma pequena cidade do interior de seu país. Em análise, ele vinha falando sobre a figura paterna e, nesse dia, comenta, parecendo emocionado, sobre semelhanças entre a casa dos avós de sua infância e o ambiente do pátio do meu consultório. Refere-se às cores, aos odores, aos sons e ao mobiliário. Após certo silêncio, diz: “Hoje, ao sair de casa, vi, numa construção, um homem que lembrou você. Era um pedreiro, e tinha um ar inteligente... Ele estava sentado e tinha as mãos postas sobre os joelhos... Mãos calejadas. Para mim, mãos calejadas representam dignidade”. Silencia e depois exclama: “Ah, que coisa! O meu avô era pedreiro!”. Começa a trazer lembranças de sua infância, nas quais aparece uma demanda de atenção e de reconhecimento por parte da figura paterna. De minha poltrona, surpreendo-me pensando em uma das falas do meu ex-analista sobre a repetição: “Aquilo que se repete é o que não teve resposta, é o que faltou, pulsão amorosa sem resposta”. O encontro das transferências, nessa experiência analítica, abria novos caminhos psíquicos através do “pedreiro” – “pedra” – “Rocha”.

Podemos dizer que a meta principal da psicanálise é propiciar um movimento mais livre da energia psíquica, criando a formação de cadeias significantes, conduzindo a um movimento no qual se deem significações e ressignificações. Nesse sentido, dizer que o analista não apoia sua escuta em valores pessoais e em sua subjetividade é afirmar que, mesmo quando sua escuta é atingida pelo discurso do analisando, o analista deverá ir além do significado formal do que está sendo ouvido, sem fazer atuar suas vivências e associações,

mantendo-se em lugar discriminado àquele do analisando. Lugar do simbólico, o “lugar de analista” possibilita ao analista representar, de diferentes formas, os personagens demandados pelo analisando.

Se a receptividade é uma das qualidades mais importantes de um analista, permitindo, momentaneamente, que ele se deixe invadir pelo espaço psíquico do analisando sem reagir (Miller, 1996), não significa que ele “atue” a transferência do seu paciente. Dessa forma, podemos conceber a neutralidade como a capacidade de tratar e utilizar a própria realidade psíquica de uma maneira relativamente impessoal ou “despersonalizada”, deixando-se usar pelo analisando, enquanto objeto de transferência, para, no momento considerado adequado, retirar a máscara do personagem que lhe havia sido posta pelo movimento transferencial.

A partir do momento em que uma pessoa se instala na sua poltrona para escutar uma outra pessoa, numa sessão de análise, ela não mais dispõe dela própria para si mesma. Podemos, nesse caso, nos perguntar no que ela se transforma. A essa pergunta, Freud responde: “num instrumento” e acrescenta não ser fácil tocar o “instrumento psíquico”. P. Miller (2001) sugere que, se prosseguirmos nessa metáfora musical, seria mais adequado se pensar no aparelho psíquico transformado em uma harpa que vibrasse às palavras e à voz do paciente. Assim, diz ele, quando o analista, durante a sessão, sente ódio, amor, desejo, raiva, chateação, alegria etc., é preferível que não faça como se não estivesse sentindo nada, ou que atue os seus afetos. Se a neutralidade analítica não consiste em não sentir afetos, mas a não deixá-los prosseguir seu caminho “natural”, a força que esses afetos introduzem no processo analítico não deve ser abafada, pois se situa na origem da transformação psíquica. Penso que não se deve, selvagememente, “devolver” para o analisando o que estamos sentindo, dizendo-lhe simplesmente que é ele que está nos fazendo sentir tal ou qual afeto, mesmo porque não devemos esquecer que o inconsciente do analista, estando exposto, sendo acionado pelo que ele escuta do analisando, poderá ser sensibilizado, tanto no sentido de seu bom uso no processo analítico ou provocar resistências, “pontos cegos” na sua escuta. Daí a pertinência da análise do analista, pois sendo – enquanto analista – objeto de transferência, pode ser fator de mudança psíquica, dependendo da maneira como vai operar no campo transferencial. Desse modo, o analista jamais estará apto para se valer do que sente como se ele fosse um arauto do que o analisando teria dificuldade de dizer. Assim, à “contra-transferência sensitiva”, devemos antepor uma escuta do inconsciente, calcada nas associações livres e expressões transferenciais do analisando.

L. C. Menezes (1989), comentando sobre os riscos da transferência passional nas instituições de psicanálise, lembra que Piera Aulagnier descreve um tipo de psicopatologia clínica na qual o sujeito, para seu próprio equilíbrio, necessita induzir nos outros relações passionais. Menezes ressalta também que, para Aulagnier poderia existir entre os psicanalistas um “desejo de alienar”, suficiente para percebermos o quanto “a introdução da pulsão de morte na compreensão da transferência tem incidências sobre a patologia psicanalítica dos psicanalistas” (p. 25). Para Aulagnier (1996),

o que aparece, então, são os riscos de alienação passional, contidos na imobilização narcísica, defensiva, representada pela posse de um saber idealizado. Analistas e analisandos poderiam ficar, por essa via, protegidos da perda, já que no fim tudo continua, através do gozo partilhado do saber e do poder no seio da instituição. (p. 261)

Somam-se às reflexões de Aulagnier as de Freud, em “Observações sobre o amor de transferência” (1915[1914]/1970c), em que afirma que satisfazer a necessidade de amor é tão desastroso e aventureiro quanto abafá-la. Sobre essa afirmativa, Miller (2001) acrescenta que, sobre o sentir do analista, na sua mais íntima dimensão psíquico-corporal, deve haver um trabalho de elaboração específica que o impeça de fazer um uso pessoal de seu sentir. O êxito desse impedimento dependeria do esforço do analista para continuar a sentir sem parar de pensar, suspendendo, tanto quanto possível, o agir e reagir a partir da descarga de afetos. A suspensão da descarga permitiria, então, virtualizar o que estava prestes a acontecer numa resposta agida. Esta proposta de trabalho psíquico parte da evidência de que, embora seja o analista quem sente aquele afeto, não é ele quem é visado. Desse modo, pensa Miller (Idem. 2001), que a evidência do que é sentido constantemente, quando submetido a uma suspensão de atribuição e de propriedade, adquire uma dimensão outra, propiciando um distanciamento que permite a instauração da dinâmica do jogo simbólico. Assim, durante a sessão, os afetos do analista – submetidos às modalidades do seu trabalho de transformação interna – se constituem na possibilidade oferecida ao analisando de sair da compulsão de repetição. O autor lembra ainda que, para Freud, no que concerne à especificidade do trabalho do analista, a via na qual este deve engajar-se é distinta daquela da vida real. Por isso, ele nem deve satisfazer a necessidade, nem abafá-la. A neutralidade, nesse caso, estaria longe de proteger o analista. Ao contrário, ela o engaja em um incessante trabalho a fim de ele não responder pessoalmente. Ressalta Miller (Idem 2001), que a abstinência está

na origem da dinâmica da cura, que ela não é um estado, mas um movimento psíquico, resultante de um constante trabalho de regulação e de transformação das pulsões que o analista impõe ao seu aparelho psíquico.

Sob essa ótica, cabe lembrar Widlöcher (1979), para quem conduzir-se como psicanalista é ser capaz de desenvolver um modo específico de funcionamento mental que não nos é natural e para o qual nos prepara a nossa análise pessoal. O que se espera de um analista, então, é que cumpra sua função de catalisador do encontro que o paciente deverá fazer consigo mesmo, conduzindo-o a *tornar-se o que é*. Herrmann (2000) faz uma pertinente analogia entre a “cura psicanalítica” e a “cura do queijo”: “curado”, diz ele, “um queijo torna-se plenamente ‘queijo daquela espécie’”. E enfatiza que a cura na análise é a cura do desejo. Nessa acepção de cura, podemos compreender a cura analítica como aquela que visa propiciar ao paciente tão somente adquirir condições de realizar da melhor maneira possível suas potencialidades, uma vez que não se trata de retirar ou mudar alguma coisa da personalidade, mas de sazonar, amadurecer, desenvolver, palavras essas relacionadas à cura.

Algumas palavras sobre o relato clínico

O relato escrito de uma experiência clínica psicanalítica pode ser entendido como um tipo de criação reveladora de uma tentativa de travessia de um caminho que, perpassando a experiência do inconsciente – expressa na cena analítica por intermédio da transferência/contratransferência –, chega ao escrito. Quando dizemos que o relato clínico é uma “tarefa impossível”, é no sentido de que, por meio dele, tentamos comunicar algo que, sendo da ordem do processo primário, somente se torna comunicável a partir de uma linguagem simbólica, cuja expressão exige o processo secundário.

Diferente do que se passa com algumas áreas do conhecimento, a psicanálise, em sua dimensão clínica, é a que mais dificilmente se deixa resumir. Em outras disciplinas, a aproximação que possibilita ir da teoria à prática e vice-versa pode permitir a esquematização entre ambas. Tal aproximação, no entanto, não se faz alcançável na experiência psicanalítica, pois se nela há um objeto – o inconsciente –, esta experiência é da ordem da singularidade, constituindo-se em cada sujeito como uma “viagem” única e imprevisível. Viagem comparável a navegar à bússola: é somente *a posteriori* que se estabelecem os mapas e os levantamentos. Mas estes são indispensáveis à elaboração de uma experiência de outra maneira não governável (Pontalis, 1968).

O relato clínico é o resultado de uma escolha de momentos da experiência analítica que, ao ganhar uma expressão escrita, se torna o resultado do material de reflexão do analista. Portanto, o relato clínico é o momento de revelação de uma escolha, traduzindo a possível implicação, tanto teórica quanto subjetiva do analista.

Escrever a experiência clínica psicanalítica seria, assim, impossível, embora possamos escrever sobre uma experiência clínica. Podemos arriscar dizendo que tal escrita – por pressupor uma escolha – constitui-se também num momento de discriminação do analista, no qual ele, tomando distância da situação clínica, pode melhor elaborá-la. Momento de “descolamento”, de recuperação de seu próprio nome, já que o analista esteve imerso nos movimentos transferenciais.

A paixão de Françoise: sobre o olhar na cena psicanalítica

Da solidão de sua poltrona e penumbra de seu consultório, o analista vai iluminando as imagens que vão se formando a partir de sua escuta, escuta que convoca o seu imaginário e vai construindo cenas como um “filme”, cujo enredo (ou *script*) deve pertencer ao analisando. Buscando não se enredar no “enredo” do analisando, a “montagem” do filme, realizada pelo analista, no entanto, não poderá deixar de ter a sua marca. Assim, traduzindo em imagens o que escuta, ele não é apenas um espectador. Continuemos o nosso paralelo com o cinema: se neste as imagens podem acionar o inconsciente do espectador, na escuta analítica, ainda que o mesmo fenômeno ocorra, o analista não deverá se deixar invadir pelas emoções, como normalmente fazemos no “escurinho do cinema”. O que o analista sente, quando ocupando o lugar de analista, deve sofrer um trabalho de elaboração específica, que o desvia de um uso pessoal. Entre o *setting* psicanalítico e o *setting* de um filme existe algo em comum que é o olhar, guardando-se, bem entendido, as delimitações e as especificidades de cada campo. Se o olhar é o ponto em comum, vejamos agora algumas diferenças: a “entrada em análise”, não se resumindo à entrada no consultório, diferencia-se, evidentemente, da entrada numa sala de espetáculo. Todavia, a entrada em análise pode ir se esboçando desde o face-a-face das entrevistas preliminares, que podem conduzir o potencial paciente a implicar-se naquilo do que se queixa, e transformar assim um pedido de ajuda em demanda de análise.

O momento das entrevistas preliminares possibilita ao analista situar-se diante do tipo de demanda que lhe faz o entrevistando – paciente em potencial.

Nos casos em que o método psicanalítico for constatado como pertinente, ao analista cabe tentar transformar o pedido de ajuda em demanda de análise. Além disso, se há um prólogo da análise, este não se restringe apenas às interrogações referentes à demanda do entrevistando, mas também àquelas que o analista deverá se fazer sobre suas possibilidades de assumir o lugar de analista com aquele paciente singular (Rocha, 2000).

Se partirmos da ideia de que se submeter ao protocolo analítico, pagar os honorários, deitar-se no divã etc. não é suficiente para assegurar que uma análise ali esteja se processando, as entrevistas preliminares poderão constituir um momento decisivo para que se estabeleça um processo de análise que conduza à abertura do inconsciente, assegurando, assim, uma nova modalidade de funcionamento psíquico. Deste modo, a experiência psicanalítica visa a ser uma possibilidade de o paciente realizar uma experiência do inconsciente que o conduza à sua singularidade e à quebra da onipotência.

A respeito das entrevistas preliminares em psicanálise, P. Aulagnier (1973) fertiliza o debate quando formula a hipótese de que a análise ocorre quando o entrevistando aceita a existência do inconsciente. Essa hipótese indica também que, mesmo sem haver um saber formalizado do entrevistando ou um saber convergente com o do analista sobre a ideia de inconsciente, o reconhecimento de que este existe provocará impactos e consequências ao longo do processo. Essa abordagem traz, embutida, a ideia de que o sujeito teria consciência do conflito interno, possível indicador para ter justificada a sua demanda de análise. Nos casos em que não há indicação de “análise clássica”, quando o paciente se expressa sobretudo através de comportamentos sintomáticos que ocupam o lugar da elaboração psíquica, quando não há, por parte do paciente, a busca de um sentido inconsciente para o sofrimento, quando a ideia de um tratamento pela palavra é desvalorizada e o analista é mais solicitado na sua pessoa do que na sua função, é inquestionável a necessidade de se operar modificações no *setting* a fim de se fazer face a essas situações.

Além disso, se, na experiência de análise, a sequência das sessões é dada pela associação livre das ideias, movidas pelo inconsciente e conectadas pela transferência, no cinema, embora o inconsciente não esteja excluído, evidentemente ele está fora desse dispositivo psicanalítico. Existem, portanto, regras tanto para a condução de uma análise, como para a condução de um filme. Outro ponto de diferença relevante é que o olhar do analista não deve ser apenas olhar de prazer, de gozo de assistir, mas um olhar que, considerando a transferência, deve se destacar da imagem, levando o analista a pensar na condução do processo analítico para que este não fique desgovernado.

Se o destacar-se da imagem nos leva ao pensar, o analista, ao dispor no consultório a sua poltrona atrás do divã, estaria tentando dar uma forma concreta à divisão entre o olhar e o pensamento, instituindo assim a perda de vista como condição do pensar (Pontalis, 1968). Outro ponto a ser ressaltado é que, se no cinema o espectador deixa-se levar pelas emoções, a postura do analista quando ocupa o lugar de analista é bem diversa. Optei por uma abordagem clínica da temática do olhar na psicanálise, lançando mão de cenas de uma experiência psicanalítica, imaginando-a como o roteiro de um pequeno filme ou curta metragem. Imaginemos o nosso filme psicanalítico!⁵

Cena 1: A primeira entrevista

Estamos nos anos 1970, em Paris, onde eu clinicava naquela época. Françoise apresenta-se, para sua primeira entrevista, bem-cuidada e vestindo-se com elegância. Apesar do tórrido verão, ela não se separa do casaco com o qual está vestida. Expressão arrogante, tom de voz quase agressivo, mostra-se como se nela não houvesse falhas. Não há demanda de ajuda explícita, nem tampouco de análise. Diz ter vindo por indicação do analista X e, neste primeiro encontro, limita-se a falar sobre suas atividades como professora-assistente de uma universidade de Paris. Com uma postura aparentemente presunçosa e reativa, parecia defender-se com uma armadura de espinhos. Quando vai embora, deixa-me a impressão de lutar contra uma profunda depressão. Fui acolhedor e tive o cuidado de não ser intrusivo. Ao “perdê-la de vista”, dou-me conta de haver sentido por ela uma certa antipatia e fiquei pensando sobre o que teria se passado naquele primeiro encontro.

(Plano fixo, onde se vê Françoise face a face com o analista). Voz em *off*.

No seu fazer clínico, com cada paciente, o analista é questionado, de modo singular. É questionado, não apenas teoricamente, mas também em seu próprio ser, em sua própria carne. Ocupando o “lugar de analista”, quando, de sua poltrona, escuta seu paciente, ele não mais dispõe dele próprio para si. Segundo Freud, como já dissemos, o analista se torna “um instrumento”, e acrescenta não ser fácil tocar o “instrumento psíquico”. Assim, quando o analista,

5. Apresento este caso clínico de modo semelhante ao que foi apresentado em mesa-redonda: “O olhar no cinema e na psicanálise”, na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, por ocasião do lançamento da revista **TRIEB**, número especial sobre psicanálise e cinema, em que faço um paralelo entre *setting* psicanalítico e *setting* cinematográfico.

durante a sessão, sente simpatia ou antipatia, é preferível não ocultar o que sentiu, nem tampouco atuar os seus afetos. Esse trabalho psíquico parte da constatação de que, embora quem sinta seja o analista, não é ele quem é visado. A evidência do que é sentido, constantemente submetido à uma suspensão de atribuição e de propriedade, adquire uma dimensão outra, um distanciamento, permitindo a dinâmica do jogo simbólico. Deste modo, o sentimento de antipatia sentido naquela primeira entrevista é colocado em suspensão, podendo ser elaborado pelo analista.

Cena 2: “Não consigo tirar os olhos de você”

(Plano fixo onde se vê Françoise mirando-se numa fonte). Ouve-se em *off*.

*A penúria de quem
de tanto amar sem rumo
anda só e revém
sempre ao mesmo trajeto
para alinhar em círculos o aberto*

Rogério Luz (2005)

Plano móvel do analista que fala: Uma semana depois, em nossa segunda entrevista, Françoise parece ser uma outra pessoa: malcuidada, triste, frágil. Mostra-se desamparada e conta-me, entre soluços, viver uma paixão amorosa por P, a quem idealiza, e de quem se sente dependente. P é um renomado professor, de quem Françoise diz já ter sido amante e de quem é assistente na universidade. Explica-me que, se, por um lado, consegue ser autônoma e ativa, desempenhando bem as suas funções profissionais, por outro, vive períodos de quase completa prostração, nos quais se tranca em casa, ficando muitas vezes “largada” no chão, em posição fetal, num canto do apartamento. Sem alimentar-se e descuidando-se da higiene, respira com dificuldades, “num estado de desamparo, como se a vida lhe estivesse escapando”. Para que volte a “funcionar”, como ela diz, faz-se imperioso vê-lo. “Ele é o meu oxigênio”.

(Ouve-se o refrão de uma música que diz: “Não consigo tirar os olhos de você”). Voz em *off*.

O desenrolar dessas cenas no espaço analítico se dá com a expressão de grande sofrimento por parte da paciente, o que é diferente das cenas que podemos ver mediante a projeção numa tela de cinema. Enquanto, no cinema, o

sofrimento é sobretudo tratado do ponto de vista estético, no espaço analítico não é bonito o que Françoise conta expressando a sua dor.

Cena 3: Sonho da criança incompleta

(*Close sobre Françoise que diz, voltada para a câmera, a fala que segue*)

“O sonho ocorria onde a gente morava quando eu era pequena. Eu estava zangada com a minha mãe. Meu pai também aparecia, mas como espectador. Na casa havia um canto que me pertencia e era onde estava a criança anormal, incompleta, feia, que mijava nas fraldas, mas que, ao mesmo tempo, era grande e falava como adulto. Ela morava comigo e com minha mãe que não queria que se ocupassem da criança. Mas eu me ocupava muito bem. Às vezes a criança era guardada na geladeira, às vezes eu estava com ela no *toilette*, o que provocava brigas enormes com minha mãe”.

(Plano fixo de uma criança de costas e da mãe com os olhos fechados).
Voz em *off*.

A vista, nós podemos perdê-la, mesmo quando dela dispomos. Nós a perdemos quando estamos fascinados, medusados, quando a morte e não a vida está nos nossos olhos (Pontalis, 1968). Supomos que ela é essa criança incompleta que não teve o olhar da mãe; esse bebê que quer ser olhado como não foi olhado; é o bebê que ela quer cuidar, mas na condição de ser escondido do olhar da mãe. O que que terá de especial esse olhar? Talvez, representando um bebê incestuoso, a mãe não tivesse podido olhá-lo? A angústia escópica da mãe poderia ser uma expressão sintomática de suas fantasias incestuosas e consequente desejo de morte do bebê? Essa problemática materna aparece numa cena contada por Françoise, na qual sua mãe aparece tentando contrainvestir os seus desejos inconscientes de morte do bebê-Françoise, quando não permitia que este fechasse os olhos para dormir. Não podendo olhar para o bebê, a mãe não pôde autenticar a imagem de Françoise? É por isso que Françoise precisa esconder o bebê do olhar mortífero, do olhar medusante da mãe? Essas interrogações nos levam a pensar na grande importância que teve para Françoise o olhar de P. É essa vivência do olhar que a mãe não deu, que Françoise pôde vivenciar com P, que a assegurou; olhar esse que ela perde quando P desaparece. A perda desse olhar a faz entrar em crise e o sintoma depressão passa a estar em função da perda amorosa. Através do sonho, podemos melhor compreender as vivências transferenciais de Françoise em relação a P. Este parecia representar para ela um ideal narcísico de completude – espécie de duplo – que, numa rela-

ção em espelho, deveria refletir uma imagem ideal, evitando, assim, a falha narcísica. Esse momento, que lembra o da construção do narcisismo primário, nos faz pensar no primeiro olhar da criança que, ao ver a própria imagem, imagina estar vendo um outro. Olhar que, lembrando o de Narciso debruçado sobre a límpida água da fonte Téspias, ao se ver, não mais pôde abandonar a fonte, pois, fazê-lo, seria abandonar a si próprio. É esse olhar que parece acender a paixão de Françoise. Olhar que não discrimina, posto que se faz respiração, oxigênio. Desse modo, contemplando, entrega-se ao sofrimento de um amor impossível, perdendo-se no outro.

Assim, quando o olhar perde de vista o objeto, surge a dor e o que está em jogo é algo da ordem da perda do olhar, de um olhar que pudesse autenticar a imagem própria do eu.

Cena 4: De olhos abertos

(Aparece a projeção de um filme super-8 com cenas da infância de Françoise com seus pais, seus avós e sua irmã). Voz em *off*:

Françoise tem, aproximadamente, trinta anos e possui o mesmo nome que o pai, no feminino. Este, já falecido, é descrito como uma pessoa plena de qualidades, e a ela dedicado, enquanto a mãe estava mais voltada para a irmã seis anos mais jovem. Entre queixas e críticas à mãe, conta-me que, certa vez, ouvira uma conversa entre a tia e a mãe, em que esta última dizia ter ficado muito nervosa, logo que a filha Françoise nascera: “Temendo que o bebê viesse a morrer, a impedia que fechasse os olhos para dormir, receando que não os abrisse nunca mais”.

Françoise cresce de “olhos abertos”, mas apresentando dificuldades para se ver, para se discriminar. Nela falta um olhar marcado pela diferença.

Após várias entrevistas, quando Françoise assume estar sofrendo e se coloca algumas questões, decidimos iniciar a análise.

Até o primeiro ano da experiência analítica, a constituição do campo transferencial se configurava de uma maneira particular: ela investia maciçamente o professor P, sem fazer qualquer referência ao analista, embora estivesse pontualmente em todas as suas sessões, demonstrando que tanto o analista quanto a moldura psicanalítica pareciam desempenhar uma função continente, vital para a paciente. Da minha poltrona, decido não movimentar muito a “água da fonte”, o que poderia perturbar os movimentos identificatórios que pareciam fundamentais para Françoise, naquele momento.

Cena 5: Perder de vista

(Vê-se plano fixo do consultório com o divã e a poltrona vazios). Voz em *off*.

Se, enquanto objeto de paixão, P refletia para Françoise a sua identidade, fazia-se necessário acalmar a angústia que suscitava a sua ausência, assegurando-a de que ele estava inteiramente à vista. Assim, “perder de vista” sendo o mais insuportável da perda, anunciava a sua incapacidade de amar o não-visível.

Cena 6: Hemorragia narcísica

Num discurso em que predominava a paixão, surge repentinamente em Françoise uma vivência da qual emerge o ódio, quando o professor P publica um livro e em seguida é entrevistado na televisão. Naquele momento, mostrando-se muito raivosa, Françoise fecha-se em casa, telefona para P, que não responde aos seus apelos. Deprimida e desesperada diz: “Não vou me suicidar, mas tenho ímpetos de ir embora, de partir para o hemisfério sul. Sinto uma enorme não-existência, sinto-me enlouquecer! Quando ele aparece na televisão, ele existe para os outros, não quero que ele exista para os outros. Ele se comporta como uma puta intelectual”. E acrescenta, vivenciando um estado de hemorragia narcísica: “Após este programa na televisão eu não me mexia. É como se estivesse me suicidando cortando as veias. Quanto mais eu o percebo forte, mais me sinto fraca, morta”.

(Aparecem dois planos: num deles vemos o professor P sendo entrevistado, enquanto, em outro, vê-se Françoise em casa, prostrada, em sofrimento). Em *off*, ouvimos:

Para Aulagnier (1979), na paixão amorosa, o eu coloca o eu do outro não somente como objeto de prazer, mas também como objeto de necessidade, ficando o próprio eu como se privado daquilo que somente o objeto poderia tornar possível.

Menezes (1989) nos lembra de que André Green, em artigo sobre a paixão, parece utilizar essa palavra quase como sinônimo de pulsão, “preocupado em chamar atenção para o que há de irracional, de anticonservador, de louco na pulsão sexual” (p. 25). Para ele, diz Menezes, “a loucura, a paixão, seriam propriedade, por assim dizer, inerentes a Eros e, como tal, presentes em todas as organizações psicopatológicas do registro da neurose, enquanto as psicoses são o terreno em que triunfam as pulsões de destruição” (p. 25). Mas, o que não é discutido por Green, diz Menezes, “é a questão de como se articulam essas pulsões de destruição, de desligação, com as pulsões sexuais, nas neuroses” (p. 25).

Voltaria, para concluir, à P. Aulagnier, para dizer, com ela, que na paixão há uma dissociação ou desintração entre Eros e Tanatos, tendências que ali se encontram menos atenuadas, menos encobertas que no amor. Na paixão, vida e morte na exacerbação, no excesso de seu movimento, deixa entrever o vazio sobre o qual caminha. (Menezes, 1989, p. 25)

Cena 7: O outro enquanto droga

Françoise sai para a rua em busca do professor P, como um adicto parte em busca de sua droga. Fazia-se imperioso vê-lo. Senta-se no terraço de um bar, por onde P deveria passar a caminho da universidade. Ao vê-lo, ela o segue a poucos metros de distância, sem lhe falar, sem que ele a perceba.

Françoise diz ao analista: “*Ce n’est pas la première fois que je le suis comme ça*” (“Não é a primeira vez que eu o sigo desta maneira”). O analista lhe diz: “*Je le suis... Vous êtes lui!*” (“Eu o sigo... Eu o sou... Você é ele!”).

(Plano fixo: Française sentada em um bar). Voz em *off*.

Após a fala do analista pela primeira vez, Françoise coloca-o mais diretamente em relação a ela, quando tem um sonho que se passa num jardim público.

Cena 8: Um sonho

Veem-se imagens de um sonho da paciente, no qual o analista empurra um carrinho com um bebê nos Jardins de Luxemburgo. O analista dirige o olhar à criança.

Voz em *off*. Nesta cena, podemos ver a paciente vendo-se na posição de quem é olhada e dando ao analista um lugar na transferência.

Entendemos que a intervenção do analista “*Vous êtes lui*” provocou uma vivência, na qual ela pôde experienciar uma separação da imagem do professor por ela construída. Se a intervenção do analista propiciou a tomada da relação primordial com a mãe – numa situação protegida, “dentro do carrinho” – ela também introduziu simbolicamente a figura paterna. Analista atrás do carrinho, como atrás do divã. É também a figura do pai quem propiciou uma sustentação materna. Imagino que, graças às vivências com o pai, Françoise não se estruturou psicoticamente. Nesse sentido, esse momento de sua análise é ilustrativo de como ela foi capaz de processar ressignificações com o significante “*vous êtes lui*”, no lugar de aderir concretamente à minha fala.

Green (1974) diz que, quando Winnicott afirma que não existe o bebê, fazendo alusão à dupla que este forma com os cuidados maternos, ele é tentado

a acreditar que não existe a dupla formada pela mãe e a criança sem o pai. Entre o bebê e a mãe se encontra o pai, que está sempre em algum lugar no inconsciente da mãe, mesmo que ele seja banido ou odiado. Para Green, cada vez mais os analistas acreditam, quando eles comunicam a experiência pela verbalização, além de a elucidarem, reintroduzem pela palavra a presença potencial do pai, não por uma referência explícita a ele, mas pela introdução de um elemento terceiro nesta unidade comunicativa.

A partir da interpretação, Françoise pode dizer não à vivência e se diferenciar, pois já não quer mais se suicidar, como veremos na próxima cena.

Cena 9: O duplo

(Vê-se um *close* de Françoise falando ao analista). “Eu dizia sempre que era preciso que me suicidasse para que pudesse existir. Eu e ele éramos inconciliáveis! Mas agora sinto-me mais longe do suicídio e talvez a análise tenha a ver com isto”. “Se eu o mato um dia, não o farei de frente, acho que não vou fazer isto... Eu serei capaz de matá-lo em companhia da mulher”.

Voz em *off*. Se ela o mata de frente – ele representando sua própria imagem refletida – correrá o risco de também morrer. Eliminá-lo em companhia da mulher seria matar a identificação narcísica, conservando uma identidade própria?

Paralelamente a essa vivência de ódio – morte de P –, percebo Françoise tentando movimentos oscilantes de separação.

(Volta o *close* de Françoise falando, após ter escutado uma entrevista do professor na rádio).

“Ele falava de coisas do domínio dele e não do meu, se é que se pode distinguir! Todas as perguntas que lhe fizeram, eu as responderia como ele. Sou capaz de ser entrevistada em seu nome e dizer as palavras dele. A ideia da fusão é uma ideia calmante. Em resumo, posso viver na fusão total e não na liberdade”.

Voz em *off*. As intervenções do analista neste período eram no sentido de mostrar à Françoise seus movimentos de indiferenciação, confusão, alienação e suas tentativas e temores da separação, autonomia.

Essa imagem especular – o duplo – precisa ser eliminada para que ela possa existir sem estar amalgamada. Existir independente de P. Na análise, ela constata que este duplo revelou-lhe a própria incompletude, levando-a a concluir que já pode viver “sem olhar pra você”.

(Plano fixo onde se vê Françoise, de pé, ao lado da sombra do professor P no chão).

Em *off*: O duplo imaginário não é evidentemente a cópia do eu. O duplo tem a vertente do amor e do horror, ama-se o duplo, como o amor narcísico; e o horror ou a angústia é justamente por mostrar o que de fato ele é, mostrar a falha. Por isso se quer matar o duplo, ou eliminá-lo (Machado Guimarães, 2004).

Cena 10: A carta

(Vê-se plano fixo de Françoise escrevendo nervosamente uma carta).

Voz em *off*: Tomada de grande ódio pelo professor, decide enviar uma carta à universidade, acusando-o gravemente, o que provocaria consequências muito sérias, para ambos. Sentindo-se embaraçado, diante do que ouvia, o analista pensa que, se por um lado, não devia intervir diretamente na realidade, por outro, não podia, em nome de uma ortodoxia, permanecer “neutro” diante de um risco grave, comparável ao de suicídio ou homicídio, pois enviar a carta seria um ato de grande destrutividade. O analista decide dizer-lhe que seria uma perda para a sua análise ela tomar decisões de tamanho porte, sem antes compreendê-las.

Cena 11: O assassinato de P

(Plano móvel de Françoise matando P, e depois empacotando o corpo, cortado em pedaços).

Voz em *off*: Após vivências de ódio e morte do duplo, o analista percebe Françoise mais autônoma, levando a concluir já poder “viver sem você”.

Vê-se a paciente numa sessão desse período dizer: “Sinto algo mudado em mim, como se agora eu pudesse observar sentimentos mais verdadeiros. Escrevi um trabalho para o jornal e o fiz muito tranquilamente; de maneira muito diferente de quando escrevi a minha tese. Sinto-me em boa forma. Talvez eu nunca tenha me sentido assim antes”. E passa a relatar um sonho: “No sonho eu talvez tivesse matado P. Eu fazia parte de um grupo de jornalistas investigadores que estudavam o crime. Eu sabia de tudo. Eu fazia pacotes do corpo dele, cortado em pedaços”.

Voz em *off*. Após o “assassinato” de P, Françoise, em suas tentativas de separação-diferenciação, retoma nela aspectos idealizados colocados em P, ao mesmo tempo em que luta contra um sentimento de desagregação, através de pensamentos nos quais busca a reconstrução de uma imagem própria. Ela tenta, através da sublimação, se recriar, falando das origens, do começo e do fim.

Podendo confrontar-se com a falha, ela pode escrever um trabalho, mostrando que a saída de sua depressão foi através da sublimação.

Cena 12: Televisão

(Primeiramente, vê-se um plano móvel, no qual aparece Françoise, sob holofotes, radiante, sendo entrevistada e em seguida *close* dela falando em sessão).

“Após haver sido entrevistada pela Rádio e Televisão Francesas (ORTF), pensei na análise e me saí bem. Durante o programa, a minha sensação era a de ter tomado uma droga pela primeira vez; eu gostei e quero fazer logo um segundo programa. Senti uma emoção comparável a um voo. Quando a luz vermelha se ilumina no estúdio, a gente tem a sensação de decolar do solo. O jornalista que organizou o programa me atraía e nós rimos, fazendo algumas brincadeiras. Fiquei impressionada com o aspecto técnico, que transforma as minhas palavras banais em outra coisa. Sentindo a ORTF ao meu alcance, a ideia de meu suicídio fica distante. Penso no que falamos aqui, esta coisa de eu ser o mesmo que ele. O tema da minha entrevista foi o mesmo que o dele. Depois do programa telefonei para minha irmã e disse-lhe que P poderia morrer e eu ser entrevistada em seu nome. É o tema da osmose e da personalidade de cada um”.

Voz em *off*: A osmose comporta a ideia de uma membrana de separação. Françoise mudou de lugar. Deixando a posição de duplo, pode falar em seu próprio nome e ser tão importante quanto P.

Volta *close* de Françoise prosseguindo sua fala na sessão: “Não tenho necessidade de estar com ele para viver com ele. Não o verei jamais, mas ele é a pessoa que determina a minha vida. Sei que é loucura, que não é assim que as pessoas vivem, ou então, é normal, é o amor, e as pessoas não sabem o que é o amor. Hoje pus a água de colônia de P, mas coloquei só um pouquinho, não usei”.

Em seguida, ela refere-se a uma reunião na universidade à qual o professor não compareceu, dizendo: “Algum tempo atrás, diante de uma ausência dessas, sentiria um grande buraco, pois ser vista, ou vê-lo, era o mais importante. Eu só existia se ele me olhasse. Eu não gosto de fotos”. Nesse momento, o analista lembra-lhe um de seus sonhos, no qual apareciam fotos dela criança em companhia do pai e, também, um outro sonho em que o pai aparecia cego. Françoise fala: “Se o meu pai não pôde me olhar, só existe o olhar do espelho”. O analista lhe diz que, na posição na qual ele se situa na sessão, ela também não pode olhá-lo (ele não pode refletir a sua imagem). Ela responde: “Meu pai não me olha, e você também. P não me olha mais; somente P me olhou muito.

Lembro-me bem do olhar do meu pai, do olhar de P e do olhar do meu avô. Eu não tenho lembrança do olhar da minha mãe. Falta o olhar da minha mãe!”. À medida que se descobre, tenho a impressão de que Françoise também me descobre, e, para lutar contra a escravidão da relação narcísica, para conseguir a sua liberdade-individação, ela precisou colocar-se numa situação de proteção-*holding*, necessitando ser vista, como no sonho do carrinho de bebê.

Cena 13: O trem

(Plano fixo de um trem em marcha). *Voz em off*.

Na última sessão antes de nos perdermos de vista no período de férias, ela diz: (ouve-se a voz de Françoise) “Sonhei que estava dentro de um trem no Brasil, sozinha dentro de um compartimento. As outras cabines estavam cheias. No corredor do trem havia uma brasileira com um bebê nos braços”. *Voz do analista*: Surpreso com o sonho, porque se tratava do Brasil, para onde eu vinha passar as férias e porque nunca tinha sido feita qualquer referência à minha nacionalidade, indago: “O Brasil?”. Ouve-se novamente a voz de Françoise falando: “É o único lugar do mundo que eu tenho vontade de conhecer. P havia sido convidado, mas o seu visto fora recusado porque ele era de esquerda. O Brasil... Um pouco grande demais para mim; mas é o que mais me atrai na América do Sul”. Ouve-se novamente o analista: Digo-lhe ainda que ela fala de América do Sul, do Brasil, e que talvez esteja se indagando sobre a minha nacionalidade, sobre minhas origens. Ao que Françoise rapidamente responde: “Nunca pensei neste tipo de questão! Então você fala o português? Então no sonho você é a pessoa que vejo me levando nos braços? O meu pai me carregava, quando eu era criança”.

Ouve-se em *off* a voz do analista: O trem da transferência parecia tomar uma nova direção.

Há muitos anos eu e Françoise nos perdemos de vista.

(Plano móvel do trem em movimento, sumindo gradativamente, enquanto se podem ver as legendas finais com música ao fundo).

Conozca el analista

RESUMEN En este trabajo, el autor presenta algunas dimensiones de la práctica psicoanalítica. Discute conceptos básicos del psicoanálisis – formación, inconsciente, lenguaje, transferencia, primeras entrevistas -, articulados con viñetas clínicas. Hace un paralelo entre el escenario

cinematográfico y la escena analítica, a partir de un caso clínico, para mejor discutir el lugar del psicoanálisis y el lugar del psicoanalista.

PALABRAS CLAVE: *formación; inconsciente; transferencia; escena psicoanalítica; escenario cinematográfico.*

Meet the analyst

ABSTRACT *The author presents in this article some dimensions of psychoanalytic work. It discusses basic concepts of psychoanalysis – such as: formation, unconscious, language, transference, first interviews –, articulated with some clinical vignettes. A parallel between the cinematographic setting and the psychoanalytic setting is traced, using a clinical case, in order to better discuss the place of psychoanalysis and the place of the psychoanalyst.*

KEYWORDS: *psychoanalytic training, unconscious, transference, first interviews, psychoanalytic setting, film setting, the place of psychoanalysis and the place of the analyst, clinical report, to look (to see) in the analytical scene.*

Referências

- Adorno, T. (1995). *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra.
- Aulagnier, P. (1973). Temps de parole et temps d'écoute: remarques cliniques. *Topique*, 11-12.
- Aulagnier, P. (1979). *Les destins du plaisir: aliénation, amour, passion*. Paris: PUF.
- Aulagnier, P. (1996). L'interprétable et l'interprété. *Topique*, 61.
- Arendt, H. (1972). *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva.
- Bauman, Z. (1997). *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Freud, S. (1968). L'inconscient. In: S. Freud, *Métapsychologie*. Paris: Gallimard. (Original publicado em 1915).
- Freud, S. (1983). *Contribution à la conception des aphasies*. Paris: PUF. (Original publicado em 1891).
- Freud, S. (1970a). *Totem et tabou*. Paris: Petite Bibliothèque Payot. (Original publicado em 1912).
- Freud, S. (1970b). La dynamique du transfert. In: S. Freud, *La technique psychanalytique*. Paris: PUF. (Original publicado em 1912).
- Freud, S. (1970c). Remarques sur l'amour de transfert. In: S. Freud, *La technique psychanalytique*. Paris: PUF. (Original escrito em 1914 e publicado em 1915).
- Guimarães, Machado. D. (2004). *Voz na luz*. Rio de Janeiro: Garamond Cinema.
- Green, A. (1974). L'analyste, la symbolisation et l'absence dans le cadre analytique. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, 10.

Fernando José Barbosa Rocha

- Herrmann, F. (2000). A cura. *Alter*, XIX(1).
- Luz, R. (2005). *Diversos entre contrários*. Rio de Janeiro: Contra-Capa.
- Mannoni, M. (1989). Risque et chance de la supervision. *Etudes freudiennes*, 31.
- Menezes, L. C. (1989). A paixão na teoria e na clínica psicanalítica. *Ide*, 18.
- Miller, P. (1996). Devenir psychanalyste: les conséquences d'un choix singulier. *Topique*, 61.
- Miller, P. (2001). *Le psychanalyste pendant la séance*. Paris: Epitme-PUF.
- Nascentes, A.,(1932) Dicionário Etimológico da Língua portuguesa. Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro
- Pontalis, J.-B. (1968). *Après Freud*. Paris: Gallimard.
- Pontalis, J.-B.(1994). A estação da psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, 27(52).
- Quintana, M. (1977). Emergência. In: M. Quintana, *Apontamentos de história sobrenatural*. Porto Alegre: Globo.
- Rocha, F. J. B. (2000). Do pedido de ajuda à demanda de análise: sobre escuta psicanalítica e entrevistas preliminares. *Alter*, XIX(1).
- Widlöcher, D. (1979). Psychanalyse aujourd' hui: um problème d'identité. In : D. Widlöcher, *L'identité du psychanalyste*. Paris: PUF.
-

Fernando Rocha

fernando1rocha@uol.com.br

Instruções aos autores

LINHA EDITORIAL

A Revista *TRIEB*, publicação oficial da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, filiada à Associação Psicanalítica Internacional, vem sendo editada regularmente desde 1991. Sua proposta editorial caracteriza-se pela divulgação de artigos inéditos referidos ao campo teórico e clínico da psicanálise e às suas articulações com outros campos do saber. Os artigos sobre clínica são necessariamente acompanhados por uma discussão teórica e/ou crítica. As edições podem ser organizadas tematicamente e sua periodicidade é semestral. Publica, ainda, conferências, entrevistas, traduções, artigos de valor histórico e resenhas de interesse para o campo da psicanálise.

PROCEDIMENTOS DO CORPO EDITORIAL

Os editores apreciarão os trabalhos quanto à sua originalidade e adequação à linha editorial, podendo, a seu critério, submetê-los à apreciação de consultores *ad hoc* sem divulgação da identidade dos autores e vice-versa. Após análise do material, os autores recebem por escrito o resultado da avaliação: recomendado; recomendado com modificações; ou não recomendado para publicação. Caso seja necessário fazer modificações no texto, o autor será encarregado de providenciá-las, devolvendo o manuscrito reformulado no prazo indicado pelos editores em comunicação escrita. Caberá ao Corpo Editorial a decisão final acerca da publicação ou não do manuscrito, bem como a data de sua publicação. O Corpo Editorial reserva-se ainda o direito de introduzir pequenas modificações no texto aceito para publicação, com vistas a adequá-lo aos critérios de coerência, clareza, fluidez, correção gramatical e padronização editorial adotados pela revista. O trabalho enviado para publicação deverá ser encaminhado de acordo com as instruções abaixo enunciadas. Recomenda-se a todos os autores que guardem consigo uma cópia do trabalho, uma vez que a *TRIEB* não se responsabilizará por devolvê-lo, mesmo no caso de manuscritos não aceitos para publicação.

DIREITOS AUTORAIS

O conteúdo do material enviado para publicação deve ser inédito e não pode ser submetido simultaneamente para publicação em outros locais. A exatidão das informações é de responsabilidade do autor. Os trabalhos aceitos e publicados tornam-se propriedade da **TRIEB**, sendo vedada a sua reprodução. Para serem publicados em outros locais, ainda que parcialmente, necessitam da autorização por escrito dos editores. Os autores deverão anexar ao manuscrito uma carta de autorização, de acordo com o modelo a seguir representado, que trata do termo de transferência de direitos autorais. Deverão constar também nome completo, telefone, *e-mail* de todos os autores e a(s) sua(s) respectiva(s) assinatura(s).

O(s) autor(es) abaixo assinado(s) concede(m) uma licença exclusiva de primeira publicação à Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro - SBPRJ, autorizando a reprodução, publicação e distribuição, nas versões impressas e digitais da Revista *TRIEB*, o trabalho intitulado “_____”, podendo a SBPRJ divulgar e promover o artigo em todos e quaisquer meios, inclusive em seu *website*, *blogs*, *mailing lists* e redes sociais, sendo o(s) Autor(es) inteira e exclusivamente responsável(is) pelo conteúdo do referido artigo.

Data:

Autor(es):

Endereço(s) postal(ais):

Telefone(s):

E-mail(s):

APRESENTAÇÃO DO MANUSCRITO

O artigo deve ser encaminhado à Revista **TRIEB** em arquivo eletrônico Word, letra Times New Roman, corpo 12, entrelinha 1,5, formato *.doc. Deve ter no máximo 40 mil caracteres, incluídos os espaços. Deve ser enviado por correio eletrônico para o endereço revistatrieb@sbprj.org.br. A apresentação do manuscrito deve obedecer às regras e normas que estão disponíveis no *site* da SBPRJ <http://www.sbprj.org.br/publicações-trieb>.



EDITORIAL

O psicanalista: um autorretrato difícil de fazer

ENTREVISTAS

Daniel Kupermann

Elias Mallet da Rocha Barros

Virginia Ungar

CORRESPONDÊNCIA

Fernanda Marinho e Mariano Horenstein

ARTIGOS TEMÁTICOS

Formação psicanalítica com fim e sem fim.

Transmissão, formação e falta.

Bernard Chervet

Do velho contemporâneo
ao psicanalista que sou hoje

Celso Gutfreind

Ser psicanalista: ofício, vida, mistério

Maria do Carmo Palhares

Acompanhando uma paciente terminal

Maria Regina Newlands Trotto

À procura de Albertine

Tiago Mussi

DEPOIMENTO

Uma psicanalista pelo mundo

Marion Minerbo

CONFERÊNCIAS

Os psicanalistas também envelhecem

Maria Cristina Reis Amendoeira

No início do envelhecimento

Guilherme Júlio Montero

A mente do analista

Luís Claudio Figueiredo

FORMAÇÃO PSICANALÍTICA

Iluminismo ou barbárie revisitado

Luiz Paulo Rouanet

Uma conferência para os alunos

recém-admitidos na SBPRJ

Sérgio Eduardo Nick

PSICANÁLISE E CINEMA

O psicanalista no cinema – algumas resenhas

Luiz Fernando G. Gallego Soares

PSICANÁLISE E LITERATURA

Resenha: *Um psicanalista no divã*

Ruth Naidin

MEMÓRIA **TRIEB**

Conheça o analista

Fernando José Barbosa Rocha



SBPRJ
Sociedade Brasileira de Psicanálise
do Rio de Janeiro

ISSN 1517-185X



9 771517 185009